

DIRCEU DUARTE GOMES

**O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NO TÉRMINO DE VÍNCULOS AMOROSOS:
namoro de jovens universitários**

**Assis
2021**

DIRCEU DUARTE GOMES

**O papel das redes sociais no término de vínculos amorosos:
namoro de jovens universitários**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Assis-SP, como requisito para obtenção de título de mestre em Psicologia e Sociedade.

Orientadora: Mary Yoko Okamoto.

Fomento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 / *This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.*

**Assis
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

G633p Gomes, Dirceu Duarte
 O papel das redes sociais no término de vínculos
 amorosos: namoro de jovens universitários / Dirceu Duarte
 Gomes. Assis, 2021.
 161 f. : il.

 Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
 Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
 Orientadora: Dra. Mary Yoko Okamoto

 1. Aplicativos móveis. 2. Psicanálise. 3. Namoro. I.
 Título.

CDD 152.41



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O papel das redes sociais no término de vínculos amorosos: namoro de jovens universitários

AUTOR: DIRCEU DUARTE GOMES

ORIENTADORA: MARY YOKO OKAMOTO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARY YOKO OKAMOTO (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/Câmpus de Assis

Profa. Dra. THÁSSIA SOUZA EMÍDIO (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/Assis

Profa. Dra. DÉBORAH KAROLINA PEREZ (Participação Virtual)
Centro Universitário / UNIFIO/Ourinhos

Assis, 28 de outubro de 2020

DEDICO ESTE TRABALHO a todos os que tiveram seu acesso às escolas e universidades retirados por questões raciais, econômicas, territoriais e identitárias, como as travestis, as lésbicas, os gays e toda a comunidade LGBTQ⁺.

SOBRE AGRADECER e a importância do reconhecer os amparos

Ao longo dos últimos anos, por muitos momentos falei sobre minha trajetória da Bahia até São Paulo, ou seja, até Assis. E por vezes precisei explicar que para chegar até aqui, várias pessoas, amigos, estenderam a mão para mim, e que eu não ando sozinho, ou seja, estou sempre muito bem acompanhado, mesmo que essa presença não seja física e que nosso contato atualmente seja por meio dos *apps* e das redes sociais.

O mestrado é um processo que envolve orientação, pesquisador e a pesquisa, e que para mim, cruza essa linha que delimita uma referência de atividade de pesquisa, abrangendo minha própria subjetividade. Assim, fui me reconstruindo por meio dessa experiência que tive o prazer de ter como orientadora a Prof^ª. Doutora Mary Yoko Okamoto, que em diálogos e orientações, compartilhou comigo muitos saberes e sentimentos. Obrigado por tudo.

Agradeço principalmente ao meu amigo Gustavo de Castro que esteve comigo durante todo processo e me amparou quando mais precisei. Agradeço também a todos que se sentiram de algum modo presente nesse processo, e que estiveram comigo nas diversas maneiras de se estar presente atualmente.

Agradeço aos meus amigos que me apoiaram e principalmente me incentivaram ao processo: Diogo Canabril, Rita Gomes e Deborah Perez.

Agradeço a Medusa e Lucy, minhas gatas que me faziam companhia, mesmo quando o calor de Assis chegava aos 41° e eu estava nervoso ou chorando.

Agradeço à minha família e familiares pela compreensão, que diversas vezes sentiram minha ausência e se colocaram em meu lugar, mandando mensagens por *apps* para me informar que estavam comigo: Mainha, Painho, minha irmã Soraia e seu marido Elson (obrigado, cunhado, pelas férias) e seu filho, meu sobrinho Marcus Aurélio (Titio te ama!!).

Agradeço também aos familiares que se mantiveram presentes e sempre encontraram tempo para mandar mensagens dizendo: assim que puder venha à Bahia descansar, vamos para praia, estamos esperando só você! À tia Andréia, que me incentivava e fazia questão de me dizer o quanto sou querido! À sua filha Mariana, e meu primo Rafael, que estiveram presentes durante todo processo, pessoas amo tanto. À Tia Maridete que, por vezes, precisou ser realista comigo e me lembrar dos meus desejos. Agradeço às suas filhas, minhas primas queridas, Mariana e Juliana — Ju, você é uma inspiração!!!

Agradeço à minha psicóloga Gisella Golfetti. Obrigado, sou grato pela sua existência e por todo amparo. Meus amigos que me acolheram e estiveram comigo de uma maneira que não consigo descrever, em tantos sentimentos e vivências: Bárbara - Jão, Daiane

- Prika, Gabriel – Bê, e Edgar-(Ed)gato e Laura - Laurinha, amo vocês.

Agradeço também ao “O td da turma é o SUS”, grupo de *Whatsapp* de amigos que foram e são amados por mim. Aos amigos Jaziel(Japa), Deusanir (Deusa), Renan Oliveira, Baguete - Leticia, Rafa Karnakis, Rafael Soares, Marina, Ailton, Gustavo (Bonjovi), Jessika e Cecília, Carlos Pires, Manu Nogueira, Heloisa Tuane, Allan Diego, Weliton Soares, Elisa Gouvêa, Gi Rezende, Thomaz, Derly & Leonardo, Gaby Patuto, Júlio Rocha (RJ), Bruna Maia, Mariane, Bruna Reis, Michaela (Tiana), Madson Cruz, Leda, Otávio, Jonathan, Larissa Ferreira, Raissa, Karine, Douglas, Flávia, Bruna Veroni, Malu Fialho, Lucas, Ednilson, Guiral, Anderson, Aline Balla, Bruno Nascimento, Ariel, Dani Cabrini, Giovani Chiqueto, Isabella, Jean, Enrico, e a Manu — Rio das Ostras. E à Amanda (a-manda nudes), Fábio Morelli, Beth Gelli, Camila Alves e Dani Maia.

E, a você San Marques! Os sentimentos são o sustento da existência. Também quero agradecer a todas as minhas professoras(es) desde o primário até aqui. E, por fim, com o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, agradeço pelo financiamento da pesquisa e pela possibilidade de permanência na pós- graduação. PT.

GOMES, Dirceu Duarte. **O papel das redes sociais no término de vínculos amorosos: namoro de jovens universitários**. 2021. 161 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Psicologia e Sociedade). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2020.

RESUMO

Este trabalho trata dos conceitos a respeito do namoro, do rompimento amoroso e do uso de aplicativos após esse rompimento. Discute-se, aqui, o modo como o uso dos aplicativos, plataformas e *sites* afeta os jovens adultos após a experiência de uma separação amorosa. Dedicamos, do mesmo modo, um olhar atento às possibilidades de novas relações estabelecidas sobretudo após o término do relacionamento amoroso, possibilitadas pelos aplicativos e redes sociais. Especificamente, coloca-se em exame o modo como os sujeitos vivem o término de seus relacionamentos fazendo uso de plataformas digitais, bem como a relação que eles estabelecem com essas tecnologias após o rompimento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que analisa oito entrevistas semidirigidas realizadas com jovens universitários, com idades entre 21 e 25 anos, em um município do interior do estado de São Paulo. O exame dos resultados foi feito por meio da Análise de Conteúdo, utilizando a teoria psicanalítica como referencial teórico para a discussão dos dados. Os dados obtidos apontaram para intensificação do uso de aplicativos e redes sociais após o término do namoro, utilizados como ferramentas no processo de luto pela separação, para a reconstrução de amizades, novos encontros amorosos e para a possibilidade de refazer a vida amorosa. Os relatos indicaram, ainda, a experiência de sofrimento intenso devido à separação amorosa, de modo que o ambiente virtual foi amplamente utilizado como recurso para a superação desse processo.

Palavras-chave: Aplicativos. Psicanálise. Psicanálise de vínculo. Relacionamento amoroso. Rompimento amoroso.

GOMES, Dirceu Duarte. **Le rôle des réseaux sociaux à la fin des liens amoureux : les relations des jeunes universitaires**. 2021. 161 f. Dissertation (Master en Psychologie et Société). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2021.

RÉSUMÉ

Ce travail porte sur la notion de relation amoureuse, de la rupture du lien amoureux et du rôle des applications de rencontre après cette rupture. Nous y parlerons de la façon dont les *apps*, les plateformes *web* et les *sites web* de rencontre peuvent affecter les jeunes adultes après l'expérience d'une rupture amoureuse. Nous parlerons aussi des nouvelles possibilités de relation établie après la rupture. Spécifiquement, nous mettons en examen la manière dont les sujets éprouvent cet aboutissement à l'aide des *app* et la relation qu'ils établissent avec ces technologies après la rupture. Ce travail s'agit d'une recherche qualitative, à partir d'entretiens semi-dirigés, accomplis par jeunes entre 21 et 25 ans habitant une petite ville de l'intérieur de l'État de São Paulo. Pour ce faire, nous y analysons six entretiens, classés selon les postulats de l'Analyse de Contenu et analysés selon la théorie psychanalytique. Il met en conclusion l'intensification de l'emploi des *apps* et des réseaux sociaux après la fin de la relation, surtout en tant que outils dans le processus de deuil ressorti de la rupture, pour l'établissement de nouvelles amitiés, rendez-vous et pour refaire la vie amoureuse. Il est conclu aussi que les entretiens ont souffert beaucoup avec la rupture, en employant l'endroit virtuel en tant qu'outil pour finir ce processus.

Mots-clés : Applications de Rencontre. Fin. Psychanalyse du couple. Relation Amoureuse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO UM	15
1 O AMOR E SEUS PRESSUPOSTOS HISTÓRICOS.....	15
1.1 O AMOR E SUA(S) CONSTRUÇÃO(ÕES).....	20
CAPÍTULO DOIS.....	24
2 O FIM DOS RELACIONAMENTOS E SEU IMPACTO	24
2.1 Separação.....	24
2.1.1 <i>O conceito de vínculo amoroso e de escolha amorosa: contribuições da Psicanálise de vínculos.....</i>	<i>27</i>
2.1.2 <i>O pós-término.....</i>	<i>34</i>
CAPÍTULO TRÊS	40
3 USO DOS APLICATIVOS NA VIDA CONTEMPORÂNEA	40
3.1 Os aplicativos e a comunicação	44
3.1.1 <i>Relacionamento amoroso e mídias no contemporâneo.....</i>	<i>49</i>
3.1.2 <i>A utilização de aplicativos e a vivência do término de relacionamento amoroso</i>	<i>52</i>
CAPÍTULO QUATRO	54
4 METODOLOGIA	54
4.1 Coletando os dados: as entrevistas semiestruturadas.....	55
4.2 Metodologia de análise: apresentação, escolha e justificativa.....	56
4.3 A Análise de conteúdo aplicada a entrevistas.....	57
4.4 Princípios de categorização	57
4.5 Tabela informativa dos participantes.....	59
4.6 Síntese dos participantes	59
4.6.1 <i>Jacob</i>	<i>59</i>
4.6.2 <i>Agnes</i>	<i>60</i>
4.6.3 <i>Edward</i>	<i>60</i>
4.6.4 <i>Levi</i>	<i>61</i>
4.6.5 <i>Nancy.....</i>	<i>61</i>
4.6.6 <i>Leda.....</i>	<i>62</i>
CAPÍTULO CINCO	63
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES	63
5.1 O namoro	63
5.1.1 <i>Como conheceu o namorado(a)</i>	<i>63</i>
5.1.2 <i>Como era o namoro.....</i>	<i>64</i>
5.1.3 <i>Uso das redes virtuais durante o namoro</i>	<i>65</i>
5.1.4 <i>Discussão dos resultados da categoria.....</i>	<i>67</i>
5.2 Sobre o rompimento amoroso.....	71
5.2.1 <i>Motivos do rompimento.....</i>	<i>71</i>
5.2.2 <i>Como ocorreu o rompimento</i>	<i>73</i>
5.2.3 <i>Mudanças na vida em decorrência do rompimento</i>	<i>75</i>
5.2.4 <i>Sentimentos e enfrentamentos devido à experiência de rompimento.....</i>	<i>75</i>
5.2.5 <i>Mudanças e reflexões resultantes da experiência de rompimento.....</i>	<i>78</i>

5.2.6 Discussão dos resultados da categoria	80
5.3 O uso de aplicativos/redes sociais após o rompimento.....	87
5.3.1 Aplicativos mais utilizados	88
5.3.2 Como ficou o uso dos aplicativos após o rompimento.....	89
5.3.3 Quais as funções e significados atribuídos para o uso dos aplicativos após o rompimento	91
5.3.4 Como ficou o uso de aplicativos/redes sociais com relação ao ex-namorado(a).....	95
5.3.5 Como avalia o uso de aplicativos/redes sociais na época em que viveu o rompimento amoroso.....	96
5.3.6 Discussão dos resultados da categoria	97
5.4 O uso de aplicativos/redes sociais atualmente, após a experiência do rompimento.....	105
5.4.1 Mudanças no uso de aplicativos/redes sociais atualmente, em comparação ao momento do rompimento amoroso.....	105
5.4.2 Discussão dos resultados da categoria	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
ANEXOS	119

INTRODUÇÃO

Iniciei meus estudos sobre casais no estágio de formação, quando estava na graduação, em um grupo que se dedicava a estudar vínculos e configurações familiares, com a supervisão da professora doutora Mary Yoko Okamoto. A partir desses estudos, me questioneei sobre muitas coisas. As leituras e discussões em grupo me impulsionaram a me debruçar sobre a separação e divórcio no município de Assis-SP. E, a partir desse questionamento, iniciei, sob orientação da professora Mary, uma pesquisa intitulada “Quando o amor vira (des)amor, aspectos do divórcio na conjugalidade” (ICSB-PIBIC).

Após a graduação, quando atendia na clínica-escola CPPA – Centro de Pesquisa em Psicologia Aplicada, no campus da UNESP-FCL/Assis, dei continuidade aos atendimentos em uma clínica particular. O que foi interessante, pois algumas pessoas me procuravam com a queixa de precisarem de acompanhamento por terem rompido um vínculo amoroso, o que me interessou muito, porque eu estava estudando/pesquisando o mesmo tema no mestrado.

Após dialogar com a professora doutora Deborah Karolina Perez, que estudou a “*Internet* como modo de pensar o contemporâneo”, eu entendi a necessidade de atualizar os estudos sobre o término de namoro, cruzando-os, especialmente, com o processo de vivência, do rompimento do vínculo, por jovens universitários, e a utilização de *apps* e redes sociais. O que fiz foi, de algum modo, segurar nessa “mão” que soltou a mão de um companheiro ou companheira de relacionamento para entender as nuances atuais, de modo que eu e esse tema pudéssemos andar de mãos dadas ao longo do mestrado.

Entendemos como justificativa para este trabalho a influência que as pessoas têm sobre o uso de *apps* e redes sociais ao viverem o término de um vínculo amoroso, tal como o namoro, sobretudo pensando que, atualmente, o uso de *smartphones* ocorre rotineiramente. Embora, hoje, ainda seja possível encontrar no Brasil pessoas sem acesso à *internet*, isso vem mudando (IBGE, 2020)¹. Ainda segundo o IBGE, 79,1% dos brasileiros tem acesso à *internet* de maneira particular em seus celulares, com diferença no número de acessos entre a população rural (49,2%) e urbana (83,8%), segundo dados de 2018. Sobre o acesso, é importante pontuar que, em 2017, ano anterior à pesquisa mencionada, o número total de acessos era de 69,8%. Ou seja, em um ano houve um crescimento considerável do acesso à *internet* por celular em todo território nacional.

¹ IBGE. Site: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html>: Acesso em: 30/09/2020.

E, mais uma vez, entendemos a necessidade dos estudos sobre o cotidiano e o acesso a redes sociais e *apps* de relacionamento. Pois esses dispositivos fazem parte do cotidiano e estão presentes nas vivências pessoais e sociais da população. Trata-se de um tema tão importante quanto a necessidade de se produzir uma regulamentação universal sobre normas e leis na *internet*, de modo que devemos produzir, cada vez mais, conhecimentos e pesquisas sobre isso, e sobre a sociedade e o uso dessas tecnologias.

Apresentadas essas informações, podemos dizer que é necessário que a pesquisa também se dedique a estudar a relação, assim como tudo que tiver ligação com o uso dos *apps* e das redes sociais, sobretudo pelo seu papel exercido sobre a sociedade e as consequências que ela acarreta aos usuários. Estes últimos são os atores principais nessa relação.

Por isso, o objetivo desta dissertação é o de entender o papel que os *apps* e as redes sociais têm na vida das pessoas quando estão vivenciando um rompimento amoroso, e após esse processo de luto por perda um parceiro. Isso, porque, para nós, assim como para Perez (2019) e Levy (1999), são as pessoas que subjetivam as redes e não o contrário.

Levando isso em consideração, entendemos que há a necessidade de compreender as relações intersubjetivas estabelecidas nos contatos sociais e afetivo/amorosos constituídos a partir do uso dos aparelhos eletrônicos, como os *smartphones*. Assim, neste estudo focalizamos, a compreensão do uso dessas tecnologias após o rompimento de um relacionamento.

Para dar cabo dos objetivos que propomos, organizamos o trabalho em seis capítulos. O primeiro capítulo “O amor: pressupostos históricos” apresenta uma introdução sobre o amor e sua história, desde a Renascença, passando pelo surgimento da pílula anticoncepcional, e pelas novas configurações de relacionamento. Trataremos também da ideia de casal e família para a psicanálise, sustentados teoricamente por alguns autores como Freud, Ferés-Carneiro, Berenstein e Kaës, dentre outros de áreas distintas, como Lins e Giddens, cujos trabalhos teremos oportunidade de citar e comentar mais a diante.

No segundo capítulo, “O fim dos relacionamentos e seus impactos”, apresentamos a discussão sobre a separação, utilizando teoricamente os conceitos de vínculo, de processo de vivência de um término de relacionamento, assim como de processo de luto e de empobrecimento do ego por consequência da perda de um objeto de amor. Para isso, partimos de autores da psicanálise como Caruso (1986), Berenstein (1993), Freud (1996), Kães (2014) e Puget (1993), e de autores de outras áreas como Del-Priore (2006) e Lins (2012).

No terceiro capítulo, “Uso dos Aplicativos na vida contemporânea”, dialogamos com autores que falam sobre a tecnologia e as redes, como Lévy (1999), Perez (2019), Han (2018),

Pelúcio (2017), Morelli (2017). Nesse capítulo, tentamos desenvolver uma discussão sobre o uso de *apps*, redes sociais e os afetos instaurados por diálogos, bem como as relações estabelecidas no ambiente digital.

O quarto capítulo, “Metodologia”, apresenta o uso da pesquisa qualitativa em psicanálise segundo os conceitos de Turato (2003). Tratamos da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Isso, porque, entendemos ser a mais adequada para o desenvolvimento do projeto. A partir dessa metodologia, somada à análise de conteúdo que Bardin (2011) apresenta em seu livro, e por fim às ferramentas da psicanálise, poderemos analisar e fundamentar teoricamente os conteúdos de cada fala dos entrevistados.

No quinto capítulo, a “Análise de resultados”, examinamos as entrevistas categorizadas, o que nos permitirá realizar uma análise mais precisa sobre os resultados apresentados no capítulo posterior. No sexto e último capítulo, “Discussão dos resultados”, é apresentada uma análise dos conteúdos relacionados com as teorias e conceitos apresentados nos capítulos anteriores. Entendemos que é importante e essencial que o amparo teórico seja um meio de sustentação das descobertas, e para, além disso, que a pesquisa deve ser sempre pautada em metodologias e conceitos a fim de apresentar uma leitura teórica dos resultados apresentados.

CAPÍTULO UM

1 O amor e seus pressupostos históricos

Se o amor é algo singular, construído por cada sujeito entre relações externas e internas, como, então, seria possível defini-lo? Sabemos que esse sentimento traz consigo características próprias, que são compartilhadas por pessoas numa determinada sociedade ou cultura como uma definição geral e intersubjetiva, independente do que foi vivenciado individualmente por cada um. No entanto, não podemos desconsiderar os estudos já realizados por alguns autores.

As famílias, consideradas como instituições, e suas formas de funcionamento, tiveram sua origem não no amor, mas sim em interesses financeiros e comerciais (LINS, 2012). Com o passar das décadas, esse sentimento foi se apresentando entre os amantes e entre aqueles que se apaixonavam um pelo outro, e buscavam questionar os lugares impostos pelos familiares ao grupo familiar, iniciando, muitas vezes, conflitos e rompimentos.

A ideia de amor ligada ao relacionamento amoroso causou modificações nas formas de se relacionar, tanto é que, nas ocorrências de divórcios mais recentes, uma das justificativas mais comuns é a inexistência do amor. A ideia de amor, ligada ao relacionamento amoroso, portanto, causou modificações nas formas de se relacionar (LINS, 2012; BRASIL, 1988).

No intuito de conceituar o amor, podemos apresentar os conceitos descritos por Borges (2004), autora e professora de filosofia na UFSC. Segundo ela, há três tipos de amor que uma pessoa sente em relação às outras: o amor/Eros, a *philia*/amizade e o *ágape*/caritas.

Para Borges (2004), o amor/Eros é o amor romântico, e que pode ser assemelhado à ideia de amor que Platão (2008) apresenta em seu livro *O Banquete*. Nele, o filósofo narra relatos de um amor romântico, em que o desejo é preponderante nesse sentido, por isso é onipresente, permanecendo ligado ao que falta no sujeito, e não somente ao desejo carnal ou sexual. Trata-se do desejo de (re)viver uma relação simbiótica, em que, juntos, os parceiros representem um só. É por isso que essa ideia de amor, não raro, emerge atrelada aos sentimentos de carência, vazio e sofrimento, que são intrínsecos à existência.

Outro sentimento que atravessa esse afeto é a obsessão por encontrar o que complete o sujeito e preencha o vazio que lhe assola. Trata-se do:

desejo de se reunir à sua metade perdida e se fundir com ela, formando um todo. Como essa fusão absoluta é impossível ou fugaz, o amor/Eros é carência, sofrimento, obsessão da busca daquilo que completa. Não raro, Eros está ligado à morte (BORGES, 2004, p. 9).

O desejo, também para Platão (2008), gera nos sujeitos os sentimentos de falta e ausência, impulsiona os amantes a irem em busca do que lhes falta, o que inclui esse ser amado que ocupará e preencherá espaço na vida e no amor. Contudo, é possível que haja grandes exigências, fruto de idealização. O que por vezes acaba por dificultar o encontro desse outro que, além de preencher e ocupar o lugar que lhe é destinado na relação amorosa, deverá lidar com as inúmeras exigências e idealizações que lhe serão atribuídas. Esse encontro é permeado por dificuldades impostas por essas idealizações, imputadas no novo parceiro, sem que ambos tenham consciência disso.

Quanto maior a dificuldade em se vincular, maior é a possibilidade de se sentir só e vazio. Dessa maneira, o fato de um determinado sujeito não fazer parte de uma relação amorosa é sentido como solidão. Isso leva o sujeito a se questionar a respeito da possibilidade de viver sem um amor. Parece-nos bastante possível afirmar que a não-participação em um relacionamento amoroso faz com que as pessoas se questionem sobre diversos pontos da vida, gerando sentimento de tristeza no sujeito, que cada vez mais passa a se considerar incapaz de encontrar e de se vincular com alguém que represente seu amor.

Borges (2004) ainda complementa que “o sofrimento é parte essencial do amor romântico”, de modo que “difícilmente poderíamos imaginar esses personagens felizes” (2004, p. 9). Essa informação aponta para uma ligação quase concomitante, segundo a qual o amor estaria relacionado diretamente ao sofrimento. E, de fato, encontrar uma pessoa que estimule vários sentimentos e não se vincular a ela gera esse desejo de poder viver a relação.

Até que isso aconteça, é provável que a pessoa invista tempo e ação para conseguir efetuar a conquista. No entanto, se o amor não é concretizado e vivido, a frustração se faz presente na vida desse ser apaixonado e, até que esse desejo seja direcionado para outro objeto externo, prevalece a perda de algo/alguém em quem se investiu libido, tempo, pensamento e sentimento.

O segundo tipo de amor que Borges (2004) se refere é o *philia*/amizade. Trata-se da *Philia*, afeto descrito como uma ânsia ou vontade por ter companhia, assim como também uma necessidade de a compartilhar. Aqui, o prazer está ligado à utilidade, pela virtude. Trata-se de ver o outro bem diante de você e compartilhar desse momento de júbilo numa relação duradoura. Em muitos casos de relacionamento amoroso, a *Philia* se faz presente e fortalece o vínculo entre os amantes. A *Philia*:

implica um desejo de partilhar a companhia do outro, seja pelo prazer, pelo útil ou pela virtude. Esse último seria sua forma mais completa, definida por Aristóteles como a amizade entre os bons e virtuosos, que implica querer o bem do outro e ter prazer em sua companhia (BORGES, 2004, p. 9-10).

O amor seria, então, uma junção de sentimentos. Logo, o desejo de compartilhar o que traz satisfação e prazer com o outro é também uma possibilidade de relação que não tem como pilar a satisfação sexual unicamente. E é possível que exista esse amor-amizade no amor romântico. Os parceiros que compõem uma relação amorosa buscam, de várias maneiras, a satisfação e a possibilidade do gozo, anseiam por uma relação prazerosa e duradoura. Nesse sentido, perceber que o outro também está bem com a relação gera prazer. Por consequência, é possível entender que o amor *Philia* seja integrante da ideia de amor romântico, já que se trata de uma relação:

duradoura entre iguais, baseada na vontade de fazer o bem um ao outro e num prazeroso convívio. A *Philia* não se reduz ao que hoje consideramos amizade. A relação entre os cônjuges pode ser considerada uma forma de *Philia*, deles que baseada na sua consideração como iguais, no prazer da convivência e no mútuo desejo de fazer o bem um ao outro. Passada a paixão romântica, restaria a amizade aristotélica (BORGES, 2004, p. 10).

A terceira expressão de amor trata-se do amor ágape ou caritas, que se assemelha muito à ideia de amor *Philia*. Também considerado como amor de benevolência ligado à ideia uma essência geral de humanidade: o amor ao próximo, ao comum. Normalmente, esse amor está relacionado às ideias religiosas por se tratar de um discurso humanista, que incita o amor ao próximo, as ações de ajudar e fazer o bem ao outro:

É um amor de benevolência, porém não por uma pessoa em particular, mas por toda a humanidade. Esse amor leva à caridade desinteressada, fortemente incitada pelos discursos humanistas ou religiosos. O mandamento cristão de amar ao próximo como a si mesmo é um exemplo desse tipo de amor. Kant o denominará de benevolência ou humanitas prática: trata-se de fazer o bem ao outro, ainda que não tenho nenhuma inclinação especial ou sentimental em relação a esse (BORGES, 2004, p. 11).

As descrições de amor Ágape ou Cáritas são, de certa maneira, partes integrantes do amor romântico, pois é possível ver as características utilizadas para descrever essa demonstração de sentimento como expressões que circundam quem está amando e vivendo uma paixão ou um amor. Isto é, o amor romântico traz consigo as características do segundo e terceiro conceitos de amor, para compor a relação amorosa sexual e romântica de um casal.

O desejo de se vincular de maneira afetiva e amorosa com outra pessoa traz consigo a possibilidade de vivência do amor. O desejo, nesse caso, é pela união, a fim de diminuir o sofrimento da existência ao compartilhar as próprias vivências com um par amoroso. É essa a

hipótese que Freud levanta em seu texto *Mal-estar na civilização* (1929, p. 108),

As pessoas dão o nome de ‘amor’ ao relacionamento entre um homem e uma mulher cujas necessidades genitais os levaram a fundar uma família; também dão esse nome aos sentimentos positivos existentes entre pais e filhos, e entre os irmãos e as irmãs de uma família, embora nós sejamos obrigados a descrever isso como ‘amor inibido em sua finalidade’ ou ‘afeição’. O amor com uma finalidade inibida foi de fato, originalmente, amor plenamente sensual, e ainda o é no inconsciente do homem. Ambos — amor plenamente sensual e o amor inibido em sua finalidade — estendem-se exteriormente à família e criam novos vínculos com pessoas anteriormente estranhas. O amor genital conduz a formação de novas famílias, e o amor inibido em sua finalidade, a ‘amizades’ que se tornam valiosas, de um ponto de vista cultural, por fugirem a algumas das limitações do amor genital, como, por exemplo, a sua exclusividade (FREUD, 1929, p. 108).

Freud (1930 [1929]) escreve sobre o desejo da constituição da família e, conseqüentemente, do desejo por se vincular amorosamente com outra pessoa. Além de Freud (1929), alguns autores como Borges (2004), Lins (2012), Eiguer (1998) e Berenstein (2012) vêm teorizando sobre o amor e o vínculo, indo além das concepções que o senso-comum faz perdurar nas sociedades. Essa ideia geral sobre amor e vínculo pode ser encontrada nos dicionários (AURÉLIO, 2010. p. 42; 2010, p. 783), sendo justamente essas noções, amparadas pelo senso-comum, que os autores que citamos buscam ultrapassar.

Para definir a noção de amor, é preciso se ater às palavras que o definem e aos sentimentos despertados por essa palavra. Como veremos, embora cada pessoa tenha uma construção pessoal a respeito do amor e do modo como ele pode ser vivenciado nas relações, a sociedade dispõe de noções socialmente compartilhadas, que estão ligadas ao ato de amar. Frases como “quem ama cuida”, “amor é bondade, servidão e carinho”, demonstram o modo como uma concepção geral do amor pode se estabilizar numa dada cultura e período histórico. Dito isso, podemos entender que o recorte feito sobre as particularidades expressas por cada relação não tem apenas ligação com o conceito de amor, mas também com a formação subjetiva de cada um, com as referências particulares do que seria amor.

As formas gerais de pensar o amor são uma construção individual cunhada socialmente, uma vez que se utilizam de parâmetros transmitidos culturalmente. Tal processo construído na história de vida e na cultura permite que o conceito de amor possa sofrer mudanças e que ele se reconstrua, podendo assumir a roupagem de amor romântico (LINS, 2012), de amor líquido (BAUMAN, 2004) e, mais recentemente, de amores virtuais (MORELLI, 2018; PELÚCIO, 2017; SOUZA GONÇALVES, 1999).

Há quem busque tentar controlar o que sente em relação ao amante em uma relação amorosa, assim como os que vivem intensamente e lutam para expressar e fazer com que o

outro possa ter prova de que é amado:

O amor romântico é o amor da impossibilidade de completar sua falta. Ele é ilusório ou fugaz. Ou bem o amor não será correspondido – levando à tristeza, desespero ou mesmo à obsessão e morte -, ou bem o amor romântico é correspondido e passará a uma outra forma de amor, mais próxima à *Philia* (BORGES, 2004, p. 15).

Nesse sentido, é interessante apontar para as contribuições de Giddens (1993) acerca do conceito de amor romântico, entendendo que ele é atravessado por virtudes e ideais religiosos. O autor entende que, estes últimos assumem, em grande medida, o posto de referência para uma comparação. Assim como também uma definição intersubjetiva e compartilhada a respeito do amor.

No entanto, existem, também, outras concepções acerca do amor romântico, como aquela que pode ser depreendida dos contos de fadas, em que o amor é um sentimento “pleno” e “idealizado”. O prazer ideal entre o desejo e o prazer não é linear, definitivo, mas sim dinâmico e singular. A partir dele, negam-se os desprazeres que um vínculo amoroso impõe aos casais, e perpetua-se a ideia (sexista) de que a mulher deve ser salva ou “completada” por um “homem” (LINS, 2006).

De fato, não seria viável circunscrever aqui uma noção de amor construída unicamente a partir da fantasia, ligada às experiências tidas como supostamente prazerosas, e que por vezes são relacionadas ao sentimento vivenciado nos primeiros meses de vida, isto é, na idealização da relação simbiótica com a mãe, quando todos os desejos eram ou deveriam ter sido atendidos, para que não houvesse frustração. O amor é composto também por vivências de sentimentos ligados ao desprazer. O mal-estar da relação e a frustração são importantes na relação com um outro que é singular e diferente. Esperar que o amor seja apenas felicidade e prazer é desconsiderar a relação e a presença do outro no relacionamento.

O ato de se apaixonar e estar enamorado está ligado aos vínculos e romances, como uma denominação de algo sentido entre duas pessoas. Trata-se “do amor que pode existir entre um homem e uma mulher, ou entre dois homens ou entre duas mulheres. Refere-se a qualquer forma de relação entre seres humanos que tem a ver com as expressões ‘apaixonar-se’ ou ‘estar enamorado de’” (LINS, 2012, p. 12). Diversos sentimentos compõem o mito do amor romântico (o ciúme, a honra, o sonho do amor eterno, o mito da “meia laranja”, a relação amor-sofrimento etc.) (LOW; MELO, 2012). Atravessados por esses sentimentos, os sujeitos negam a dor e as frustrações que as relações propiciam ao se renunciar aos desejos, a fim de investir quase que unicamente na relação vivida com o outro. As escolhas são constituição das experiências de cada pessoa em sua história, ou seja, como o sujeito vive suas

experiências. Mesmo que no processo de desenvolvimento o sujeito repita ou reproduza umas das escolhas de forma inconsciente, será de maneira singular e subjetiva, em cada relação.

1.1 O amor e sua(s) construção(ões)

É preciso reconhecer que a forma de se relacionar sofreu mudanças, como Lins (2012) indica em *O livro do amor*, publicação na qual é possível encontrar uma apresentação histórica, e notar a maneira como o amor se apresenta e como as pessoas o vivem desde a pré-história até a renascença.

Nesse contexto, é interessante observar, em relação à década de 1950 no Brasil, o surgimento da possibilidade do divórcio, marcando uma conquista para a sociedade de modo geral, porque anteriormente a essa data, esse processo não era legalizado, da mesma maneira que um novo casamento. Esse direito civil, que consta na *Constituição Federal Brasileira* (BRASIL, 2017), assegura que o casamento civil pode ser dissolvido perante a lei. O que permite que o casal possa finalizar um relacionamento amoroso bem como se casar novamente com um novo parceiro. Ou seja, com o estabelecimento do divórcio, os términos de relacionamentos amorosos passaram a figurar na agenda amorosa dos indivíduos.

Alguns autores marcam que a legalização do divórcio se contrapõe à ideia do amor romântico, como Lins (2012) e Giddens (1993), segundo quem a presença de uma pessoa é capaz de trazer toda a satisfação para o relacionamento. Esse ideal romântico de relacionamento está ligado ao conceito de amor romântico e cortês, que carrega consigo a ideia de algo eterno, ou seja, até que “a morte os separe”, expressando que o amor deve continuar ardente e existindo entre os parceiros, porque só seria possível amar uma única vez e um único amante.

Com a existência e a possibilidade dos divórcios, esse ideal já não se sustenta mais intacto. Os tempos são outros, tornou-se possível que as pessoas busquem novos parceiros amorosos e a consequente satisfação. Portanto, o casal não necessita mais suportar os desprazeres para permanecerem juntos até que a morte, por fim, os separe.

Como buscamos demonstrar até aqui, tanto o sujeito como a sua própria ação de amar sofrem alterações por influência do ambiente, do tempo e do meio social, dentre outros fatores. Logo, é importante dizer também que o amor nem sempre foi associado ao casamento, visto que os casamentos, até muito recentemente no tempo histórico, eram arranjados devido a interesses financeiros, à manutenção de castas e famílias, algo bem diferente do modo como o amor é vivenciado no século XXI (LINS, 2012).

A igreja, com o intuito de sustentar as relações matrimoniais e manter controle sobre os corpos e a vida sexual da sociedade, desde o seu nascimento, seguiu utilizando dogmas para fazer com que a própria sociedade se fiscalize e discrimine aqueles que não a seguem. Uma dessas maneiras é a forma como as religiões presentes no ocidente se posicionam diante o casamento, negando-se a aceitar a separação.

No entanto, sempre houve casos de pessoas que contrariavam essas regras limitantes e os dogmas religiosos, buscando viver suas paixões, muitas vezes fugindo com seus amores. Tanto na literatura brasileira quanto na estrangeira, é possível encontrar números romances que relatam as fugas e as mortes por amor, com os amantes renunciando às heranças e do casamento para viver com seus parceiros².

Em obras desse cunho, podemos constatar que o afeto funciona como sustentação do vínculo do namoro em muitos casos, como Lins observa ser possível (LINS, 2012) na vida real. Nos casos em que o amor se fazia presente, os casais o viam como único amor a existir e ser vivido, e, para não perder o amor de sua vida, era necessário lutar por ele, mesmo que não fosse aceito pela família, pela sociedade e principalmente pela igreja.

Mesmo assim, isso não impossibilitou que os homens mantivessem um relacionamento de forma paralela ao casamento, muitas vezes negando a existência do que foi vivido e sentido no casamento. Lins (2012) sinaliza que a religião buscava formas de controlar a vivência da sexualidade das mulheres, que foram sofrendo repressão em relação ao amar e ao se permitir viver aventuras amorosas. Para Lins, “o que ocorreu no nosso passado” gerou “tanta infelicidade, tão pouco prazer. O amor foi normatizado, reprimido, violentado. A ordem moral reinou, exercendo nociva tirania sobre a vida privada” (LINS, 2012, p. 13).

As relações sofrem modificações, seja na forma de se relacionar ou de vivê-las em sociedade. Isso fica evidente quando, no passar dos anos, alguns conceitos são modificados ou redefinidos e na forma como as instituições incorporam (ou não) esses novos conceitos. Por exemplo: embora o divórcio tenha sido reconhecido constitucionalmente, ele não foi incorporado de imediato pelas instituições religiosas no Brasil, como fizeram os Fórum Cívico, que passaram a registrar tanto os divórcios como oficializar os novos casamentos por pessoas divorciadas e viúvas.

Segundo Bauman (2004), as pessoas baixaram suas exigências e expectativas com

2 Um exemplo seria a obra de Tolstói (2002), *Anna Karenina*, que retrata a vida de uma mulher casada com um político russo, que apesar de ter tudo na sua vida, sente-se vazia e encontra o verdadeiro amor com o Conde Vronsky, com quem tem um caso. Eles se apaixonam e fogem, mas Anna suspeita que o seu novo amor a trai e se torna cada vez mais paranoica. Esses e outros romances abordavam a fuga da cidade e em alguns casos também do país.

relação aos parceiros. Isso permite uma busca mais possível, um amor passivo a singularidades. Dessa maneira, as pessoas se permitem vivenciar mais de um amor. Giddens (1993) destaca, nesse sentido, que um casal que se ama e vive a paixão perde um pouco da noção das regras e de limites a fim de provar o sentimento em relação à pessoa amada. Na intenção de provar a existência do amor que sentem, as pessoas quebravam e, provavelmente, ainda quebram os limites.

Diante das idealizações em relação aos parceiros amorosos, as pessoas buscavam o verdadeiro amor com altas exigências, afinal, o casamento seria para sempre, e não existia a possibilidade de separação. O que não era possível para as mulheres, a separação não era uma opção, pois a elas não era socialmente aceito manter relações de forma paralela (LINS, 2012). Ou seja, diante o mal-estar na convivência com o companheiro, ainda assim deveriam permanecer fiéis à instituição casamento. Como essas exigências e expectativas foram amenizadas, logo, os sujeitos puderam permitir-se viver com a diferença ou com o estranhamento que o outro nos causa, com a possibilidade de se desvincular, em algum momento, caso o vínculo não fosse mais necessário ou suportável.

Podemos supor que os vínculos estabelecidos por meio da *internet* também começaram a surgir a partir da flexibilização para a constituição de novos vínculos amorosos, e da utilização da *internet* pela sociedade, tendo em vista a ampliação da comunicação e diminuição do tempo entre o envio e recebimento de mensagens, isto é, a intensificação do contato, ainda que de modo “indireto”.

Após os anos 2000, as formas de comunicação e de estabelecimento dos vínculos afetivos foram ampliadas, de tal maneira que hoje é possível se debruçar sobre pesquisas que investigam novas formas de amar, viver e de se reconfigurar quanto aos desejos e anseios. Larissa Pelúcio (2017), em seu livro *Amor em tempos de aplicativos*, e Fábio Morelli (2018), na dissertação: *Não existe amor em App?*, levantam e desenvolvem discussões acerca do amor e dos aplicativos. Tratam do modo como a sociedade utiliza as novas formas de comunicação, especialmente virtuais, para se relacionar e viver afetos, independentemente do fato de esse sentimento nascer ou ser vivido nas mídias digitais.

A esse respeito, de fato, outros questionamentos têm demonstrado grande relevância para a sociedade, por exemplo: há diferença entre a vivência dos sentimentos, como o “amor”, ao se utilizar aplicativos e ao vivê-los no “mundo real”? Diante do que vem sendo apresentado em pesquisas como as que mencionamos no parágrafo anterior, o amor e os demais sentimentos podem ser sentidos e vividos tanto ao se utilizar de aplicativos quanto no cotidiano em diálogos e relações, ou seja, para os autores o amor desenvolve-se também

quando ocorre por meio do uso de aplicativos e/ou no mundo virtual.

CAPÍTULO DOIS

2 O fim dos relacionamentos e seu impacto

Ao subir para me deitar, meu consolo único era que mamãe fosse me beijar quando já estivesse na cama. Mas durava tão pouco isso, e ela descia tão depressa, que o momento em que a ouvia subir, e depois quando ela passava pelo corredor de porta dupla, o ruído ligeiro de seu vestido de jardim, de musselina azul, com pequenos tirantes de palha trançada, era um momento doloroso. Anunciava o que ia ocorrer a seguir, quando ela me teria deixado, quando voltasse a descer. De modo que essas boas-noites que eu amava tanto, chegava a desejar que viessem o mais tarde possível, para que se prolongasse o tempo de espera em que mamãe ainda não chegara.

Marcel Proust (1999, p. 89).

2.1 Separação

O excerto acima se trata de um dos mais famosos trechos de *Em busca do tempo perdido* (1999), do romancista francês Marcel Proust [1871-1922]. Nele, vemos a angústia de Marcel ao aguardar, sozinho em sua cama, que sua mãe suba até seu quarto, toda noite, para lhe dar um beijo de despedida. Há, nessa obra de Proust (1999), uma das mais belas descrições literárias do vínculo entre filho e mãe, através do qual os sujeitos vivenciam suas primeiras experiências afetivas. Tudo o que atribuímos ou entendemos como amor, quando mais maduros, remonta aos primórdios de nossa existência, a cenas como a essa narrada por Proust (1999), em que provamos do afeto e da proteção materna. Trata-se de um sentimento fantasioso relacionado ao vínculo estabelecido na infância, com o “ser cuidado” e a proteção recebida nessa etapa primeira da vida.

É exatamente na relação com a mãe que a criança encontrará a sua primeira referência de uma vida a dois. E, portanto, é quase lógico que ela busque, nas relações futuras, aspectos que possam reproduzir essa relação primária. Mas, ocorre que essa relação simbiótica fantasiosa, que ambos imaginam terem vivido nos primeiros meses de vida, não pode ser reconstruída. É impossível que a configuração da relação mãe-bebê se repita,

justamente por se tratar de uma experiência fantasiosa e idealizada.

No entanto, essa busca persiste. Na fantasia de cada indivíduo existe o desejo de restituir uma relação próxima àquela que foi imaginada de forma prazerosa com sua mãe. A fantasia de uma relação simbiótica vivida pela criança com a mãe ficará registrada em seu inconsciente e assumirá, mais tarde, o posto de uma referência de relação amorosa, que a pessoa guardará consigo no inconsciente, uma relação idealizada e inalcançável.

É nesse cenário que se desenvolve a relação edípica, sendo esperado que a criança viva e passe por ela sem entraves em seu desenvolvimento. Para isso, é muito importante que, a partir da experiência do complexo edípico, a criança possa fazer a escolha objetual, pois, quando começar a se relacionar sexual e amorosamente, terá de fazer sua escolha amorosa. É nesse sentido que Freud ([1996] 1924) propõe a conhecida ideia do “Complexo de Édipo”. Esse conceito surgiu a partir da necessidade de se explicar o processo da escolha de objeto amoroso, ou seja, do parceiro, o substituto para a reconstituição do vínculo vivido na infância.

Uma vez que a relação inicial com a mãe é a primeira relação vivida pela criança, esta última só percebe a presença de um terceiro (o seu pai ou quem exercer esse papel de segundo cuidador) após alguns meses de vida. A presença do casal é, então, a segunda relação vivenciada pela criança. A partir dela se espera que, após passar pelas fases do desenvolvimento infantil, a criança possa viver o complexo edípico na triangulação com o pai e a mãe. Em um relacionamento também se investe a libido nos parceiros. Isso ocorre à medida que passam a investir na relação, a partir de um movimento recíproco. Assim, ela vai sendo nomeada, por exemplo: a utilização dos adjetivos paquera, namoro, noivado, casamento... na maioria das vezes, essa libido é direcionada visando reconstruir o objeto primário, no caso, a mãe, e não uma relação como essas mencionadas.

Assim, o amor, ainda de modo bastante geral, poderia ser entendido como o conjunto de sentimentos vividos na relação de qualquer sujeito, principalmente na relação mãe-bebê, por se tratar do primeiro vínculo vivido pela criança. Logo, somos levados a pensar que o amor é uma ação subjetiva e única com relação a outra pessoa. Com isso, ao amarmos outra pessoa, estamos agindo em relação a ela, e dessa maneira investimos nossas pulsões nesse objeto. Fazemos isso “buscando suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2012, p. 394), na origem, por meio de descarga e obtenção de prazer.

No texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud ([1914] 1980) discorre sobre o investimento da energia libidinal, que pode ser investida no ego de forma narcísica ou no objeto externo, denominada libido objetual. Esse autor (FREUD, 1980) também trata da

necessidade de existir uma reserva dessa energia para o ego, quando se investe a libido do ego não em si, mas no objeto de desejo, e destaca que a “libido objetual atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetual” (p. 92).

Também entendemos que o ato de se apaixonar consiste em uma vivência de relação amorosa na qual um dos parceiros dedica-se ao outro. Nesse contexto, Giddens (1993) parece ir nessa mesma direção. Para ele:

o amor apaixonado é marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana, com a qual, na verdade, ele tende a se conflitar. O envolvimento emocional com o outro é invasivo – tão forte que pode levar o indivíduo, ou ambos os indivíduos, a ignorar as suas obrigações habituais (GIDDENS, 1993, p. 48).

Freud ([1914] 1992) e Pignataro (2018, p. 30) parecem assumir postura semelhante. Eles destacam que alguns sujeitos não conseguem investir em si e, assim, têm sua vida, cotidiano, desejos e projetos apenas vinculados ao seu companheiro. Seu ego, por consequência, fica empobrecido de energia como consequência da perda do objeto. E então, o parceiro ou parceira presente na relação, deveria, nesse caso, investir de volta no companheiro. Ao não haver esse investimento recíproco, o ego vive um empobrecimento, torna-se sem reserva de energia por não ter recebido energia das pulsões do objeto.

Como se pôde notar, a ação de amar tem relação com o investimento da libido. Ao nascer, as crianças são investidas narcisicamente pelos pais/cuidadores, identificado como narcisismo primário. Isto é, por meio de cuidados básicos e afeto desses cuidadores, os filhos têm seus egos investidos. O narcisismo se configura, então, como “uma fase intermediária entre o autoerotismo e o amor objetual” (FREUD, [1914] 1992, p. 85).

Para Freud ([1914] 1992), os pais investem em seus filhos e depositam narcisicamente seus sonhos, esperando que seus filhos possam concretizá-los. Nesse protocolo, não percebem que agem como se estivessem investindo neles próprios. Ora, o fato de investir e transmitir aos filhos sonhos e desejos para que possam dar seguimento e serem conquistados, faz com que os filhos realizem e satisfaçam os pais antes mesmo de desejarem algo próprio. Isto é, os pais transmitem aos filhos os seus desejos e sonhos por meio das idealizações e do narcisismo primário (FREUD, [1914] 1996).

Os filhos os assumem de forma inconsciente e os transformam, adaptando-os a suas realidades e possibilidades de modo inconsciente. Poderíamos, então, dizer que essas transformações dos conteúdos subjetivos de cada sujeito se modificam por meio das relações e do meio social em que está inserido.

2.1.1 O conceito de vínculo amoroso e de escolha amorosa: contribuições da Psicanálise de vínculos

O que ainda se tem para falar sobre os vínculos? Afinal, tanto já foi pesquisado e descrito sobre o que representa a união entre duas ou mais pessoas. O vínculo adquiriu mais especificidade com o tratamento psicanalítico de famílias e casais, assim como de grupos, até que chegasse a representar aquilo que liga várias pessoas (BERENSTEIN, 2011). Mais especificamente, de acordo com o autor, vínculo é a “relação estável e mantida no tempo, persistente” (BERENSTEIN, 2011, p. 90). E, desse modo, a relação pode ser estabelecida por duas ou mais pessoas. “O vínculo tem papel de ‘ligar, unir’”, isto é, de “juntar ou sujeitar com ligações ou nós” (BERENSTEIN, 2011, p. 90), permitindo que os sujeitos que estabelecem o vínculo façam parte desse conjunto de sentimentos que chamamos de relação.

As pessoas estabelecem vínculos de forma inconsciente. Por isso, mesmo que as escolhas e as pessoas com as quais se estabelecem os vínculos estejam no cotidiano, isso não é o ponto decisivo para que o vínculo seja estabelecido. É preciso que se estabeleça a união, o compartilhamento psíquico apontado anteriormente, o vínculo, enfim, que pode ser desenvolvido e mantido mesmo que se utilizando de mídias e aplicativos. Para Berenstein, o vínculo ser fruto de ações inconscientes, pois permite que os constituintes não percebam suas escolhas de indivíduos com os quais se vincularam. É assim que o vínculo:

é o inconsciente em sua maior densidade: é o que dá pertença e estabelece uma descontinuidade contínua ou uma continuidade descontínua entre os eus, que não é percebido pela consciência. Esta, em contrapartida, oferece a percepção de descontinuidade. Os casais, os pais e os filhos lutam para afirmar a diferença (BERENSTEIN, 2011, p. 103).

Partimos do conceito de existência de dois tipos de vínculos, o vínculo de sangue e as alianças. O primeiro é definido por Berenstein como aquele que “circunscreve o parentesco ao fato biológico que liga a mãe e o pai aos filhos tidos de ambos, remetem à descendência e à transmissão genética” (2011, p. 91). Portanto, esse vínculo posto é irrevogável, os membros da família podem até negá-lo, mas o vínculo sanguíneo continuará existindo, desde antes mesmo do sujeito estabelecer o contato físico e social.

O segundo modo de se vincular está ligado à ideia de aliança, e Berenstein (2011) o descreve como sendo aquele no qual a relação entre as pessoas escolhidas se sustenta por sentimentos como: companheirismo e reciprocidade, que são os promovedores de uma relação, como no casamento.

O vínculo não é apenas importante, mas essencial, de tal maneira que já nascemos vinculados a outro ser. No primeiro ano de vida de todo ser humano, especificamente nos meses iniciais, é previsto que se estabeleça uma relação simbiótica com a mãe/cuidadora, que permita a vivência e a experiência mais próxima da sensação de completude. Ou seja, a criança nasce fazendo parte de uma relação em que o vínculo se apresenta como intrínseco à existência, e o cuidado se mostra como uma manutenção e combustível que faz o amor ser sentido e vivido por ambos que compõem a relação.

O vínculo, portanto, como afirma Berenstein (2011), não passa pela percepção, porque ele é da ordem da apresentação e da ação que deriva não do sentir, mas do fazer:

Este componente [o fazer] não está representado nem o poderia estar, porque não foi realizado. O que está em potência ainda não foi feito, pode ou não ser levado a cabo. O que volta a apresentar suas inscrições ligadas, isto é, relacionadas firmemente, como ocorre na vivência de satisfação: prazer unido à imagem do objeto e à imagem motriz reflexo. Algo “volta” a (re)presentar ante o psiquismo inconsciente, e isso, por sua vez, se encontra representado entre os eus, que, por sua vez, o representam para si (BERENSTEIN, 2011, p.94-95).

Nesse aspecto, cabe lembrar que para Kaës,

o conceito de trabalho da intersubjetividade comporta a ideia de que cada sujeito é representado e procura se fazer representar nas relações de objeto, nas imagens, identificações e fantasias inconscientes de um outro e de um conjunto de outros. Do mesmo modo, cada sujeito se liga em formações psíquicas desse tipo com os representantes de outros sujeitos, com os objetos de objetos que ele abriga em si. Ele os liga entre si (KÄES, 2011, p. 225).

Além do conceito de vínculo desenvolvido por Berenstein, é importante ressaltar que, para que ocorra a constituição de tal vínculo, ocorre uma escolha do parceiro, como bem observa Eiguer (1998).

Para Eiguer (1998), a família possui três componentes, sendo eles: o sentimento de pertença, o *habitat* interior e o ideal do ego coletivo (EIGUER, 1998, p. 38). Um inconsciente grupal é internalizado por todos os membros e é composto pelos membros da família. No entanto, cada integrante ocupa um lugar que lhe é conferido pelos familiares, de maneira que cabe a ele aceitar, transformar ou romper com esse lugar que lhe é destinado. Desse modo, o sujeito pode se desvincular ou não desse núcleo familiar.

As pessoas são geradas em uma família, ou seja, nascem dela e a compõe estabelecendo um vínculo fraterno, além do sanguíneo. De certa maneira, o indivíduo não se desvincula totalmente do seu núcleo familiar para poder gerar sua família, isso porque o vínculo não tem forma e não é algo palpável.

Segundo Winnicott, “cada ser tem a capacidade de imaginar um vínculo entre seu objeto inconsciente e o objeto exterior, uma continuidade entre ele e outro; existente entre ele e o outro, mesmo na ausência” (WINNICOT *apud* EIGUER, 1998, p. 25). Isso, porque, desde o seu desenvolvimento a criança vai construindo e internalizando da relação com seus objetos primários, o cuidado, carinho e o vínculo estabelecido. Esse vínculo é sentido e internalizado assim como os objetos.

Essa internalização do vínculo familiar e amoroso fala sobre uma relação entre os objetos internos e os objetos externos. Nesse sentido, Eiguer observou o que ele chama de “organizadores da vida familiar inconsciente”, que são:

- 1 – A escolha de objeto no momento de instalação da relação amorosa, e, no plano do inconsciente, a partilha dos objetos – constituição do mundo interior grupal.
- 2 – O Eu familiar: dividido nos três suborganizadores seguintes: o habitat interior, o sentimento de pertença e o ideal do ego familiar.
- 3 – Os fantasmas compartilhados (interfantasmática de Anzieu), notadamente o fantasma inconsciente da cena primitiva (EIGUER, 1998, p. 29).

Dos três organizadores citados e descritos pelo autor, interessa-nos o primeiro, que apresenta a escolha objetal como sendo um organizador psíquico para a família e para os membros. Ou seja, a partir do que foi internalizado na relação com seus pais, para quando adulto viver o seu ideal de ego familiar.

Assim como cada sujeito, de maneira individual e singular, vivencia a passagem do Édipo e faz sua escolha objetal, também é singular e particular, mesmo com as referências internalizadas na relação vivida em família (BERENSTEIN, 2011, p. 92). Isto é, “Pelo jogo duplo do amor intenso e incestuoso e sua proibição, a família prepara o sujeito para investir num outro vínculo, que dará origem a uma nova família” (EIGUER, 1998, p. 30). E assim, o sujeito do grupo familiar vai em busca de constituir sua família, a partir de sua percepção e dos desejos, sem deixar de lado os conteúdos inconscientes que constituíram a ideia de vínculo e relacionamento.

Quando duas pessoas se encontram e buscam estabelecer um relacionamento amoroso, cada um trás consigo uma bagagem psíquica, constituída pelo que foi vivido e internalizado das vivências anteriores. Essa bagagem de memórias e seus conteúdos inconscientes estão com o sujeito, e a partir disso, ele busca viver sua escolha objetal/amorosa, tomando essa vivência anterior como referência.

Segundo Anzieu (1975) *apud* Eiguer (1998, p. 30) “a família, diversamente dos grupos informais, tem como primeiro grupo organizador o Édipo e suas transformações”. Portanto, a passagem pelo complexo edípico organiza e gera nas pessoas processos psíquicos que dão manutenção às figuras e lugares ocupados por cada membro na família.

Nesse sentido, no plano individual, “a escolha de um objeto sexual exogâmico permite uma saída conveniente para o Complexo de Édipo e a proibição do incesto. Na *Dissolução do complexo de Édipo* Freud considera a angústia de castração como a primeira capaz de apaziguar o desejo na criança” (EIGUER, 1998, p. 3, grifos do autor). Portanto, a ideia de vivência e organização da sociedade, é instituída também pela internalização de conceitos e proibições como a castração que é vivida, e que constituem o complexo de Édipo. Este, por sua vez, possibilita ao sujeito se organizar psiquicamente diante dos desejos internos proibidos de serem vividos.

Sendo assim, cada pessoa renúncia seus desejos incestuosos e passa a buscar e a viver uma relação amorosa, sexual e vincular com uma outra pessoa que também renunciou aos desejos primitivos. “O objeto inconsciente de um se entrecruza com o objeto inconsciente do outro e os dois objetos acumulados inauguram um mundo objetual partilhado, ‘reunião’ nova que adota, assim, uma dimensão organizadora” (EIGUER, 1998, p. 32).

A vivência dos desejos primitivos tem como motivação a obtenção de prazer, no entanto, ela é interdita porque na sua consumação geraria mais conflitos e desprazer, como é citado na mitologia a respeito do Édipo, que, ao consumir uma relação com sua mãe, filho entra em processo de sofrimento. “A escolha é organizadora porque, ao evitar o desprazer, o indivíduo obtém aí uma vantagem: um amor possível; não é sua mãe, mas parece-se com ela; não é o amor total, mas é intenso... e a ameaça da castração é, então, afastada” (EIGUER, 1998, p. 32).

Portanto, entre as experiências que, nos primeiros anos de vida, cada sujeito pode viver na relação com os objetos primários, estão o desejo e a castração, aspectos importantes para constituição do sujeito e para internalização da figura dos objetos primários. Assim como também o é a vivência do complexo edípico que, conseqüentemente, leva o sujeito a fazer sua escolha objetual. Cada sujeito internaliza a renúncia e um objeto de desejo primário, e conseqüentemente, três possibilidades de escolha de parceiro/objetual são vividas: “Anaclítica ou assimétrica; Narcisista ou simétrica; Edípica ou dissimétrica” (EIGUER, 1998, p.35).

Para Freud (1996 [1914-1916]) *apud* Eiguer (1998) então, “na escolha anaclítica: o homem ou a mulher vão em busca de um parceiro que lhes permita encontrar um apoio (mãe ou pai da infância), ligado a pulsão de conservação” (EIGUER, 1998, p. 33). Portanto, para

Eiguer (1998) a escolha anaclítica é uma escolha regressiva em relação a etapa de dissolução do complexo de Édipo” (EIGUER, 1998, p.33).

Freud (1996 [1914-1916]) explica as identificações, na escolha anaclítica,

Os instintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego; somente depois é que eles se tornam independentes destes, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua (FREUD, 1996, p. 103-4).

Posteriormente, é apresentada como segunda a escolha narcisista, que fala sobre uma busca por um semelhante. Para Freud (1996 [1914-1916]) e Eiguer (1998), na escolha narcísica, o sujeito busca um parceiro amoroso que assemelhe:

- (1) Em conformidade como tipo narcisista:
 - (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma),
 - (b) o que ela própria foi,
 - (c) o que ela própria gostaria de ser,
 - (d) alguém que foi uma vez parte dela mesma.
- (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):
 - (a) A mulher que a alimenta,
 - (b) O homem que a protege (FREUD, 1996 [1914-1916], p. 107).

Ainda sobre a escolha narcísica, Freud (1996 [1914-1916]) expressa que cada pessoa tem consigo de forma individual dois objetos sexuais, “— ele próprio e a mulher que cuida dele — e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário” (FREUD, 1996 [1914-1916], p. 104-5).

A terceira e última, a edípica é considerada por Eiguer (1998) como sendo a escolha amorosa mais madura entre as três, e “a escolha ‘edípica’, por sua vez, é uma escolha mais adulta, própria das estruturas neuróticas e ‘normais’” (EIGUER, 1998, p. 33).

Como podemos imaginar, no vínculo estabelecido entre casal não existe apenas a presença. Muitas vezes é necessário deparar-se com momentos de ausência, de solidão, para se dar conta disso. A capacidade de estar sozinho e se sentir bem é algo possível e alcançável. Não à toa, os sujeitos entendem que, ao se separar geograficamente, os vínculos não são desfeitos e as pessoas continuam existindo.

É o que se pode constatar nas afirmações de Sampaio (2009, p. 120), quando afirma que “a concepção de vínculos nas relações de casal” é como “um elo entre duas pessoas”. Trata-se de um elo estabelecido:

por meio de forças psíquicas e experiências emocionais, fonte de preenchimento, realização, integração e amadurecimento. Vincular-se reflete também uma tensão dualista: a necessidade de individualidade, liberdade e

autonomia, bem como, a necessidade do outro, de pareamento, intimidade, proximidade, realização afetiva, sexual, social (SAMPAIO, 2009, p. 120).

Atualmente, ainda é possível viver esse sentimento tão parecido com a solidão diante das tecnologias que utilizamos? Pensemos em alguns exemplos cotidianos. Os *tablets* e *smartphones*, especialmente os vídeos e jogos, quase sempre são empregados como um recurso de distração para a criança, a fim de que ela não perceba a ausência do adulto. Esquece-se, no entanto, que estamos privando a criança de desenvolver sua capacidade simbólica a fim de viver a falta.

Nesse cenário, como veremos, o mérito deste trabalho está no fato de reconhecer que o sujeito contemporâneo já não se sente tão só, tendo em vista os recursos de que ele dispõe para simbolizar essas ausências, o que nos parece indicar um novo modo de subjetivação dos sujeitos após esses avanços tecnológicos.

Para Kães “o sujeito é submetido à prova das alianças inconscientes de que ele foi parte integrante e das quais ele tem que se libertar para alcançar a consciência de que essas alianças foram, por um lado, constitutivas de sua subjetividade” (2014, p. 219). No entanto, a subjetividade, tomada de forma mais ampla, estende-se para além do que foi registrado em lembranças, exigindo que o sujeito viva novas configurações de vínculos.

Se, no passado, a ideia de vínculo esteve ligada à necessidade de presença física, como afirmou Berenstein (2011)³, atualmente vemos uma outra situação. Pelúcio (2017), Morelli (2018) e Perez (2018) mostram que essa presença é sentida também no virtual, de tal maneira que os sujeitos se sentem pertencentes aos grupos, tendo suas relações vividas, suas ausências preenchidas por meio de aplicativos e redes sociais.

Mas, nas mídias digitais, também é possível sentir por meio das conversas, o que não agrada na relação. Por exemplo, quando em uma relação prevalece a intersecção. Trata-se de um caso em que os desejos e gostos são parecidos, de modo que se possa priorizar o que existe em comum entre eles no relacionamento amoroso. No entanto, a ideia de “dois serem um” leva a pensar que há uma simbiose nessa relação, em que prevalecerá a anulação de ambos. Essa anulação da singularidade de cada um, pela qual se enaltece só o que é relativo ao casal, à “vida a dois”, é o que pode causar sofrimento e angústia.

Por tanto, entende-se que é possível olhar para aquilo que, no relacionamento amoroso, seria compartilhado enquanto desejo dos dois, assim como também conseguir ver que cada um deseja coisas particulares de forma paralela ao desejo do casal no

3 Segundo esse autor, “não é possível o vínculo sem uma relação de presença, sem ela seria uma relação de objeto, aquela que habita na interioridade do sujeito” (BERENSTEIN, 2011, p. 97).

relacionamento.

Nas relações pelos aplicativos, como dizíamos, também é possível vivenciar e analisar esses pontos citados no parágrafo anterior, e, do nosso ponto de vista, analisá-los. É importante salientar que, assim como nas escolhas objetais do cotidiano, e fora dos aplicativos, as pessoas fazem escolhas objetais que causam sofrimento. Nesse sentido, Pelúcio (2018) destaca que alguns entrevistados que aceitaram participar da pesquisa foram inconvenientes na forma de se expressar. Manifestaram questionamentos incisivos e propostas que não lhe agradavam, a ponto de ser necessário interromper o diálogo.

Já Perez (2019) relata uma experiência diferente: “talvez o perfil do coletivo em si tenha um desenvolvimento afetivo comunitário que dá a sensação de não estar sozinho, por ter alguém para quem pedir ajuda, fazer companhia, cujas ideias são semelhantes às suas que” (BERENSTEIN, 2011, p. 97) “são consideradas muito éticas/social que carrega valores sociais” (PEREZ, 2019, p. 179).

Notamos, a partir das informações das duas pesquisadoras, que ambos os trabalhos indicam sentimentos e sensações afetivas como resultantes da relação nas mídias sociais. O bem-estar e o mal-estar são possíveis, logo, o amor também pode ser nutrido nos aplicativos e nas redes sociais. Atualmente, vemos casais que tiveram seus primeiros anos de namoro por meio das ferramentas de comunicações virtuais como redes sociais, aplicativos e *e-mails*. A inserção do outro em sua rotina e vivência, deve ou deveria ser feita paulatinamente, de forma que o espaço de ambos seja respeitado e não abruptamente invadido, forçando-os à união e à criação de um vínculo.

E, por isso, são importantes o encontro e o lugar dado ao outro na relação amorosa. Na obra *A parte que falta*, Silverstein (2018) descreve o processo de busca pela parte de que se sente falta, e do preenchimento que essa parte causa na vida de quem a encontra. Enfatizando o cuidado que deve ser direcionado para se entrar em contato com um outro, a fim de que não haja a anulação de si ao compor um vínculo.

Assim, o sujeito, representado no livro de Silverstein (2018), entende a necessidade que tem de voltar seu olhar novamente para si, e de se reconhecer enquanto unidade. Ele, então, desfaz-se da parte que o completava para viver a ausência e entender que é possível estar completo, mesmo na falta que o causa, porque o outro complementa, o que é diferente de completar. Mesmo ao se viver o amor e se sentir completo, em alguns momentos o outro também pode falhar diante das expectativas e exigências do parceiro.

Nesse momento o amor é sustentado também pela capacidade e pelos recursos simbólicos que visam lidar com a frustração. É por meio das relações estabelecidas entre o eu

e o outro que se cria uma dimensão do que é comum pela compatibilidade de vínculo, assim como o que é singular e incomum, aceitável ou não. Se os “eus” que compõe a relação amorosa vão se percebendo com as expressões estabelecidas nesta relação, e existindo os desejos comuns, torna-se possível haver a apropriação das significações das experiências vividas por ambos, o que lhe cativa e chama a atenção, criando o vínculo.

Nesse sentido, o que não é percebido como algo comum e compartilhado entre o casal da relação amorosa, é significado como individual e singular, isto é, como algo que pertence a cada um dos sujeitos. Torna-se, então, possível perceber a existência do “um” no “nós”, e a possibilidade de se viver a dois sem anular o um que representa a singularidade de cada membro da relação. Isso, porque,

O indivíduo não existe por si mesmo, nem em si mesmo e para si mesmo. O eu é o eu, mas só é o eu juntamente com o outro no qual se relaciona. O outro está contido no eu e sem o outro não há como ser, nem como existir (SAMPAIO, 2009, p. 118).

A partir dessa citação de Sampaio (2009), pode-se notar que, na relação estabelecida com o outro, tanto o sujeito quanto seu parceiro podem se constituir e reconhecer seus desejos por estar na presença do outro. Desse modo, as pessoas conseguem delimitar seu próprio espaço, ou deveriam, a partir da presença do outro.

Um relacionamento amoroso é composto por no mínimo duas pessoas, e este passa a existir devido à união e ao vínculo afetivo e amoroso estabelecido. Dessa maneira, um sujeito passa a investir no outro, em um sistema recíproco. Essa relação que existe a partir do encontro desses dois sujeitos mostra que é possível sermos “nós mesmos” diante da presença do outro, isto é, de dar manutenção àquilo que nos diferencia do outro. Logo, é uma relação que permite a existência e a composição tanto do relacionamento, quanto do vínculo e dos sujeitos da relação amorosa.

2.1.2 O pós-término

Há futuro após o término do relacionamento? A resposta é sim. Para qualquer um dos parceiros, os relacionamentos existem por desejo de ambos. No entanto, o término pode acontecer por desejo de apenas um dos parceiros. Desejar fechar o ciclo em que o outro esteve presente, e foi amado, não está necessariamente relacionado à inexistência do amor. Há quem ame e entenda que é melhor viver separado (LINS, 2006). As configurações são múltiplas, porque cada sujeito vivencia a seu modo as relações e os sentimentos. Assim como também existem casais que, ao finalizarem o relacionamento amoroso, constroem um relacionamento

fraterno.

Também é possível entender que na separação não há só dor, é necessário que possamos abordar também o amor nesse processo de ruptura. Sim, o amor, aquele que existiu, foi construído e alimentado, mas que diante da dor é negado e, por vezes, desprezado. Como é possível sentir o amor ao falar de término de relacionamento, o mais provável seria que término e amor fossem antagônicos. Talvez porque o amor é um conjunto de sentimentos sentidos e vividos em relação ao parceiro ou parceira (PLATÃO, 2008).

O amor então expressaria, sozinho, o que na relação com o outro foi sentido, como raiva, ausência e presença, carinho e angústia, alegria e tristeza, assim como também amor e ódio. Esse outro da relação, que possibilitou a vivência dos sentimentos e das emoções, foi mexido de tal maneira que os afetos foram excitados e vividos sem que houvesse possibilidade de controle sobre si. Para Platão (2008), não era somente de forma concreta e física que os amantes sentiam, mas em outros planos, no sentir na alma assim como nos modos, costumes, no que lhes eram proferidos, também desejos, prazeres, aflições e temores, afetos que contornam a existência nesse momento, mas que modificam e se transformam. Alguns partem, outros ficam, e os sentimentos sobre o outro são híbridos, como para nós.

O término pode ser poético, se fosse expresso por uma imagem seria o pôr do sol ou até mesmo o seu nascer. É simplesmente a interseção entre os dois, é a transição de um para o outro, em que há partes de ambos, de modo que, antes que se separem, é impossível dizer exatamente onde um começa e o outro se finda. Em que momento a relação acabou? Seria possível ver quando o relacionamento está iniciando o seu fim, estabelecendo correlação com o momento em que está começando a gerar conflitos, assim como a queda da idealização e ascensão das diferenças existentes entre amantes (FÉRES-CARNEIRO, 2018).

Existem muitas coisas e questões ligadas ao desejo de se separar do outro que já ocupou o lugar de amado. Dizer que as diferenças existentes entre os parceiros, desejos que contrariam o outro e até o fato de visualizar os defeitos do(a) ex-companheiro(a) são sinais que o relacionamento vai acabar. Assumir essa conclusão é negar a existência de duas pessoas, já que o fato é que os parceiros são, sim, diferentes, e desejam coisas diferentes, inclusive projetos. No entanto, relevam as diferenças, renunciam a alguns desejos para gozar de outros que nascem do casal e se criam projetos compartilhados.

São criadas muitas narrativas em torno do fim das relações, talvez porque o desejo é que algo que foi tão belo não se acabe. Finalizar uma relação que se investiu, fez-se presente e envolvido é olhar para si e sua incompletude. É possível mensurar o tamanho da ausência que o outro deixa quando parte? O que fica no espaço que o outro ocupava?

Terminar é ter que olhar para tudo que foi vivido, olhar para sua história e se ver enquanto personagem. Seria a revisão do texto escrito a quatro mãos e visto por cada par separadamente, sem o ponto de vista do outro. Sim, a revisão da relação é particular, sem que o objetivo seja a solidão ou o sofrer. Pois o objetivo é o reencontro consigo mesmo, a busca pela certeza que um Eu permaneceu quando o outro se foi. Na separação, vai com o outro o que é dele e fica consigo o que lhe pertence: as lembranças, emoções, e a história vistas por um ponto de vista, o de quem sentiu e viveu a partir de sua própria experiência - existência.

Os questionamentos expressos ao fim de uma relação, experiência e amor expressam a intensidade do investimento da libido no que foi vivido. Mas, a intensidade é medida? No amor não há como medir ou quantificar, por que ao fim seria possível? Sim, o desejo de entender as emoções e os sentimentos com o intuito de saber lidar e manuseá-los é muito grande, pois assim, talvez as pessoas sofressem menos. Mas, é necessário retomar dois questionamentos: a intensidade dos sentimentos não estaria diretamente ligada ao que foi vivido na relação? De maneira que é preciso viver o término e os sentimentos que dele emanaram para então dar-lhe outro sentido, e assim elaborar a perda, isto é, o término por meio desse luto simbólico? (CARUSO,1986).

Sendo assim, cada um leva o seu próprio tempo para elaborar o luto da perda ou do fim, em que nada foi perdido, se pensarmos que ambos viveram e, ao se viver, não se perde tempo, na verdade se ganha memórias, histórias. Algumas pessoas saem do relacionamento sentimentalmente feridas e outras carregam consigo as lembranças. E tudo que dói, para ser curado, necessita de cuidados, inicialmente se identifica o machucado, podendo ser de ordem emocional e posterior apresentam-se os cuidados.

Cuidar de si quando se está acostumado a cuidar de um “nós” da relação pode parecer uma ação impossível, visto que, após a desvinculação, o sentimento que permanece pode ser de fracasso, pobreza emocional e até culpa (FREUD, 1996 [1914-1916]). O mesmo autor descreve em *Luto e melancolia* (FREUD, 1996 [1914-1916]) que o ato de se responsabilizar pelo fim do relacionamento e assumir uma provável culpa é uma maneira que o ego tem de buscar uma solução. De modo que, se foi feito algo de errado, logo é possível corrigir. Nesse processo, vários desejos incidem sobre o sujeito: identificar o problema que culminou para o término; posteriormente nomear o culpado(a) para que seja responsabilizado, e, por fim, dedicar-se a corrigir o que julga ter sido o motivo para ter culminado no término do vínculo, com a esperança que haja a reconciliação.

Entretanto, deparar-se com a falta de um motivo concreto para que o fim da relação tenha acontecido, gera um sentimento de impotência, incapacidade de correção e de recuperar

algo que não se tem mais. As emoções buscam expressar o que é sentido, o que para uns é visto como o fim, para outros expressam um recomeço. A interpretação dada à experiência é singular e se relaciona com a capacidade que cada um tem para elaborar essa perda do objeto amado ou com os seus recursos simbólicos para lidar com a frustração, ou seja, com suas reservas de energia da libido.

Portanto, é compreensível que muitos casos de fim de relacionamento, o parceiro, ressentido ou enlutado pela perda do(a) amado(a), sintam-se em prejuízo, como se tivesse sido saqueado, pego de surpresa, de modo que perde tudo que investiu no outro. Isso, porque, usou da relação como única via de prazer, excluindo, muitas vezes sem que seja entendido, que se pode sim, ter outros vínculos e formas de viver e obter prazer que não seja pela via do relacionamento amoroso.

Essa alternativa, quando posta como única, muitas vezes leva os parceiros a se sentirem recusados, rejeitados e abandonados, entre outros sentimentos que podem ser sentidos ao se deparar com o fim da relação, é o suicídio.

Isso, porque, o desprazer vivenciado pode ser sentido como extremo e sem conseguir ver alternativas para diminuir essa sensação ruim ligada a si e à existência, o sujeito pode vir a tirar a própria vida. Por fim, um romance alemão de 1774 intitulado como *Os sofrimentos do jovem Werther* (GOETHE, 2009) narra a história de Werther, que se apaixona por uma mulher casada e com filhos. Diante da impossibilidade de tê-la como sua esposa e gozar de seu amor como o marido dela faz, o jovem retira a própria vida, pondo fim em seu sofrimento oriundo da impossibilidade de viver com sua amada e a ter que vê-la com outro homem, nesse caso seu marido.

No romance, há desejos e diante deles a impossibilidade da vivência, existe um sofrimento descrito como imensurável, pois, para o jovem apaixonado, sua fonte de energia é o amor e a esperança de constituir uma relação, uma família com sua amada. Frente à impossibilidade de viver uma relação amorosa e sem que se dê conta da existência de outras possibilidades e de novos encontros, o autor Goethe ([1774] 2009) permite o personagem que finalize sua existência, dando a entender que só existe um amor e uma possibilidade de vivê-lo, perdendo-a, e o jovem assume sua incapacidade e sentencia a sua existência ao fim.

Nesse aspecto, reviver a experiência de separação do objeto amado remete muito à experiência com o objeto primário. Minerbo (2012) explica essa teoria, em que nos primeiros meses de vida do recém-nascido, a criança sente como se a mãe/cuidadora fosse uma extensão de seu próprio corpo, afinal, só dessa maneira para que sua fome, sede e outras necessidades fisiológicas fossem saciadas, sua dor fosse amenizada e seu corpo afagado. Contudo, essa

experiência de se sentir completo e pleno é, aos poucos, desfeita, por meio da ausência, da frustração e da reparação. A mãe suficientemente boa, conceito de Winnicott (1975) em que ele defende a necessidade que o filho tem em ser frustrado, para que assim possa desenvolver recursos para lidar com as frustrações que a vida o propiciará, deve se ausentar.

Toda relação gera o sentimento de frustração, no entanto, também é possível desenvolver possibilidades de simbolizar essa vivência e obter recursos psíquicos ou sociais para ser amparado diante da dor ou do sentimento. Terminar uma relação amorosa cheia de emoções, afetos e presença, é lidar novamente com a experiência de perda do objeto amado. Se, no amor, a busca é por restabelecer um vínculo e com ele reviver os sentimentos e experiências de uma vida com o outro, no término, o desejo desse encontro não se finda, apenas é interrompido. Para que possa se vincular novamente, é necessário que haja a elaboração desse luto simbólico vivido com o fim da relação amorosa.

O luto pode remeter a um momento difícil, que, no geral, está relacionado com a dor e com a perda. Não há interesse por parte desta pesquisa em abordar o luto relacionado à perda por morte do parceiro, mas sim, aquele em que se perde a presença, pois o outro continua vivo e existindo, muitas vezes vivendo com um novo amor. Não há substituição, mas um novo vínculo amoroso, fazendo com que quem não faz mais parte desse vínculo se veja como excluído e morto simbolicamente no imaginário do seu antigo parceiro(a). Entretanto, é importante entender que ambos precisam morrer na consciência do outro. O mesmo autor escreve que “para garantir a sobrevivência, após o término do relacionamento, provoca-se a morte da consciência de um ser vivo dentro de outro ser vivo” (CARUSO, 1986, p. 19).

Sendo assim, é preciso lidar com a informação de que o outro não existe mais na relação, mas vive e pode se vincular novamente, assim como amar. Esse é um motivo de sofrimento, saber que o outro pode amar novamente, e que você não existe mais para quem antes lhe amava. O sentimento de falha, pode se fazer presente, pois, como Freud expressa em *Luto e Melancolia* (1996), devido à perda do objeto amado, o mesmo pode ser deslocado para o ego e, como consequência, o sujeito em sofrimento pela perda passa a se flagelar. Assumir a responsabilidade e o sentimento de falha em sustentar a relação é uma forma agressiva que o superego dispõe para atacar o ego, já que a relação nunca depende apenas de um dos parceiros para ser nutrida e sustentada.

A elaboração do luto pelo término é percebida quando o sujeito aceita o término do relacionamento, permite-se viver e pensar sobre o que foi vivido no relacionamento e aceita que ambos continuam suas vidas de modo separado, o que os permite viver novas relações. Portanto, o sujeito consegue reorganizar a distribuição da energia libidinal, passando assim, a

investir de maneira fracionada no ego, nos objetos externos e no eu, como também em um novo objeto de amor.

CAPÍTULO TRÊS

3 Uso dos Aplicativos na vida contemporânea

Desde o surgimento da *internet*, na década de 1990, até os dias de hoje, muitas mudanças ocorreram com relação às tecnologias de compartilhamento de dados. Essa pesquisa apresenta que, uma das mais notáveis mudanças é o fato de que, inicialmente, a *internet* era voltada para grandes empresas, governos etc. Esse cenário “excludente”, de acesso e conhecimentos restrito a respeito da *web* foi, pouco a pouco, alterando-se. Segundo o *site G1* (2019) a *internet* passou a ganhar cada vez mais espaço nas residências e na vida das pessoas. No Brasil, o advento da *internet* ocorreu em 1988, quando os serviços de *web* foram disponibilizados para as empresas de grande porte e universidades.

A possibilidade de compartilhar dados em uma velocidade jamais imaginada trouxe consigo a possibilidade de contato — ainda que “imaterial” — entre as pessoas, independentemente do quão longe elas se encontrem. Foi para esse fim, isto é, estabelecer e manter o contato, que vários *sites*, plataformas, *apps* e outras tecnologias foram desenvolvidas. Antes mesmo do serviço de mensagens do *Windows Live Messenger*, uma das mais conhecidas plataformas de mensagens instantâneas, outros programas atravessaram e marcaram a experiências dos brasileiros que começavam a usar a *internet*.

No Brasil, entre 1994 e 1995 foram lançadas as conhecidas salas de “bate papo on-line”, *sites* cujo objetivo é promover o diálogo entre pessoas, conhecidas ou não. Mas, sempre houve, também, *softwares*, isto é, programas de computador voltados para esse fim. Segundo Pedrosa (2013), os primeiros programas criados foram *ICQ* e *mIRC*, a fim de que os usuários pudessem trocar mensagem de forma anônima (ou não).

No ambiente empresarial e universitário, as pessoas passaram a utilizar cada vez mais os correios eletrônicos, popularizados no Brasil em sua roupagem terminológica americana, os conhecidos *e-mails*. Eles funcionavam/funcionam de modo semelhante ao das cartas. Os textos eram/são escritos e inscritos numa estrutura dialógica, em que um destinador endereça uma mensagem a um destinatário por meio de um canal, que pode ser mais ou menos eficiente no que se refere ao estabelecimento do contato. No caso das missivas e telegramas, esse tempo de contato levava um tempo maior para se estabelecer. Com os *e-mails*, essa espera diminuiu um pouco mais. Mas foram, de fato, os *softwares* e *apps* de mensagens instantâneas que encurtaram de vez essa espera, chegando, por fim, até mesmo a encurtar a distância, ainda

que “ilusoriamente”, através de chamadas de vídeo, salas de conferências *on-line* etc.

Segundo Loureiro (2017), o *WhatsApp* divulgou, em maio de 2017, que possui cerca de 120 milhões de perfis ativos, isto é, são mais de 100 milhões de pessoas que baixaram e utilizam esse *app/software* no Brasil. Já em termos mundiais, os números, ainda segundo Loureiro (2017), ultrapassam a casa de 1 bilhão. Como se nota, essa informação corrobora o fato de que o meio digital, seja por meio de *apps*, *sites* ou plataformas, tornou-se ambiente privilegiado de contato, compartilhamento de experiências, afetos e vínculo entre as pessoas.

A forma como as pessoas têm estabelecido vínculos e alimentado suas relações, ao utilizarem esses *apps* e plataformas que permitem diálogos instantâneos e dinâmicos, tem influenciado e moldado novas formas de se relacionar. É interessante ressaltar que esses diálogos ocorrem no ambiente digital, isto é, na interface dos *apps*, plataformas e *sites*. Mas, de modo relativamente semelhante, no “mundo concreto”, as pessoas também vivenciam a comunicação de maneira quase que instantânea. Não à toa, a comunicação em ambiente digital tem satisfeito as últimas gerações, influenciando e moldando as suas relações — mais ou menos efêmeras, mais ou menos “reais”.

Mas, o advento da *internet* não trouxe apenas bons frutos. A disseminação de *apps* e plataformas de comunicação e, principalmente de finanças, compras etc. trouxe consigo a criminalidade no ambiente digital. Apenas a título de curiosidade, não são apenas os dados dos civis que estão em risco no ambiente digital. Após o sistema da bolsa de valores dos E.U.A. ser invadido em 2010, os governos e empresas passaram a investir pesado em tecnologias de segurança da informação, através de pesquisa e estudos sobre controle de dados (TERRA, 2010).

Outro ponto que tem recebido atenção é a regulamentação e ampliação de leis que visam fiscalizar ações e atividades na *internet*, de maneira que se instaure uma cultura digital embasada na ética e na manutenção dos direitos. É nesse sentido que, desde 2012, a *Constituição Federal do Brasil* (BRASIL, 1988) dispõe de penalização sobre crimes e delitos em ambiente digital, na tentativa de que a sociedade internalize a ética necessária para existir na rede, isto é, a importância para a convivência e interação entre os usuários e seus aplicativos.

A partir dos anos 2000, os aparelhos celulares passam a incorporar a tecnologia e se tornam pequenas ferramentas de utilização da *internet*, e mais recentes, computadores de mão. A facilidade em administrar sua vida e atuar em várias funções do cotidiano utilizando aplicativos instalados no celular vai desde as ligações, passa pelas redes sociais e chega às negociações bancárias e reuniões por videoconferências. A possibilidade de efetuar atividades

cotidianas e de trabalho sem sair de casa criou uma espécie de capacidade de se estar em diferentes lugares e de estabelecer contato com diferentes pessoas, tudo isso a um só tempo.

Nesse sentido, o sentimento de regulamentação, fruto da internalização das regras e normas, é fundamental para se estabelecer uma cultura digital segura. Do mesmo modo, ele é fundamental para que possamos avançar em aspectos sociais que têm lugar no ambiente digital, em especial, aqueles que se relacionam com questões de saúde pública (mental, sexual etc.). As redes sociais, os aplicativos e plataformas de interação e relacionamentos mostram que a sociedade tem desenvolvido e agregado funções e necessidades aos seus aparelhos. Isso, porque, existem aplicativos para várias funções do cotidiano, desde compras pela *internet*, estudos, *GPS*, procedimentos bancários, *player* de músicas e muitos outros.

No que diz respeito ao acesso à *internet* em maior escala, que foi possibilitado pela disseminação dos aparelhos celulares, os conhecidos *smartphones*, há de se destacar que a venda de aparelhos com *internet* primeiro foi direcionada às classes mais altas, levando algumas décadas para atingir as camadas mais desprivilegiadas da sociedade. Embora hoje a *internet* ainda seja um privilégio de alguns, não se pode negar o fato de que ela se tornou uma necessidade social. É, nesse aspecto, que acreditamos que fazer parte do sistema como usuário é muitas vezes comparado à ideia de existir.

Dessa maneira o ambiente digital passou a modificar a estrutura que se utiliza na comunicação e nos vínculos atualmente. Seja a escrita, que recebe vocabulário específico, ou as relações intermediadas pelos aparelhos, pois, neste último caso, as pessoas vão se adaptando e cada vez mais inserindo aplicativos como recursos essenciais a existência em sociedade.

A necessidade, a falta que o celular gera, é motivada pelas funções que ele nos permite realizar, como afirma Perez (2019). Comunicar-se foi a primeira função dos celulares. Os aparelhos de celulares também permitem as pessoas se locomoverem de forma a se orientarem por aplicativos, e mais do que isso, podendo interagir e comunicar com outros contatos de forma paralela ao uso das demais funções. Notando que os celulares não perderam suas funções anteriores à incorporação das tecnologias e do uso de aplicativos. Com o decorrer dos anos, as demandas e necessidades dos usuários foram gerando interações e estimulando a dependência por parte dos sujeitos e seus aparelhos. Perda de controle sobre o uso e o tempo gasto com os aparelhos e seus aplicativos são uma realidade posta, temida e estudada. É nesse aspecto que a *internet* também pode se tornar causa de adoecimento social e individual dos sujeitos que dela fazem uso, justamente por desenvolver esse sentimento de dependência entre usuários e aparelhos. Portanto, não se pode mais tratar o ambiente digital

como um “lugar” fronteiro, cercado de limites que não permitem com que o sujeito toque diretamente a realidade, pois:

estamos vivendo em outra época. A internet e o ‘mundo real’ não são mais conceitos distintos. Pelo contrário: eles se misturam, e vivemos num mundo em que as duas coisas estão conectadas de forma quase indistinguível (ANDERSEN, 2018, p. 103).

Tanto o é que, hoje, a *internet*, com o auxílio de novas máquinas, tornou-se não apenas uma tecnologia de compartilhamento de dados, mas, também de afetos, angústias etc. Não são poucos os aplicativos que têm sua função destinada a fazer com que pessoas de distintos lugares possam manter contato, nutrir relações sem que tenham estado fisicamente no mesmo lugar. Esses sujeitos até podem vir a se encontrar fisicamente, mas a *internet* é, muitas vezes, o início.

E, nesse ponto, gostaríamos de nos aproximar mais do tema desta dissertação, que diz respeito ao papel dos *apps*, destinados a promover relacionamentos, no estabelecimento de novos vínculos em situações de pós-término. Diferentemente dos *softwares*, que são programas de computador que “se comunicam” diretamente com a máquina (por exemplo, *drives*, interfaces gráficas etc.), os aplicativos são desenvolvidos tendo em vista a realização de tarefas específicas, por exemplo, editar fotos, textos e até mesmo “encontrar um amor”, sendo este o caso que mais nos interessa aqui.

Os aplicativos se popularizaram por meio dos *smarthphones*, e são ferramentas amplamente utilizadas por nossa sociedade atualmente. Dentre esses usos, gostaríamos de focalizar aqui a popularização dos aplicativos que foram desenvolvidos para ajudar e ou auxiliar as pessoas a se vincularem de maneira amorosa e sexualmente, como dizíamos mais acima. Isso possibilita que qualquer sujeito busque por um par, definindo gênero, sexualidade, preferências, perfis, tribos entre outras características e desejos.

Esses sujeitos, usuários dos aplicativos, apresentam-se nas redes sociais fazendo uso de diversos recursos. Eles podem se identificar pelo nome, pelo pseudônimo, por foto. Apontar hábitos, preferências etc. Independentemente do caso, do perfil etc., o algoritmo garantirá, sempre, o contato entre pessoas relativamente próximas em termos geográficos, e relativamente próximas em termos de “gostos”, de estilos de vida etc. É o caso do *Tinder*, *Hornet*, *Grinder*, *Happn* e uma infinidade de outros *apps*.

Outro ponto interessante são as novas funções, muitas delas não esperadas pelos desenvolvedores, mas que, no uso, os usuários atribuem aos aplicativos. Rasmussen (CANALTECH, 2020) descreve o *Instagram* como rede social em que os usuários compartilham fotos. Além das fotos, o aplicativo também permite o compartilhamento de

vídeos e transmissões ao vivo. No entanto, o *Instagram*, a partir de uma atualização, que trouxe o recurso *stories* (micro vídeos instantâneos que permitem a quem os visualizou reagir com figuras que simulam expressões) gera possibilidade de paquera, flerte e relações amorosas. Ou seja, a necessidade/possibilidade de afetos no aplicativo modificou e moldou seus recursos.

3.1 Os aplicativos e a comunicação

Han (2018) escreve sobre a estrutura da linguagem, como ela é organizada de modo que um ou mais falantes transmitam as informações. O autor defende que não é não somente na gramática que o sentido da língua se constrói, mas também nas relações hierárquicas estabelecidas entre os sujeitos falantes, pois, para esse autor, há um detentor do saber e os que recebem a informação.

Nas plataformas midiáticas, isso é matizado um pouco, pois nelas o saber é posto como uma estrutura horizontal, de modo que em um texto postado qualquer pessoa que tenha acesso pode se identificar como receptor ou destinatário do conteúdo. Assim como também compartilhar o que pensa sobre algo, como se estivesse compartilhando um conhecimento pesquisado e confirmado como verdadeiro. O que de fato não passa de uma suposição ou reflexão pessoal sobre um assunto qualquer.

O problema então se instaura sobre o que seria verdadeiro e o que seria suposição. Essa forma de disseminar conhecimento se apresenta socialmente também em outros contextos e provavelmente seria bem aceita. No entanto, para o autor, o conhecimento e o saber científico precisam manter uma estrutura hierárquica: um suposto detentor do saber que transmite ao outro e comprova o que está falando, por meio de um percurso científico, e aqui entendemos como científico o que tem fonte e é passível de consulta.

As páginas, aplicativos e espaços são denominados de plataformas midiáticas e estas ainda esbarram em questões simples e atuais, o que é aceitável, visto que estamos vivendo o desenvolvendo e estudando a utilização das mídias no cotidiano. O social se expande por meio desse canal de comunicação que são os aplicativos e os programas existentes na rede.

Em relação a essa expansão do social, Han (2018, p. 99) também explica que, nas plataformas midiáticas não existe privado, apenas o público é vivido, pois nas mídias o que é exposto pode ser acessado por todos, e até mesmo as conversas privadas, são registros de ambos, desse modo, cada um pode fazer o uso que desejar com o registro do diálogo. Gerando sempre uma ampliação sobre a discussão do privado, estabelecimento de vínculo emocional e

do público, e da ausência de vínculo emocional afetivo.

Essa discussão é importante para entendermos o processo de presença no ambiente virtual, assim como de estabelecimento de cuidado nas relações nesses mesmos ambientes, como *posts* de discussão sobre temas diversos. Afinal é por meio da vivência de sentimentos também como sofrimento, raiva e angústias que se lida com a perda do relacionamento amoroso, assim como na vivência do luto.

Muitos estão dispostos a defender seu ponto de vista nas redes sociais, mesmo sabendo que nem sempre serão ouvidos ou terão seus comentários lidos, no entanto, isso não impede os que se dispõem a se expressar, a fim de ampliar a reflexão, de se fazer ser ouvido ou presente no ambiente virtual, expressando suas indignações pessoais.

Isso é contabilizado devido à intensidade posta no vocabulário dos comentários, escolha de palavras e organização da frase. A *internet* dá voz a todos que necessitam expressar o que pensam e o que sentem, mesmo que nem todos consigam. Han (2018) engloba a ideia base da informação, em que um locutor cria a mensagem, usa um canal e ela chega ao interlocutor, destinatário. Na *internet* essa estrutura se amplia, no sentido que qualquer mensagem é destinada a quaisquer pessoas que tenham acesso a ela, e desse modo, qualquer pessoa é identificada como destinatária, o que lhe dá o direito de responder.

Devido a essa falta de identificação de destinatário e do direito de resposta, o saber passa a ser horizontal, permitindo que todos falem, opinem e se produza muita informação a respeito de qualquer coisa. Para Han (2018), isso tem gerado as *Fake News*, que são informações falsas e sem fonte confiável, ou seja, não provam ou informam sobre o como obtiveram a informação.

Essas informações falsas “queimam” os aplicativos, ambientes midiáticos e distanciam os usuários do verdadeiro e do seguro. O que está relacionado, de certa maneira, ao investimento de sentimentos nesses espaços virtuais. O fato de os sujeitos poderem expressar ou não seus sentimentos, faz com que eles se questionem e busquem colocar-se no lugar do outro enquanto pessoa. Cuidando das relações e investindo afetos nesses aplicativos e ambientes.

Sendo assim, o senso comum se instala também nas mídias. Como meio de amenizar essa “*shitstorm*”⁴. Essa base contextual nos serve para defender a ideia que, quando se trata de

4 Han (2018, p. 14) em nota de rodapé: “Shitstorm, traduzido tipicamente como “tempestade de indignação”, mas que mais literalmente significaria “tempestade de merda”, é o termo usado para descrever campanhas difamatórias de grandes proporções na *internet* contra pessoas ou empresas, feitas devido a indignação generalizada com alguma atitude, declaração ou outra forma de ação tomada por parte delas. Originalmente, o termo em inglês é apenas um difemismo vulgar para uma situação extremamente desagradável”.

informação, conhecimento, tem que existir uma hierarquia, um suposto saber, em que um grupo detém o saber sobre algo e como resultado expressa essa informação, que foi verificada em sua fonte antes de ser exposta, assim como pesquisas que são meios de comprovar uma informação antes de serem divulgadas, enquanto que na “*shitstorm*” não há essa verificação, se tratando apenas de difusão de informações baseadas em pontos de vista e conclusões pessoais.

Han (2018) nos convoca a refletir sobre o uso das imagens e seu papel nas mídias digitais. Para ele, “refugiamo-nos nas imagens para sermos melhores, mais bonitos e mais vivos” (HAN, 2018, p. 53). E, desse modo, nos apresentamos por meio de imagens para buscar se fazer presente de modo diferente, dentro do que desejamos nos apresentar ao outro. Essas imagens que buscam representar o sujeito em seus aplicativos de interação “realiza[m] uma inversão icônica, que faz com que as imagens pareçam mais vivas, mais bonitas e melhores do que a realidade deficiente percebida” (HAN, 2018, p. 53).

O desejo em se apresentar ao mundo pelos olhos virtuais de forma a manipular as informações contidas em uma imagem são recursos atuais e utilizados a favor dos usuários. Como Pelúcio (2017) também demonstra em sua pesquisa, “Essas preocupações com a forma de se apresentar visualmente por meios digitais me pareceram mais flagrantes entre os homens mais jovens, aqueles entre 29 e 40 e poucos anos” (PELÚCIO, 2017, p. 160).

Por esse meio, as pessoas trabalham suas imagens pessoais, ou seja, suas *selfies*, a fim de, passar por meio da imagem da foto as informações pessoais que julgam interessantes aos que a visualizam pelas mídias. É necessário, portanto, que o usuário compreenda o *modus operandi* e o *modus vivendi* de cada mídia, os indícios comumente fornecidos para sabermos se a pessoa está triste, feliz, ou qualquer outro interesse que busque demonstrar por meio da comunicação no aplicativo. Um exemplo são os *memes*, gifs e as figurinhas.

É possível entender também que as imagens são representações textuais se interpretarmos que, assim como uma mensagem escrita utilizando palavras expressa uma ideia, um afeto, logo, uma imagem também expressa. Elas constroem sentido, assim como os textos verbais, mas utilizam recursos de outra ordem. Se eu quero parecer inteligente, uso as vírgulas, escrevo “certinho” (no texto verbal). Se eu quero manter essa ideia numa foto, tiro foto lendo, de óculos, coisas assim.

Enquanto isso, algumas imagens por si só conseguem expressar a informação e o sentimento que o produtor busca que o visualizador veja, interprete e/ou instigue em seus expectadores. Nem sempre as mensagens por textos se fazem entendíveis, e por vezes há necessidade de explicações. Então, essas pessoas com interesses pela comunicação utilizando

de imagens, o fazem por conseguirem se adaptar e internalizar a construção de informação com palavras e frases curtas, podendo misturar a imagens. Esse recurso da utilização da imagem, para HAN (2008), expressa que “fotos belas, com imagens ideias, os protegem da realidade suja” (HAN, 2018, p. 55). Um recurso atual propiciado pelas mídias e aplicativos.

A produção de informação por meio dos elementos encontrados nas imagens e nas suas referências são ferramentas utilizadas tanto no cotidiano por meio de roupas, maquiagens e outros objetos, quanto na utilização dos recursos como, enquadre, efeitos de luz, alteração de intensidade das cores.

As pessoas não escondem que julgam imperfeições, utilizam de ferramentas artísticas tanto quanto um profissional que trabalha com esses aplicativos de edição de imagens, como também os usuários que não são profissionais, mas incorporaram as atividades aprendidas e praticadas. Trabalhar com a informação por meio de imagens não é uma ferramenta do contemporâneo, se pensarmos que desde os humanos que habitavam as cavernas já pintavam imagens em sequência com interesse de registrar informações.

Han (2018) compara as mídias digitais e as mídias analógicas e conclui que a distância entre elas e o cotidiano é maior para as digitais, por haver menos analogia entre o digital e o cotidiano. Trata-se, dessa maneira, de uma fuga e de proteção utilizadas pelas pessoas em relação a alta produção de imagens.

A ideia acima, apresentada pelo autor, trata como fuga porque a imagem apresentada nas mídias passa ser idealizada, aumentando a expectativa e elevando a possibilidade de frustração. Pois, as pessoas buscam como resultado encontrar concretamente o que está na imagem e de forma fidedigna.

Há um desejo voraz por parte do usuário que alguém pudesse, por exemplo, tirar uma foto de um animal brincando e registrar não só a imagem no ângulo perfeito, mas também as cores. Para evitar que no encontro pessoalmente não haja distinção entre a imagem e a coisa contida na imagem (pessoa, objeto, paisagem ou outra coisa qualquer). Lidar com a frustração causada pela quebra das idealizações produzidas nas mídias digitais é também uma realidade para os encontros promovidos inicialmente via aplicativos.

Qual informação se busca passar em um perfil no aplicativo, e o quanto dessas informações se sustenta no cotidiano e no convívio do dia a dia? É importante pensarmos que tanto nos perfis de aplicativos, quanto no cotidiano, as pessoas criam expectativas sobre o pouco que se conhece do outro, e em ambos as pessoas se apegam a características que lhes agradam. Expectativas e idealizações são produzidas pelo locutor e pelo receptor. Diante das necessidades criadas pelo social,

Hoje a mania de otimização abrange também a produção de imagens. Em vista da realidade sentida como incompleta, nos refugiamos nas imagens. Não é com a ajuda da religião, mas sim com a técnica de otimização que nos contrapomos a facticidades como corpo, tempo, morte etc. A mídia é desfactizadora [*defaktifizierend*] (HAN, 2018, p. 57, grifos nossos).

Isso se configura como uma nova forma de comunicação e produção de informação. Utilizam-se imagens como resumos ou meios sucintos de apresentar ideias, conceitos e informações. Sendo assim, essa é uma necessidade atual, a comunicação e o estabelecimento de vínculos em que se utiliza de imagens como diálogos, por essas imagens representarem e expressarem informações.

“A mídia digital não tem idade, destino e morte. Nela, o tempo é mesmo congelado. Ela é uma mídia atemporal. A mídia analógica padece do tempo (HAN, 2018, p. 57)”. Isso nos fala sobre a possibilidade de postarmos uma imagem do presente, mas que é possível também que seja postada uma imagem do passado, dias, meses ou ano anteriores.

A identificação do tempo específico da produção é uma informação do produtor e que nem sempre o receptor tem acesso. Uma imagem pode se eternizar na memória e ou na sua utilização de forma contínua ou esporádica. Para Han (2018) “ela caracteriza uma presença [*Präsenz*] e um presente [*Gegenwart*] permanentes. A imagem digital não floresce ou reluz, pois a negatividade do murchar está inscrita no florescer e na negatividade da sombra, no brilho” (HAN, 2018, p. 58).

Se para Han (2018) as informações chegam muito rápido como nas *shitstorms*, ou seja, o surgimento de novas informações que fazem as anteriores serem esquecidas ocorre em velocidade superior. Por outro lado, Han (2018) também aponta para o poder de eternização de uma imagem ligada a afetos, além da função que mídias podem ter para os sujeitos na sociedade e nas relações. No entanto, podemos notar que, sendo as imagens uma modalidade artística, ela leva seus visualizadores a interpretações e imaginações que embelezam, por vezes, a existência e o presente. É interessante a intensidade das modificações que o sentido das ações e das atividades sofrem quando falamos e interagimos pelo aplicativo no cotidiano. Se um abraço é um ato de cumprimentar pessoas, mesmo aquelas que acabamos de conhecer, cada aplicativo tem seus códigos de linguagem, mesmo não verbais. Receber fotos, áudios ou outras ações podem demonstrar invasão de espaço, ofensivo e deselegante:

Antes da troca de áudios, muitas vezes tidos como invasivos, que também oferecem muitas pistas sociais como sotaque, por exemplo, e timbre de voz, a escrita pode indicar pertencimento de classe, além de sugerir alguns traços de personalidade e habilidades sociais: sagacidade, humor, simpatia,

amabilidade, tranquilidade (PELÚCIO, 2017, p. 160).

As análises são de outra ordem, mas com pontos de partida iguais. Independente da origem da relação, se ocorreu por intermédio de aplicativos ou no cotidiano, as pessoas flertam e buscam parceiros pelos espaços que habitam, e existir por meio de um perfil no aplicativo é habitar esse espaço e mídia. A possibilidade de observar, oferecida pelas mídias, seguida do ouvir, visualizar e tocar, é importante para diminuir as fantasias e fantasmas que muitos carregam consigo. O amor paralelo aos aplicativos movimenta sentimentos de alegria e dor, felicidade e tristeza, e por isso é necessário que seja analisada a sua forma de se expressar e se apresentar nos perfis, nos aplicativos e demais áreas das mídias e aplicativos.

3.1.1 Relacionamento amoroso e mídias no contemporâneo

O sentir-se bem na presença do outro é relevante e nos faz entender que essa pessoa pode ser o nosso amor. E talvez, hoje, esse sentimento de completude possa ser realizado de uma maneira diferente daquela vivida até pouco tempos atrás, que pressupunha a presença física para ocorrer. Atualmente, é possível estar virtualmente presente em outra cidade, estado e país, assim como em outro continente utilizando da tecnologia. Isso, porque, tecnologias como as plataformas midiáticas e aplicativos permitem que pessoas se comuniquem, desenvolvam e estabeleçam vínculos, conheçam-se e se apaixonem por um número maior de parceiros. Isso também aumenta o número de lugares em que se pode estar presente por meio dos aplicativos, o que proporcionalmente aumenta as chances de encontrar alguém utilizando apenas um celular. Esses aplicativos podem ter diversos tipos de usuários, que são pessoas de vários lugares cadastradas, muitas vezes, sem limites de distância entre eles.

Partindo da ideia de que cada aplicativo pode ser um ciberespaço e que por meio deles é possível estar presente em vários espaços, cabe pensar: se o sujeito está com seu celular, tem acesso à *internet* e baixou aplicativos como *WhatsApp*, *Messenger*, *Facebook* etc., ele encontrará perfis com várias características, direcionados por algoritmos específicos. Esses perfis podem ser compostos por pessoas que, no geral, não fazem parte do seu convívio físico e espaço geográfico. Por meio dessas plataformas digitais, os usuários podem iniciar e estabelecer um diálogo e assim alimentar um vínculo através da *web*.

Aqui, é necessário pontuar que, assim como a comunicação é cotidianamente expressa por várias linguagens, que podem ser verbais ou sincréticas, nas mídias e plataformas digitais a linguagem também vai se adaptando e ganhando estruturas diferentes a fim de responder a esses diferentes contextos. Para Pelúcio (2017), as reações (recursos de

mensagem por figuras de rostos, palmas, curtidas) empregadas por usuários do *Tinder* e *Happn*, com o objetivo de conhecer e se relacionar sexual e afetivamente, expressavam significado específico à configuração do aplicativo.

Como resultado desse fenômeno, os modos de comunicação têm se inovado a partir da forma como o contato tem sido estabelecido nos ambientes digitais, uma vez que os usuários de *apps*, *sites* e plataformas têm incorporado palavras inglesas, abreviações, *memes* etc., gerando novos usos ao se expressarem por meio de uma comunicação sincrética.

Ao interagirem pelas ferramentas e opções estabelecidas por programas e aplicativos, os usuários precisam se familiarizar e entender como eles funcionam, dominar a sua linguagem. Isso equivale a expressar satisfatoriamente, usando os recursos disponíveis para se comunicar, o que estão sentindo e desejando. Pelúcio (2017) observou que, em um dos aplicativos do qual ela fez uso para fins de pesquisa, foi necessário entender qual a função e significado de cada ícone no contexto dos diálogos. Isso, porque, muitas conversas eram iniciadas por meio de um “coração”, que representava “gostei”, ou de um “x”, que passava a ideia de “não curti”. Essa comunicação estabelecida de forma específica, nesse aplicativo e em outros, por vezes, pode se estender ao cotidiano.

No entanto, por consequência do processo em que a sociedade se insere, que permite uma reconfiguração de envolvimento social e do psiquismo humano, algumas relações questões têm sido impostas à sociedade, com a intenção de entender como o vínculo tem se transformado, tanto no sentir quanto no expressar/compartilhar nas mídias digitais. E não é estranho que, atualmente, vejamos crianças de todas as idades com seus olhos direcionados e atentos a vídeos, imagens e sons emitidos por aparelhos tecnológicos, que não escapam do processo de subjetivação, e marcam o amadurecimento psíquico desde a infância.

Atualmente, a *internet* faz parte do cotidiano e a sociedade se expressa e vive também nos ambientes virtuais. E devido a isso, as configurações das relações e do se expressar têm se apresentado também nas mídias digitais, de tal maneira que as pessoas se expressam emocionalmente em redes sociais e se apresentam em aplicativos quase que tão naturalmente quanto se apresentariam pessoalmente. É possível se apresentar, conhecer e manter contato com outra(s) pessoa(s) tendo acesso à *internet* e às as redes sociais.

A importância dos aplicativos e das redes sociais, nesse contexto recente, parece-nos estar no incentivo e na facilidade de se estabelecer comunicação, interligando todos os continentes da terra. Assim como também tem auxiliado em pesquisas com seres humanos em outras áreas de estudo, como a biologia que utiliza a tecnologia atual a seu favor, de modo que esses conhecimentos adquiridos de forma tão precisa e com estudos avançados, são

propiciados por esses recursos tecnológicos.

O amor é como se fosse um desses recursos que está sendo englobado pelos aplicativos. Estes últimos, de algum modo, permitem algum tipo de afetação que se liga ao amor, capturam o sentimento e disponibilizam em suas interações entre os usuários. Quando, na verdade, os aplicativos apresentam imagens e formas de chamar a atenção de outros usuários, isto é, lançam mão de recursos e estratégias que incentivam a interação. Dessa maneira, a popularidade aumenta de forma proporcional aos *downloads* e amplia-se a população de usuários e perfis para interação.

Assim como existem as populações que se movimentam no cotidiano, e falo movimentação no sentido da ação e vivências, nos aplicativos também há interações e vivências. Se os vínculos estabelecidos entre os sujeitos vão se intensificando, ou não, de acordo com o investimento de atenção e interação, isso nos leva a pensar a respeito das ações exercidas nos aplicativos que representam quase que concretamente os desejos dos indivíduos. Vejamos os atos de bloquear, excluir e apagar “lembranças”, como é possível no *Facebook*, ações próximas aos desejos que os indivíduos podem sentir ao viver um término de relacionamento amoroso. Nos aplicativos, o ex pode deixar de existir por meio da exclusão e do bloqueio, ao menos no contato por esses aplicativos.

A internet está tão presente na vida e nas relações sociais que não haveria possibilidade de se negar os sentimentos que, junto com as mensagens, chegam aos seus destinatários. Concordar com a existência dos afetos nas interações sociais via aplicativos, permite-nos pensar que não há como separar os vínculos virtuais dos vínculos cotidianos, porque ambos são permeados por afetos e sentimentos reais.

No entanto, autores como Andersen (2018) defendem o recrudescimento e até mesmo a ausência de emoções nos ambientes virtuais. Para esse autor, as pessoas se tornam apáticas e menos emotivas nas redes sociais. Mas há também quem afirme o contrário. Han (2018) e Pelúcio (2017) acreditam que as pessoas se entregam e expressam mais sentimentos, o que por vezes é motivado pelo anonimato, como quando ficam nervosas e esbravejam por meio de mensagens, textos etc., munidas de um sentimento de impunidade em função do anonimato. Ou seja, apesar do anonimato, os sentimentos permeiam as relações estabelecidas nos aplicativos. Pois, mesmo as pessoas com características mais apáticas, isto é, aqueles que negam estabelecer vínculos afetivos ao usarem seus perfis nas redes sociais e *apps*, estão negando o ato de reagir em relação aos aparelhos e suas funções, assim como com as relações nele estabelecidos. Nesse sentido, negar a expressão do sentimento ou se apresentar como apático não nega a existência dos sentimentos e afetos por parte dos usuários.

3.1.2 A utilização de aplicativos e a vivência do término de relacionamento amoroso

Esse tópico será mais bem desenvolvido após a análise completa das entrevistas. No entanto, gostaríamos, desde já, de adiantar alguns aspectos. Para Han (2018, p. 99) “na *internet* não há segredos e logo não há privacidade, principalmente se entendermos que os destinatários podem ser qualquer pessoa que visualizar e tenha um perfil para poder responder a qualquer usuário”. O autor nos fala, portanto, que se todos respondessem o que pensam sem antes conferir o grau de verdade, as informações iriam se misturar de tal maneira que não daria para conferir.

Falar sobre esse papel público que a *internet* desempenha faz com que tudo que é postado nas mídias ganhe vários destinatários, tanto em relação a conteúdos privados como públicos. E por isso, o *Instagram* e o *Facebook* utilizam o recurso “curtir” e a função “curtir” com a expressão realizada, por meio de *emotions* e *Gifs*, que são figuras e imagens dinâmicas. Cada imagem expressa uma ideia e cada usuário internaliza o que lhe convém de informação. Esse modo de funcionamento social, que busca aprovação por meio das mídias digitais, além de tamponar os sentimentos e o sofrimento da existência, também busca estabelecer uma forma de relação.

Se o ato de se estar nas mídias e plataformas por meio dos perfis não é o suficiente, então as pessoas passam a exigir mais recursos. De uma forma narcísica, os sujeitos buscam ser investidos quase que integralmente. Caso não seja integral, é importante que cada indivíduo possa se sentir investido nesses ambientes e nas relações. Ou seja, o funcionamento e a linguagem estabelecida nas mídias digitais, aplicativos favorecem esse tipo de funcionamento, quando se busca atingir os *likes* nas publicações.

“Hoje, as coisas perdem cada vez mais os significados. Elas se submetem às informações. Essas, porém, apenas oferecem novos sustento a fantasmas” (HAN, 2018. p. 98). A comunicação é um conjunto de sentido que cada signo carrega consigo e, portanto, os afetos acompanham as palavras, como se essas fossem veículos ou caronas:

A comunicação digital toma não apenas forma espectral, mas também viral. Ela é contagiante na medida em que ela ocorre imediatamente em planos emocionais e afetivos. O contágio é uma comunicação pós- hermenêutica, que não dá verdadeiramente nada a ler ou pensar. Ela não pressupõe nenhuma leitura, que se deixa acelerar apenas de maneira limitada. Uma informação ou um conteúdo, mesmo com significância muito pequena, se espalha rapidamente na internet como uma epidemia ou pandemia. Nenhuma outra mídia é capaz desse contágio viral. A mídia escrita é lenta de mais para isso (HAN, 2018, p. 998-99).

Saber expressar a informação desejada já é uma tarefa difícil, no entanto, paralelo a isso interpretar imagens que são usadas como referência para uma mensagem é difícil em dois âmbitos. Saber expressar por escrito com a ortografia dando entonação as palavras e a emoção que se deseja transmitir pelas mensagens. Uma música que se compartilha, um poema, uma foto ou *meme*, *gif* e imagem com texto, falam por si a emoção e que o sujeito deseja abordar ao compartilhar em seu perfil. Pois é assim, que alguns usuários buscam lidar com o término da relação amorosa, como podemos conferir nas entrevistas em anexo.

Se, por um lado, o desejo do usuário é de uma conta e que seus conteúdos sejam privados e particulares, por outro, o que ele encontra é um espaço público e compartilhado. Para Han (2018, p. 99), é importante que se preserve a característica pública da *internet*, pois a comunicação e os assuntos dependem dessa característica para não levantarem ao redor da *internet* algo “como pedras e muros, o segredo pertence à ordem terrena. Ele não é compatível com a produção acelerada de informação. Ele é figura contrária à comunicação” (2018. p. 99).

Já nas relações amorosas, é importante que ocorra a comunicação, independentemente da linguagem que ela mobilize (verbal, não-verbal). Ela é fundamental para ligar os parceiros na relação, por meio do diálogo, e conferir-lhes um reconhecimento mútuo, sobre o outro e sobre a relação.

CAPÍTULO QUATRO

4 Metodologia

Este trabalho utilizou uma metodologia de pesquisa de tipo qualitativa. Isso, porque, busca “interpretar o que as pessoas dizem sobre tal fenômeno e o que fazem ou como lidam com isso” (TURATO, 2003, p. 362), o que satisfaz os objetivos que serão perseguidos ao longo desta pesquisa de mestrado. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semidirigidas (também nomeadas semidiretivas ou semiabertas) que, aqui, têm como característica a realização de forma individual e a utilização de um roteiro com oito perguntas.

O roteiro de entrevistas (em anexo) foi elaborado para contemplar os objetivos da pesquisa, investigando questões referentes ao namoro, ao processo de rompimento amoroso e o uso de aplicativos e redes sociais durante todos esses momentos, principalmente após a separação. Essa modalidade de entrevista permite ao entrevistador realizar questões de cunho norteador, mas sem impedir que o entrevistado possa responder livremente às perguntas e se aprofundar em outros conteúdos, de acordo com os seus objetivos, oferecendo maior flexibilidade para que o entrevistado possa expressar sua resposta e seus desejos relacionados ao conteúdo central das perguntas.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra e a partir dos conteúdos dos discursos dos entrevistados foram analisados: o uso de aplicativos e redes sociais para o sujeito e em sua vida, as questões ligadas ao investimento de tempo e ação assim como também ao investimento libidinal, encarado especialmente na relação com o objeto amoroso e com os aplicativos utilizados nos *smartphones*. Os conteúdos identificados foram analisados à luz da teoria psicanalítica.

Para a composição da amostra, “os indivíduos do grupo encontram-se reunidos pelo que chamo de critério da homogeneidade fundamental, isto é, pelo menos uma determinada característica ou variável é comum a todos os sujeitos da amostra” (TURATO, 2003, p. 365). A faixa etária da composição da amostra é de aproximadamente 6 pessoas, com idades entre 20 e 29 anos, alunos de graduação e/ou pós-graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp Assis. O câmpus é composto por alunos de várias cidades do estado de São Paulo, o que enriquece a amostra por expressar uma população estadual.

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/ Câmpus de Assis. Para a realização das entrevistas,

um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” foi entregue aos sujeitos entrevistados, em duas vias, nas quais estão contemplados: a participação voluntária, a garantia da privacidade, os riscos da pesquisa e os seus objetivos.

Os participantes foram convidados por meio da divulgação da pesquisa em grupos do *Facebook* e pelo *Instagram*, utilizados pelos alunos para se comunicar no câmpus. Após contato prévio no aplicativo do *Facebook*, *Instagram*, *Messenger* e ou *WhatsApp*, foram agendados data, local e horário para entrevistas.

No total, foram realizadas sete entrevistas com três homens e quatro mulheres. Sendo que duas delas não foram empregadas na análise por não atenderem aos critérios aqui estabelecidos, em especial pelo fato de o sujeito entrevistado não estar em um novo relacionamento ou ter reatado o anterior. Do nosso grupo de oito entrevistados, foram analisadas as entrevistas de sete, dentre as quais, as de cinco sujeitos que estiveram em um relacionamento heterossexual enquanto dois constituíram uma relação homoafetiva. As entrevistas foram previamente agendadas e feitas com os participantes que foram informados e consultados quanto à gravação. A duração variou: quatro delas duraram em média de 20 a 25min, enquanto duas delas ficaram com uma média de 40 minutos.

4.1 Coletando os dados: as entrevistas semiestruturadas

Para analisar as questões que apontamos, precisamos assumir um método de coleta dos dados. Ele deve nos permitir reunir “discursos” de usuários de aplicativos que tenham as características que elencamos. Para isso, adotaremos a metodologia de coleta de dados conhecida como entrevista semiestruturada (LAKATOS, 2003, p. 197). De modo geral, essa modalidade de entrevista estabelece tópicos genéricos capazes de serem convertidos em perguntas (como?, o quê?, quando?, por quê?, quem? etc.). Nesse tipo de entrevista, costuma-se não estabelecer tempo de resposta ou de duração do diálogo, para que a “conversa” flua sem coerções ou pressões impostas pelo tempo de execução.

Essa metodologia de coleta de dados traz algumas vantagens. Dentre elas, a possibilidade de o entrevistador abrir a pergunta de acordo a manifestação, por parte do entrevistado, de algum conteúdo extra pauta que o pesquisador julgue importante. Isto é, a entrevista semiestruturada combina perguntas abertas e fechadas, novas e pré-definidas, mantendo a possibilidade de novos direcionamentos. A entrevista também pode ser reconfigurada de acordo com cada situação, apoiada sempre nas questões que foram delimitadas pelo roteiro de perguntas principal. Isso permite o agrupamento de dados de

forma mais apurada e sistêmica.

4.2 Metodologia de análise: apresentação, escolha e justificativa

Para analisar os dados coletados a partir das entrevistas realizadas, utilizaremos a Análise de Conteúdo (doravante A.C). É uma proposta metodológica desenvolvida por Laurence Bardin, na obra intitulada *Análise de conteúdo* (BARDIN, 2011), publicada originalmente por essa autora em 1977.

A sua vantagem mais geral dessa metodologia nos parece ser a de possibilitar dirigir a análise segundo as “características do material” e “conforme os objetivos traçados na pesquisa”, conforme expressam Castro, Abs e Sarriera (2011, p. 816).

A A.C. é um método quantitativo e qualitativo. Do ponto de vista quantitativo, é um método de sistematização e de organização sustentado pelo “princípio de enumeração por frequência”, isto é, “quando a regra válida é a contagem dos referentes textuais” (CASTRO; ABS; SARRIERA, 2011, p. 817)⁵. Nesse sentido, a A.C. pode ser classificada como um método quantitativo que permite que se chegue a resultados a partir da análise do número de vezes que uma palavra ou sentença aparece e do peso que elas representam.

Da mesma maneira, a A.C. permite uma abordagem qualitativa, isto é, focalizar os dados analisados do ponto de vista dos sentidos que estão sendo veiculados, partindo de palavras e sentenças quantificadas, classificadas e categorizadas para se chegar ao estabelecimento dos seus conteúdos. Desse modo, a A.C. proposta por Bardin (2011) consiste numa “análise de conteúdo [que] não deixa de ser uma análise de significados”. Isso, porque, ela ocupa-se, preferencialmente, de “uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído das comunicações e sua respectiva interpretação”, conforme argumenta Santos (2012, p. 384).

De modo geral, a A.C. pode ser definida como sendo um “conjunto de instrumentos metodológicos” que permitem “uma interpretação controlada” (BARDIN, [1977] 2010, *apud* CASTRO; ABS; SARRIERA, 2011, p. 816). Ou seja, é um método precedido pela quantificação, sistematização e classificação/categorização dos dados, em que a análise propriamente dita deve ser baseada na “inferência” (*idem*), buscando deduzir os conteúdos a partir da organização dos temas ao longo de categorias e das relações que se estabelecem entre

5 Os autores ainda destacam que “nessa modalidade de enumeração, a contagem pode estar baseada ora na suposição de igualdade de peso entre os referentes, ora na diferença de peso por critérios de intensidade e direção do conteúdo (frequência ponderada), conforme a teoria que embasa as análises” (CASTRO; ABS; SARRIERA, 2011, p. 817).

elas. Neste trabalho, utilizamos apenas a análise qualitativa proposta por L. Bardin.

A categorização é, portanto, o modo de se produzir resultados de análise a partir dessa metodologia que empregaremos aqui, a A.C. de Laurence Bardin (2011). A partir disso, amparados por reflexões da teoria psicanalítica, analisamos a maneira como as pessoas que compõe nossa amostra viveram o uso das redes sociais e dos aplicativos após o término de um relacionamento amoroso: namoro.

4.3 A Análise de conteúdo aplicada a entrevistas

A partir do que buscamos apresentar, e no caso desta pesquisa em especial, podemos assumir a A.C. como um procedimento de extração e de classificação dos conteúdos contidos nas repostas. Para levar a cabo esse procedimento, em um primeiro momento, elaboramos o roteiro da entrevista (que se encontra nos anexos). Foram feitas as mesmas perguntas aos oito participantes. No entanto, por se tratar de perguntas abertas, cada participante tomou frente no questionamento, recordou-se de seu processo de término de namoro, dentre outras questões que poderemos destacar nas transcrições que analisaremos.

Posteriormente, realizaremos uma leitura analítica das entrevistas para identificar nos fragmentos alguns conteúdos, sejam eles conteúdos latentes ou manifestos. Como destacam Castro, Abs e Sarriera (2011), essa leitura deve transitar entre uma interpretação rigorosamente e científica e uma interpretação criativa. Nas palavras dos autores, “um esforço de interpretação” que deve alternar entre “o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade” (CASTRO; ABS; SARRIERA, 2011, p. 816).

As entrevistas com oito perguntas abertas foram respondidas sem limite de tempo de execução. No geral, houve uma diferença expressiva de duração entre elas, devido à possibilidade flexibilização da qual já falamos. Também é importante mencionar que, durante o processo de pesquisa, iniciou-se uma pandemia. Devido a isso, das seis entrevistas realizadas, quatro ocorreram presencialmente e duas por aplicativos de comunicação. Procuramos, assim, pensar em soluções dinâmicas e éticas, oferecendo alternativas como a utilização dos *apps*: *Skype* e *WhatsApp*.

4.4 Princípios de categorização

A partir da leitura e da síntese que fazem de Bardin (2011), Santos (2012) e Castro, Abs e Sarriera (2011) indicam o que seria a primeira fase de execução da A.C. Num primeiro momento, “escolhem-se os documentos, formulam-se hipóteses e elaboram-se indicadores

que norteiem a interpretação final” (SANTOS, 2012, p. 385). Para Castro, Abs e Sarriera, de modo semelhante, “o primeiro momento da AC refere-se à pré-análise, quando são definidos os documentos e protocolos a serem analisados, as hipóteses e os objetivos delineados e os indicadores de critério de análise que serão utilizados” (2011, p. 816-17). Para essa etapa inicial, Santos (2012, p. 385) alerta que se deve obedecer a algumas regras:

i) exaustividade, sugere-se esgotar todo o assunto sem omissão de nenhuma parte; (ii) representatividade, preocupa-se com amostras que representem o universo; (iii) homogeneidade, nesse caso os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem coletados por meio de técnicas iguais e indivíduos semelhantes; (iv) pertinência, é necessário que os documentos sejam adaptados aos objetivos da pesquisa; e (v) exclusividade, um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria (SANTOS, 2012, p. 385).

Mas, é em Castro, Abs e Sarriera (2011, p. 816-17) que encontramos uma indicação mais apurada do modo como deve-se prosseguir com esse tipo de análise. Segundo esses autores, uma vez realizada a pré-análise,

[...] reporta-se à transformação do dado bruto – evidência original – em estrutura traduzida de manifestação do dado. Nessa etapa, a AC vale-se de três índices para a organização da análise; são eles: recorte, agregação e enumeração. No recorte, são definidas as unidades de análise como, por exemplo, os recortes semânticos (temas) ou os linguísticos (palavras/frases). Em seguida, a agregação determina qual a natureza das unidades que serão aglomeradas em torno de categorias distintas. Por fim, a regra de enumeração indica o tipo de gradiente e aritmética aplicado aos referentes do material analisado (CASTRO; ABS; SARRIERA, 2011, p. 817-816).

O procedimento-chave da A.C. é a categorização. Segundo Santos, “categoria, em geral, é uma forma de pensamento e reflete a realidade, de forma resumida, em determinados momentos”. Na perspectiva da A.C, as categorias são vistas como “rubricas ou classes que agrupam determinados elementos reunindo características comuns” (2012, p. 386). Nesse sentido, para analisar o conteúdo das entrevistas, seguiremos as diretrizes metodológicas que buscamos apresentar até aqui.

Aplicaremos essa proposta a oito entrevistas, que serão analisadas qualitativamente conforme Keats (2009 *apud* CASTRO; ABS; SARRIERA, 2011, p. 818). Segundo a proposta desse autor, deve-se privilegiar a “1) [...] a ordem temporal da fala, 2) análise da estrutura narrativa, conforme os diferentes paradigmas, 3) análise de função da fala (pragmática) e 4) análise contextual do discurso” (*idem*, p. 817).

Buscaremos, assim, seguir os passos metodológicos indicados, apontando e justificando sempre que uma decisão (de seleção, de categorização etc.) for tomada. Por fim, cabe dizer que, embora a A.C. seja nossa metodologia de tratamento e classificação dos

dados, a sua interpretação estará, sempre, amparada pelo referencial teórico da psicanálise, em autores como Freud, Kaës e Eiguer, cujos trabalhos teremos a chance de apresentar e comentar mais adiante.

4.5 Tabela informativa dos participantes

Na tabela abaixo, apresentamos uma síntese com algumas informações sobre os entrevistados, o que permite uma visão da amostra composta para esta pesquisa.

Tabela 1 - Síntese dos entrevistados.

Nome	Idade	Tempo de namoro	Gênero	Orientação	Entrevista	Apps/ redes sociais
1 Minerva	23 anos	12 meses	Fem.	Homo	Excluída	<i>Facebook, Instagram, WhatsApp, Spotfy.</i>
2 Jacob	21 anos	5 meses	Masc.	Hétero	Sim	<i>Facebook, Instagram, WhatsApp.</i>
3 Agnes	23 anos	24 meses	Fem.	Hétero	Sim	<i>Facebook, Instagram, Spotfy, WhatsApp.</i>
4 Edward	23 anos	45 meses	Masc.	Homo	Sim	<i>Facebook, Instagram, Tinde, WhatsApp.</i>
5 Levi	23 anos	72 meses	Masc.	Hétero	Sim	<i>Instagram, Facebook, WhatsApp.</i>
6 Nancy	25 anos	49 meses	Fem.	Hétero	Sim	<i>Instagram, Facebook, Tinder, WhatsApp.</i>
7 Leda	21 anos	48 meses	Fem.	Hétero	Excluída	<i>Instagram, Facebook, Whats App</i>
8 Leda	21 anos	58 meses	Fem.	Hétero	Sim	<i>Instagram, Facebook, Whats App, Tinder.</i>

Fonte: elaboração nossa.

4.6 Síntese dos participantes

A seguir, apresentamos uma breve descrição das entrevistas analisadas no trabalho. Todos os nomes são fictícios, para preservar a identidade dos participantes e atender ao critério do sigilo exigido neste tipo de pesquisa.

4.6.1 Jacob

Jacob tem 21 anos, estava em um relacionamento heterossexual com uma garota,

atualmente tem seu estado civil como solteiro e nível superior de escolaridade em andamento. Seu relacionamento como namoro durou 5 meses. Apresenta como motivo do término a comunicação (ruim) estabelecida e o conteúdo afetivo. Sentia que sua ex-namorada ainda estava vinculada ao ex-namorado dela, de forma que sempre o trazia como referência. Jacob se sentia comparado em diversos momentos. Conheceu sua ex-namorada pessoalmente em uma festa. Durante o namoro, manteve contato pelos aplicativos também. Conversou com a ex-namorada com o objetivo de terminar e expressou os pontos que não estavam sendo favoráveis ao relacionamento. Após falar e ouvir o que ela tinha para compartilhar, Jacob diz ter sido um término de relacionamento amigável.

4.6.2 Agnes

Agnes tem 23 anos, estava em um relacionamento heterossexual com um rapaz, com duração de 2 anos. Atualmente tem seu estado civil como solteira e nível superior completo de escolaridade. Informa que, após o término, a utilização de aplicativos ocupou diversas funções, dentre elas a de *stalker* do ex-namorado, e como ferramenta para elaboração do término por meio das *playlists* de música.

Conheceram-se pessoalmente e passaram dois anos juntos, entre relacionamento com configuração fechada e aberta. Ela se sentia satisfeita com o relacionamento. No entanto, diz que passou por repetidas tentativas de término por motivos sempre diversificados, sempre reatando o namoro em seguida. Até chegar ao último motivo, que foi por infidelidade e quebra de confiança.

4.6.3 Edward

Edward tem 23 anos, estava em um relacionamento homossexual com um rapaz. Atualmente tem seu estado civil como solteiro e nível superior completo de escolaridade. Seu relacionamento durou 3 anos e 9 meses. Fala sobre o processo de anulação do eu na relação. Conheceu o namorado na universidade, mas ainda estavam namorando com outros parceiros. Posteriormente aos encontros cotidianos, em lugares que frequentavam, terminaram com seus namorados e começaram a namorar. No início mantiveram contato por *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*. Durante o relacionamento, sentia-se satisfeito em relação à mesma. Após três anos e meio juntos enquanto namorados, começaram os desentendimentos, descritos por Edward como sinais do término. Durante os três anos de namoro, moraram juntos por mais ou menos 2 anos. Para o entrevistado, o motivo do término do relacionamento por sua parte foi sentir que

investia mais no parceiro que o parceiro nele.

4.6.4 Levi

Levi tem 23 anos, estava em um relacionamento heterossexual com uma garota, durante 6 anos e atualmente tem seu estado civil como solteiro e nível superior de escolaridade. Fala sobre a dificuldade em se desvincular, principalmente pela presença fantasmagórica que os aplicativos permitem que a ex exerça, o que fez com se desvinculassem também nos aplicativos.

Conheceu sua namorada pessoalmente em um grupo de escoteiros, o vínculo se intensificou nas atividades do cotidiano, principalmente as que estavam próximos. E expressa que a relação, antes do término, era boa e lhe causava satisfação. O término do relacionamento amoroso se deu por interesse de ambos, já que assume que os dois teriam mudado. Passou alguns meses sentindo e sofrendo pelo término do relacionamento amoroso. Relata que se sentia como que em segundo plano, talvez não no todo, mas em partes, como se ela não investisse nele, ou o visse na relação. Levi fala que sempre tiveram uma ótima comunicação durante o namoro, desde o cotidiano até os via aplicativos.

4.6.5 Nancy

Nancy tem 25 anos, estava em um relacionamento heterossexual, atualmente está civilmente solteira, tem ensino superior completo e um mestrado na sua área de atuação. Nancy conheceu seu ex-namorado por intermediação de uma colega, ela os apresentou e passaram a trabalhar juntos. Trocaram contato e passaram a, além de conversar no trabalho, também pelos *Facebook* que era o *app* mais comum na época. Juntos, enquanto namorados, passaram 4 anos e um mês. E durante o primeiro ano, o namoro trazia muita satisfação, posteriormente a esse período, Nancy diz que não era mais satisfatório, apesar de continuarem juntos.

Nancy apresenta um relacionamento com muita agressividade verbal, muitas críticas. Segundo ela, era questionada sobre seu jeito, seu corpo e principalmente sobre sua relação com as pessoas, o jeito de falar, fazer amigos etc. Ela diz que eles haviam planejado morar juntos, e esse era o segundo projeto compartilhado pelo casal, sendo o primeiro a compra de um carro. O motivo do término do seu namoro foi a mudança, pois um dia antes deles irem morar no apartamento que haviam alugado na cidade natal dela, ele o comunicou que não queria mais ter o relacionamento e que eram incompatíveis para continuarem juntos por causa de seu corpo e jeito de ser e estar na relação.

4.6.6 Leda

Leda tem 21 anos e conheceu seu ex-namorado, homem trans, na escola que estudava. Namoraram por 4 anos e 10 meses, e, durante esse período, ela veio morar na cidade que faz graduação. Antes, ele a visitava em algumas datas, ela fazia o mesmo ao voltar para casa. Leda expressa que começaram a namorar muito cedo, ainda no colegial, e eles viveram muitas coisas juntos. No entanto, com o passar dos anos, para ela, ambos foram desejando coisas novas e particulares. No fim do relacionamento, ele estava morando em outro estado e se encontravam com uma frequência menor.

A comunicação era boa, no entanto, ela explica que passaram muitos anos juntos e que começaram namorar muito cedo, com uma idade muito nova. E que com o passar dos anos, os desejos mudam, e outros aparecem, sendo esse o motivo apontado para o rompimento amoroso. E que ela gostava dele, mas que ao mesmo tempo tinha interesse em viver outras coisas, da mesma maneira que ele.

CAPÍTULO CINCO

5 Análise dos resultados e discussões

Neste capítulo, apresentaremos os resultados das entrevistas realizadas por meio das categorias e subcategorias construídas a partir da leitura, releitura e discussão dos relatos de todas as entrevistas. Empregando as categorias de análise, podemos ter acesso ao processo de início do envolvimento amoroso, bem como compreender algumas características do namoro, e, principalmente, do rompimento amoroso, seus motivos e resultados para os entrevistados.

Além disso, a respeito do uso de aplicativos após o rompimento amoroso, especificamente, vamos tratar quais funções assumiram no cotidiano dos entrevistados após uma experiência de sofrimento, caracterizada por um processo de separação. Destacamos, por fim, que as entrevistas foram realizadas no início do período pós-término, findas as experiências iniciais e mais intensas da separação e do rompimento amoroso.

5.1 O namoro

Nesta primeira categoria, apresentamos como ocorreram os primeiros contatos entre os entrevistados(as) e seus respectivos ex-namorados(as), descrevendo o contexto no qual se conheceram, como estabeleceram contato e como se dava o uso de redes sociais e *Apps* durante o período em que estavam se conhecendo, antes de nomear o relacionamento como namoro.

Por meio das entrevistas e da revisão dos conteúdos expressos pelos participantes, veremos que as falas dos(as) entrevistados(as) não adentraram a relação sob o olhar da satisfação e do prazer. Os discursos dos entrevistados estão sempre ligados ao término e experiências de sofrimento geradas por esse motivo. Alguns participantes sequer chegam a adentrar os conteúdos prazerosos da relação recém acabada. Expressaram muito sofrimento, dor, angústias e, paralelamente a isso, declaram estar bem, iniciando novas relações com as mídias e com outros vínculos.

5.1.1 Como conheceu o namorado(a)

Nesta primeira subcategoria, reunimos que fragmentos que indicam o papel dos *Apps* e das redes sociais quando os ex-namorados estavam conhecendo um ao outro e ainda não

eram namorados. Ou seja, como e onde se conheceram e como estabeleceram seus primeiros contatos e, conseqüentemente, comunicaram-se. Essa é uma subcategoria da categoria namoro, porque entendemos que ela compõe o namoro. Vejamos alguns trechos das entrevistas:

[1] Ah, eu a conheci... Numa festa da Unesp, foi, mas a gente interagiu muito pouco nessa festa [...] É! Depois mantive contato [...], o contato ele foi por *internet*. Foi primeiramente pelo *Instagram* e depois por *WhatsApp* (JACOB, 2020).

[2] Como eu conheci? Na festa, em uma festa de república da faculdade [...] na universidade. Eu já tava no começo do meu segundo ano de graduação e ele tinha acabado de entrar. Era meu bicho no começo do ano. E eu fui apresentada pra ele por uma amiga em comum, que também era bixete. Ela era muito próxima dele. Então nós acabamos começando a nos conhecer. E eventualmente eu apadrinhei na graduação, que é como a gente chama, quando um veterano assume responsabilidade por um ingressante, no caso de orientar, passar textos e etc. E na época nós dois namorávamos então não aconteceu nada. Mas antes do apadrinhamento, nós dois coincidentemente nós terminamos os nossos namoros. E aí a gente ficou e partir disso a gente foi ficando, até que a gente começou a se relacionar de fato [...] a princípio a gente se conhecia só pessoalmente. Eu o via só no restaurante universitário, mas daí quando a gente conversou de eu apadrinhá-lo. Eu peguei o contato dele. E a gente começou a conversar por *WhatsApp*. E eventualmente pelo *Instagram* também. E aí foi só se desenvolvendo por essas vias só. Pelo *Instagram* e pelo *WhatsApp* só. Até então a gente não se falava pelo *Messenger*. Não lembro se já tinha o *Messenger* ou era só o chat do *Facebook* mesmo, mas foi pelo *WhatsApp* e pelo *Instagram* (EDWARD, 2020).

[3] Foi pessoalmente [...]. Um grupo social. Conheci pelo grupo de escoteiro [...]. Eu fazia parte de um grupo de escoteiro, aí ela entrou. O grupo que ela tava havia se desmanchado, aí ela foi conhecer meu grupo. E aí a gente se conheceu como amigo ainda. A princípio, sem interesses outros (LEVI, 2020).

[4] Eu conheci no lugar onde a gente trabalhava. Nós trabalhávamos, numa balada que tinha na cidade onde eu fiz faculdade, em Assis. E nós nos conhecemos, lá, trabalhando juntos. Foi isso [...]. A minha gerente já chegou com segundas intenções, dizendo que ele era um cara legal pra mim. Ele tinha muita fé. Aí eu lembro que eu olhei ele assim de longe. Não me interessei muito, e, com o passar dos dias, ele começou a ser gentil, começou a ser educado, começou a ser simpático. Ele mostrou interesse em mim e depois disso, acho que um mês, eu correspondi, interpreta! A gente começou a ficar, e, logo em seguida, já começamos a namorar (NANCY, 2020).

[5] Eu conheci ele na escola, no ensino fundamental [...], foi pessoalmente (LEDA, 2020).

5.1.2 Como era o namoro

Nessa segunda subcategoria, buscamos apresentar conteúdos que expressam o relacionamento já nomeado enquanto namoro. Aqui apresentamos falas sobre como os(as) ex-namorados(as) descrevem os sentimentos atribuídos ao período de namoro e ao ex-

namorado(a). Os entrevistados expressaram que houve um período de satisfação no namoro, mas, em seguida passam a pontuar a insatisfação e o encontro com a diferença entre eles:

[1] Sim, trazia bastante satisfação. Principalmente no início né. Acho que é a tendência, justamente por conta do término, é de que no final estava um pouco desgastado, mas, trouxe bastante satisfação, como todo [...]. Um, era um relacionamento com bastante, e com bastante proximidade, a gente era, a gente convivia bastante, é... hã, a gente se via com bastante frequência. Inclusive a gente ficava bastante um na casa do outro [...]. E era um relacionamento com poucas brigas e assim, a gente nunca teve briga mesmo. A gente teve alguns desentendimentos somente. Discussões por coisas simples. Mas nada que a gente tivesse dado um tempo ou algo do tipo. E acredito que tenha sido... Bastante, bastante harmonioso até, até certo ponto porque, por conta justamente da gente não ter tido brigas, foi um relacionamento bastante tranquilo na maior parte do tempo (JACOB, 21 anos).

[2] Trazia, tinham brigas também, mas também tipo meio que satisfatório (AGNES, 2020).

[3] Era muito bom! Plenamente satisfatório sim! Às vezes é comum seus altos e baixos, mas muito mais altos do que os seus raros baixos (LEVI, 2020).

[4] O relacionamento, ele trouxe satisfação, no primeiro ano, nos outros três anos, ele não trouxe satisfação. E eu acho que pra ambos. No primeiro ano, foi muito legal, foi muito divertido, mas, já nos primeiros meses, eu percebi que do lado dele, tinha um ciúme excessivo. Excessivo mesmo. Nós brigamos várias vezes, terminamos várias vezes, por conta de um ciúmes, é, muito, muito, muito, muito exagerado, e sem fundamento nenhum. Enfim, um pouco também agressivo, com as palavras, com as ações, enfim. [...] Satisfatório, foi só o primeiro ano, os outros três anos, não foi nada satisfatório. Não foi nada feliz, e nada positivo. Assim, se você pensar num relacionamento saudável, foi só o primeiro ano [...]. Como no primeiro ano nós nos conhecíamos menos, então, a gente tinha mais limites [...]. A partir do passar dos meses, eu não tinha mais vida, né. Ele controlava muitos lugares que eu ia, as minhas redes sociais, meu celular, assim, o que eu falava, sabe. Então, conforme foi criando intimidade, e ele foi ganhando espaço na minha vida, eu perdi minha liberdade. E pra mim já não foi mais satisfatório [...]. A partir do primeiro ano, eu já não tinha mais nenhum tipo de vida individual, ali. Eu só tinha uma vida coletiva, com uma pessoa, que eu não percebi em que momento se tornou coletivo aquilo ali (NANCY, 2020).

[5] Não, quer dizer, se eu pensar tipo: aí eu quero que essa relação. Se foi esse objetivo na relação, se era satisfação? Então não, não foi, não foi atingido esse objetivo (LEDA, 2020).

5.1.3 Uso das redes virtuais durante o namoro

Como o título desta subcategoria pretende indicar, ela diz respeito à presença e à frequência do uso de *App* e redes sociais pelo casal de namorados durante o namoro. Ou seja,

como o entrevistado percebia o uso de *App* e de redes sociais por ambos durante esse período em que estavam juntos e namorando.

Nessa subcategoria, eles expressaram se foi houve mudanças na intensidade do uso de *App* e de redes sociais, assim como também em relação à presença dessas redes sociais e *App* no cotidiano durante o período de namoro.

[1] Mudou durante o nosso relacionamento, porque quando a gente se conheceu ele não tinha nem celular... Ele não usava nem um aplicativo [...]. Sim, *stalkear* [...] é, dar aquela olhada assim, né... Aquela conferida ali. Que eu sei que não rolava só do meu lado... Entende? Que rola dos dois! [...] Ah, eu uso horas. Uso muitas horas! Eu acordo e ligo o *Spotify* (AGNES, 2020).

[2] A gente tinha enquanto casal se relacionado com outras pessoas pelo *Instagram* [...]. Antes eu não gostava disso. Eu era muito de um contato da materialidade. Gostava de ver as pessoas pessoalmente (EDWARD, 2020).

[3] A gente chapava muito, porque a gente tava junto e tava querendo registrar as coisas. Mas, a gente não usava muito, mas depois a gente aumentou um pouquinho só, mas também não grandes coisas, assim [...] a gente já tinha um relacionamento um pouco aberto, a gente já conversou exatamente sobre o lance de poder ficar com pessoas e de sei lá. Ou de, por exemplo, postar mais *nudes* (LEVI, 2020).

[4] Deixa eu lembrar, Dirceu, porque isso aí, foi em 2013. Eu me lembro, que ele me adicionou no *Facebook*, na época. Agora, eu acho que naquela época eu não tinha *WhatsAPP*. Pra eu te falar que eu ia falar, que eu não tinha *WhatsAPP*. Eu tive logo em seguida, que eu troquei meu celular. Na época, a gente só tinha contato com o *Facebook*. O *Facebook*, eu lembro que ele só me adicionou, assim, logo que a gente se conheceu, assim, pra ele me procurar [...]. O meu ex-namorado, ele sempre, sempre quis fazer *Facebook* de casal, sempre, sempre quis juntar os *Facebooks*. Eu nunca gostei da ideia. Eu nunca topei a ideia. Nunca achei legal, assim, nem colocar fotos juntos. Eu nunca gostei, porque acho que é a minha rede, enfim, eu não sou muito fã disso. Ele sempre me propôs isso, porque ele sempre tinha ciúmes pelas minhas redes sociais. E eu nunca topei. E só que, assim, como eu te falei, ele não usava. E, aí, antes de terminar, uns seis meses antes de nós terminarmos, acho que isso mesmo [...], ele conversou comigo. Ele falou assim: “Olha, eu não gosto de *Facebook*, né” [...]. Ele começou a seguir no *Instagram* vários perfis pornográficos, né, de mulheres. Não sei falar. São mulheres, que tiram fotos nuas, né, mas várias pessoas, tipo assim: ele começou a seguir muitas pessoas. E um dia, eu peguei o celular dele e vi. Eu tava mexendo no *Instagram* dele, assim ó. Eu comecei a ver um monte de pornografia, mas um monte de mulher pelada, mesmo. Aí, eu virei pra ele e falei assim: ‘meu, por que essas mulheres, sabe?’ Mulheres grandes. Meu corpo como mulher, né. Isso me arrependi como mulher, minha questão da minha relação sexual com você. E, aí, ele falou pra mim que isso era uma vingança, porque eu tinha o meu ex- namorado no *Facebook*. Quando isso aconteceu, eu falei pra ele que eu precisava de um tempo, pra pensar, porque pra ver aquilo me agredia muito [...]. Essa questão de *Facebook*, nossa! Sempre foi um inferno, assim, sempre foi uma briga [...]. Por ter esse negócio de *Facebook* e

Instagram. E, aí, ele tomou a decisão. Ele falou pra mim que ele queria excluir o *Facebook* dele, o *Instagram*, porque ele não gostava de usar, porque ele tinha assistido um filme, chamado redes sociais, se eu não me engano, e que falava muito mal das redes sociais [...] Sim, muito, muito mesmo, assim. Até, porque, como eu te falei, né. Ele [...] tinha muito ciúmes com as minhas redes sociais. Então, eu não postava uma foto sozinha, porque tipo, nossa, postar foto sozinha. Era mal, alguns caras, assim, sem noção, quando você tá namorando. Sem noção, não, às vezes, não sabem, mesmo, que você tá namorando. Eles dão em cima. Isso pra mim, da parte dele, sempre foi tranquilo. Eu nunca tive... A parte que acontece, de dar em cima de você, faz parte, né. Você, que tipo, vai falar: 'não, cara! Eu tenho namorado!'. Mas ele ficava muito, quando eu postava uma foto. Ele, sempre, ficava pegando no meu celular pra ver os comentários das fotos. Sempre queria ver os comentários. Ver os *Directs*, ver os comentários das coisas. Então, eu comecei a parar de postar. Por quê? Porque quando eu postava, tipo, eu tinha que dar meu celular pra ele. E eu odiava fazer isso, né. Porque, pra mim, eu me sentia sendo invadida (NANCY, 2020).

[5] Eu tinha muito preconceito com rede social (LEDA, 2020).

5.1.4 Discussão dos resultados da categoria

Ao descrevermos a primeira categoria, “O namoro”, buscamos reunir trechos que nos permitissem compreender sobre como os namorados se conheceram e como iniciaram os primeiros contatos. Ou seja, como ocorreu o processo de se conhecerem e como as idealizações foram vividas, os investimentos objetais que cada parceiro pode investir no outro e na relação. A partir dessa categoria, esperávamos que os entrevistados pudessem explanar o período de investimento objetual e as idealizações com relação ao outro e ao vínculo amoroso.

Nesse sentido, podemos observar que poucos relatos foram apresentados. Isto é, as primeiras perguntas convidavam a uma reflexão sobre a satisfação e o prazer durante o namoro e, principalmente, quando as idealizações ainda estavam em evidência. Percebemos que justamente esses foram os conteúdos menos acessados pelos entrevistados. Isso é um dado importante, especialmente se levarmos em conta que, quando os temas diziam respeito ao rompimento, os participantes se expressaram mais, nomeando os sentimentos que estavam vivendo ou que viveram após o término do namoro.

No que diz respeito às respostas sobre o início do namoro, podemos perceber uma tendência do casal a direcionar a atenção para a relação, como consequência da ação do desejo pela união e estabelecimento do vínculo. Nesse sentido, as falas expressam pouco uso das redes sociais por meio dos *apps*, com o contato tendo se iniciado presencialmente. Nesse ponto, destacamos que isso é mutável, ou seja, o contato inicial pode se dar de várias formas. Embora seja possível perceber que, no caso dessas entrevistas, a migração para a comunicação em meios digitais foi uma ação subsequente ao ato de se conhecer, devemos destacar,

também, que é comum as pessoas se conhecerem e iniciar uma relação amorosa tendo o primeiro contato por meio de *apps* e redes sociais, migrando, para o contato presencial depois.

É o que indica Pelúcio (2017), em trabalho dedicado ao *Amor em tempos de aplicativos*. De acordo com a autora, conhecer o outro pelos *apps* e redes sociais catalisa a possibilidade de contato diário, de compartilhamento de informações e de carinho/afetos. Nesse sentido, o ambiente digital se torna um aspecto facilitador, especialmente à medida que permite sustentar as idealizações sobre o outro. Assim, os usuários de *apps* acabam construindo uma imagem, no ambiente digital, que corresponde, necessariamente, à imagem que deseja ter diante do outro. Ações como curtir, reagir e comentar, que expressam interesse e desejo, por exemplo, são, neste caso, indícios desse investimento. Isto é, ser o alvo dessas curtidas, reações e comentários faz com que o sujeito se sinta interessante e desejado por esse outro que, por meio de recursos próprios a cada *app*, investe atenção e demonstra, de maneira ativa, interesse e contentamento com o que foi compartilhado.

Algumas vezes, a exclusão ou a ação de desativar o perfil nas redes e *apps* foram citadas nas entrevistas, principalmente nos momentos iniciais do relacionamento. Nesse aspecto, portanto, percebemos um movimento de fechamento, de voltar a atenção e o investimento ao namoro, um movimento restrito de investimento objetal como meio de delimitar a relação. Dito de outra maneira, o nós, constituído a partir do encontro de dois sujeitos distintos, que buscam uma relação que lhes permita investir e receber afeto e atenção, promove um redirecionamento da energia libidinal. Desse modo, a ação de restringir e ou de diminuir o tempo de uso dos *app*, sobretudo no início do namoro, expressa, ao que nos parece, o próprio direcionamento dos investimentos da libido especificamente ao parceiro.

Não se pode perder de vista que, no início do relacionamento, a satisfação está ligada às idealizações e à negação das diferenças, de modo que estas últimas, portanto, são sempre negadas ou amenizadas a fim de serem sobrepostas pela satisfação e pela realização de desejos com relação ao outro (FREUD, 1988; PUGET; BERENSTEIN, 1993). Com isso, impulsiona-se o investimento nesse objeto amoroso, que também age de modo a investir na relação. Esse investimento ocorre por meio das mais diversas ações, que mobilizam palavras, gestos e outras formas de afeto. Ou seja, nas entrelinhas das falas dos entrevistados, é como se pudesse ler: “eu abro mão das redes sociais para direcionar minha atenção exclusivamente a você”. Essa particularização do contato, ocorreu, especialmente, em *apps* que permitem o diálogo particular, em que o contato entre os sujeitos foi restrito ao *WhatsApp* e *Instagram*.

No que diz respeito à convivência no início do contato, no período em que estão conhecendo o pretendente ou, ainda, iniciando o namoro, podemos nos perguntar: esse contato

diário, que também é vivido por meio de aplicativos como *WhatsApp* e *Instagram*, às vezes complementados por videochamada ou por mensagens instantâneas, também se configuraria como um modo de se estar presente?

Autores como Berenstein e Puget (1993) reivindicam que, para que haja presença é preciso a presença corporal. O relacionamento é, para eles, um espaço de interinfluência. Nesse sentido, esses autores “definiram parâmetros específicos para que o casal possa ser reconhecido como uma estrutura” (1993). São eles: a cotidianidade, o projeto vital compartilhado, as relações sexuais e a tendência monogâmica (BERENSTEIN; PUGET, 1993).

Acreditamos, no entanto, que esses parâmetros também são mobilizados no ambiente digital, permitindo, igualmente que se estabeleça um contato suficientemente bom para que se configure uma relação entre um casal. É claro que, tratar disso, demandaria um estudo específico, inteiramente dedicado a tratar desse assunto. Mas, podemos, desde já, apresentar alguns indícios que sustentam essa afirmação. Tendo em vista o contexto próprio da contemporaneidade, especialmente aquele em que vemos o contato via *internet* se estabelecer como uma forma corriqueira de relação, não se pode mais ignorar que, de um modo ou de outro, as pessoas estão se relacionando via *apps*, configurando namoros, casamentos e outras formas de se estar junto, tudo isso no ambiente das redes sociais.

Tomemos o *Facebook* como exemplo. Nesse contexto, podemos tentar identificar o estabelecimento de uma “cotidianidade conjunta”. Além da própria possibilidade de “conversa”, ele oferece opções de “agenda”, como na aba “eventos”, em que é possível, de um modo ou de outro, acompanhar o dia a dia do parceiro. Além disso, é possível fazer postagens de atividades como “comemorando”, em que se pode anunciar a compra de uma casa, de um carro, uma viagem etc., juntamente com alguém, que aparecerá “marcado” na postagem. Já o sexo, nesse ambiente, pode se dar por chamadas de vídeo e a tendência monogâmica fica a cargo do “status de relacionamento”, onde o usuário pode compartilhar seu estado civil, podendo marcar apenas um parceiro. Para nós, esses aspectos são indícios igualmente fortes de que é possível se construir uma presença compartilhada no ambiente das redes sociais e, por meio dela, um namoro ainda que, para isso, ela lance mão de outros recursos.

Portanto, acreditamos que, a partir desses indícios que apontamos no *Facebook* e que também ocorrem, de um modo ou de outro, em outras redes sociais, é possível refletir se o uso desse meio poderia representar o investimento no objeto amoroso, feito por meio de uma presença mediada por aplicativos e redes sociais, tem sido uma maneira e uma possibilidade de sustentar o vínculo e investir no outro, no objeto externo. Isso ocorre, principalmente,

porque os recursos disponíveis nessas redes, tais como videochamadas, curtidas, eventos, marcações, permitem vivenciar os sentimentos, uma vez que possibilitam reconstruir, ou, melhor, simular uma presença que, normalmente, ocorreria sem o intermédio de *apps*.

Diante do que expomos até aqui, é possível ter uma dimensão dos diversos sentimentos provocados e vividos nos usuários de *apps* e de redes sociais que entrevistamos. Nos relatos de Edward, Nancy e Agnes podemos ver angústia, raiva, aflição, saudade, tristeza e que, como consequência, passaram a *stalkear* as redes sociais dos parceiros durante o namoro ou, até mesmo, após o término, para obter informações do(a) ex-namorado(a).

Portanto, a pessoa que usa *apps* e redes sociais está subjetivando sua maneira de estar presente e de se expressar, sentindo as consequências dos vínculos e das relações tão “real” e intensamente quanto quem se relaciona por meio de uma presença física. Isso, porque, os afetos utilizam da linguagem para serem transmitidos e, então, a escrita, as imagens e os vídeos, as reações, tudo isso são formas de comunicação que se fazem como canal de transmissão das informações e de materialização dos afetos.

Mas, embora a relação envolva sempre dois sujeitos, não se pode perder de vista que a maneira como se configura a idealização no relacionamento, permeado pelas redes sociais e aplicativos, fala, principalmente, sobre a subjetividade do usuário. Ou seja, os usuários se apresentam nas redes e nos *apps* por meio de postagem e de diálogos nos seus perfis. Estes últimos recursos são, para nós, formas de se acessar aquilo que o usuário acredita ser relevante para e sobre si, ainda que isso apareça como uma preocupação com relação ao outro. Sendo assim, o modo como cada usuário faz uso das redes e *apps* para manter-se na relação — o seu perfil, a foto, se compartilha ou não seu estado civil, seu número de telefone etc. — é um dado importante. Ao que nos parece, ele indica aquilo que o usuário crê serem as expectativas dos outros e, em especial, do outro, seu parceiro, para consigo mesmo.

A partir do modo como cada usuário se expressa nas redes sociais e *apps*, é possível levantar indícios para responder a questões como: qual a concepção pessoal desse usuário? Como ele se expressa corporalmente no cotidiano? Como ele indica sua relação no ambiente das redes sociais e *apps*? Essas questões nos levam a refletir sobre como se dá a construção de imagem sobre si, sobre o parceiro e sobre a relação, especialmente, sobre as maneiras possíveis de se apresentar ao outro, aquele outro que lança seu olhar sobre nós e faz sua própria leitura do que está vendo, a partir do que o outro decide ou não mostrar. Há, portanto, um encontro entre “como me vejo?”, “como me mostro?” e “como o outro me vê?”.

Isso ocorre porque, para o sujeito, o ego não deveria receber investimento ou ser investido se ele se sente responsável pela perda do objeto amoroso (FREUD, 1988), o(a)

namorado(a). Esse ego empobrecido é consequência do término e da ausência/perda do objeto amoroso, que não se faz mais presente na relação. Nas redes sociais, o “ser visto pelo outro remete à ação de receber curtidas em fotos, vídeos, textos e atualizações de *status*”. Quem compartilha algo, e recebe essas reações (curtidas, corações, convites para amizades etc.), ao vê-las, é como se lessem: “o outro me deseja”, “demonstrou carinho” etc. Assim, é necessário, gradativamente, que volte a haver um investimento libidinal e que, esse sujeito, sinta-se bem e acredite que ainda há algo em si para ser reconhecido e “digno” de investimento.

5.2 Sobre o rompimento amoroso

Nesta segunda categoria, apresentaremos questões relativas ao rompimento amoroso, iniciando com os motivos que levaram ao rompimento. E, na sequência, apresentamos o modo como os entrevistados demonstraram ter ocorrido o rompimento amoroso, as mudanças e reflexões em decorrência da experiência de término do relacionamento. Por fim, os sentimentos e enfrentamentos em decorrência do fim do relacionamento também estarão presentes aqui. É importante destacar que na fala dos entrevistados, apesar da diversidade de motivos relacionados ao rompimento, o processo foi em geral muito doloroso, levando a um sofrimento intenso. Porém, muitos entrevistados relataram a possibilidade de reflexão para repensar a maneira como ocorreu o namoro e conseqüentemente o término. Veremos sobretudo que os conteúdos das entrevistas são apresentados como se a pessoa fizesse uma revisão do período do término, sobre o que sentiram, como reagiram, e principalmente como vêm lidando com o processo de término de namoro.

5.2.1 Motivos do rompimento

Pudemos notar que dentre os motivos relatados, expectativas em relação ao outro, assim como perceber as frustrações que o relacionamento gerou, são os temas mais frequentes. Outro ponto citado foi a comunicação entre os namorados, e aqui podendo ter como canal os aplicativos e, em consequência, suas linguagens e meio de se expressar: escrita, áudios e imagens e vídeos. É possível notar que alguns dos entrevistados não conseguem verbalizar o que os levou a tomar a decisão do término ou o motivo pelo qual o parceiro finalizou o contato e a relação. Mesmo que os motivos sejam entendidos pelos entrevistados, eles apresentam dificuldade em expressar e nomeá-los. Vejamos:

[1] Como foi? Humm... Eu pensei bastante... Conversei com algumas pessoas também para expor... Ah... Os meus sentimentos, as minhas, ah...

A minha insatisfação com a forma que o relacionamento tava acontecendo e depois quando eu percebi que eu já tinha tomado a decisão, só estava conversando com as pessoas só para ouvir a opinião delas, aí eu já meio que havia processado e tomado a decisão, né [...]. Eu acredito que os motivos do término eles tenham sido... Hã... um excesso de expectativa que a minha ex tinha no relacionamento, porque eu percebia que com muita frequência ela me comparava com o ex dela. E que ela trazia inseguranças de mais em relação o pós-término do relacionamento anterior dela, pro relacionamento que estávamos tendo na época, então isso me incomodava demais. A ponto de que, eu não gostava de... ver esse tipo de comparação, esse tipo de questão que era muito frequente, era muito recorrente, e além de duas discussões que a gente tinha tido antes do término em si... que me fizeram pensar que a razão do término ela já estava meio consolidada, que eu já tinha entendido que eu não iria aguentar mais permanecer no relacionamento, mesmo gostando dela, sendo, passando por esse tipo de coisa, de comparação, e de... é... de uma forma de trazer essas expectativas né, porque, como eu disse era recorrente, então, a cada, não sei, uns dois dias isso vinha a tona e eu estava ficando desgastado porque parecia que não tava agradando ela como relacionamento em si, e sim como, funcionando como um modelo de relacionamento, e não estava funcionando mais de uma forma natural (JACOB, 2020).

[2] Do quê? Eu não queria terminar, quem quis terminar foi ele, ele fala que ele terminou porque quando a gente terminou eu fiquei muito nervosa, gritei e falei coisas horríveis, eu perdi a linha um pouco sabe? E aí... e ele ficou... ele meu, não vou deixar ninguém nunca falar assim comigo foi violento, e eu não quero um relacionamento assim, eu acho que não foi legal e isso não faz bem para mim, e eu pensei meu: ninguém nunca me fez chegar nesse nível, eu nunca falei assim com ninguém também (AGNES, 2020).

[3] E daí a gente foi morar juntos. E daí morando juntos. Estando vivendo enquanto casal. Foi o que a gente precisava pra entender que a gente não era mais um casal. Que a gente viu que estando próximo, a gente tinha um distanciamento muito grande entre a gente. Não era mais a mesma coisa. Não funcionava mais do mesmo jeito. E no ano anterior eu havia descoberto algumas traições. Eu perdoei. E daí logo no começo, quando a gente foi morar junto. Eu descobri novas situações de quebra de contrato entre a gente. [...] Até que chegou um mês em que ele não ficava mais em Assis. A gente não passava mais tempo juntos (EDWARD, 2020).

[4] O rompimento foi uma, pra usar termos mais comuns, um estalo, uma percepção assim que eu tive. Uma releitura que eu fiz. Olhei algumas coisas que pra mim aparentemente pareciam boas e ótimas e depois dessas releituras, eu vi que nem tanto. E que tinham pontos que seriam bastante importantes e que precisavam ser revistos. E aí a partir disso eu conversei com ela. Falei sobre esses pontos. Ela também notou que esses pontos eram importantes [...] os motivos do rompimento, como eu disse, na releitura que eu fiz, eu achei que no nosso relacionamento tinha privilegiado assim o cuidado com os problemas afetivos mais dela, assim. E eu achei que os meus problemas afetivos eram muito deixados em segundo plano ou em plano algum. E aí eu tendo a necessidade de ter algum cuidado com meu plano afetivo no relacionamento também. Achei que estavam demasiadas desequilibrados (LEVI, 2020).

[5] Não gostava do meu jeito, né, que ele não gostava da minha

personalidade [...]. Envolveu advogado [...] pra mim, foi o fato, dele não querer morar junto [...] ele não queria ter essa responsabilidade de sair da casa da mãe dele, de ter uma vida, de ter um casamento [...] acredito que tínhamos um choque de personalidade, né. Eu sou uma pessoa muito expansiva. Eu sou uma pessoa que eu falo pra todo mundo. Eu sou uma pessoa muito extrovertida. Eu gosto muito de sair, e ele já é uma pessoa mais reservada, no sentido de gostar de ficar dentro de casa. Nós temos dez anos de diferença. Então, eu acho que isso pode ter pesado também [...]. Existe, tem aí algumas fofocas. Que ele tava com uma outra pessoa (NANCY, 2020).

[6] Eu acho que a gente terminou, porque, acho que a gente tava muito longe um do outro, tava em outra *vibe*. Tipo, eu tava em outra *vibe* da minha vida. Ele tava em outra *vibe* da vida dele também [...] eu tava querendo viver umas coisas e ele tava querendo viver outras coisas [...] acho que tipo teve um momento que esses caminhos que a gente queria seguir diferente, ele percebeu isso melhor que eu, aí ele terminou. Viu que não ia dar certo o que eu queria, com o que ele queria [...]. A gente terminou por, o estopim do termino mesmo, né? De falar assim, não vamos nunca mais ficar junto. Foi por causa de traição, mas independente da traição ia terminar, ia acabar (LEDA, 2020).

5.2.2 Como ocorreu o rompimento

Essa subcategoria especifica o modo como cada entrevistado sentiu o rompimento, sua visão e imagem sobre como o processo de término de namoro se deu. Entendemos que aqui eles falam sobre si, como se sentiram diante e vivendo processo de término do namoro. Nesse momento, os relatos demonstram como ocorreu e foi vivido o rompimento amoroso:

[1] Hã, o rompimento ocorreu... hã, depois de eu ter chamado a minha ex para conversar, aí a gente passou a noite junto, e no dia seguinte né... Logo pela manhã. É, eu falei para ela o que eu queria conversar, a conversa que eu já tinha avisado que eu queria ter. E, e aí foi quando eu expus para ela os motivos do término, assim, porque era, a iniciativa foi minha, então eu que expliquei para ela quais eram os motivos e o que eu estava sentindo naquele momento para justificar a razão por eu estar terminando. Então foi um término naquele momento bastante tranquilo também, assim, não houve desentendimento naquele momento, mas foi bastante triste, nós dois choramos bastante, é... E aparentemente estava sendo amigável. Só que logo depois, é, alguns dias depois mesmo, é... aconteceu que a gente teve desentendimento porque ela não estava compreendendo tão bem a razão do término e veio querer tirar satisfação de alguma forma assim, hã... Só que depois a gente se resolveu também. Durou um tempo esse clima ruim, esse mal estar pós término. Mas, umas duas semanas depois ficou tudo bem (JACOB, 2020).

[2] Foi por parte dele, ele chegou e falou assim... Falou que não queria mais, daí... É... Ele falou para gente ir na casa dele para conversar, e aí a gente foi, ele falou que tinha medo de se arrepender, falou que tinha medo de terminar e se arrepender. E sentir saudade, se arrepender, tal... Só que aí né, se decide, né! Tem medo de se arrepender, então não termina... Mas ele quis terminar [...]. É, aí ele começou a carregar meu carro com minhas coisas... E eu tipo, meu? E ele não falava assim, diretamente, tô terminando, sabe?

Ele ficava tipo meio... [...]. Num sei... Não quero mais... Tô com medo de me arrepender... (AGNES, 2020).

[3] Quando a gente brigava e às vezes tendia talvez para um rompimento. E a gente dava um jeito de se acertar, ou pelo menos eu fazia um esforço pra isso. E no final do ano de 2018 a coisa começou a descarrilar [...]. E daí teve a minha formatura, que ele estava presente. E alguns dias depois da formatura, ele sentou pra conversar comigo. Daí a gente... Ele explicou que ele não estava mais feliz na relação. E que ele não me via mais do jeito que ele me via antes. E eu tive que concordar que eu não estava mais feliz naquela situação. Daí decidimos pelo término, mas decidimos continuar morando juntos [...]. Porque foi um rompimento que ele já inseriu uma nova pessoa no meu lugar [...]. Olha na época, quando a gente terminou, não era algo que eu queria. Há muito que eu já sabia que a relação não tava boa [...]. Mas eu já sentia que já tava caminhando para um final. E daí quando ele propôs. Eu só tive que admitir que eu também não tava feliz naquela situação. Da gente se relacionando dessa forma. Né, então no momento que aconteceu foi como acordar de um sonho. Só que ainda sim foi muito doído (EDWARD, 2020).

[4] Bom eu reagi antes de romper. Porque na real, antes de eu ter essa conversa com ela. Ela tava num evento acadêmico e tava contente, curtindo. E eu também não achei que, que não era o caso de eu ter essa conversa virtualmente, distante, até estragar a viagem e tal. Então, por mais que já sabia que ia ter essa conversa, ela ainda não. Eu fiquei muito pensando antes na hipótese do rompimento, de uma maneira prática, antes da gente conversar efetivamente. Então, essa primeira semana que ela tava longe e que eu já tava pensando em conversar, foi a semana que eu já me deparei com a noção de rompimento [...]. Nesse processo em conjunto, meio que eu apresentando essa minha problemática assim [...]. Eu tomei a decisão pessoal. Depois apresentei isso pra ela. Pra ela pensar sobre e para eu também pensar. Aí pensamos ambos, sobre nós dois como casal. E aí foi tranquilo assim, foi bastante interessante [...]. E ali mesmo também a gente já resolveu. A gente já sabia por que a gente já tava conversando ali. Então ali mesmo a gente já conversou sobre como a gente ia separar nossas vidas assim. Como seria separar a casa, como seria separar as famílias, ou seja, separar as coisas em geral (LEVI, 2020).

[5] Eu tentei, ainda, fui atrás umas duas semanas. Fui bem atrás. Fui, conversei e falei que talvez possa mudar, mas ele foi muito irredutível em não querer mais [...]. A decisão foi tomada totalmente por parte dele [...]. Ele que tomou a decisão do término [...], ele decidiu. Cada vez mais que fui atrás, mas ele foi sendo agressivo. Teve até um dia que ele me bateu na rodoviária. Ele pegou e me deu um, deu um chute [...]: ‘Olha, eu não me sinto mais atraído por você, não tenho mais atração pelo seu corpo’. Ele me pediu desculpa por essa ligação, logo em seguida, mas, foi nessa ligação, foi quando eu falei que: ‘chega! Eu estou no limite da minha humilhação, né’ [...] eu tomei a decisão de aceitar o término, né. Foi a partir de um momento em que eu vi que eu estava chegando ao meu limite, né. Aliás, passando dos limites, tirando ele do limite, tirando eu do meu limite. Fazendo cenas, que são totalmente abusivas dos dois lados [...]. Quando o meu ex terminou comigo, ele acabou me humilhando muito. Humilhando muito meu peso, porque eu acabei engordando. Ele me humilhava muito, o meu, minha personalidade. Então, assim, eu tava com a minha autoestima no chão (NANCY, 2020).

[6] ele que terminou comigo [...]. Na verdade, foi ele que terminou, porque quem traiu foi eu (LEDA, 2020).

5.2.3 Mudanças na vida em decorrência do rompimento

Para essa subcategoria, recortamos os relatos que explicam o processo de ressignificação do que era vivido na época do namoro e agora, no momento posterior à experiência do processo de término. Entendemos que não é a quantidade de meses que define se o processo de luto pelo fim do relacionamento amoroso foi concluído ou não, mas sim, a maneira como cada indivíduo se percebe no processo e se sente em relação ao rompimento amoroso. Por isso, apresentamos falas que descrevem as reflexões, sensações e mudanças após a experiência da ruptura amorosa, ou seja, um convite a pensar no passado no momento presente:

[1] A partir daí eu comecei a tecer novas relações. E me reaproximar de pessoas que eu me afastei. E eu senti o tempo todo, um quase, ‘bem-vindo de volta!’ E nesse processo eu me reencontrei (EDWARD, 2020).

[2] eu tentei rever as coisas, ressignificar tudo, as músicas, os lugares mesmo, as pessoas. Tentei ressignificar o que poderia sido ruim [...] eu não poder dizer meus assuntos quando eu tava triste, de não poder compartilhar, de não poder ter um amparo, por exemplo. Então eu pensava que antes do namoro eu tinha bastante amparo e na verdade nem tanto. Então eu vi também que quando eu terminei eu tive bastante amparo, que eu não teria namorando. Isso foi estranho de pensar, eu acho ainda [...]. Ah, eu por um lado eu gosto desse lado estético e tal. E eu nunca fui uma pessoa muito estética. E como eu fiquei nesse lance de *Instagram*, que tem muito a ver com estética. Não digo só a estética da foto, mas no geral. Eu nunca fui desse lado. Eu sempre fui meio relaxado quanto a questão estética, sempre fui relaxado pra essas coisas. E nesses tempos eu quis, principalmente roupas, essas coisas. Eu já tava nesse movimento, porque eu já tava terminando o curso. Já queria uma mudança no guarda-roupa (LEVI, 2020).

5.2.4 Sentimentos e enfrentamentos devido à experiência de rompimento

Nesta subcategoria, expomos como cada entrevistado se permitiu a olhar para os sentimentos vividos durante o processo de término do namoro. Sentir e nomear os sentimentos, que por vezes geraram sofrimento em algum grau, não é visto por nós como uma atividade fácil, e por isso buscamos de maneira cuidadosa, analisar essa reconfiguração da relação que cada entrevistado estabeleceu consigo mesmo, para enfrentar os sentimentos, sensações assim como também as reflexões que o rompimento do namoro gerou.

Portanto, nesta subcategoria, é percebido que os(as) entrevistados(as) revisaram a maneira como viveram o período do término do namoro. Vejamos isso em suas falas:

[1] Hã, no exato momento do rompimento, eu reagi de uma forma muito triste. Eu fiquei bastante abalado, os próximos. Uns dois ou três dias depois do término eu fiquei muito triste, assim, eu fiquei bem deprimido! Eu não tinha vontade de fazer muitas coisas. Tava sem ânimo. Porque foi meu primeiro relacionamento. Então eu percebi que ter o rompimento de um relacionamento que eu acreditava que funcionava muito bem por bastante tempo. É, me deixou muito triste, então, aquilo, aquela tristeza assim, bem forte, durou por uns três dias, depois quando, assim, posterior a esses três dias eu poderia ter continuado triste como eu estava ou, porém, o que aconteceu é que minha ex veio tirar satisfação comigo... Ham... Como se eu tivesse feito algo errado, apesar de no início eu ter sido amigável o término, e aí ela veio conversar comigo, como se eu tivesse feito algo de errado, apesar de no início ter sido amigável o término e aí a minha tristeza sumiu e eu estava com uma sensação muito mais de desamparo assim, eu não sabia o que fazer porque a tristeza estava sendo misturada com uma incerteza do que estava acontecendo, né! Por conta de ela estar com raiva de mim, eu ficava sem saber como reagir, então... A tristeza ela sumiu e eu ficava mais numa dúvida do que estava acontecendo, eu estava bem perdido nesse momento [...]. Eu reagi de uma forma bem triste no começo, e depois no decorrer dos dias também, assim, nas primeiras semanas, mas... A tristeza profunda de, de lamento ela não durou tanto assim por conta da, da incerteza que eu tive de sentimentos assim, foi um avalanche mesmo de sensações por conta de eu ter sido colocado contra a parede sem ter entendido o que tava acontecendo, mas eu acho que eu enfrentei o término da melhor forma que eu pude, é difícil explicar isso porque no início como a tristeza, ela me pegou muito muito forte, assim muito de repente, bem intenso assim, eu acho que... no primeiro momento eu enfrentei mais ficando isolado no quarto, não consegui ter muito ânimo de fazer as coisas, então, eu enfrentei tentando me proteger e tentando evitar me expor a outros sentimentos com os quais talvez eu não conseguisse lidar na hora, e posteriormente eu tentei lidar, enfrentar o rompimento enfrentando conviver com mais pessoas, né! Buscar um pouco de apoio nos meus amigos e não me isolar. Ah, e depois de algumas semanas eu tentei buscar, enfrentar a situação, tentando me relacionar com outras pessoas, mas isso não funcionou [...] essa sensação de vazio (JACOB, 2020).

[2] Aí eu primeiro eu me senti desrespeitada, totalmente desrespeitada e traída, não por uma questão, uma questão de traição de monogamia, mas traição de confiança, assim tipo para não contar, né! [...]. Nossa, eu fiquei muito triste, eu chorei muito. Por muito tempo eu fiquei, muito desolada [...] Hã... Ah, eu acho que eu senti bem a tristeza, não fiquei evitando o vazio, a falta... e por uns dois meses eu me afastei dele, não fala nem oi, nem nada (AGNES, 2020).

[3] E eventualmente eu fui adoecendo. Eu fui ficando paranoico, ciumento [...]. Eu tinha uma dependência naquilo [...]. Eu fui trocado e aí aquele desespero daquele processo de se reinventar, de se reencontrar, sem saber o que viria [...]. Então por alguns dias eu fiquei muito mal [...]. Olha, na hora foi isso, foi aquela sensação de buraco no estômago. Aquela sensação de queda livre [...]. Porque eu entendo que a gente terminou o namoro, mas só recentemente quando a gente finalmente mudou de casa, que a gente de fato terminou uma relação [...]. E eu ainda tava muito mal, tava muito. Só chorava. E daí eu entrei só numa sensação de raiva. Tanto que eu esculachei ele [...]. E a partir daí foi sendo um *mix* de coisas. Porque era raiva, mas ao mesmo tempo eu falei, “tá, vou continuar morando com você”. Porque na

época eu não entendia tão bem as razões do porquê eu tava morando lá ainda [...]. Então foi assim, de uma sensação de queda livre a uma raiva muito intensa dele. Porque perdurou muito tempo essa raiva, inclusive. Mas a sensação de queda livre foi por um a três dias, mais ou menos. Depois foi raiva. Depois a coisa foi evoluindo. Mas eu sinto que o luto eu fui fazer depois de muitos meses assim. Acho que ainda tô fazendo esse luto [...]. Eu me senti um lixo. Eu senti que eu tinha dedicado anos da minha vida. Muito afeto pra nada [...]. O enfrentamento da situação se deu que eu achei que não ia ter capacidade de me reerguer e me reinventar [...]. Mas aquela raiva, esse episódio me moveu a tentar de fato botar a “cara no mundo” [...]. Eu senti que eu despersonalizei um pouco na relação. E daí foi um movimento de eu me reconhecer de novo (EDWARD, 2020).

[4] E foi chato pra caramba, foi triste tal, mas também foi interessante porque eu também notei muita coisa que poderia ser legal. E aí depois do rompimento, essas coisas que eram interessantes, não tive tanto, tive mais uma parte mais do que triste, tive uma parte mais trabalhosa [...]. E aí desde estresse que eu não precisava ter e que eu acabava tendo muito. E participava muito de coisas que não precisava tanto. E eventos mais práticos, de acidentes, por conta disso assim que eu acabava, sei lá, correndo riscos que não eram, que não precisava também [...]. E aí foi triste, foi bastante triste porque estávamos nós dois desistindo daquela continuidade né. E que a gente viveu tão intensamente e tal em seis anos. Mas também foi muito legal. A gente riu muito, chorou muito. E foi muito ambíguo, foi muito intenso no geral o nosso término [...]. E foi tranquilo a princípio. Foi tranquilo, a decisão assim junto. Foi bem acordado assim também [...]. Tenho reagido ainda, né. Mas eu acho que no começo a gente fica um pouco eufórico com essas mudanças [...]. Eu tomei muita decisão de ímpeto sim [...]. Senti a diferença de não ter carinho todos os dias. De estar sozinho e não de assistir um filme e não receber carinho, assim mesmo de cafuné, essas coisas. De conversar e isso foi até um grande ponto, inclusive. Eu acho que fiquei com a linguagem até um pouco limitada [...]. E eu fiquei um pouco entusiasmado com essa mudança assim. Porque eu tive que abraçar a novidade, tive que olhar o legal do novo. E a partir desse momento eu preferi olhar isso de uma maneira mais interessante [...]. Justamente isso porque foi difícil emocionalmente. Porque foi, como eu disse, justamente olhar pra algumas coisas que pra mim eram importantes e não eram mais [...]. Foi muito interessante ver como eu separei as coisas assim nesse momento, mas também foi muito doloroso [...]. E também isso foi bem chato pra mim. Me deixou bastante triste. Mas no geral, eu fiquei triste e fiquei empolgado assim também [...]. Então acabou que o namoro era uma parte bastante importante, mas ainda ele era uma parte. E isso também ajudava a me distrair e me deslocar um pouco também da tristeza que eu sentia. Mas também como eu disse, teve muita coisa também. As novidades eu preferi olhar de uma maneira interessante. Me empolga as novidades. Então foi essa ambiguidade, foram meses intensos, no geral. Então ao mesmo tempo que eu me dei pra experimentações que foram muito felizes assim. Eu também acabei experimentando muita coisa que foi triste assim, que foi chateação também [...]. E isso foi bem significativo assim, como uma perda de laço. Que era a pessoa que eu confiava plenamente. E depois tanto eu, quanto ela, a gente tava se estranhando de uma maneira chata assim. Isso me deixou bastante chateado, bastante magoado, acho que foi isso [...]. Ah eu fiquei triste porque era uma alegria muito grande os dias. Que era uma alegria cotidiana imensa e fácil. Era simplesmente viver e de repente não. Então nesse sentido era bem cotidiana a ausência. [...] Entusiasmo também, mas

mágoa também [...]. Eu fiquei bastante só também. Com bastante solidão (LEVI, 2020).

[5] Foi bem traumático [...]. Nossa, não foi nada, não foi nada feliz. Foi um término bem desgastante [...]. Eu fiquei muito desequilibrada. Eu fiquei pensando besteiras, assim, fiquei pensando besteiras, em alguns momentos, de tirar minha vida etc. e tal. Eu cheguei a ligar no CVV, era de madrugada, e eu não queria incomodar ninguém. Liguei no CVV, e era umas três da manhã, assim ó. E o cara me atendeu e ele me ajudou, e ele começou a falar comigo sobre essa questão. Eu expliquei pra ele. Eu acho que fiquei umas três horas. Eu acho que eu fiquei até amanhecer no telefone. Eu fui direto trabalhar, foi bem tenso. E depois dessa ligação, eu falei, realmente, essa é a realidade, né. Eu fiz o que eu pude e já não está mais sobre mim. E, agora, o que o que me resta é aceitar [...] quando eu recebi a notícia do término, a minha reação foi horrível, né. Foi de não aceitar. Foi de não aceitar, de achar que eu não conseguia mais viver. E achar que minha vida não tinha mais sentido. E que eu não conseguiria continuar (...) ele que terminou comigo [...]. Na verdade, foi ele que terminou, porque quem traiu foi eu (LEDA, 2020).

5.2.5 Mudanças e reflexões resultantes da experiência de rompimento

O processo de término de namoro fala sobre o fim de um relacionamento entre o eu com o tu (um outro), que se apresenta como relacionamento, ou seja, um nós. Essa categoria finaliza com uma subcategoria em que o entrevistado(a) expressa um olhar menos direcionado às diferenças e estranhezas geradas pelo que foi finalizado. Dando a entender que de fato, as lembranças boas e os motivos que permitiram o relacionamento existir também fizeram parte da experiência. Aqui, os entrevistados apresentaram um olhar menos dolorido sobre a relação que foi concluída, demonstrando como deram continuidade aos seus desejos após o término e as novas relações com *Apps*, pessoas, lugares e coisas:

[1] Que eu não tava feliz do jeito que eu gostaria, mas eu tinha acabado de mudar com ele. Então rolava uma coisa de, ‘meu eu tenho que fazer isso dar certo pelo menos um ano’ [...]. Então eu me senti sem chão, quando a gente terminou. Eu falei, ‘tou sozinho no mundo, não tenho mais nada aqui [...]’. Porque eu tenho problema com controlar a minha vida. E era uma situação que eu não tinha mais controle de nada. Porque tudo que eu tinha como certo tinha ruído. Eu falei, ‘o que eu vou fazer aqui. Com quem eu vou falar aqui. Como que eu vou fazer?’ [...]. Porque como eu disse, quando eu terminei eu tive a sensação que eu acordei de um sonho [...]. Eu fui sentindo que eu precisava e eu fui fazendo. Fui me reaproximando das pessoas [...]. Ah olha como eu consigo fazer isso de novo né! Eu sou capaz disso. Eu não vou ficar sozinho. Eu não preciso dele pra tudo [...]. E a partir dessas experiências. De reviver essas experiências. E viver novas experiências. Eu fui vendo que, ‘tá, eu não tou sem chão. Eu tenho um chão firme pra pisar’. E daí eu fui me fortalecendo. Me fortalecendo (EDWARD, 2020).

[2] Foi um momento que por mais que eu pensei que eu estivesse tranqüilão, em algumas coisas eu estava deixando a desejar assim [...]. Era muito boa, no sentido de que eu podia justamente me expressar mais assim.

E aí depois eu fiquei um pouco reduzido. E tive que retomar novas linguagens. E colocar outras pessoas dentro da minha. E fazer mudar esse jogo linguístico, essa comunicação [...]. Em muitos sentidos foi muito legal. Porque eu tinha planos também [...]. Então eu preferi justamente investir em coisas que me deixassem contente assim [...]. Isso era impactante emocionalmente. Tive que ver que em alguns sentidos, eu tive que voltar para os meus próprios gostos [...] mas pra mim pessoalmente foi meio triste assim, abandonar algumas coisas que eu até gostava também. Algumas coisas, alguns lugares que não convinha mais também. Algumas pessoas também mudaram. Isso me entristeceu muito. Meu relacionamento com amizades mudou bastante. E depois foi mudando mais [...]. Mas como a gente acabou bem, eu pensei que a gente ia ficar bem e depois do rompimento, acabou não ficando relativamente bem, até o ponto que a gente não tava se falando, e isso foi bem estranho pra mim [...]. De ficar mais simultâneo à realidade. E não ficar tanto resgatando e recorrendo e voltando muito pras memórias passadas e tal [...] coisa muito grande de voltar pra rever muita coisa. Muitas emoções ficaram mudando também. Então coisas que antes me deixava muito feliz, depois eu vi com outro olhar que aquilo me chateava [...]. Sempre gosto muito de conversar. Então eu tentei conversar com quem eu achei que teria uma visão interessante de me apontar assim, que pudesse me trazer raciocínios que eu não teria [...]. Foi uma solidão que teve seus momentos de profundo silêncio. E esse silêncio também, ao mesmo tempo que me devolvia muita coisa dolorosa, me devolvia também muita coisa interessante. Me resgatou bastante coisa também. Então não sei. Eu acho que no geral. Eu acho que foi tudo bem ambíguo. Foi tudo sempre com dois lados bastantes intensos. Tipo tanto o ficar mal, quanto o ficar bem. O fortalecimento, quanto a vulnerabilidade (LEVI, 2020).

[3] o que ele reclamava, pra mim não é um defeito que eu tenho, né. Pra mim, a questão que expansiva, de ser extrovertida, pra mim não é um defeito, mas eu tava disposta a mudar se fosse pra ficar com ele [...]. Eu gosto da forma com que eu sou. Eu gosto de como eu me posiciono. Então, porque que eu sigo mulheres que me fazem eu me oprimir, que me forcem a ser o contrário? E quando eu assisti esse vídeo, Dirceu, a minha vida, assim, com as redes sociais, foi um divisor de águas, porque eu fiz um uma limpa. [...] Depois que eu aceitei. Eu sofri bastante depois, ainda. Sofri muito, mas eu fui me reconstruindo, né. Fui atrás de. Eu não tinha amigos, não tinha nada. Tava bem tenso, assim. Eu tava numa cidade, tinha voltado pra minha cidade, mas não tinha quase contato com ninguém. Então eu resolvi, que eu lembro, que eu saia sozinha. E eu ia conhecer. Aí eu ia conversando com as pessoas, pra mim tentar me reconstruir. Acho que em menos de um mês, depois que eu resolvi a decisão de: não, vou me, agora, eu tenho que me reconstruir, e aí já tava tudo de novo (NANCY, 2020).

[4] Eu comecei a namorar com quinze anos. E tipo não né? Como você é criança, você acha que é uma coisa boba, né? Só que daí você vai crescendo e vai virando mais do que uma relação boba, e daí você nem vê isso passar, isso só acontece [...]. Ah, eu me senti, parece que eu achava um monte de coisa sobre a vida, sobre a vida mesmo, porque em um momento essa relação, ela, eu já vivia, tanto tempo nessa relação, que tipo, para ver se na relação, eu já tava me perdendo, assim, que eu não sabia o que que era a vida fora, que não daquilo. E daí parece que tudo que eu tinha de vida, de plano, de plano, de tudo, foi quebrado assim. Eu me vi aberta num mundo que eu não conhecia [...] ao mesmo tempo que eu tava sem chão, eu vi o mundo

inteiro se abrindo pra mim, foi ruim, mas foi bom [...] eu tive que superar os meus preconceitos sobre mim, mas eu me senti muito bem, na verdade, assim, quando eu vi, quando eu conseguia perceber que eu tava passando por algum momento que eu não conseguiria passar se eu tivesse namorando com ele [...] depois que eu terminei, eu tô bem. [...] Antes e agora eu vejo um modo mais crítico a relação [...]. Se eu quisesse ficar com ele, eu acho que eu não conseguiria ter se afastado, esse olhar crítico para me entregar o sentimento [...] foi muito difícil enfrentar ela, mas eu consegui porque, ah, cara, porque eu não tô sozinha no mundo, entendeu? Várias pessoas me ajudaram, meus amigos. E perceber, que tipo, você pode ter outras relações independente dessa relação que acabou (LEDA, 2020).

5.2.6 Discussão dos resultados da categoria

O que leva o casal a romper o vínculo e, conseqüentemente, terminar o namoro, aniquilar um laço que, antes, era um desejo dos dois? Nesta categoria, percebemos o encontro com a insatisfação e, principalmente, com o outro, em uma “versão” despida de idealizações. Isso não quer dizer, necessariamente, que antes não havia insatisfação, mas sim que o olhar de ambos não era direcionado às diferenças ou aos incômodos sentidos em relação ao outro. Conforme isso passa a ser percebido, o incômodo tende a ser sentido de maneira mais intensa e a insatisfação atravessa a relação.

Também é importante trazer para a discussão o fato que, cada sujeito do vínculo, traz consigo sua bagagem, suas experiências. Isso inclui, certamente, as vivências de relacionamentos anteriores. Jacob, por exemplo, fala sobre o incômodo que lhe causava o fato de ser cobrado, pela ex-namorada, por atitudes que o ex-namorado dela tomava. A presença de conteúdos ligados aos relacionamentos anteriores também pode ser identificada nos relatos, aparecendo como uma espécie de luto remanescente de relacionamentos não elaborados. O que seria, para nós, uma bagagem psíquica. Portanto, para haver um processo de transformação desses conteúdos, é necessário que, ao fim de uma relação, o enlutado possa viver os sentimentos e o que for gerado por esse fim.

Diante de alguns vínculos caracterizados por um encontro narcísico, indicamos as dificuldades para lidar com a alteridade, a insatisfação e a frustração diante do contato com as diferenças que permeiam a realidade de um vínculo amoroso, e por isso, em quase todas as entrevistas, há presença do desejo de aprovação do outro e necessidade de ter o olhar do outro sobre si (FREUD, 1914; KÄES, 2011). Ocorre como se houvesse um desejo de que a relação suprisse o incômodo ou, ainda, de que a insatisfação fosse sentida por ambos, como um ponto comum, para que, assim, o casal se dedicasse a dar manutenção e cuidar, juntos, do relacionamento. Levi, por exemplo, sente-se em segundo plano. Para ele, as aflições da sua ex-namorada eram mais importantes do que as dele e ele expressa uma necessidade de ser o

centro do investimento, sente-se pouco investido, busca o olhar alheio sobre si, como modo de ser visto e investido.

Isso também é percebido na fala da Leda, onde aponta que viveu uma relação fora do relacionamento, uma traição segundo ela, e que, seu ex-namorado, ao tomar conhecimento, propôs o fim do namoro. Ou seja, ela foi viver seus desejos pessoais. Não houve diálogo ou entendimento de que ela desejava algo que poderiam viver juntos. Trata-se de uma fuga: quando um dos namorados não consegue lidar com a evolução da relação, o relacionamento se torna uma pressão social, e com isso, o outro renuncia à relação. Como na fala da Nancy. Para ela, o fato de mudarem o nome da relação de namoro para morando juntos foi “muito” para seu ex-namorado, tendo, inclusive, o levado a propor o término.

As falas de Nancy expressam o desejo que ela acreditava ser dos dois: por morar junto. No entanto, na semana da mudança, ele disse que não iria mais e anunciou o término do namoro. Apesar de que, mesmo com questões adversas, como o fato de ele não aceitar seu jeito de interagir e estar na vida, ele alimentou e investiu no projeto compartilhado de alugar o apartamento. Nancy fala que já haviam compartilhado outros projetos, como a compra de um carro, e que, dessa vez, como desejo de salvar a relação e reatar o namoro, ela estava disposta a mudar seu jeito, ou seja, a se anular. Ela assume a culpa do término, culpa-se e por meio da anulação de si, ataca sua identidade, seu ego. Aqui, vemos como eles estão olhando para as diferenças e como as idealizações são necessárias para equilibrar a convivência. É justamente por isso que os investimentos deixam de ser no outro e passam a ser exigidos para si.

Com relação ao rompimento em si, os questionamentos se dirigiram ao modo como ocorreu o rompimento para o entrevistado. Ou seja, como se deu o processo de desvinculação e separação do(a) namorado(a). Jacob, que anunciou o término, também Levi, que convidou a ex-namorada para a conversa sobre o desejo de terminar o namoro e de finalizar a relação, apresentaram falas com bastante carga emocional. Descreveram a experiência como promotora de tristeza profunda, raiva e desamparo.

Como consequência, também relataram que, durante o pós-término, viram-se perdidos sobre diálogos, sobre como fazer novos contatos e, principalmente, por sentirem falta da rotina e da presença da ex-namorada, seja nas atividades, seja em receber mensagens e saber sobre o outro. Os sentimentos eram rejeitados, e para Jacob, ele já havia concluído o luto em relação a esse término, mesmo tendo dificuldade de adentrar os conteúdos sobre como se dava o namoro e sobre como foi o término.

Foi possível notar, também, a partir das entrevistas, que ao ser informado sobre o término, o sujeito que recebe a informação busca ou demonstra, como necessidade pessoal,

uma demanda de revisão do que foi vivido durante a relação, a fim de encontrar o motivo que levou ao término, também como uma possibilidade encontrar o erro e corrigi-lo, salvando o namoro e evitando que haja a perda do objeto amado, seu(ua) namorado(a).

Em *Luto e melancolia*, Freud ([1915]1996) fala sobre um ego que fica fragilizado pela perda do objeto amado. Por vezes, ele pode assumir uma culpa, a fim de dispensar ataques ao próprio ego, como uma forma de flagelação, um meio de se culpar e de se punir por ter perdido o objeto de amor. O ego que se encontra empobrecido pela perda do objeto amado, não se vê como um objeto digno de ser investido, até que possa identificar outra possível fonte de investimento e de reconhecimento. Ainda para Freud ([1927]2010), a necessidade de diminuir o desprezo sentido por meio da renúncia dos desejos primitivos diante das angústias e das frustrações, leva o sujeito a procurar mais de uma maneira de obter retorno dos investimentos. O mesmo ocorre com a necessidade de se obter prazer por várias vias: sexo, drogas, religião, atividades físicas etc. (FREUD, [1927] 2010).

Ainda sobre o se relacionar narcisicamente (FREUD, [1914] 1996b), é possível notar, em algumas falas, que os entrevistados relataram uma expectativa na relação, ligada às ações de “permitir”, “abrir mão”, “necessidade de se igualar ao parceiro em ações, desejos, ganhos etc.”. Nesse ponto, é importante dizer que, de fato, ambos ganham, doam-se, recebem e compartilham. Essas ações são vividas por cada pessoa na relação à sua maneira. Entendemos que não há um medidor que permita aferir se ambos estão se doando à mesma proporção para relação. E essa necessidade de se sentir investido igualmente é fruto de uma idealização, assim como de uma frustração por não ter seus ideais realizados.

Trata-se da necessidade da reciprocidade no amar e de se sentir amado em uma mesma intensidade ou proporção, de estar disponível ao outro e esperar o mesmo grau de disponibilidade, ou de esperar, ainda, que o outro renuncie a sua singularidade pela relação como prova de comprometimento e investimento na relação. Essas são fontes de frustração e de angústia. A renúncia não deve ser imposta, ou mesmo vivida de maneira intensa e incisiva. É preciso sempre que haja respeito e atenção por aquilo que se sente e recebe na relação (MINERBO, 2014).

Outro sentimento que se apresentou diante do anúncio do término foram os relatos de agressividade, tomado como modo de relutar contra a concretização do término do namoro. Dito de outro modo, foi possível entender que o comportamento agressivo foi uma maneira de aceitar o término do namoro, negando-o. O fato de negar o fim, e a busca por reatar o vínculo amoroso, apareceu acompanhado de agressividade, discussões com ataques verbais e físicos. Essa agressividade se mostra, também, como forma de expressar o

sentimento. Ela diz respeito a quanto aquele objeto teve/tem valor, portanto, é uma maneira narcísica de expressar o fato que não se aceita que o outro possa dar continuidade à sua vida sem o relacionamento. A frustração por ver o outro conseguir viver sem mim (CARUSO, 1986).

A maneira como o casal de namorados lidava com os conflitos durante o relacionamento amoroso, também se expressa sobre como era o namoro e como cada um se colocava. Pois, no término do namoro se busca aquilo que se sente falta em si, assim como também, ao fim de um relacionamento, ambos têm a possibilidade de retomar os sentimentos vividos durante o relacionamento. Isso se põe como uma revisão da relação, ou seja, as lembranças e seus afetos. Quanto mais afetuosa é a lembrança, na mesma proporção é o sentimento ligado a ela, deixa a dor angustiante e na ausência, a solidão. Nas entrevistas apareceram agressividade e o término como meio de resolução. A retirada dos investimentos, a fuga para não lidar com o conflito e ter que olhar para si no conflito.

Até mesmo porque, como Agnes, Edward, Nancy e Leda expressaram em relação a seus ex-namorados, eles tomaram a decisão como consequência do que estavam sentindo, e só depois dialogaram, para informar o término. Não foi proposto um diálogo sobre o que vinham sentindo e proposto uma mudança. O outro na relação fica alienado e impossibilitado de entender como cada um está se sentindo e reagindo em relação ao que ambos construíram.

As características presentes em relacionamentos abusivos tais como o descaso, a negação dos desejos do outro, negligência e a imposição, podem vir acompanhadas de agressividade, que pode se manifestar através da ação/violência física contra o parceiro como em agressões verbais e psicológicas que são expressões dos relacionamentos abusivos.

Com relação aos sentimentos deflagrados e os desafios diante da separação amorosa, os relatos indicam uma ação de reorganização dos investimentos libidinais, mas, também, um retorno dessa libido. Trata-se de um movimento em que o ego investe em objetos e, posteriormente, recebe essa energia, que retorna por meio de outros investimentos. Esses investimentos podem ocorrer através de diálogos, compartilhamentos da presença e de ações, das palavras de acolhimento e elogios ditos (FREUD (1996 [1915])).

Edward expressa esse processo de retomada de suas atividades e vínculos após perceber que se fechou totalmente no relacionamento e, percebeu que no pós-término, realizou uma retomada dos vínculos anteriores. Levi expressa o mesmo que Edward, mas com outras palavras: ressignificar o que sentiu e viveu. Vemos que o desejo de Levi é o de passar a investir em objetos que antes não investia, a fim de receber o retorno de seus investimentos libidinais e, assim, fortalecer seu ego após o rompimento.

Levi afirma se sentir em prejuízo com a relação finalizada, chega, até mesmo, a quantificar ou mensurar seu investimento e o quanto tinha de retorno. Aqui, podemos pensar que cada sujeito, de modo particular, está investindo na relação de acordo com suas possibilidades. Dito de outro modo, o que se oferta, muitas vezes, é o que se tem ou se imagina ter. Levi também menciona o uso dos *apps* e de redes sociais. De acordo com os relatos, podemos apontar que os usuários podem investir, por meio do compartilhamento de imagens e vídeos, e ter um retorno de maneira mais ampla, por meio das curtidas, das reações e dos comentários recebidos pelos demais usuários que estão em seu perfil. Acreditamos que é também, por meio delas, que para os entrevistados ocorreu, de certa maneira, um retorno da libido, agora, de um modo diferente: não mais de um único objeto, mas de todos os que visualizam e reagiram, e que materializam e demonstram esse investimento por meio de comentários, reações e curtidas etc.

As falas do Edward indicam que, durante o namoro, sentiu sua singularidade ser anulada, assim como demonstrou Nancy. Em seus discursos, demonstraram que suas próprias características pessoais eram atacadas pelos companheiros: o fato de conversar com as pessoas - ser comunicativa, era apontado como um defeito e um problema para a relação. Que era imposta à vivência de negação de si, fazendo com que fosse vivido como consequência, apenas a relação enquanto o desejo alheio. Diante de tais conteúdos, podemos pensar que, para que o(a) parceiro(a) permanecesse satisfeito, era necessária a anulação do eu na relação, estabelecendo um nós, ou seja, um vínculo muito específico, baseado na exigência de renúncia do outro em detrimento do eu.

Após concluir o processo de término com a ex-namorada, Levi nos apresenta um modo de investimento no eu por meio da estética e das imagens, também compartilha em seus *apps* e redes sociais. Recebendo como investimento as curtidas e os comentários de seus seguidores. Esse ego que antes se sentia sem investimento e em déficit, passa então, a receber investimento e olhares sobre si, indicando também um valor, um eu sendo reconhecido aos olhos do outro.

Viver o término, para os entrevistados, também foi revisar e repensar sobre o que foi sentido, tanto durante o período do namoro, quanto após oficializar o término. O sentimento em relação a alguém que deixou de integrar a vida ou o cotidiano consigo, pode gerar tanto frustração quanto alívio, no entanto, nenhuma das duas possibilidades citadas podem negar o que se viveu a dois, enquanto casal de namorados. A possibilidade de acessar lembranças e afetos só é possível em relação a algo que não temos mais, porque, de fato, vivemos e guardamos conosco essas lembranças. As lembranças são de quem as guardam.

Outro fato interessante em relação ao término do namoro, é que tantos os entrevistados citaram estar vivendo um processo de luto, pela perda do parceiro, quanto citaram, também, que esses sentimentos foram semelhantes àqueles que se observa no processo de luto por perda e morte. A seguir, agrupamos os sentimentos citados pelos entrevistados em relação ao pós-término do namoro, em tópicos que são as fases do luto por morte, segundo Kubler-Ross (1985):

- Negação: Negação em relação ao fim, paranoia, ciúmes, sensação de ter sido trocada, falta de ânimo para agir, sentimento de culpa, desamparo, lamentação, isolamento, solidão, sensação de vazio, falta, desolada, evitou expressar os sentimentos de:
- Raiva: Raiva, mágoa;
- Negociação/Barganha: Disposição a mudar seu jeito de ser e de se comunicar com os outros;
- Depressão: Possibilidade de suicídio, tristeza, tristeza profunda, sentir-se deprimido; e, por fim,
- Aceitação: Sentimentos ambíguos em relação ao ex, sentimento de desrespeito consigo em relação ao outro.

Ao lermos as categorias, é possível observar que os sentimentos citados pelos entrevistados falam sobre qual momento do luto por perda do objeto amado foi vivido por cada um. No parágrafo anterior, foi citado as fases do luto seguindo a ordem que a autora organizou, mas isso não quer dizer que todas as pessoas a sigam, até mesmo porque, segundo Kubler-Ross (1985), a ordem se mistura, e as pessoas enlutadas podem sentir os sentimentos de cada fase aleatoriamente.

As entrevistas falam de dor, sofrimento, vazio e sentimentos ambíguos. No geral, mostram que, cada um tem seu processo singular e que estão conseguindo lidar com o término, a despeito de todo o sofrimento. Apesar disso, também localizamos relatos de desejo de reconstrução. Nesse ponto, é importante dizer que a utilização de *apps* e redes sociais foi uma ferramenta utilizada como uma fonte de prazer, mais do que de desprazer, e de autoconhecimento, pois muitos puderam utilizar de ferramentas e dos perfis que seguem para refletir sobre si mesmo.

A reflexão possibilitada por meio das redes sociais foi algo relatado pelos entrevistados, pois indicaram que puderam reavaliar a imagem que passam de si nos seus perfis, assim como, também, entender o porquê seguiam alguns perfis, quais pessoas e perfis gostariam de acompanhar para aprender e compartilhar informações. Ao analisarmos as suas falas, foi possível entender que Edward demonstra que saiu de um relacionamento narcísico, de modo que se anulava em prol do relacionamento, principalmente em relação ao desejo do ex-namorado. Essa anulação se dava por buscar atender e ser quem o ex-namorado gostaria

que ele fosse, ou seja, a busca pelo semelhante e em atender as idealizações de seu namorado.

O término do namoro também o permite direcionar seu olhar sobre o que estava vivendo, e refletir sobre como era essa maneira de se relacionar com o outro. A necessidade de mudança, como consequência do término do namoro, pode representar a busca de independência em relação ao outro. Assim como reencontrar amigos e buscar se inserir em novos grupos, o que nos fala sobre seu desejo de construir novos vínculos, fraternos e afetivos, mais amplos, além dos amorosos. Outra questão é a ideia de que o seu parceiro é o único que o entende e que pode estabelecer uma comunicação compreensível, ser compreendido e compreender. Fruto também da idealização, porque os diálogos são estabelecidos e nós vamos passando por um processo de familiarização do outro.

O olhar do outro sobre nós, após o término do namoro, acaba sendo um novo encontro consigo mesmo e com sua imagem. Essa ação, principalmente intermediada pelos *apps* e por redes sociais, influenciou os entrevistados, acreditamos. Como consequência desse olhar, buscaram ter uma imagem e informações ligadas a ela. Esse foi o caso, principalmente, de Levi, Nancy e Leda, porque, para ambos, os *apps* e as redes sociais permitiram não só estabelecer um novo olhar sobre seu próprio corpo e imagem, como também para a maneira como se relacionam e se comunicam com o outro nesses ambientes.

No entanto, Nancy apresenta a utilização dos *apps* e das redes sociais, como um lugar novo para se comunicar e estabelecer contato, mas que seu ex-namorado utilizava como meio de tentar controlá-la ou de afetá-la, proibindo-a de usar ou exigindo que ela compartilhasse com ele esse espaço que antes era particular. A maneira como Nancy expõe que seu ex-namorado utilizava suas características depondo contra ela mesma é uma agressão psicológica. E, após o término, ela busca referência em outras mulheres para se inspirar, entender ou aprender a olhar para si com uma perspectiva diferente, de valor, de investimento e de reconhecimento. Essa mudança, no entanto, foi o resultado de um processo árduo de reflexão. Depois de entrar em conflito com seu corpo, assistiu uma *live* e, lá, a autora falava sobre isso: as pessoas das suas redes sociais trazem um discurso que você concorda? Nancy, a partir disso, ainda em processo de luto pelo término do namoro, analisou os perfis que seguia no Instagram, excluiu alguns e adicionou outros, o que tornou o ambiente desse *app* um lugar mais interessante para ela.

A entrevistada também comenta sobre suas referências, ou seja, perfis de pessoas que ela segue, principalmente no *Instagram*, que para ela precisou também mudar, como se ela rompesse com esses modelos nos quais ela não se reconhecia mais. Ela fala sobre seguir outras mulheres com corpos possíveis, corpos de mulher que pareciam com o dela, e que

estabeleciam relação de cuidado com o corpo. Cuidado aqui é dito no sentido de não usar características do seu corpo para diminuir sua beleza, sentir desconforto ou como estranho.

Leda, contudo, fala sobre mudança na utilização dos *apps* e redes, mas também das ferramentas que eles disponibilizam, ou seja, como se comunicar nesses espaços por meio das curtidas, dos comentários e das reações. Para ela, foi uma descoberta, um mundo novo à sua frente, e ela abraçou e imergiu nessas experiências, como ela expressa em suas falas.

5.3 O uso de aplicativos/redes sociais após o rompimento

Nessa categoria apresentamos os conteúdos que descrevem o uso e o papel das redes sociais e *apps* que os entrevistados empregaram, ou seja, a utilização desse recurso a tecnológico como um suporte para viver e se relacionar após a dolorosa experiência de rompimento amoroso. Portanto, nesta categoria os entrevistados e entrevistadas apresentam falas e sentidos atribuídos aos *apps* e suas funções, ou seja, qual o papel desses *apps* e das redes para eles? E, conseqüentemente, como eles percebem o uso e a função dessas ferramentas tecnológicas durante o processo de luto do término do namoro?

[1] Ah, eu percebo que o uso de aplicativos numa situação assim de pós-término ela, esse uso pode ter o efeito de tentar suprir essa perda, essa sensação de vazio. Então, tentar ver a felicidade, tentar ver outras pessoas. Talvez até para buscar uma outra pessoa para se relacionar mesmo, mas de uma forma muito superficial, talvez só para tentar substituir a pessoa, né. Não de uma forma muito maduro diria, por conta de você está tentando só, substituir um sentimento ruim que você ainda tá processando por uma sensação boa e superficial e que quase instantânea, então eu acho que os aplicativos, pelo menos de redes sociais, como o *Instagram* e o *Facebook* por exemplo eles podem tentar... É... Eles podem ser utilizados mais ou menos nesse sentido além de que eu acho que eles contribuem um pouco para tentar passar o tempo e evitar pensar no término também na situação desagradável, nas situações ruins, mas eu acho que o efeito, ele não funciona tão bem assim, é mais ilusório de que vai ajudar, eu acho que no final das contas esses aplicativos e às vezes até, se a pessoa termina e já vai tentar utilizar *Tinder* por exemplo... É... eu acho que é só de uma forma de tentar substituir aquela pessoa e tentar buscar um afeto pra, pra tentar passar uma sensação boa e esquecer dá, dos problemas do rompimento, mas acredito que não funciona muito bem, na verdade acho que é até pior [...]. Mas nisso eu acho que eu já tinha, por assim dizer, meio que superado o relacionamento, eu não tava tentando simplesmente tentando buscar tapar um buraco né... Eu acho que eu já tinha, já tinha avançado mais ou menos no, na elaboração do término né... Mas, é... A única coisa que mudou de passar a utilizar um aplicativo novo, foi no caso o *Tinder*, foi alguns meses depois, né. Foi quatro meses depois eu acredito [...]. Eu, eu diminuí o uso do *Facebook* depois do término, mas eu não consigo ver uma relação muito direta, hã... E meses depois de ter terminado eu baixei o *Tinder* e passei a utilizar ele com uma certa frequência (JACOB, 2020).

[2] Nossa, bizarro, porque a gente se ignorava, completamente, tipo, se via e fingia que o outro não estava ali, e ele ficava vendo tudo que eu postava... se ele postava um bagulho eu via, se eu postava um bagulho eu via... Dos *stories* do *Instagram*, porque a única rede que eu uso é o *Instagram*... Até tenho o *Facebook* lá, mas não uso muito [...]. Eu não sei, eu acho que mudou muito não... Eu acho que o que é estranho é a interação que a gente tinha e que não existia pessoalmente. Mas o uso de aplicativos, eu acho que não mudou não... Eu uso igual... [...]. Continua fazendo... Não sei se mudou, não sei... Ai eu já não sei, né (...) Música de fossa, de dor de cotovelo, é assim... uma música de amor e logo em seguida uma música de raiva. É assim minha *playlist* de fossa... uma música apaixonada e logo em seguida uma música xingando. E vai alternando, uma brisa. Ai música de empoderamento, do tipo: eu posso! Eu sou capaz! Sou feliz sozinha! Daí uma apaixonada e uma fossa [...]. Eu me sinto melhor eu acho! Não, aparece do ladinho. Já na página inicial aparece uma barra lateral com várias pessoas que você segue, o que elas estão ouvindo, o que elas ouviram, qual foi a última música que elas ouviram. E essa parte não ajuda. Agora a parte de poder fazer *playlists*, de poder colocar lá sua brisa em uma *playlist* quando você quer despertar esse sentimento é só ouvir e *playlist* e tal... Essa parte ajuda (AGNES, 2020).

[3] Demorou um tempo até eu tirar a opção de ver as publicações dele e ver os *stories* dele no *Instagram*. Eu ainda o sigo, o que é uma coisa que agora que a gente finalmente terminou esse relacionamento da casa [...]. Serviu pra esse momento de me reconectar com as pessoas que de fato eu tinha me afastado. Porque eu tava muito isolado mesmo. E era a forma que eu encontrei de voltar a me aproximar das pessoas (EDWARD, 2020).

[4] a gente já tinha essa noção de solteirice assim. Tanto eu quanto ela, a gente sempre foi meio promíscuo assim, embora eu até tenha dado uma leve reduzida na minha promiscuidade. Mas a gente já decidiu também assim, por isso. Porque a gente já sabia que não ia ser muito cuidadoso. Então seria mais cuidadoso mesmo se a gente ficasse bem livre. E ai não afetar muito o outro, no sentido de não deixar se observar tanto e deixar acontecer. Na medida que a gente conseguisse tolerar com mais alegria assim (LEVI, 2020).

[5] a finalidade era pra sair, era pra me distrair, né, sair da realidade. E, também, pra mim, tipo, melhorar minha autoestima. Essa minha finalidade, logo após o término (NANCY, 2020).

5.3.1 Aplicativos mais utilizados

Nessa subcategoria, os entrevistados expressam quais *apps* receberam mais atenção e foram utilizados por eles. Alguns dos participantes nomeiam alguns *apps* como composição da relação, de maneira que ambos faziam uso e, logo, faziam parte do relacionamento, atribuindo valor, sentimento e vínculo por esse canal de comunicação e convivência.

[1] Ela utilizava *Instagram* e o *WhatsApp* mas eu não sei se o *WhatsApp* se enquadra nesse sentido [...] Que eu mais uso é, é o *Instagram* mesmo

(JACOB, 2020).

[2] Olha eu acho que na época eu me foquei mais no *Instagram* (EDWARD, 2020).

[3] E depois veio uma função nova, que foi da música. E eu gosto bastante de música, passei a usar mais. Eu gosto muito da linguagem também do *Instagram* (LEVI, 2020).

[4] Sim, nós usávamos o *WhatsApp*, muito! Era o nosso aplicativo principal pra nos comunicar, né. Eh, *WhatsApp* a gente usava muito. Nós usávamos, tínhamos uma relação de amizade no *Facebook*. Nós tínhamos uma relação de se seguir no *Instagram* [...] é o aplicativo que eu mais uso. Meu *Instagram* tá dando uma média de uma hora e trinta e seis por dia [...]. Então, o *WhatsApp*, nesse momento de pandemia é bastante, né, por causa do... O *WhatsApp* é mais pra questões de trabalho, né. Agora, e *Facebook* eu uso pouco. O *Tinder* eu não uso mais, foi muita frustração. O *Tinder*, eu não uso mais. Uso muito o *Spotify*. *Spotify* quando eu não tô dando aula, preciso escutar música. *Spotify*, eu acho que eu uso, tipo assim, umas três, quatro horas, por dia, que eu escuto muita música. E a Netflix eu uso todo dia pra dormir, porque eu gosto de assistir uns desenhinhos pra dormir. Então, é isso minha vida de aplicativo (NANCY, 2020).

[5] o *Tinder* é só um exemplo [...] o *Instagram*, o *Twitter*, o *WhatsApp* [...] quando eu acordo, eu já abro o *Instagram* [...]. Eu faço no *Instagram*, no *Twitter*, no *Facebook* e no *WhatsApp* (LEDA, 2020).

5.3.2 Como ficou o uso dos aplicativos após o rompimento

Aqui, o olhar dos entrevistados está voltado para ao uso e a função atribuída aos *apps* e as redes sociais. Alguns descrevem um uso intensificado de *App* de músicas como meio de lidar com a ausência, outros a respeito do ato de descobrir informações sobre o ex.

A intensidade do uso aumenta e diminui de acordo com grau de ligação que se sente em relação ao ausente e ao desejo de reestabelecer o vínculo. A possibilidade de pensar em outra coisa que permita esquecer o término do namoro também é expressado. E, por isso, a função de utilização do *Instagram* e das *selfies* surge como meio de investir em si, em sua imagem e no retorno afetivo que sentem por meio das reações que os seguidores usuários fazem em relação a imagem/vídeo compartilhado/postado nos *Apps* e redes sociais.

[1] Certo, o uso para mim, ele é basicamente diário, eu faço, eu utilizo, eu abro os aplicativos para checar ou para passar um tempo neles, a cada duas horas mais ou menos, é... De acordo com as notificações que aparecem, e eu acho também que... tem um pouco a ver também com um certo vício que que tenho em rede social [...]. O *Facebook* eu diminuí muito o uso, eu só abro no computador [...]. *WhatsApp* eu tenho utilizado quando preciso conversar com alguém ou quando eu recebo alguma mensagem mesmo [...] eu acredito que eu devo utilizar cada um umas 2 horas, por dia [...]. Eu tenho bastante, é... Apego a ficar abrindo as redes sociais mesmo que não tenha muita razão aparente de fazer isso. Mas também eu acho difícil evitar

de tomar essas atitudes, de fazer uso tão frequente assim [...]. Hummm, eu, eu acho que eu reduzi o uso em geral de todos os aplicativos que eu utilizava na época, (...). *Facebook* mais recentemente do pós término foi o que eu cortei em maior quantidade de horas de uso, eu uso muito pouco hoje em dia (JACOB, 2020).

[2] Não, talvez tenha intensificado... Ah, o *Spotify* com certeza [...]. Igual, mas o *Spotify* com certeza porque aí eu entrei na brisa de fazer a *playlist* do término, porque assim eu sempre faço as *playlist* para os momentos da minha vida... Daí eu fiz uma *playlist* quando a gente se conheceu, uma *playlist* quando a gente brigou, e uma *playlist* quando a gente terminou... então eu ficava ouvindo *playlist* no repeat assim... [...]. Essa “noia” de investigar, ficar olhando... Porque aí terminou e aí já não tinha mais o que olhar, né. Então foi meio estranho porque eu fiquei assim, nossa, uffa... Sabe, aí... tirou um peso, sabe? Tenho mais que ver nada. Assim, acho que nesse sentido ajuda (AGNES, 2020).

[3] Olha, *Facebook* não, continuei usando da mesma forma. *WhatsApp* não, continuei da mesma forma. Mas eu acho que de novo, o *Instagram*, que eu acho que é muito *record* de viado. Porque *Instagram* é muito do público LGBT. Eu passei muito a usar o *Instagram* como um aplicativo e relacionamento [...]. Era um aplicativo que eu usava muito. Então, eu tou de bobeira, entro no *Instagram* e fico muito tempo vendo foto, tals. Mas eu acho que pra além disso, não. Não teve nenhuma outra mudança assim, drástica [...] o *Facebook* eu continuei usando na mesma proporção [...]. Eu uso mais do que eu gostaria [...]. Mas tem dias que eu fico, e fica, fica. Até porque tem esse lance de usar como rede de relacionamento também [...]. Porque assim, eu tou estudando, mas ah cansei. Daí pego o celular e entro no *Instagram*. Daí perco um tempo ali e volto fazer o que eu tava fazendo. Eu não acho que interfere de modo... Porque assim interfere nas coisas que eu faço no dia a dia de uma forma negativa. Do tipo, deixo de fazer coisas pra estar usando esses aplicativos, mas eu acho que eu uso mais do que eu gostaria. Porque quando você para pra colocar no papel você realmente fica muito tempo nisso né [...]. Mas é isso, quando eu paro pra olhar, eu sinto que eu uso muito mais tempo que eu gostaria. No sentido que eu gostaria de ser mais produtivo (EDWARD, 2020).

[4] E *Facebook*, às vezes [...] *Facebook* eu vejo mais pra ver aniversário das pessoas, essas coisas [...]. Bom, já no final do namoro eu tinha aumentado um pouco o meu uso sim [...]. Com o *Instagram*, eu acho [...]. Teve também coisas afetivas sim, de distração, mas eu acho que no caso, o *Instagram* eu acho que fez mais esse lado de ser mais [...]. E até aumentei nesse período. E as conversas com as pessoas pelo *Instagram* também aumentou [...]. E aí meu uso foi isso, a frequência deu uma aumentada como eu disse e qualitativo foi isso, nesses aspectos [...]. Tem dias que tem algum assunto que eu não quero tratar, que fico postergando. E aí é meu momento de passar mais tempo [...]. Por dia, juntando tudo, acho que umas três horas por dia, acho que em média né. Tem dias que eu uso mais, tem dias que eu uso menos (LEVI, 2020).

[5] E eu fiquei usando muito a rede social. A rede social quando a gente terminou, eu fiquei, nossa! Eu fiquei muito desesperada! Baixei *Tinder*. Baixei mil aplicativos de relacionamento. Eu ficava muito tempo, muito tempo, mesmo, no *Instagram*, muito tempo no *Facebook*, né. Eu fiquei muito compulsiva com rede social [...]. Eu baixei o *Tinder*. Eu tinha

desativado meu *Facebook*. Eu reativei meu *Facebook*, que eu tinha desativado, quando a gente terminou. Porque o *Facebook*, que é uma rede que eu não gostava muito, eu reativei [...]. eu fiz *Twitter*! Não tinha *Twitter*. Fiz *Twitter*. Foi o *Twitter*, o *Tinder*, e eu reativei o *Facebook*. Fazia uns cinco meses que eu tava sem *Facebook* [...], logo que eu terminei. Eu fiquei usando muito esses aplicativos, mas muito mesmo, de forma exagerada. Eu usava muito, principalmente, o *Tinder* [...] eu sempre estou postando fotos e etc. e tal (NANCY, 2020).

[6] Eu uso bastante, mas eu acho que eu não sou viciada em redes sociais [...] eu uso uns 40 minutos cada [...] eu uso bastante, ainda mais se eu tiver com tédio [...]. Eu uso, em média, por dia, as redes sociais por 40 minutos. Cada uma, cada uma, meu amor. Mais de duas horas, 4 horas por dia. Eu consigo minha, tipo eu consigo postar foto minha. Eu acho que redes sociais são boas, eu achava que não eram boas, eu achava brega, sei lá, mas agora eu gosto (LEDA, 2020).

5.3.3 Quais as funções e significados atribuídos para o uso dos aplicativos após o rompimento

Nesta subcategoria, apresentamos como os entrevistados compreendem o uso, ou seja, quais as funções e significados atribuídos para o uso dos *apps* e redes sociais, após a separação amorosa. Apontaram que perceberam uma modificação na função e no papel de alguns deles. Enquanto alguns usuários utilizam o *Spotify* para ouvir músicas e criar suas *playlist*, outros investigam quais músicas e *playlists*, seus(suas) ex-namorados(das) estão ouvindo, como meio de obter informações sobre as(os) mesmas(os).

Já em relação ao *Instagram*, os trechos das entrevistas mostram uma mudança radical em seu uso e função. O que nos levou a compreender que o *Instagram* passou a ser utilizado como um aplicativo de relacionamento, uma vez que os entrevistados expressaram utilizar o *status* da rede social, onde compartilham momentos por meio de fotos e vídeos, para buscarem namoro, sexo e encontros casuais. A descrição da ação se dá pela reação ao que é postado, gerando um diálogo e um possível encontro. Os entrevistados que expressaram essa modificação e adicionaram essa atribuição ao *apps* o consideraram mais satisfatório do que o *Tinder*, que é específico para essa atividade de encontros e relacionamentos.

[1] Eu acho que o uso que eu faço de redes sociais, principalmente após o término do namoro, ela tem como objetivo interagir socialmente, né. Tentar buscar um maior contato com pessoas que normalmente eu não teria se eu não utilizasse as redes sociais [...]. Eu acho que especificamente após o rompimento, assim, logo após, o uso do, de redes sociais não ajuda muito porque atrapalha na elaboração dos seus sentimentos assim, na compreensão das sensações que você está tendo após o término, então acaba por deixar você um pouco entorpecido pelo, pelo uso mesmo, ao invés de você tentar

compreender o que você está sentindo e lidar melhor com os seus sentimentos [...]. Eu acho que eu utilizo, por um pouco de solidão, é... Um pouco como forma de procrastinar também diante da, das tarefas que eu tenho que fazer no dia. É uma forma de me aproximar de alguns amigos que estão longe também (JACOB, 2020).

[2] Então, não sei, eu acho que ... Os aplicativos que eu uso mais, tipo o GPS que eu acho que não conte muito, são esses. O *WhatsApp* eu acho que é mais para trabalho e mensagens no geral... Então não mudou muito. Porque mensagem a gente sempre está trocando... Ai!, o *Instagram*, também... [...]. Nunca muito saudável né, o uso de aplicativos e redes sociais, nunca foi muito saudável, mas assim, se eu for pensar na diferença de antes de terminar e depois de terminar eu acho que é essa assim, de perceber uma interação que não rola pessoalmente e só rola virtualmente. Agora quando a gente estava junto tinha até porque nosso relacionamento sempre foi aberto né... Então a questão das outras pessoas que ele ficava e das outras pessoas que eu ficava. E o único lugar que dá, se você não presenciou essa cena né, o único lugar que dá para você provar que está rolando alguma coisa ou não, é via interação virtual, né. Tanto que você olha na foto dele se ela curtiu e olha na foto dela se ele curtiu esse uso também não é nada saudável, né...(AGNES, 2020).

[3] E rolava muito quase uma tentação de expor sem expor o que tava acontecendo. Então, aquela coisa de dar pistas de que você não tá bem. De que alguma coisa não tá legal. Ou de expor que você tá bem pra mostrar que você tá bem, pra tentar mostrar pra pessoa que você tá bem [...]. Né, você usar a rede quase como um jogo de ataque e defesa com a pessoa com quem você terminou [...]. Porque você via um cara que era bonito. Daí você seguia esse cara e daí você começava a responder os *stories*. E aos poucos ir flertando e partir disso. Então começou a ter outra lógica que pra mim não tinha antes [...]. Que era isso, o *Instagram* era mais de um lazer. O *Facebook* era pra além de trabalhos, coisas da faculdade, era publicações mais políticas, mais informativas. Enquanto o *Instagram* era mais futilidade, vida pessoal e coisas assim. E se manteve, de certa forma. Hoje eu uso mais o *Instagram* do que o *Facebook*, inclusive [...]. Eu apareci. Eu voltei . Ou cheguei. Mas eu acho que serve como uma ferramenta interessante de construção de rede ou de se reconectar com as pessoas (...) Então eu acho assim uma ferramenta interessante [...]. Porque pelo menos no meu caso me ajudou [...] Pra mim funcionou. Serviu como uma ferramenta pra ajudar com meu término, mesmo assim. Tanto os aplicativos de relacionamento, quanto o *Instagram*, quanto o *Facebook*. Então assim era uma forma de eu reconectar com pessoas que não estavam mais presentes fisicamente na minha vida, mas que eu sabia com quem eu podia conversar, ou podia contar. Dividir o que tava acontecendo comigo, o que eu tava passando. Então pra mim foi uma experiência positiva essa reaproximação com as redes sociais [...]. Eu usava (*Twitter*) realmente pra seguir grupos e figuras políticas onde eu conseguia me informar mais rapidamente de coisas que por exemplo, demoravam mais tempo pra chegar no *Facebook*. Eu, pelo menos sentia dessa forma. Eu não usava como uma rede de relacionamento, uma rede social. No sentido de que eu não socializava com ninguém, mas eu usava como um canal de comunicação. No sentido de receber informações (EDWARD, 2020).

[4] E acho também que ninguém mais tem tempo. E eu gosto muito de conversar com as pessoas, e eu acabo recorrendo a conversar virtualmente

porque não existe muito tempo entre as pessoas [...]. Vejo também pra ver pessoas de longe, pra ver como elas tão mais ou menos, mas tenho ficado mais no *WhatsApp* e no *Instagram* [...]. O *Whats* eu usava, eu conversei muito, mas tem muito a ver com a graduação, com necessidades, no caso do *WhatsApp*, o *Instagram* eu não tinha obrigação nenhuma de tê-lo, então ela era mais por lazer tal [...]. Também para conhecer pessoas ou também me envolver mais com as pessoas. Convidá-las e ser convidado. Mas também para amizades, não só para... Tanto pra poder, sei lá ficar com pessoas, tanto quanto só pra fazer amizade e fortalecer vínculos também. Porque foi um momento que eu privilegiei fortalecer vínculos no geral, afetivos ou íntimos assim e tal [...]. Acho que essa coisa estética foi interessante, me entender mais, procurar mais compor estéticas. Conversar com as pessoas, tanto conhecer, quanto fortalecer vínculos e tal. Postergar, às vezes vê uma bobeira, uma coisa engraçada e até importante, porque também tem muita coisa, eu sigo muito canal importante. Profissionalmente, inclusive [...] não vou dizer que ajudou, mas vou dizer que foi interessante, às vezes até ajudou [...]. Como eu disse eu tenho reduzido bastante. E agora como eu terminei, eu precisava recompor alguns vínculos e compor novos e tal. E aí hoje em dia eu já consegui mais e eu já tou conseguindo mais, tenho um leque maior de pessoas, porque tem pessoas de antes e tem pessoas de agora. Então, nesse sentido, eu não preciso gastar tanto tempo. Bom, eu acho que é ruim, porque faz postergar muita coisa. Me faz postergar algumas obrigações institucionais, mas hoje em dia é suave, tranquilo, não tem muito, não é muito um centro de gravidade da minha vida. É tocar violão, sei lá. Mas é bom também porque tem esses dois lados, porque me distrai também, o postergar, essa ambiguidade mesmo [...]. Acho que tem muito a ver de acompanhar pessoas também, principalmente a gente que tem pessoas que a gente gosta, principalmente as pessoas que a gente gosta e que estão longe, que a gente quer acompanhar. E as pessoas que a gente tem interesse, de certa forma, também. Tanto que a gente tem vontade de ficar, com quem tem amizade, que quer acompanhar, quer comentar e tal. E quer mostrar que a gente se importa, mas acho que é isso (LEVI, 2020).

[5] Ah, foi porque dá pra dar aquela olhada, né, bastante, [...] foi bom pra conseguir ver algumas informações. Mais, né, pra dar aquela *stalqueada* [...]. E naquela época eu tinha uma necessidade de colocar, usar, o *Facebook*, como se fosse um *Twitter*. Eu colocava, tipo, estou indo pra Assis. Estou indo pra Unesp, estou voltando pra casa. Colocava tudo no *Facebook*. Assim, então, acho que, ele foi mais útil pra ele do que pra mim. O contato com a rede social [...] pra mim, sempre foi algo muito, muito, muito importante, redes sociais, né [...]. Comecei usar muito *Tinder*, numa tentativa desesperada de arrumar minha autoestima [...] o *Tinder*, foi o aplicativo que eu usava pra caramba, pra tentar arrumar minha autoestima, né. O *Tinder*, aquele, eh, do *Facebook*, mesmo, também, que tem um, né, o *Dating*. O *Instagram*, mesmo, eu tirava umas fotos mais assim, né. [...] Por que o *Instagram* virou um *Tinder*? Então, eu usava muito. Tanto que se você pegar meus *Stories*, no começo do *Instagram*, eu já posto muita coisa, antes, mas quando, no começo, quando eu terminei, quando a gente terminou, eu postava muito foto, muita foto mesmo. Porque essas fotos me geravam comentários. Eu tava melhorando a minha autoestima, né. Então, O *Tinder* também, né. Tinha aqueles *Match*, lá. Aí, a gente começa a conversar e isso melhorava minha autoestima bastante. Usei pra caramba, esses aplicativos com essa questão, mais de melhorar a minha autoestima, esse era o meu objetivo [...]. Meu *Instagram* é uma conta comercial. Ele é aberto. assim é uma conta de tutor, né, como professora. Ele é totalmente aberto [...]. Pessoa

aqui é carreira de blogueirinha [...]. Eh, alguns caras acabam reagindo, né. Acaba puxando assunto. Aí, você percebe que tem alguém que tá interessado em você. E isso é muito bom, né. Eh, as curtidas, também, acaba sendo um pouco movida por isso. Acho que é isso, basicamente. De eu me sentir desejada. E, também, tem agora, uma coisa que eu percebo, é que eu também gosto da foto, né. Eu falo: ‘caramba, gostei dessa foto! Ficou bonita, né?’ Então, eu, também, gosto, assim, de me olhar na foto e falar: ‘Nossa, esse ângulo ficou bom, caramba, tá ótimo!’ Então, eu também tenho essa questão mais narcisista também de falar: ‘Putz, ficou bom’ [...] eu fiquei feliz com aquela foto, porque ela, porque aquilo melhorou minha autoestima, né [...] Eh, vou falar só no *Instagram*, agora, tá? No *Facebook*, isso não acontece tanto. Até porque no *Facebook* eu não posto muita coisa não. Mas é mais o *Instagram*. No *Instagram*, quando eu posto um *story*, é muito comum o cara fazer ou aquelas reaçõesinhas. Isso é mais das amigas que fazem reaçõesinhas, rápidas. Os caras, eles perguntam alguma coisa. Vamos supor ó. Vou te dar um exemplo de hoje: hoje eu postei uma foto com minhas duas gatas. Ai, chegou um cara e falou: “nossa, kkkk. Que bonitinho! Só de olhar a foto, fico com alergia”. Tá puxando assunto, entendeu? Bem bosta, né? [...]. Quando eles tão empenhados, eles são criativos, mobilizados por sexo. E, aí, geralmente, comenta alguma coisa da foto. E a partir disso, surge um assunto, né. E é isso, assim. Hoje, por exemplo, foi esse tipo de comentário que eu falei contigo. Ainda não respondi, ainda não, daqui a pouco eu respondo [...] imediatamente, eu entendo que foi uma compulsão, no sentido de usar desesperadamente, procurando ali, ou seja, entreter seus pensamentos pra não lidar com a realidade, tinha essa questão também, né. Porque você vai olhar no *Facebook*, no *Messenger*. Você não tem que lidar com a realidade. Você fica naquela realidade virtual. Então, pra mim, isso foi, numa, num sentido de compulsão, né. Tanto pra fugir da realidade, mesmo. E, hoje em dia, eu uso mais, mesmo, pra isso, né. Eu uso muito pra interagir. Eu uso muito pra essa questão da minha autoestima, também, né. Eu gosto muito, assim. Eu gosto muito. Porque quando eu tô me sentindo sozinha, por exemplo, eu posto alguma foto, aí uns alunos reagem, puxa assunto. Uma amiga reage, puxa assunto. Um cara. Então, eu uso muito isso pra interagir as minhas redes sociais. Gosto muito pra isso. Pra não me sentir tanto sozinha (...) a primeira finalidade, né, era, era fugir. Era fugir um pouco da realidade, né. E a segunda, era melhorar minha autoestima. Então, era me prender em relação, aí (...) o *Instagram*, *Tinder*, tudo ali, vou colocar no mesmo, no mesmo sentido de que aquela atitude que as pessoas têm, elas não teriam na vida, não sem ser no mundo virtual, né. Por exemplo, o cara não vai chegar em mim, daquele jeito no *Tinder*, se não fosse no *Tinder*, no aplicativo pra aquela finalidade, né. E, então, aquilo não é a realidade. Por exemplo, no *Tinder* tinha aquele monte de cara, eu ia no barzinho, final de semana, e os caras não tavam daquele jeito, como tavam no *Tinder* [...]. O *Instagram*. Eu olhava aquelas pessoas muito bonitas, daquelas pessoas muito perfeitas, né. Pessoas todas sorrindo, na academia. Porque as pessoas postam. Por quê que eu falo que não é realidade, porque, na verdade, é uma realidade, é, controlada, né, na medida em que as pessoas só postam o que elas querem que seja visto, né. Então, o que que elas querem que seja visto? O que é bom! Só que pra mim. Eu não conseguia ter essa noção (NANCY, 2020).

[6] Dá pra gente usar ela com muitos objetivos, mas eu acho que um que tem a ver, assim, com a minha vida pessoal, deve ser a questão de você usar pra você flertar [...] a pessoa te seguiu no *Instagram*, por exemplo, se a pessoa está interagindo com você nas redes sociais, você sabe que talvez, né?

Não seja só para pra ser amiguinho [...] o *Instagram*, que você tem que seguir as pessoas né? E acho que todas as redes sociais agora têm *Story*, né? Qualquer rede social que tiver *Story*, e, sei lá, uma pessoa específica lá tá sempre reagindo ao seu *Story*, sempre reagindo ao que você vem comentando, se você posta uma foto sua, a pessoa comenta ou curte, esse tipo de interação que é mais evidente que a pessoa quer beijar você [...] nas redes sociais, elas me mostravam, tipo, que tinha gente querendo interagir comigo, querendo se relacionar comigo. Daí eu não ficava tão presa a essa relação passada, que eu tava tentando, nesse sentido, nesse sentido foi uma ferramenta [...] Tipo assim, tem gente, tem gente que usa essa questão da interação das redes sociais pra ter autoestima, né [...]. Eu acho que na maioria das vezes, dos dias é tédio. Ah, sim e na maioria dos dias, me divertir ali, pegar informação, né [...]. Acho que é um dos principais, né, já. E daí, a partir daí, eu fui entendendo e aprendendo a se relacionar [...] agora eu entendo as redes sociais [...] agora eu acho redes sociais, um lugar da hora pra se relacionar. Mas não pode ficar só nisso, hein, tem que viver pessoalmente. Eu uso bastante pra flertar, sabe, flertar mesmo. Bastante! [...] Ele se dá pela interação que você demonstra ter. Pela interação com a rede social da outra pessoa, né, da pessoa que você tá flertando. Daí parte disso, tipo, você curtiu uma foto, você faz comentário, e a partir disso vai se enrolando [...] eu posto mais foto minha, eu falo mais sobre mim, eu me divirto mais, não levo tão a sério as coisas [...] eu posto uma foto. Se eu vejo alguma coisa engraçada, eu vou lá no *Twitter*, aí eu falo essa coisa engraçada. Eu vejo os *Stories* das pessoas, pra saber o que meus amigos tão fazendo. Eu vejo as notícias que tem, né, aí do Brasil (...) Por tédio, não é necessidade nenhuma, curiosidade, interesse (LEDA, 2020).

5.3.4 Como ficou o uso de aplicativos/redes sociais com relação ao ex-namorado(a)

Por fim, apresentamos nessa subcategoria a informação que os entrevistados têm sobre o uso que o(a) ex-namorado(a) fazem atualmente dos *apps* e redes sociais, uma vez que alguns permaneceram nas redes dos ex-namorados(as) mesmo após o término do namoro. Os trechos aqui apresentados demonstram que o término do namoro se estende também às redes e aos *Apps*. Isso quer dizer que eles se expressam, compartilham o que estão sentindo ou o que gostariam de sentir, e ter o ex-namorado nesse espaço virtual é como se o vínculo ainda se fizesse presente nas vidas dos entrevistados.

Dentre aqueles que citaram a possibilidade de manter uma proximidade após o término do namoro, expressam que não os mantiveram em suas redes e nos *apps* e como consequência, ambos deixaram de se seguir. Cabe ressaltar que essa ação não está isenta de sentimentos, sejam eles tristes ou não. Deixar de seguir alguém nos *apps* e redes sociais também gera reflexão, ausência, falta e distanciamento, e por sua vez, acarreta sensações e sentimentos para ambos.

[1] Sim, a gente se seguia [...]. Eu pretendo deixar de seguir, porque pra mim eu acho que é muito importante ter esse corte de vez [...] E eu não ver as publicações dele. Mas a gente se seguia e a gente ainda via as publicações um do outro. Ele não publicava. Demorou muito tempo pra ele voltar a postar coisas. Mas ele visualizava as minhas. Então eu pensava em usar aquilo, quase que como mandar mensagens pra ele, assim. Porque a gente não tava se falando direito [...]. Acabou se tornando, a princípio. Depois a gente parou de se comunicar de forma geral, assim. Principalmente depois que eu fiz o corte de não ver mais as coisas dele e não botar ele pra ver mais as minhas. Eu até eu vi algumas coisas dele, mas por amigos. Eu até entrava no perfil dele, eventualmente, porque quem nunca né? (EDWARD, 2020).

[2] A gente decidiu assim, não se acompanha mais virtualmente. A gente conversou sobre isso dando risada e achando engraçado. E a gente decidiu que a gente não ia muito acompanhar o outro assim não [...]. Foi engraçado. Foi bem engraçado (LEVI, 2020).

[3] Eu fiquei bem surtada, dessa conta. Eu ficava vendo o último visualizei do *WhatsApp*, etc. [...]. Se eu falar pra você, que meu Ex-namorado fez um *Facebook* falso e me seguiu, você vai achar engraçado? [...] Eu não tenho e-mail do último Hotmail. E meu irmão pegou o e-mail do Hotmail. “Nancy, eu preciso mandar um documento da empresa. Entra no meu e-mail.” Aí, quando eu coloquei no Hotmail, foi direto pro e-mail do meu ex-namorado. Ele entrou direto, tava a salvo no meu computador. Enfim, tava salvo. Aí, Dirceu, abriu, assim, do meu ex-namorado. [...] O primeiro e-mail que tinha era: ‘Seja bem-vindo ao *Facebook* Albertina! [...] Tava totalmente, tava sem foto, sem nada. A primeira busca era meu nome. Ele buscou meu nome dia dezessete de abril, dezesseis de março, enfim. Tava lá a busca do meu nome e depois de mim, tinha mais três mulheres (NANCY, 2020).

[4] Atualmente, ele também usa, mas eu acho que, acho que ele usa igual (LEDA, 2020).

5.3.5 Como avalia o uso de aplicativos/redes sociais na época em que viveu o rompimento amoroso

Nesta última subcategoria, apresentamos as reflexões dos entrevistados com relação ao modo como avaliam o uso que fizeram dos *apps* e das redes sociais, ou seja, um processo reflexivo sobre o papel dessas ferramentas para o processo de elaboração do término do namoro. Como resultado, os entrevistados apresentaram o significado atribuído ao compartilhamento de imagens nas redes e *App* como um meio de investimento em si, e de receber os olhares dos seguidores como um reconhecimento, se reconhecer no outro.

[1] Então até por isso eu preferi sempre investir bastante em ficar bem. Então não era muito minha *vibe*, pegar pra ficar escutando música triste, pegar pra ficar vendo coisa triste, porque eu não tinha muito fôlego também pra ficar investindo em coisas que fossem me desgastar [...]. As pessoas nos aplicativos são um pouco um personagem que elas montam naquele jogo [...] aproveitei pra me explorar um pouco assim nos aplicativos. Pra conhecer pessoas, pra me conhecer também. Por exemplo, no caso do

Instagram que é o que eu uso bastante, pra tirar fotos minhas. Foi um momento interessante de visualizar de novo meu corpo. Até porque eu tava conhecendo pessoas [...]. Ah, acho que ajudou, porque tira a gente dessa neurose, de ficar pensando as mesmas coisas, essa repetição que não me leva a lugar nenhum. Eu acho que interessante disso, de me deslocar, de não ficar movimentando, simplesmente ficar parado pensando do que podia ter sido, do que foi, do que não foi, do que poderia ter sido. De simplesmente conhecer as pessoas, movimenta muito fácil isso. Envolver com outras pessoas fica muito fácil de ver que tem novas coisas pra acontecer, de que o mundo tá sempre girando, de que é bobeira ficar com essas mesmas preocupações. Eu acho que agilizou essas mudanças pessoais, lugares, então acho que nesse sentido ajudou sim (LEVI, 2020).

[2] Enfim, eu já arrumei, homem de *Tinder*, já arrumei um surdo, já arrumei um cego. Já arrumei um que me trocou, uma vez, por um outro cara no meio do rolê. Oh, só derrota no *Tinder* [...] ao mesmo tempo que me ajudou, por exemplo, o *Tinder* me ajudou a melhorar a minha autoestima, ao mesmo tempo, se você pegar o *Instagram*. ele me deixava mais triste. Porque o *Instagram*, eu olhava aquelas pessoas perfeitas e falava: “minha vida tá uma bosta, né. Então, é isso, assim. Então, eu não sei. Eu não sei em que medida. eu acho, que eu acho que, mas eu acho que ajuda, mas eu acho que mais atrapalha. Porque quando você tá passando por um problema difícil, estar nas redes sociais, mostra pra você um mundo tão bonito que você sente o pior. Então, pra mim, é, pra mim, foi um pouco complicado. Porque parecia que todo mundo tava bem, menos eu. Então, se eu pegava minhas amigas solteiras, elas estavam ótimas. Pegava o pessoal que tava namorando, tava todo mundo ótimo. e eu tava o que? Uma porcaria! Então, acho que me atrapalhou bastante essa questão de me reerguer (NANCY, 2020).

[3] Mas não tô falando, também, que foi saudável [...]. Mas tem gente que fica frito nisso, né? Buscando respaldo em tudo o que posta (LEDA, 2020).

5.3.6 Discussão dos resultados da categoria

Nesta categoria buscamos analisar o conteúdo relacionado ao uso de *apps* pelos participantes, especialmente após o término do namoro. Ou seja, como se deu o uso dos *app* e redes sociais após o rompimento amoroso? Como eles perceberam essa relação entre eles e seus perfis? Certos entrevistados já haviam observado alguma alteração no uso que faziam e que estão fazendo atualmente, entretanto, para outros foi um convite a pensar sobre essa mudança. Jacob, por exemplo, fala sobre estar em dúvida entre a ideia de que o uso dos *apps* e redes o ajudou a suprir a perda, assim como também a lidar com os próprios sentimentos, com a ideia de questionamento, se foi possível relaxar ao usar os *apps* e as redes sociais. Isso, porque, para ele, ficou uma sensação de melhora, mesmo que, em seguida, ele negue estar melhorando ou que o uso desses *apps* venham a influenciar em seu bem-estar.

Jacob liga esse questionamento ao fato de ficar nesses *apps* e redes sociais por muitos minutos apenas passando as imagens, olhando distraído e pensando em outras coisas.

Entendemos que sim, alguns *apps* são uma distração, assim como a arte também é uma distração e pode até ser uma fuga da realidade, que por vezes está ligada à experiência de dor, como pode ser após um término de namoro.

Durante a entrevista, Jacob expressou ter aumentado o tempo de uso dos *apps* e das redes sociais, dando ênfase ao uso do Instagram, e que percebe estar melhor com relação ao sofrimento que sentia. Ele pontuou que foi mais difícil no início do término, e, agora, no período de realização da entrevista, é como se a dor tivesse sido amenizada. Além disso, ele diz que o uso dessas tecnologias e mídias ajudaram um pouco, por ser um meio da pessoa que terminou poder buscar afeto em outras pessoas e lugares.

O que percebemos nesse discurso é que ele evidencia que, por meio do uso dos *apps* e das redes sociais, ele se sente bem ao ter um lugar para não pensar no término ou que outras pessoas interajam com ele. Aqui podemos retomar o que já foi discutido em categorias anteriores, ou seja, o retorno do investimento libidinal. Ele interage com outros usuários, e isso o faz se sentir melhor e no processo de negação, conforme apontou Kübler-Ross (1985). Jacob ainda expressa, em suas falas, que não estava tentando “tapar um buraco”, referindo-se ao lugar ocupado por sua ex, e que, para ele, já havia elaborado o término.

De fato, o papel das redes sociais não é o de elaborar o luto por perda de um relacionamento amoroso, mas elas têm exercido um papel importante, como se observa nos discursos dos entrevistados. As redes podem servir tanto para passar o tempo como também um processo no qual ocorreria algum investimento libidinal, no espaço virtual, por meio de afetos, diálogos, curtidas e reações. Tal suposição baseia-se no que pudemos constatar, quando os entrevistados relatam sentimentos de resgate de si mesmo através do uso das redes sociais. Tanto Jacob quanto Nancy relataram terem usado o *Tinder* e não utilizaram por muito tempo ou descreveram a experiência como não tão boa quanto com o *Instagram*. A visualização das postagens entre os(as) ex-namorados(as) foi citada também por aqueles que ainda tinham o ex nas redes, no entanto, também se citou que a maioria encerrou o vínculo nos *apps* após pouco tempo do término.

Agnes expressou que, mesmo não conversando com o ex-namorado em lugares que frequentavam na cidade, nos *apps* os encontros eram diferentes, ou seja, havia demonstração de interesse por ações como: visualização dos *status* ou permanecendo na rede um do outro, como sendo uma demonstração de apreço pelo cotidiano do ex.

Agnes também comenta sobre a importância do *Spotify* e das *playlists* que cada usuário pode criar de maneira singular e particular ou pública. Ela fala sobre ter criado uma *playlist* de “viver a fossa”, referindo-se ao término. Descreve que a criou de maneira que

tivesse músicas tristes e felizes e, assim, após chorar e sentir pelo término, logo em seguida uma música para animar um pouco e se “empoderar (*sic*)”. Agnes expressa, também, que tem sido muito importante, e descreve como um ritual diário acordar e colocar sua *playlist* para se sentir melhor.

Outra ação comentada como função dada para as redes sociais e *apps*, é a utilização dos perfis para obter informações sobre o(a) ex-namorado(a), o que é denominado como *stalkear*. Então, após o término, o ato de buscar informações do tipo: pessoas novas adicionadas, postagens em lugares e com quais pessoas, foi uma postura comum. Alguns comentaram sobre observar quem mais curte e reagem às postagens do(a) ex. E disseram que há um momento, após o processo do término, em que decidem deixar de seguir o(a) ex-namorado(a) nas redes sociais e *apps*, como se o término se estendesse para os *apps*, ou seja, o ambiente das redes e dos aplicativos.

Outra ação expressa pelos entrevistados foi de utilizar as redes sociais para se aproximar de amigos que haviam se afastado durante o namoro. Ou seja, participar de grupos, comentar em postagens, mandar mensagem privada e reagir aos posts dos amigos. Isto é, trata-se de uma forma de aproximação e contato utilizando, como canal, os *apps* e as redes sociais. Diante disso, o principal papel dado aos *apps*, provavelmente, seja o de investir em autoestima, uma vez que todos os entrevistados, em algum momento, disseram sentir-se melhor consigo mesmo como do uso de *apps* e de redes sociais. Se sentiram desejados ou possível de serem investidos por um outro, que vê sua imagem e suas postagens.

É interessante observar que, ao analisarmos quais foram mais citados, surgiu a questão da presença. Receber mensagens todos os dias ao acordar, conversar por escrito, áudio e videochamadas, foi denominado presença, principalmente após o término, por sentirem falta dessa sensação de estarem acompanhados ou de manter esse contato. Entendemos que essa presença poderia ser mais trabalhada em pesquisas específicas, e que também é necessário buscar entender o que a literatura fala sobre a presença intermediada pelas mídias. Enfatizamos, no entanto, que é uma discussão interessante e necessária, e que, embora ainda haja necessidade de um estudo voltado à construção dessa ideia, podemos nos aproximar dela aqui.

Os *apps* mais citados foram nos relatos dos entrevistados foram o *Instagram*, *Facebook*, *Whatsapp*, *Spotify*, *Tinder*, *Grindr*, *Twitter* e *Netflix* (em ordem decrescente). Chama a atenção que o *Instagram* e o *Tinder* aparecem nos extremos da lista, já que ambos são descritos pelos entrevistados como tendo as mesmas funções: paquerar, flertar e conhecer pessoas. Nesse sentido, o *Tinder* aparece como pouco usado ou não interessante no processo

de lidar com o término do namoro ou para encontrar parceiros, isso porque as pessoas, no *app*, são sugeridas como amigos seguindo a ideia de interesses em comum. No entanto, as sugestões de perfis feitas pelo *Tinder* são realizadas utilizando a apresentação de uma foto que está vinculada a um perfil, além disso, contém um resumo das características e dos interesses do usuário em evidência. As sugestões que o *app* faz, por vezes, são baseadas em alguma ligação com o outro usuário, por exemplo: amigo em comum, interesse descrito em seu perfil que também interessa ao outro usuário, entre outros.

O *Instagram*, que aparece como mais usado, apresenta características que diferem do *Tinder*, mas que os usuários têm mais satisfação no uso. São elas: a busca ativa, ou seja, o usuário busca a imagem de outro usuário que lhe chame a atenção, em seguida começa a seguir o perfil, após ser aceito – o que às vezes é necessário –, passando, depois, a acompanhar o que o outro compartilha do seu cotidiano. A partir das visualizações, das curtidas e das reações é possível perceber se essas ações estão tendo retorno e/ou se o outro está demonstrando interesse.

Então, concluímos que no *Instagram*, o usuário participa da busca de maneira mais ativa do que no *Tinder*, em que o usuário é mais passivo por receber as sugestões de perfis. A satisfação como resultado dos encontros, a partir do uso do *Instagram*, também foi relatada. Isso, porque, os usuários já se conheciam, ou passavam a conhecer pelo uso do *app*, o que remete a uma ideia de contato cotidiano e de compartilhamento dele. Essa presença por meio das redes é descrita, em algumas entrevistas, como aproximação e intimidade, uma maneira de estar presente. A tendência no tempo de permanência no mundo virtual foi de aumento, alguns disseram que acompanharam seu uso pelos próprios *apps*, como é o caso do *Facebook*, que disponibiliza uma ferramenta nas configurações e privacidade, chamada “seu tempo no *Facebook*”, com um gráfico dos últimos dias e o tempo de uso em cada um deles.

O tempo de uso de Jacob ficou em 60min por dia. Ele justifica que usa diariamente os *apps* para passar o tempo, assim como também para desenvolver trabalhos ligados à faculdade. O uso dos *apps* também está ligado ao entretenimento e ao lazer. Para Jacob, há uma ideia de vício por estar conectado nas redes sociais e nos *apps* e que houve uma redução no uso e, conseqüentemente, do tempo que passa mexendo neles, após o término do namoro.

Para Agnes, a sensação foi contrária à descrita por Jacob. Ela sente que passou a usar mais o *Spotify*, no entanto, ela não expressa que se sente culpada com o uso ou que isso lhe causou um problema, e sim que tem sido bom e necessário usar o *app* e ouvir suas músicas como uma maneira de lidar com o término do namoro.

Edward fez uma análise de seu uso e concluiu que o *Facebook*, assim como o

Whatsapp, recebeu um tempo igual de uso. Isso, porque, eles são *apps* utilizados para trabalho e desenvolver atividades da universidade. No entanto, também expressou que o uso do *Instagram* foi o mais intenso, dando ênfase ao fato de tê-lo utilizado como um *app* de relacionamento. Para Lévi, por sua vez, o *Facebook* foi usado “algumas vezes”, e o aumento, de fato, ocorreu no tempo de uso do *Instagram*, por ser seu meio de comunicação e de relacionamento. Logo, demanda mais dedicação para postagens e para responder às pessoas que reagem ou com quem interage.

Para Nancy, seu uso das redes sociais, em geral, aumentou muito, e destacou que o *Tinder* foi usado com mais intensidade, mas que logo parou, por suas frustrações nos encontros, e em outros *apps* que ela não identificou, o uso aumentou também. Mas nem um outro *app* superou o tempo de uso que ela dedicou ao *Instagram* e *Facebook*. Isso a levou a se sentir compulsiva no uso das redes sociais, e como consequência, a desativar o *Facebook*. Posteriormente, instalou novamente e voltou a usar, seguindo um tempo de uso dentro do que ela aceita. Após o término também instalou o *Twitter*, mas ela destaca que usa cotidianamente para se informar. Leda, que também sabia sobre as ferramentas que o *Facebook* disponibiliza, falou que já havia acompanhado seu tempo de uso (em torno de 40 minutos por dia em cada *app* e em média 4 horas por dia no geral), pontua que não se sente viciada. Pois, para ela, essa é uma média comum, além de não interferir em sua rotina ou desenvolvimento de atividades.

Pudemos perceber que os usuários relataram modificar a função de alguns *apps*, e como exemplo, temos o *Instagram* e o *Spotify*. O *Instagram* passa a ser um *app* também de relacionamento e o *Spotify* uma rede social que permite *stalkear* o ex-namorado(a). O *Whatsapp* foi citado e descrito como ferramenta de comunicação e para funções ligadas ao trabalho. Outra função dada ao *Whatsapp* é de comunicação para desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos, o que ainda é comunicação. No entanto, é percebido que esse aplicativo, assim como o *Facebook*, está ligado ao desenvolvimento e atividades na Universidade.

Além desses pontos, os entrevistados falaram sobre estabelecer o diálogo pelos *apps* de maneira mais tranquila, como Agnes comentou. Ela e o ex conseguiam ver o *status* um do outro e até curtir fotos, mas, ao se encontrarem pessoalmente, não se cumprimentavam. Usavam outra linguagem entre eles após o término, denotando um vínculo ainda estabelecido.

No entanto, para Agnes, “o único lugar que dá para você provar que está rolando alguma coisa/flerte entre o ex namorado e outras pessoas, é via interação virtual”. Isso, segundo ela, porque você consegue “ver se estão curtindo coisas um do outro e se está tendo diálogos no privado”. Para ela, os *apps* deixam histórico, e as pessoas vão aprendendo ou não

a ler essas informações.

Edward, fala sobre sua necessidade de expor sua relação em suas redes sociais, o que sentiu nela e o como está se sentindo após o término do namoro. E então descreve essas ações como sendo um jogo de ataque e defesa com seu ex-namorado. Para Edward, o Facebook está mais ligado a atividades relacionadas à universidade e ao trabalho, e o *Instagram* como sendo uma atividade fútil e pessoal. Ele sentia que ao usar as redes sociais e os *apps* se sentia mais conectado com as pessoas e mais informado sobre as coisas do cotidiano.

O que percebemos são formações e construções de vínculos e laços que, por algum motivo, estavam afastados e que retomaram com contato, assim como novas relações que nascem a partir do contato e interação pelos *apps* e nas redes sociais. A função de conhecer pessoas novas, retomar contatos antigos e interagir é algo que, todos que têm um perfil na *internet*, já vivenciaram. Isso, provavelmente, é uma ação natural não só nos *apps* e redes quanto nos ambientes sem a intermediação deles. No entanto, em relação ao *Twitter*, Edward diz que destinava ao *app* a função apenas de obter informações, e que não interagiu com amigos ou estabelecia diálogos, apenas se mantinha informado e não como uma rede social.

Diante da dificuldade de marcar encontros presenciais, Levi diz que os *apps* colaboram para marcar encontros entre amigos. Segundo ele, isso é mais cômodo e as pessoas podem continuar a fazer o que estão fazendo e, ainda assim, manter o diálogo. Com isso, evita-se o deslocamento e a busca por um horário comum aos participantes dos diálogos, inclusive durante o período de pandemia em que a orientação era de mantermos o isolamento social. As redes sociais como *Tinder*, *Facebook* e *Instagram* foram ligadas a atividade de investir em si e melhorar a autoestima. Isso, porque, as pessoas elogiam, flertam e reagem, fazendo com que o usuário se sinta desejado, elogiado e querido. Olhar para si, após receber do outro um elogio e um olhar de desejo, faz com que haja uma relação com sua própria imagem, e para os entrevistados, as reações dos seguidores foram citadas como importantes, verdadeiras e principalmente demonstração de interesse.

Para Leda, o ambiente mais propício para demonstrar interesse sexual, o flerte, é por meio das reações nos *story/status*. Por ter uma reação rápida dos seguidores e porque após a reação, pode se iniciar um papo e evoluir para algo mais.

É importante descrever aqui que, nesta subcategoria, todos os entrevistados entenderam a interação com os outros usuários por intermédio dos *apps* e redes sociais como uma maneira de se sentir bem consigo mesmo e melhorar a autoestima. Ainda assim, pontuaram sobre não levar tão a sério o que acontece no *app* e ou que é só um passatempo, mas ao analisar as entrevistas o que se percebe é que todos valorizam o que é obtido de

informações, e que, principalmente, valorizam e acreditam nas reações recebidas dos outros usuários, prova disso é a relação estabelecida entre as ações nos *app* e a autoestima, sensação de se sentir investido libidinalmente pelo outro.

Vê-se também que o uso dos *app* e das redes sociais está voltado para a relação com o ex-namorado(a). As respostas em entrevista falam de uma comunicação por meio de ações nas redes. Ou seja, seguir e deixar de seguir, visualizar e não visualizar, reagir e não reagir ao perfil do ex-namorado(a) é um diálogo, passa informações que ambos compreendem.

Ou seja, as ações expressas nos *apps* e nas redes sociais são uma extensão do que se está sentindo ou desejando sentir. Uma reação ao que se está vivendo. No entanto, cada pessoa se expressa à sua maneira e se identifica com um *app* ou rede social para aquela ocasião que vive e experiência. Por isso, é comum existir alguns contratos, acordos feitos durante o namoro e após o término. Alguns desses contratos são verbalizados entre as partes e outros não são ditos, mas ambos ficam aguardando a reação alheia.

Aqui, visualizamos uma espécie de pacto de não expor o outro após o término, um ato visto como sinal de maturidade, dependente, no entanto, do modo como foi finalizada a relação e de como o outro se sente após o término. Nas entrevistas, podemos perceber que, em quase todos os terminos vividos e descritos para esse trabalho, houve muito sofrimento com o fim do vínculo amoroso. Eram relações narcísicas (EIGUER, 1985), e expressaram algum nível de agressividade como consequência do término do namoro.

A vivência dos sentimentos e a experiência de sentir a tristeza diante do fim do namoro não é algo aceitável, não se o sujeito sente que o sofrimento é demasiado ou que não conseguirá suportar. No entanto, sentir a falta, assim como sentir os sentimentos ligados ao término do namoro, só é possível porque uma relação foi vivida e sentimentos foram sentidos no relacionamento e em relação ao outro.

O luto seria um processo que permite revisar esses sentimentos que estão ligados às lembranças. E, aqui, é importante dizer que sentir dói, lidar com a ausência e com o fim de um desejo também dói. Não viver os sentimentos frutos do término ou não pensar sobre o que foi vivido e nas lembranças da relação, não faz “doer menos”. Essa revisão dos sentimentos é uma maneira de revisão de uma história construída por duas pessoas, e que, no fim, cada um dos ex-namorados, faz uma revisão a partir do seu olhar sobre a relação que viveu, mas, sem o outro. Isso nos leva a entender que é necessário que se tenha amparo para sentir que é possível lidar com o fim de um relacionamento e com todas as sensações e sentimentos que essa ação pode gerar ao enlutado. Ou seja, perder um objeto de amor, que investiu libido/energia e, depois, não ter o retorno desse investimento, pode gerar, no sujeito enlutado, uma sensação de

empobrecimento, de falta e dor. E, por isso, muitos preferem não olhar e negar o que se sente.

A leitura de Levi sobre a vivência do término do namoro e o estar nas redes sociais e *apps* é que as pessoas constroem uma imagem de si para apresentar nessas mídias. Além de que, para ele, essa imagem nem sempre corresponde ao sujeito que é de fato. Um exemplo disso é quando se está triste, mas se diz que está bem, ou quando as pessoas se arrumam passando uma imagem de feliz quando se sentem triste.

Para ele, há um disfarce dos sentimentos, algo que fora das redes já acontece, mas que, para nós, atualmente é pensado e relacionado apenas as imagens compartilhadas em perfis na *internet*. De fato, na internet o manuseio dessas imagens faz passar uma informação que pode ser o desejo de estar como na imagem nova, ou de se sentir como estava se sentindo na imagem postada (HAN, 2018).

Levi também fala sobre fazer uso de um perfil nas redes sociais para se conhecer, como um lugar de produção de autoconhecimento. Assim como para conhecer o outro que entra em contato com ele de diversas maneiras. Nesse processo de conhecimento, ele explica que também foi uma maneira de tirar o foco da atenção sobre o que terminou e pensar sobre outras coisas que não o fizessem refletir sobre o que viveu. O entrevistado ainda conclui que o fato de mudar seu foco de preocupação e pensamento, conseguiu viver novas relações e experiências usando internet, e que inclusive gerou uma mudança, algo que ele sentiu.

Para Nancy, sua avaliação do uso é que, durante o relacionamento usou pouco os *apps*, e após o término do namoro, passou a usar mais, principalmente para se comunicar e construir novas relações. Com relação aos encontros marcados pelo *app* de relacionamento, Tinder, diz que foi “só derrota”, ou seja, que não se sentiu bem, que não ficou feliz e que não gerou satisfação, ao contrário. Já em relação ao que estava sentindo, ela passou por um processo de olhar para si e para sua imagem/perfil nas redes sociais. E, em consequência disso, mudou suas fotos/imagens, deixou de seguir perfis que segundo ela não tinham relação com sua realidade, e passou a seguir pessoas com estilo de vida mais próximo ao seu. Nancy fala sobre sua frustração em seguir perfis de pessoas com realidade financeira diferente da sua. Ou seja, são modos de vida inalcançáveis para sua realidade atual. E isso gerou sofrimento até ela mudar e modificar. Leda conclui que o olhar do outro sobre algo que postamos, é um olhar que faz nos sentirmos bem ou não. E que é preciso não valorizar essa avaliação externa, mais do que a nossa sobre nós mesmos.

5.4 O uso de aplicativos/redes sociais atualmente, após a experiência do rompimento

Para finalizar as categorias apresentamos essa quarta categoria que se refere ao presente, e aqui não definimos se os entrevistados já concluíram ou não o luto pelo término do namoro, mas sim, do uso que eles têm feito dos aplicativos e o modo como o percebem. Ou seja, qual a relação estabelecida atualmente com *apps* e redes sociais.

5.4.1 Mudanças no uso de aplicativos/redes sociais atualmente, em comparação ao momento do rompimento amoroso

Finalizamos as análises e as subcategorias pela visão e percepção de mudanças resultantes da presença do *app* e das redes sociais na vida de cada um atualmente, utilizando como referência para comparação, o período do namoro e do término do namoro.

O que os entrevistados nos apresentam é que, para cada momento não só a intensidade, mas também o modo como se relacionaram com as redes/*apps* e os outros usuários, modificam-se de maneira visível para eles. Em alguns trechos, os entrevistados falam sobre estar nas redes como estar vivo e existindo de uma maneira não antes vivida e sobre os impactos que esse uso teve sobre eles e seus corpos.

[1] Então eu não postava tanto e de repente eu me vi postando mais coisas. Que é algo que eu peguei gosto e se manteve e continuou depois, mas que não era do meu feitio na época. Eu não me expunha muito. Eu não gostava disso [...]. E eu me vi num desejo de me expor mais pelo *Instagram*, depois do término. E acho que não só pra ele, mas pro mundo ao mesmo tempo. Acho que era uma forma de dizer, “eu tô vivo”. Pelo menos eu vejo dessa forma [...]. Mas até então eu não tinha me visto solteiro nessa situação. De começar a seguir pessoas só porque eu achava elas bonitas. E começar a pensar nisso como um flerte. E comecei, a inclusive, consegui dates e sair a partir do *Instagram*. Então se tornou quase que um portfólio, assim. Virou de para além de um aplicativo social de fotos, o porquê dele funciona, que é *blog* de imagens. Ele virou um aplicativo de relacionamento pra mim [...]. Ah eu entendo que agora é quase que uma forma de me relacionar com as pessoas assim. Pra além de um contato presencial [...]. Eu passei a ficar mais a vontade de puxar papo com pessoas nas redes sociais, de comentar coisas, de trocar uma ideia por lá. E assim não necessariamente no sentido de flerte. No sentido de criar vínculos assim, “de olha eu vi tal coisa legal. Olha que massa isso. Onde você achou tal coisa. E onde eu posso baixar tal filme? Né, aí o que você achou dessa música.” Sabe uma coisa mais assim? E também nesse momento da rede social ser um portfólio seu, de certa forma. Então é você se vendendo pro mundo né. Ou vendendo uma imagem pessoal sua, né. Porque você passa a escolher o que você quer mostrar e o que você não quer mostrar. Porque antes eu não mostrava nada ou muito pouco. E daí eu passei, ‘ah tá, o que eu quero que as pessoas vejam da minha vida. O que eu quero e pra que eu quero mostrar essas coisas, né’. Porque na época que a gente terminou eu não falava muito no *WhatsApp*. Mas eu continuava mexendo no *Instagram*. Pra além dessas eu passei a usar o *Tinder* que também é uma rede

social. E tentei outros aplicativos gays. O *Grindr* por exemplo, mas até hoje eu não me adaptei muito a forma de funcionamento. *Tinder* eu gostei, porque eu senti que tinha esse espaço de troca, de conversar. Que até hoje eu sinto que é algo que me contempla. Que até hoje eu sinto que, eu gosto de conversar com as pessoas. Antes de combinar alguma coisa eu gosto de trocar uma ideia. O que é menos direto. Já tive muitas conversas muito legais pelo *Tinder*. E eu sinto que de fato é uma rede social, para além de um aplicativo de relacionamento. Porque você troca muitas ideias. Você conhece muita gente. Você de repente você tá trocando experiência de vida com as pessoas, que por mais que talvez vocês nem saiam. Ou que vocês saiam uma vez só. Então eu achei uma ferramenta interessante de encontrar novas e de ter novas experiências. Conhecer novas vivências (EDWARD, 2020).

[2] do tempo, me fez conversar com as pessoas virtualmente assim. Conversar com as pessoas que são muito próximas de mim, só que moram longe. Muito próximas afetivamente, muito íntimas, mas ao mesmo tempo moram distantes [...]. É que meu celular também é meio sem memória, meio velho. Ai ele nem cabe muita coisa. Até por isso não me ocorre muito de baixar, ou movimentar, tirar o que eu já tenho. Não mexo muito nisso, até porque eu não tou com meu celular, mas também eu não tenho muito interesse também não, acho que só uniu o meu celular com meu interesse [...]. Então o *Instagram* eu tinha aumentado meu uso, acho que aumentei um pouquinho mais até do que após o término. Via o *Instagram* como um personagem que a gente criava, virtual [...] conversar é um meio corrido e as pessoas tão um pouco cansadas [...], elas tão querendo mais distrações. E eu queria menos distrações. Queria conversar uma coisa mais humana [...]. E aí eu fui muito pro aplicativo nesse sentido. Eu acho que eu fui mais pro lado mais do *Instagram* e do *Whats* assim. Não sei, acho que também eu não uso tanto aplicativo. Tem bastante aplicativo por aí. Até entrei em outros, mas eu desisti, porque minha *vibe* era mais esses dois [...] aplicativos novos não [...] eu tava num momento muito conturbado no geral e aí ajudava a dar uma folga, uma espairecida de coisas que não me exigiam nada. Era só algo que eu podia fazer quando eu quisesse e da maneira que eu quisesse (LEVI, 2020).

[3] quando terminou, eu ficava procurando ele em tudo. E ele não tinha rede social, né. E ele só tinha *WhatsApp*. E eu ficava olhando o *WhatsApp*. Cheguei, até ver, uma vez, um *stories* [...]. Então, é, eu uso, eu comecei a usar mais. Porque eu tinha uma economia da minha liberdade também porque eu queria reafirmar, aí, minha autoestima, né. Então, foi, esse aumento foi, essas coisas. A junção de ter mais liberdade e de estar desesperada pelo elogio. Eu me sentir desejada [...]. Então, hoje em dia, eu não sei se aquilo é a realidade, porque aquelas mulheres também passam os seus, elas também mostram só uma realidade, mas é a realidade que elas mostram, é a realidade que me faz eu me sentir melhor, me sentir mais motivada, estar mais acordo com o que eu vejo da minha vida, né. É uma forma de eu; eu sei que essa palavra é meio ruim, mas eu não consigo pensar em outra; é uma forma de empoderamento (NANCY, 2020).

[4] Então, mudou muito, ainda mais, tipo assim, rede social de relacionamento tipo *Tinder*, né? Antes eu tinha muito preconceito [...]. Houve mudança. Houve, agora eu sou muito mais ativa nas redes sociais e até gosto mais [...] acho que agora eu vejo redes sociais como um lugar muito bom para se relacionar [...] houve mudanças do meu uso das redes

sociais, tudo mudou, agora eu uso muito mais redes sociais, agora eu gosto muito mais de sociais [...]. Eu gosto mais das redes sociais agora, eu me divirto mais, agora eu não levo mais tão a sério rede social [...] a minha relação com os aplicativos de ter melhorado só refletiu o que já estava acontecendo na minha vida física [...] isso ajuda sim, traz autoestima (LEDA, 2020).

5.4.2 Discussão dos resultados da categoria

Depois de vividos os momentos logo após o rompimento, no momento de realização das entrevistas, Edward fala sobre a sua experiência com o *Tinder* e descreve a experiência de maneira diferente de Nancy, que usou após o término. Aqui, podemos perceber os conflitos expressados por Levi, que fala sobre os perfis dos usuários do *Instagram* como um personagem, mas que ele encontra acolhimento e da possibilidade de estabelecer diálogos. Fala sobre não querer distrações, sendo o *Instagram* um aplicativo para distração e entretenimento.

Nesse ponto, Levi expressa o conflito que viveu a partir do término, que é pensar sobre os sentimentos e as relações. Há, então, uma tentativa de fuga, em que se esbarra nas novas possibilidades de estabelecer e nutrir relações. Levi parece perceber a possibilidade de conhecer pessoas, estabelecer diálogos e de alimentar antigas relações usando como via de comunicação *apps* como o Instagram. Sua resistência a essa tecnologia e meio de comunicação parece apaziguar com o uso após o término do namoro.

Já Nancy vai se percebendo e podendo se cuidar e reconstruir em uma relação consigo mesmo por meio de uma intermediação das redes sociais e dos *apps*, isso fica mais bem descrito quando ela consegue perceber seu uso durante a relação e o compara com o agora, presente após alguns meses do término do namoro. Leda, fala sobre um sentimento de renascer a partir da nova experiência com os *apps* e do uso das redes sociais após o término. Sobre sua autoestima a partir da sua presença nas mídias. Ou seja, o que Levi expressa ser um personagem é o processo que cada um vai se descobrindo e construindo sobre si nas mídias digitais, esses *apps* e nos perfis para redes sociais.

O que se expressa nas redes sociais e nos *apps* são as diversas possibilidades de existência. São também os desejos que cada um tem dentro de si, que por meios diferentes conseguem expressar. Isso, claro, em relação a sentimentos, sensações e pensamentos, assim como a visão que se tem de si e dos outros que nos compõem. Os entrevistados ainda disseram que o uso e a maneira como se expressam e ocupam os espaços das redes sociais mudou. Pontuando, sempre, para uma presença mais intensa e sobre a construção de uma

imagem a partir do seu próprio olhar sobre si. Parece que os entrevistados se sentiram convidados a se olharem, observarem enquanto imagem, desejos e gostos.

Edward fala sobre o desejo de se expor na rede como maneira de se fazer presente nesse espaço, e enxergar essa presença na *internet*, que aconteceu após o término do namoro, como uma maneira de expressar sua existência ao dizer que era sua maneira de dizer “eu tô vivo” (*sic*). Ele fala também sobre sua relação com o *app* Instagram, que é a rede social que representa seu portfólio. Ou seja, ele apresenta sua imagem e ideia relacionada a ele, que ele deseja que as pessoas tenham dele. Então, seria uma construção de expressões que assim como todos mudamos nossas roupas, maquiagens e estilos, lá se muda por meio de imagens e vídeos. O diálogo e as formas de se comunicar utilizando os *app* e as redes sociais também sofreram modificações segundo os entrevistados, pois, os diálogos começam desde uma simples ação de curtir, ou reagir a uma imagem por meio de uma expressão como *emotions*. Por meio dessas novas maneiras de estabelecer relações, Edward diz que está diante de uma nova maneira de se relacionar com as pessoas.

Levi expressou que, apesar de seu celular não ter memória para ter muitos *apps*, ele consegue ter dois perfis no Instagram e que, atualmente, aumentou muito seu tempo de uso, até mais do que logo após o término. Por fim, Leda confirma que também mudou muito sua relação com as redes sociais e com sua presença nos *apps* e redes. De tal maneira que agora se sente melhor com sua imagem, consigo mesmo e com o uso que tem feito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que nos parece restar de mais fundamental, a partir das reflexões deste trabalho, é a importância de direcionarmos nossos olhares e reflexões para as relações estabelecidas entre os usuários e seus aparelhos tecnológicos. Isso, porque, entendemos que essa relação é uma realidade posta atualmente, significativa e importante. Prova disso é o seu papel nesse período em que a sociedade vivencia a pandemia por COVID-19, no Brasil e no mundo.

Após realizarmos as entrevistas com os seis participantes, elas foram transcritas e lidas, e seus conteúdos foram analisados com o amparo da teoria psicanalítica. Para nós, foi uma experiência interessante e enriquecedora ter como objetivo a busca por entender o modo como os sujeitos vivem o término de seus relacionamentos amorosos fazendo uso de plataformas digitais, *apps* e *sites*, e a relação estabelecida entre sujeito e *app* após o rompimento do vínculo amoroso na modernidade. Nós nos deparamos em cada categoria com informações relevantes sobre o uso, a função e o papel que os *apps* e as redes sociais têm exercido na vida dos participantes/usuários. Para nós, o que este trabalho apresenta é uma amostra do que a sociedade tem vivido a partir do uso de seus celulares/*smartphones* e de outros aparelhos tecnológicos.

Na primeira categoria, que é sobre o namoro, pudemos observar por meio da análise dos conteúdos das entrevistas que, mesmo que o encontro entre os parceiros fosse presencial, há sempre uma migração para os aplicativos e redes sociais. Isso, porque, essas ferramentas de comunicação têm se apresentado como mais usadas e eficientes, o que facilita a interação. No entanto, a linguagem utilizada nessas ferramentas de comunicação tem uma alta velocidade em atualizações, tanto em recursos como os *emotions*, *gifs*, *memes* e figurinhas, estas últimas criadas sobre figuras públicas como dos próprios usuários.

Essa modificação na forma de se expressar nos *apps* é sentida pelos usuários como fruto do uso e das necessidades que são geradas e vendidas como produtos. Essa constante adaptação de novos recursos, que os aplicativos sofrem, permite aos usuários estarem sempre atentos, fazendo uso constantemente desses recursos para não se sentirem a parte, de modo que essa apropriação pode subjetivar e inferir os *apps* e redes sociais em suas novas funções. Sobre o período de namoro, também entendemos que os casais têm suas regras e acordos sobre o uso, de maneira que as ações que possibilitem a quebra dos contratos sobre a relação abrangendo, também, os *apps* e as redes sociais. Isso se apresentou, como vimos,

sob a forma do *stalk*, a fim de descobrir possíveis possibilidade de laços afetuosos que gerem relações paralelas ou o fim do namoro.

O ciúme se apresenta em ações como buscar meios de ver as atividades do namorado e, nas redes sociais, as fotos públicas, as pessoas que reagem e os diálogos estabelecidos em conversas privadas. Os conteúdos, como fotos e vídeos demonstraram ser atrativos para que seguidores e usuários estabeleçam novos contatos e relações. E a ação de *stalkear* pode ser feita sobre qualquer *app* que tenha interação com outros usuários.

Na segunda categoria, que têm relação com o rompimento amoroso, os usuários apresentaram uma utilização dos *apps* e das redes sociais como ferramenta favorável ao momento e à experiência de vivência do término de namoro. Seja para lidar com o vazio que o ex-namorado(a) pode deixar, e então utilizar das redes como distração. Assim como, para *stalkear*, buscar informações do ex-namorado, a fim de viver o luto da relação com a pessoa que não faz mais parte da relação, mas que continua tendo uma vida ativa.

Outra informação que se apresentou foi o uso das redes sociais para refletir sobre sua imagem, isso, porque, para os entrevistados, houve mudança no uso das redes e na maneira como se apresentavam em seus perfis. O período entre o antes e pós-término de namoro apresentou descobertas em diversas áreas da vida de cada entrevistado. Os relatos foram de investimento em si, por meio de produção de imagens compartilhadas, que obtinham como retorno as curtidas e reações dos outros perfis que os seguiam.

As produções de *selfies* são um exercício de olhar para si e identificar uma parte ou um ângulo do corpo inteiro que o usuário tivesse apreço e que viesse a estimular interesse nos demais usuários/seguidores, para que comentassem e reagissem a essa postagem. Pois, para os entrevistados, essas reações são demonstrações de afeto e por vezes até de interesse. Quando usuários curtem e comentam suas imagens, os entrevistados disseram se sentir bem consigo mesmo, e recebem essas reações como demonstração de carinho.

Outra reflexão que entendemos não estar concluída e que merece mais estudos diz respeito ao conceito de presença que os autores Puget e Berenstein (1993) defendem, porque entendemos que a presença se dá por meio de vídeo chamadas. O relacionamento é, para eles, um espaço de interinfluência, ou seja, que ao mesmo tempo que se influencia também é influenciado, e a questão então seria, a tecnologia atualmente não permite isso? Mas, ao avançar na teoria apresentada pelos mesmos autores, vemos que eles estabelecem “parâmetros específicos para que o casal possa ser reconhecido como uma estrutura” (1993). São eles: a cotidianidade, o projeto vital compartilhado, as relações sexuais e a tendência monogâmica (BERENSTEIN; PUGET, 1993).

E por isso, pelo nível de complexidade, deve-se atentar para o estabelecimento de novos diálogos sobre esses parâmetros e para ideia de um casal enquanto estrutura. Nesse sentido, seria interessante que houvesse novos estudos a partir do contexto da pandemia de COVID-19. E que vai se estender para o cotidiano social mesmo após a vacina.

O que queremos expressar aqui é, após intensificar o uso da tecnologia nas relações, ela passou ocupar um novo lugar e uma nova configuração na vida das pessoas e consequentemente na sociedade. Prova disso são os estudos sobre os atendimentos clínicos em psicologia, em que o *setting* analítico e a transferência passaram a ser reconfigurados a partir do atendimento por videochamadas e chamadas de áudios. Já há pesquisas e produções sobre essas mudanças e as modificações sociais a que levaram. Também foi entendido que logo após o término, o uso dos *apps* e das redes sociais se intensificou muito, mas com o passar do tempo, os entrevistados/usuários foram ativamente se adaptando. Ou seja, percebem quando estavam só passando tempo, evitando pensar em assuntos que não gostariam ou que os incomodavam, e assim permitindo ser uma distração. Nesse sentido, os *apps* mais utilizados foram os que permitiam contato com outros usuários e a possibilidade de se vincular afetivamente, e por vezes, também sexualmente, para então se sentir desejado, o que nos fala sobre um modo de funcionamento narcísico.

Na terceira categoria, sobre o uso dos *apps* e das redes sociais após o rompimento amoroso e a partir do que foi apresentado nas análises, podemos interpretar, assim como concluir, que essa vivência intermediada pelas tecnologias, para as pessoas que saíram de um relacionamento, foi um meio de poder retomar vínculos e investir em si por meio de sua imagem e da interação com outros usuários, utilizando dos *apps* e das redes sociais.

A possibilidade de ter novas possibilidades de investimento e de retorno imediato dessa libido, principalmente de pessoas que em alguma quantidade também são conhecidas, mantém contato por diálogos particulares, faz com que esse retorno de investimento que os amigos fazem no sujeito enlutado seja crucial para a melhora. E, consequentemente, para voltar a reproduzir ações nas quais a pessoa se sinta melhor consigo e com sua existência.

As reflexões geradas a partir do término do namoro e da relação com o próprio perfil nas redes sociais foram interessantes, principalmente pelo fato de gerarem mudança na maneira como a pessoa se coloca enquanto perfil em suas redes sociais. Isso refletiu no modo como o sujeito se relaciona consigo mesmo no cotidiano sem a intermediação das redes sociais e dos *apps*. Isso, porque, entendemos que não há uma cisão entre o estar nas redes e o estar no cotidiano, afinal é o mesmo sujeito que se apresenta e interage.

Quanto ao uso e funções das redes, há quem pontue as possibilidades de *fakes*, ou

seja, perfis falsos. Mas, atualmente, seja por meio de IP (*Internet Protocol*), cadastro, localização e outros recursos, não há como se manter em total anonimato nas redes sociais. Há relatos de possibilidades de lidar com esses perfis falsos, mas não parece ser de interesse das grandes empresas, principalmente as que lucram com a existência de *fake new*. Assim, parece-nos que o sujeito que subjetiva os *apps* têm como retorno a sua própria modificação ao fazer uso deles, num processo simultâneo e atual.

Na quarta e última categoria, que convidava o entrevistado a refletir sobre o modo como ficou o uso de *apps* e redes sociais com relação ao ex-namorado(a), entendemos por meio das análises que, o rompimento do vínculo em algum momento se estendia para as redes sociais. Os usuários preferiram parar de visualizar e ter acesso a informações sobre o(a) ex-namorado(a). Isso, porque, se sentiam afetados em diversos sentidos, até quando diziam que não tinham motivos para manter o vínculo. Entendemos que se trata de um cuidado consigo, individual.

Os relacionamentos retratados nesta pesquisa expressam conteúdos carregados de muitos afetos e experiências intensas de sofrimento. Fosse pela agressividade existente na relação ou na experiência do rompimento, do término do namoro. Concordamos com Caruso (1986) que o término de namoro se assimila à experiência de luto por morte, mas com a diferença que no término de namoro, o outro, que não existe mais para a relação, continua existindo no mundo como um fantasma, que vive e se relaciona com outras pessoas. E, então, ter o cuidado de romper com esse que não existe mais como antes e para a relação, é importante para que possa seguir com os novos desejos, projetos e vínculos.

Outra observação relevante foi o fato dos entrevistados se sentirem vinculados a outros usuários de seus perfis. E darem manutenção aos vínculos por meio de mensagens diárias, demonstrações de carinhos ao trocar áudios e mensagens instantâneas. Expressaram sentir os afetos nas mensagens, ou seja, serem afetados pelas emoções que estão vinculadas ao conteúdo que é transmitido, seja por escrita, ou no uso ou, não de *emotions*, figurinhas, *gifs* etc. Isso nos convida a refletir sobre a quebra do discurso que defende que as pessoas não são afetadas emocionalmente quando fazem uso de perfis nas redes sociais e nos *apps*. Os perfis são representações e, construções subjetivas de sujeitos com sentimentos e emoções. Então, reações, mensagens, curtidas e diálogos estabelecidos nas redes sociais por meio de seus perfis são tão reais quanto os que se fazem sem o intermédio das redes. Porque há um sujeito e há também o afeto.

E por isso, é importante falar e pesquisar sobre tecnologia e suas ferramentas, assim como a respeito de tudo com que ela se relacione, pois, sua presença afeta diretamente

os seres humanos, que quando não são os produtores, são os consumidores do que está veiculado nas redes sociais, *apps* etc. e tudo que está ligado a *internet*. Sendo assim, entendemos que há urgência de regulamentação sobre a *internet* a nível legal e jurídico.

É importante lembrar que estamos estudando um processo não concluído, que é o uso e a influência das redes sociais e *apps* no cotidiano dos usuários. Ou seja, as pessoas subjetivam a *internet* e suas ferramentas, ao passo que tem suas vidas e existência afetadas por esse uso. E por isso é necessário que todas as áreas, atualmente, possam e façam uso das pesquisas para analisar a relação entre a *internet* e seus produtos, assim como, com o cotidiano, a partir da inserção dessas tecnologias. Isso, porque, o uso dos *apps* e redes sociais em situação de pós-término tem sido cada vez mais comum, diante do que podemos compreendê-los, finalmente, como uma ferramenta importante para que os enlutados lidem com o rompimento do namoro.

Referências Bibliográficas

- ANDERSEN, Sarah. **A louca dos gatos**. Tradução de André Czarnobai. 1 ed. São Paulo: Seguinte, 2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BACURAU. **Bacurau**. Direção de DORNELLES, J. e FILHO, K. M., 2019. Rio Grande do Norte. Brasil. (Duração 131 min).
- BRANCO, Camilo Castelo. **Amor de perdição**. Editora Ática: São Paulo, 1981.
- BRASIL. **Lei nº 6.515, de 26 de dezembro de 1977**. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 1977. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6515.htm. Acesso em: 6 set. 2019.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil** [recurso eletrônico]: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas constitucionais nºs 1/1992 a 96/2017, pelo Decreto legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas constitucionais de revisão nºs 1 a 6/1994. – 52. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848 de 30 de novembro de 2012**. São Paulo. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm. Acesso em: jan. 2020.
- BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourado. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed., São Paulo: Contexto, 2004. p. 607-639.
- BELTRÃO, Tatiana. **Arquivos**. Divórcio demorou a chegar no Brasil. Edição 41. Brasília. 2017. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/divorcio-demorou-a-chegar-no-brasil>: Acesso: jan. 2020.
- BERENSTEIN, Isidoro. A noção de vínculo. In: **Do ser ao fazer**. Curso sobre vincularidade. São Paulo: Via Leterra, 2011. p. 89-106.
- _____. Estados de irritação. In: **Do ser ao fazer**. Curso sobre vincularidade. São Paulo: Via Leterra, 2011, p. 107-122.
- _____. A noção de vínculo. In: **Do ser ao fazer**. Curso sobre vincularidade. São Paulo: Via Leterra, 2011. p. 89-106.
- BORGES, Maria de Lourdes Alves. **amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- CASTRO, Thiago Gomes de. ABS, Daniel. SARRIERA, Jorge Castellá. Análise de Conteúdo em Pesquisas de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 2011, 31 (4), 814-825.
- CARUSO, Igor. **A separação dos amantes**: uma fenomenologia da morte. Trad. João Silvério Trevisan. 4ª Ed. São Paulo: Cortez editora, 1986.

COSTA, J. F. **As práticas amorosas na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Psyche, 1999.

ROSA, Fábio Morelli. **Não existe amor em app? Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay**. 2017. Dissertação de mestrado – Faculdade de ciências e letras de Assis –Universidade Estadual Paulista.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FERES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicol. Reflex. Crit.** [online]., v. 11, n. 2, p. 379- 394, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>. Acesso em: jun. 2018.

_____. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. **Reflexões Críticas. Revista de Psicologia**, v. 10, n.2, p.351-368, 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721997000200012>. Acesso em: 10 de janeiro de 2018.

_____. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 3, p.367-374, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-94X20003&script=s>. Acesso: jan. 2018.

FÉRES-CARNEIRO, T.; ZIVIANI, C. Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). **Casal e Família: Permanências e Rupturas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FREUD, S. (1931 [1927]). **O mal-estar na civilização**. Obras completas. Vol. 18, Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. **Luto e Melancolia**. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. **A dissolução do complexo de Édipo**. Obras Psicológicas Completas. Vol. XIX, p. 215-226. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. [1914]. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Vol. 14, pp. 75-108. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, S. **O ego e o Id**. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 13-85.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1993.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

HAN, Byung-Chul. No exame: **perspectiva do digital**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. No exame: perspectiva do digital. **Fuga na imagem**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 53-58.

IBGE. **Biblioteca**. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/p/eriodicos/135/rc_2014_v41.pdf. Acesso em: abr. 2016.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Redes românticas. São Paulo: Editora Zahar, 2011.

ILLOUZ, Eva. **El consumo de la utopía romántica**. El amor y las contradicciones culturales del capitalismo. Katz Editores: Madrid. 2009.

JABLONSKI, B. Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas. In: FÉRES- CARNEIRO, T. (Org). **Afinal o que quer um casal**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 141- 168.

KÄES, RÉNE. **Alianças Inconscientes**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

KAES, René. Um singular plural. **O sujeito do inconsciente, sujeito do vínculo**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

KUBLE-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes; 1985.

LEVY, L.; GOMES, I. C. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p.45-57, 2011.

LEVY, Lidia; GOMES, Isabel Cristina. Relações amorosas: rupturas e elaborações. **Tempo psicanalítico**, Rio de Janeiro, v.43.1, p.45-57, 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

LÉVY, Pierre. O que é o virtual? Trad. Paulo Neves. São Paulo. Ed. 34. 1996.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor**. V. 2. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

LINS, R. N; BRAGA, F. **Separação**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2006.

LOUREIRO, Rodrigo. Site Olhar Digital. **WhatsApp revela número de usuários no Brasil**. 2017. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/noticia/whatsapp-revela-numero-de-usuarios-no-brasil/68604>. Acesso em: jan. 2020.

MAYER, L.; MEZAN, R. Investigação e psicanálise. In: SILVA, M. E. L. (Org.). **O método psicanalítico**. São Paulo: Papirus, 1993. p. 27-89.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Editora atlas. 2003.

MINERBO, Marion. **Neurose e não neurose**. 2º ed. 1ª reimpressão. Editora: Casa do psicólogo. São Paulo 2014.

MOGUILLANSKY, R.; NUSSBAUM, S. L. **Psicanálise vincular – teoria e clínica. Fundamentos teóricos e abordagem clínica do casal e da família**. V. 1. São Paulo: Zagodoni, 2011.

NETO, Orestes D. Casal e família: permanência e rupturas. 11 – **Psicoterapia de Casal**: uma revisão sobre a eficácia e a eficiência terapêutica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

PEDROSA, Leyberson. Portal EBC. **Conheça a história dos chats antes da popularização do MSN**. 2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2013/04/90s-os-chats-antes-do-msn-windows-live-messenger>: Acesso em: jan. 2020.

PELÚCIO, Larissa. **Amor em tempos de aplicativos**: masculinidades heterossexuais e a negociações de afetos na nova economia do desejo. Tese. Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2017.

PEREZ, Deborah Karolina. **Internet como modo de pensar o cotidiano**: psicologia social em

perspectiva. 2019. 213f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

PIGNATARO, M. Beatriz. **Escolha amorosa: um estudo sobre a constituição da conjugalidade**. Marina Beatriz Pignataro; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – Rio de Janeiro. 2018.

PLATÃO. **O banquete**. Trad. Jean Melville. 3ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2008.

PUGET, J; BERENSTEIN, I. **Psicanálise do casal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RIOS, Izabel Cristina. O amor nos tempos de Narciso. **Interface** (Botucatu), 2008, vol.12, n. 25, pp.421-426.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

ROJAS, María Cristina. Vínculos y subjetividades en la era digital. **VINCULO** – Revista do NESME, 2018, V. 15, N.1. p.83-89.

SOARES, Samara Sousa Diniz; CÂMARA, Gislene Clemente Vilela. Tecnologia e subjetividade: impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes. **Pretextos**, v. 1, n. 2, p. 204-223, 2016.

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares. **Mimesis**, Bauru, v. 30, n. 2, p. 117-126, 2009.

SANTOS. Fernanda Marsaro dos. Análise de conteúdo: a visão de Laurence Bardin. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 6, n. 1, mai. 2012.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, n. 20, p. 71-99.
RASMUSSEN, Bruna. **O que é instagram?** 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/o-que-e-instagram/>. Acesso em: jan. 2020.

MICROLINS. **Linha do tempo: a evolução dos celulares**. 2017. Disponível em: <https://www.microlins.com.br/noticias/tecnologia/linha-do-tempo-celulares>. Acesso jan. 2020.

G1 [On-line]. **Recasamentos representam 183 das uniões no Brasil**. Disponível em: g1.globo.com/brasil/noticia/2011/11/recasamentos-representam-183-das-unioes-no-brasil-diz-ibge.html. Acesso em: 10 de nov. 2017.

IBGE [On-line]. **Segundo casamento atinge 18,3% das uniões em 2010**. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/xtras/grafico_cidades.php?lang=&codmun=350400&idtema=161&search=sao-paulo|assis|estatisticas-do-registro-civil-2015. Acesso em: 10 de nov. de 2017.

DIREITO FAMILIAR [On-line]. **Você sabia que existem vários “tipos” de família?** Disponível em: <http://direitofamiliar.com.br/voce-sabia-que-existem-varios-tipos-de-familia/>. Acesso em: 10 nov. 2017.

PORTAL DO BRASIL [On-line]. **Em dez anos a taxa de divórcio cresce mais de 160% no país**. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/11/em-10-anos-taxa-de-divorcios-cresce-mais-de-160-no-pais>: Acesso em: 16 abr. 2016.

EXAME [On-line]. **Relembre cada modelo de iphone lançado pela apple**. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/tecnologia/relembre-cada-modelo-de-iphone-lancado-pela-apple/>. Acesso em: 8 set. de 2019.

IBGE NOTÍCIAS [On-line]. **Internet chega em a três em cada quatro domicílios no país.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais>. Acessado em 8 de set. 2019.

TECHTUDO [On-line]. **Saiba quais foram os aplicativos mais baixados de 2018.** Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/01/saiba-quais-foram-os-10-aplicativos-mais-baixados-de-2018-no-mundo.ghml>. Acesso em 5 set. 2019.

TECMUNDO [On-line]. **Android cresce, iOS diminui e Windows Phone quase some, aponta relatório.** Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/dispositivos-moveis/119411-android-ios-windows-phone-mercado.htm>. Acesso em: 05 set. 2019.

TECNOBLOG [On-line]. **Samsung, Apple, Huawei e Xiaomi lideram venda de smartphones em 2018.** Disponível em: <https://tecnoblog.net/277317/samsung-apple-huawei-xiaomi-idc-smartphones-2018/>. Acesso em: 5 set. 2019.

TURATO, Egberto Ribeiro. Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. Construção teórico-epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humana. 2ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes.

WINNICOTT, Donald. W. **O Brincar e a Realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZANETTI, S. A. S. **A opção por não se vincular amorosamente de maneira compromissada entre as condições de existência contemporâneas e a herança psíquica geracional.** Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

ANEXOS

ANEXO A - Roteiro das entrevistas

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Relacionamento: (homossexual ou heterossexual)

Tempo de relacionamento:

Duas perguntas voltadas para demarcar a referência de como o indivíduo conhece seus parceiros e/ou parceiras atualmente. Como utilizava seu *Smartphones* e seus aplicativos antes do término no seu cotidiano:

1) Como você conheceu seu ex-namorado(a)? Foi através de *app* ou redes sociais? Quanto tempo ficaram juntos? Como era o relacionamento, trazia satisfação?

2) Me conte como ocorreu o rompimento. Para você, quais foram os motivos? Como foi tomada a decisão pelo término?

Entender se a relação com o *Smartphones* e seus aplicativos, ou seja, a rotina virtual se intensifica na ausência do relacionamento? E como o sujeito sente o fato do uso das redes para se iniciar ou terminar o relacionamento amoroso:

1) Como você reagiu ao rompimento? Como se sentiu e como enfrentou a situação?

2) Como você percebe o uso de *app* e redes sociais após o término do namoro? Houve mudanças com o uso que fazia anteriormente, inclusive enquanto namorava? Explique.

Analisar a relação narcísica e seus investimentos no ego por meio da utilização dos aplicativos após o rompimento amoroso.

3) E seu namorado(a), fazia uso de *app* e redes sociais? E atualmente?

4) Como você entende o uso que tem feito de *app* e redes sociais após o término do namoro? Qual a finalidade desse uso, especificamente após esse momento de rompimento? Você considera que ajuda? Explicar.

5) Como é o uso cotidiano desses *app* e redes sociais? Quanto tempo você usa num dia? Por quê?

ANEXO B – Entrevistas

1) Entrevista excluída (Cf. tabela 1).

2) Entrevista do Projeto de Dissertação de Mestrado. Data: 29/11 /19

Nome: Jacob*

Relacionamento: Heterossexual.

Idade: 21.

Gênero: Masculino.

Estado civil: Solteiro.

Escolaridade: Graduando.

Profissão: estudante.

Tempo de namoro: 5 meses

Entrevistador: Dirceu Duarte Gomes (DDG)

* O nome das pessoas entrevistada foi substituído por nome aleatório de escolha do pesquisador.

RESPOSTAS:

DDG: Vou entrevistar a segunda pessoa, que já leu o termo, já consentiu. Você concorda?

Jacob: Concordo.

DDG: Vou começar com as perguntas, na verdade com as perguntas de identificação. Qual o seu nome?

Jacob: Eduardo Bonde Félix dos Reis.

DDG: Qual sua idade?

Jacob: Eu tenho 21 anos.

DDG: Gênero?

Jacob: Masculino.

DDG: Estado civil?

Jacob: Solteiro.

DDG: Escolaridade?

Jacob: Ensino Médio Completo.

DDG: Profissão?

Jacob: Estudante.

DDG: A primeira pergunta é: Como você conheceu seu ex-namorado(a)?

Jacob: Ah, eu a conheci... Numa festa da Unesp, foi, mas a gente interagiu muito pouco nessa festa.

DDG: E você, por..., foi através de aplicativos ou redes sociais, ou alguma coisa assim do tipo que vocês se conheceram?

Jacob: Não, não... A gente se conheceu, se conheceu pessoalmente mesmo.

DDG: Você disse que se conheceram na festa e depois que mantiveram contato.

Jacob: Humrum. É! Depois manteve contato.

DDG: Como que foi esse contato, foi por internet ou pessoalmente?

Jacob: O contato ele foi por internet. Foi primeiramente pelo *Instagram* e depois por *WhatsApp*.

DDG: Tá, quanto tempo vocês ficaram juntos?

Jacob: A gente ficou quase 7 meses.

DDG: Tá! E... Como era o relacionamento de vocês? Trazia satisfação assim, para você?

Jacob: Sim, trazia bastante satisfação. Principalmente no início, né. Acho que é a tendência, justamente por conta do término, é de que no final estava um pouco desgastado mas, trouxe bastante satisfação, como todo.

DDG: E, como que ele era?

Jacob: Um, era um relacionamento com bastante, e com bastante proximidade, a gente era, a gente convivia bastante, é... hã, a gente se via com bastante frequência. Inclusive a gente ficava bastante um na casa do outro. Mas a gente saía pouco a gente ficava, passava mais tempo um na casa do outro mesmo. E era um relacionamento com poucas brigas e assim, a gente nunca teve briga mesmo. A gente teve alguns desentendimentos somente. Discussões por coisas simples. Mas nada que a gente tivesse dado um tempo ou algo do tipo. E acredito que tenha sido... Bastante, bastante harmonioso até, até certo ponto porque, por conta justamente da gente não ter tido brigas, foi um relacionamento bastante tranquilo na maior parte do tempo.

DDG: Vamos para a segunda pergunta. Conte-me como ocorreu o rompimento.

Jacob: Hã, o rompimento ocorreu... hã, depois de eu ter chamado a minha ex para conversar, aí a gente passou a noite junto, e no dia seguinte, né... Logo pela manhã. É eu falei para ela o que eu queria conversar, a conversa que eu já tinha avisado que eu queria ter. E, e aí foi quando eu expus para ela os motivos do término, assim, porque era, a iniciativa foi minha, então eu que expliquei para ela quais eram os motivos e o que, que eu estava sentindo naquele momento para justificar a razão por eu estar terminando. Então foi um término naquele momento bastante tranquilo também, assim, não houve desentendimento naquele momento, mas foi bastante triste, nós dois choramos bastante, é... E aparentemente estava sendo amigável. Só que logo depois, é, alguns dias depois mesmo, é... aconteceu que a gente teve desentendimento porque ela não estava compreendendo tão bem a razão do término e veio querer tirar satisfação de alguma forma assim, hã... Só que depois a gente se resolveu também. Durou um tempo esse clima ruim, esse mal-estar pós-término. Mas, umas duas semanas depois ficou tudo bem.

DDG: E para você, quais foram os motivos do término?

Jacob: Eu acredito que os motivos do término eles tenham sido... Hã... um excesso de expectativa que a minha ex tinha no relacionamento, porque eu percebia que com muita frequência ela me comparava com o ex dela. E que ela trazia inseguranças de mais em relação ao pós-término do relacionamento anterior dela, pro relacionamento que estávamos tendo na época, então isso me incomodava demais. A ponto de que, eu não gostava de... ver esse tipo de comparação, esse tipo de questão que era muito frequente, era muito recorrente, e além de duas discussões que a gente tinha tido antes do término em si... Que me fizeram pensar que a razão do término ela já estava meio consolidada, que eu já tinha entendido que, que eu não iria aguentar mais permanecer no relacionamento, mesmo gostando dela, sendo, passando por esse tipo de coisa, de comparação, e de... é... de uma forma de trazer essas expectativas, né, porque como eu disse era recorrente, então, a cada, não sei, uns dois dias isso vinha à tona e eu estava ficando desgastado porque parecia que não tava agradando ela como relacionamento em si, e sim como, funcionando como um modelo de relacionamento, e não estava funcionando mais de uma forma natural.

DDG: E como foi tomada a decisão do término?

Jacob: Como foi? Humm... Eu pensei bastante... Conversei com algumas pessoas também para expor... Ah... Os meus sentimentos, as minhas, ah... A minha insatisfação com a forma que o relacionamento tava acontecendo e depois quando eu percebi que eu já tinha tomado a decisão, só estava conversando com as pessoas só para ouvir a opinião delas, aí, eu já meio que havia processado e tomado a decisão, né. Já quase que completo na minha cabeça a decisão que eu iria tomar e depois foi só chamar a minha ex para conversar e expor para ela o que eu tinha pensado, né, porque eu já tinha adiantado o assunto falando que queria falar com ela uma coisa séria que talvez ela não fosse gostar da resposta, assim... Das coisas que eu ia dizer.

DDG: É... E como você reagiu ao rompimento?

Jacob: Hã, no exato momento do rompimento, eu reagi de uma forma muito triste. Eu fiquei bastante abalado, os próximos. Uns dois ou três dias depois do término eu fiquei muito triste, assim, eu fiquei bem deprimido! Eu não tinha vontade de fazer muitas coisas. Tava sem animo. Porque foi meu primeiro relacionamento. Então eu percebi que ter o rompimento de um relacionamento que eu acreditava que funcionava muito bem por bastante tempo... É, me deixou muito triste, então, aquilo, aquela tristeza assim, bem forte, durou por uns três dias, depois quando, assim, posterior a esses três dias eu poderia ter continuado triste como eu estava ou, porém, o que aconteceu é que minha ex veio tirar satisfação comigo... Ham... Como se eu tivesse feito algo errado, apesar de no início eu ter sido amigável o término, e aí ela veio conversar comigo, como se eu tivesse feito algo de errado, apesar de no início ter sido amigável o término e aí a minha tristeza sumiu e eu estava com uma sensação muito mais de desamparo assim, eu não sabia o que fazer porque a tristeza estava sendo misturada com uma incerteza do que estava acontecendo, né! Por conta de ela estar com raiva de mim, eu ficava sem saber

como reagir, então... A tristeza ela sumiu e eu ficava mais numa dúvida do que estava acontecendo, eu estava bem perdido nesse momento.

DDG: Como você se sentiu e como você enfrentou a situação?

Jacob: Eu reagi de uma forma bem triste no começo, e depois no decorrer dos dias também, assim, nas primeiras semanas, mas... A tristeza profunda de, de lamento ela não durou tanto assim por conta da, da incerteza que eu tive de sentimentos assim, foi um avalanche mesmo de sensações por conta de eu ter sido colocado contra a parede sem ter entendido o que tava acontecendo, mas eu acho que eu enfrentei o término da melhor forma que eu pude, é difícil explicar isso porque no início como a tristeza, ela me pegou muito forte, assim muito de repente, bem intenso assim, eu acho que... no primeiro momento eu enfrentei mais ficando isolado no quarto, não conseguiu ter muito ânimo de fazer as coisas, então, eu enfrentei tentando me proteger e tentando evitar me expor a outros sentimentos com os quais talvez eu não conseguisse lidar na hora, e posteriormente eu tentei lidar, enfrentar o rompimento enfrentando conviver com mais pessoas, né! Buscar um pouco de apoio nos meus amigos e não me isolar. Ah, e depois de algumas semanas eu tentei buscar, enfrentar a situação, tentando me relacionar com outras pessoas, mas isso não funcionou.

DDG: Como você percebe o uso de aplicativos e redes sociais após o término do relacionamento/ do namoro?

Jacob: Ah, eu percebo que o uso de aplicativos numa situação assim de pós-término ela, esse uso pode ter o efeito de tentar suprir essa perda, essa sensação de vazio. Então, tentar ver a felicidade, tentar ver outras pessoas. Talvez até para buscar uma outra pessoa para se relacionar mesmo, mas de uma forma muito superficial, talvez só para tentar substituir a pessoa, né. Não de uma forma muito maduro diria, por conta de você está tentando só, substituir um sentimento ruim que você ainda tá processando por uma sensação boa e superficial e que quase instantânea, então eu acho que os aplicativos, pelo menos de redes sociais, como o *Instagram* e o *Facebook*, por exemplo, eles podem tentar... É... Eles podem ser utilizados mais ou menos nesse sentido além de que eu acho que eles contribuem um pouco para tentar passar o tempo e evitar pensar no término também na situação desagradável, nas situações ruins, mas eu acho que o efeito, ele não funciona tão bem assim, é mais ilusório de que vai ajudar, eu acho que no final das contas esses aplicativos e às vezes até, se a pessoa termina e já vai tentar utilizar *Tinder*, por exemplo... É... eu acho que é só de uma forma de tentar substituir aquela pessoa e tentar buscar um afeto pra, pra tentar passar uma sensação boa e esquecer dá, dos problemas do rompimento, mas acredito que não funciona muito bem, na verdade acho que é até pior.

DDG: E houve alguma, houve mudanças com o uso que você fazia anteriormente ao término, inclusive enquanto namorava?

Jacob: Acredito que sim. Eu, eu diminuí o uso do *Facebook* depois do término, mas eu não consigo ver uma relação muito direta, hã... E meses depois de ter terminado eu baixei o *Tinder* e passei a utilizar ele com uma certa frequência mas nisso eu acho que eu já tinha, por assim dizer, meio que superado o relacionamento, eu não tava tentando simplesmente tentando buscar tapar um buraco, né... Eu acho que eu já tinha, já tinha avançado mais ou menos no, na elaboração do término né... Mas, é... A única coisa que mudou de passar a utilizar um aplicativo novo, foi no caso o *Tinder*, foi alguns meses depois, né. Foi quatro meses depois eu acredito.

DDG: A sua namorada fazia uso de aplicativos e redes sociais também, enquanto namorava com você?

Jacob: Hã, a minha namorada ela usava, a minha ex namorada... A minha namorada na época.

DDG: Isso, desculpe.

Jacob: Ela utilizava *Instagram* e o *Whatsapp* mas eu não sei se o *Whatsapp* se enquadra nesse sentido.

DDG: Todos os aplicativos, independentes.

Jacob: *Facebook* ela não tinha. É, quando a gente tava se conhecendo, logo, antes da gente começar a namorar ela tinha, mas ela excluiu a rede social, então ela passou a usar só o *Instagram* e o *Whatsapp*.

DDG: E, Assim, por exemplo, quando você namorava você fazia um uso dos aplicativos, o que eu quero saber é: depois que você, como que era esse uso? Era muito, pouco e se diminuiu agora depois do namoro, depois do término ou não, dos aplicativos que você tinha, independente da finalidade, qual finalidade fosse...

Jacob: Hummm, eu, eu acho que eu reduzi o uso em geral de todos os aplicativos que eu utilizava na época, eu utilizava na época do namoro: *Facebook*, *Whatsapp* e *Instagram*, eu acho que os três eu tive o uso reduzido e... *Facebook* mais recentemente do pós-término foi o que eu cortei em maior quantidade de horas de uso, eu uso muito pouco hoje em dia.

DDG: A sua namorada fazia uso de aplicativos e redes sociais, não é isso?

Jacob: Sim.

DDG: E atualmente?

Jacob: Atualmente, a minha ex-namorada não usa mais *Facebook* e nem *Instagram* até onde eu sei. Ela não tá mais com contas nessas redes sociais, então ela não utiliza mais, somente o *Whatsapp*.

DDG: Tá, como você entende o uso que você tem feito de aplicativos e redes sociais após o término do namoro?

Jacob: Eu acho que o uso que eu faço de redes sociais, principalmente após o término do namoro, ela tem como objetivo interagir socialmente, né. Tentar buscar um maior contato com pessoas que normalmente eu não teria se eu não utilizasse as redes sociais.

DDG: Qual é a finalidade desse uso, especificamente após o momento do rompimento? Você considera que ajuda? Explica para mim.

Jacob: Eu acho que especificamente após o rompimento, assim, logo após, o uso do, de redes sociais não ajuda muito porque atrapalha na elaboração dos seus sentimentos assim, na compreensão das sensações que você está tendo após o término, então acaba por deixar você um pouco entorpecido pelo, pelo uso mesmo, ao invés de você tentar compreender o que você está sentindo e lidar melhor com os seus sentimentos.

DDG: Como é o uso cotidiano desses aplicativos e redes sociais para você?

Jacob: No sentido de como que eu faço uso ou como que eu faço significado?

DDG: Não. No seu cotidiano você usa aplicativos não usa?

Jacob: Sim.

DDG: Como que é o uso desses aplicativos para você, no seu cotidiano?

Jacob: Certo, o uso para mim, ele é basicamente diário, eu faço, eu utilizo, eu abro os aplicativos para conferir ou para passar um tempo neles, a cada duas horas mais ou menos, é... De acordo com as notificações que aparecem, e eu acho também que... tem um pouco haver também com um certo vício que que tenho em rede social. Eu tenho bastante, é... Apego a ficar abrindo as redes sociais mesmo que não tenha muita razão aparente de fazer isso. Mas também eu acho difícil evitar de tomar essas atitudes, de fazer uso tão frequente assim.

DDG: E quais são as redes sociais que você citou que você mais você usa para essa finalidade?

Jacob: Que eu mais uso é, é o *Instagram* mesmo. Porque, o *Facebook* eu diminuí muito o uso, eu só abro no computador, porque o celular sempre está na mão então é mais fácil de utilizar é mais prático e já está mais, já está sempre ligado e tal, e... E o *whatsApp* eu tenho utilizado quando preciso conversar com alguém ou quando eu recebo alguma mensagem mesmo.

DDG: E você acha que em média quanto tempo você usa deles por dia?

Jacob: Somados?

DDG: Não assim...

Jacob: Ou cada um?

DDG: Cada um.

Jacob: há, eu acredito que eu devo utilizar cada um umas 2 horas.

DDG: Por dia no total?

Jacob: Por dia.

DDG: no total?

Jacob: Sim, porque inclusive tem uma ferramenta dos aplicativos hoje em dia, pelo menos do *Facebook* e do *Instagram*, que ela mostra quanto tempo de uso que a gente está fazendo hoje em dia. E a minha média ela varia de uma hora e meia a duas horas se eu não me engano.

DDG: E porque você usa essa quantidade de tempo cada um, você consegue pensar sobre?

Jacob: Eu acho que eu utilizo, por um pouco de solidão, é... Um pouco como forma de procrastinar também diante da, das tarefas que eu tenho que fazer no dia, de todas as obrigações. Hã... É uma forma de me aproximar de alguns amigos que estão longe também. Eu acho que é mais por essas razões mesmo.

DDG: Tudo bem. As perguntas eram só essas. Muito obrigado por ter participado.

Jacob: De nada.

DDG: E qualquer dúvida eu fico a disposição, tá bom?

Jacob: Tá certo.

3) Entrevista do Projeto de Dissertação de Mestrado.

Data: 17 /12 /2019

Nome: Agnes.*

Relacionamento: Heterossexual.

Idade: 23 anos.

Sexo: Feminino.

Estado civil: solteira.

Escolaridade: Superior completo.

Profissão: Psicóloga.

Tempo de namoro: 2 anos.

Entrevistador: Dirceu Duarte Gomes (DDG)

Pseudônimo da entrevistada: Agnes*

*Os nomes das pessoas entrevistadas foram substituídos por nomes aleatórios.

RESPOSTAS.

DDG: Como você conheceu seu ex-namorado?

Agnes: Como eu conheci? Na festa, em uma festa de república da faculdade.

DDG: Foi através de aplicativos ou redes sociais?

Agnes: Não, nem um dos dois.

DDG: Quanto tempo vocês ficaram juntos?

Agnes: Dois anos.

DDG: Como era o relacionamento? Trazia satisfação?

Agnes: Trazia, tinham brigas também, mas, também tipo meio que satisfatório.

DDG: Me conte como ocorreu o rompimento!

Agnes: Oi, como é que é?

DDG: Me conte como ocorreu o rompimento.

Agnes: ... O rompimento..., Ham... bom, a gente vivia em um relacionamento aberto, e... é,

a gente já tinha terminado às vezes, mas a gente sempre voltava, mas aí dessa vez... eu descobri que ele mantinha um relação com uma pessoa que era minha amiga e ele, eles poderiam ter me contado, mas aí eu descobrir, e mesmo eu vendo, eles negavam! E aí eu fiquei, nossa eu fiquei muito nervosa, aí a gente, ele terminou né...

DDG: E como você se sentiu ao saber que ele estava ficando com alguém próximo e eles negando?

Agnes: Aí eu primeiro eu me senti desrespeitada, totalmente desrespeitada e traída, não por uma questão, uma questão de traição de monogamia, mas traição de confiança, assim tipo para não contar, né!

DDG: Para você quais foram os motivos?

Agnes: Do que? Eu não queria terminar, quem quis terminar foi ele, ele fala que ele terminou porque quando a gente terminou eu fiquei muito nervosa, gritei e falei coisas horríveis, eu perdi a linha um pouco sabe? E aí... e ele ficou.. ele meu, não vou deixar ninguém nunca falar assim comigo foi violento, e eu não quero um relacionamento assim, eu acho que não foi legal e isso não faz bem para mim, e eu pensei meu: ninguém nunca me fez chegar nesse nível, eu nunca falei assim com ninguém também.

DDG: E como foi tomada a decisão pelo término?

Agnes: Foi por parte dele, ele chegou e falou assim... Falou que não queria mais, daí... É... Ele falou para gente ir na casa dele para conversar, e aí a gente foi, ele falou que tinha medo de se arrepender, falou que tinha medo de terminar e se arrepender. E sentir saudade, se arrepender, tal... Só que aí né, se decide, né! Tem medo de se arrepender, então não termina... Mas ele quis terminar e...

DDG: Então você não queria, foi ele quem quis.

Agnes: É, aí ele começou a carregar meu carro com minhas coisas... E eu tipo, meu? E ele não falava assim, diretamente, tô terminando, sabe? Ele ficava tipo meio...

DDG: Meio como?

Agnes: Num sei... Não quero mais... Tô com medo de me arrepender...

DDG: É, como você reagiu ao rompimento?

Agnes: Nossa, eu fiquei muito triste, eu chorei muito. Por muito tempo eu fiquei, muito desolada.

DDG: Desolada?

Agnes: É, foi muito ruim porque como eu tive um relacionamento de dois anos, e eu nunca tinha tido um relacionamento tão longo, esse foi o mais longo, e... Então os nossos amigos já eram meio que os mesmo, roles eram os mesmo, a rotina, a gente se via muito vezes por semana... Então, quando a gente terminou tudo isso fazia falta, não só ele... Mas meus amigos ficaram meio ressentidos, tive que ressignificar tudo. Porque não só terminei com ele, mas com também briguei com essa minha amiga que estava ficando com ele. E então foram vários rompimentos de uma vez só, né! Então tive que ressignificar várias coisas, minha rotina, minhas amizades, tudo!

DDG: Entendi. E como você sentiu e como enfrentou a situação?

Agnes: Hã... A, eu acho que eu senti bem a tristeza, não fiquei evitando o vazio, a falta... e por uns dois meses eu me afastei dele, não fala nem oi, nem nada. Se a gente se encontrava sem querer, que acontece muito porque... A rotina é a mesma né... Então a gente se ignorava, assim, por um tempo, agora a gente voltou a se falar mas, qual que era a pergunta mesmo? Até esqueci...

DDG: Como você percebeu e como sentiu a situação do término.

Agnes: Então, eu me afastei completamente, cortei o vínculo... Mas agora eu acho que a gente está... Também deu muita saudade, né. Daí acho que a gente meio que voltou a se falar... Porque a gente se gosta e... Os dois ficaram com saudade, sabe?!

DDG: Quarta pergunta, é... Como você percebe o uso de *app* e redes sociais após o término do namoro?

Agnes: Nossa, bizarro, porque a gente se ignorava, completamente, tipo, se via e fingia que o outro não estava ali, e ele ficava vendo tudo que eu postava... se ele postava um bagulho eu via, se eu postava um bagulho eu via... Dos Histories do *Instagram*, porque a única rede que eu uso é o *Instagram*... Até tenho o *Facebook* lá, mas não uso muito.

DDG: Você disse que até tem o *Facebook* lá, mas, não usa muito e que vocês usavam era o *Instagram*, você uso de alguns outros aplicativos?

Agnes: Eu uso *Tinder*, só. Mas eu não uso muito o *Tinder* não, porque é meio difícil, né. Heheh

DDG: Quando eu falo aplicativos, é de um modo geral...

Agnes: Ah, não só aplicativos de rede social...

DDG: Isso.

Agnes: Tá, eu uso aplicativos, eu uso vários aplicativos.

DDG: Tem alguns que você usa mais... do que outros?

Agnes: Tem aplicativos de gps, tem um que é de música, mas também é de rede social que é o *Spotify*, eu uso muito o *Spotify*, o *Waze*, *Instagram*.

DDG: E como você percebe o uso desses aplicativos após o término do namoro? Aumentou? Diminuiu? intensificou?

Agnes: Eu não sei, eu acho que mudou muito não... Eu acho que o que é estranho é a interação que a gente tinha e que não existia pessoalmente. Mas o uso de aplicativos, eu acho que não mudou não... Eu uso igual...

DDG: Houve mudanças com uso que fazia anteriormente, inclusive enquanto namoravam?

Agnes: Se houve mudança?

DDG: Assim, a forma como você usava, você acha que houve alguma mudança? Intensificou mais, diminuiu?

Agnes: Não...

DDG: Se você, por exemplo, usava mais músicas, diminuiu no *Spotify*...

Agnes: Não, talvez tenha intensificado...

DDG: Tenha intensificado? Quais que você acha que intensificou?

Agnes: Ah, o *Spotify* com certeza.

DDG: E os outros aplicativos?

Agnes: Igual, mas o *Spotify* com certeza porque aí eu entrei na brisa de fazer a *playlist* do término, porque assim eu sempre faço as *playlist* para os momentos da minha vida... Daí eu fiz uma *playlist* quando a gente se conheceu, uma *playlist* quando a gente brigou, e aí uma *playlist* quando a gente terminou... então eu ficava ouvindo *playlist* no *repet* assim...

DDG: Aí se você conseguisse fazer uma análise, do como você usava o aplicativo antes e após o término você acha que houve mudança no uso?

Agnes: Então, não sei, eu acho que... Os aplicativos que eu uso mais, tipo o *GPS* que eu acho que não conte muito, são esses. O *WhatsApp* eu acho que é mais para trabalho e mensagens no geral... Então não mudou muito. Porque mensagem a gente sempre está trocando... Aí o *Instagram*, também...

DDG: É que você disse que interagiam muito pelo *Instagram* e quase não, mas pessoalmente vocês não tinham.

Agnes: A única interação que a gente tinha era no *Instagram*.

DDG: Mas aí você percebe que tipo: Houve um aumento nesse uso do *Instagram* para que você percebesse que interagiam tanto.

Agnes: Acho que não, acho que não porque a gente é gente que não usa muito, a gente é vizinhos, fazia os mesmos estágios, mesma supervisão, mesmo então... era mais fácil eu trombar ele acidentalmente “na vida real do que virtualmente” entendeu?

DDG: Entendi, e seu ex-namorado fazia uso de aplicativos e redes sociais?

Agnes: Sim

DDG: E atualmente?

Agnes: Continua fazendo... Não sei se mudou, não sei... Ai, eu já não sei né.

DDG: Quero saber do uso de ver, de responder, quero saber se responde com mais intensidade...

Agnes: Usou durante o nosso relacionamento, porque quando a gente se conheceu ele não tinha nem celular... ele não usava nem um aplicativo. Ele não usava nada, só. No máximo entrava no *Facebook* para conversar com as pessoas porque era o único meio, ai depois que ele comprou o celular, ai pronto ele viciou no *Instagram*, *Tinder*, de tudo ele usava...

DDG: E como você entende o uso que tem feito de aplicativos e redes sociais depois do término do namoro?

Agnes: Nunca muito saudável né, o uso de aplicativos e redes sociais, nunca foi muito saudável, mas assim, se eu for pensar na diferença de antes de terminar e depois de terminar eu acho que é essa assim, de perceber uma interação que não rola pessoalmente e só rola virtualmente. Agora quando a gente estava junto tinha até porque nosso relacionamento sempre foi aberto né... Então a questão das outras pessoas que ele ficava e das outras pessoas que eu ficava. E o único lugar que dá, se você não presenciou essa cena né, o único lugar que dá para você provar que está rolando alguma coisa ou não, é via interação virtual, né. Tanto que você olha na foto dele se ela curtiu e olha na foto dela se ele curtiu esse uso também não é nada saudável, né...

DDG: Então você acha que a comunicação virtual foi um ponto assim da relação antes e depois.

Agnes: Durante...

DDG: Durante, Agnes: Sim, *stalkear*

DDG: Certo, *stalkear* seria investigar, pesquisar, bisbilhotar?

Agnes: É, dar aquela olhada assim, né... Aquela conferida ali. Que eu sei que não rolava só do meu lado... Entende? Que rola dos dois!

DDG: E, qual a finalidade desse uso, especificamente após o momento do rompimento, você considera que ajudou?

Agnes: Acho que ajudou perceber o quanto aquilo me fazia mal!

DDG: Aquilo o que?

Agnes: Essa nóia de investigar, ficar olhando... Porque ai terminou e ai já não tinha mais o que olhar, né. Então foi meio estranho porque eu fiquei assim, nossa, uffa... Sabe, ai... tirou um peso, sabe? Tenho mais que ver nada. Assim, acho que nesse sentido ajuda. Ai então no caso do aplicativo.

DDG: O aplicativo que você está falando é do *Instagram*, de não investigar mais, não bisbilhotar mais, ver se ele está ficando com que, como que está sendo a comunicação, a interação via aplicativo. Mas aí você falou sobre o seu uso do *Spotify* que você destacou que mais usou... E que você criou *playlist* e como é o uso cotidiano desses aplicativos e redes sociais? Quanto tempo você usa no dia, mais ou menos?

Agnes: Ah, eu uso horas. Uso muitas horas! Eu acordo e ligo o *Spotify*. Eu acordo ai eu vou para o banheiro, aí eu sento na privada e abro o *Instagram*. Acendo um *beck* para acordar, ai eu olho o *Instagram*... Ai eu vejo lá os famosos, o que elas estão fazendo, essas coisas. Depois eu ligo o *Spotify*, eu ouço um *podcast* ou uma *playlist*, ou um álbum... E a todo momento que estou em casa eu ligo o som.

DDG: E porque você faz isso?

Agnes: Acho que é o momento de descontração... Né! Acho que também pelo fato de eu estar fazendo muitas coisas... Coisas das quais eu tenho que me concentrar muito, então quando estou em casa eu quero ouvir música. Agora, têm também a parte da fossa, que você quer se afundar na *playlist* da *bad* assim, sabe? Tem também essa parte.

DDG: E como que é?

Agnes: Como que é?

DDG: Sim,

Agnes: Ah, como que eu posso explicar? É bom de certa forma, música é bom, né...

DDG: Mas. Assim, você falou que é a *playlist* da fossa... Como seria uma *playlist* para fossa?

Agnes: Música de fossa, de dor de cotovelo, aí é assim... uma música de amor e logo em seguida uma música de raiva. É assim minha *playlist* de fossa... Uma música apaixonada e logo em seguida uma música xingando. E vai alternando, uma brisa. Aí música de empoderamento, do tipo: eu posso! Eu sou capaz! Sou feliz sozinha! Daí uma apaixonada e uma fossa.

DDG: E você acha que após você escutar essa *playlist* como que você se sente?

Agnes: Eu me sinto melhor eu acho!

DDG: Então você acredita que de certa forma o aplicativo de música te ajuda a lidar com isso? Com o término.

Agnes: Acho que sim! É estranho né... chegar a essa conclusão, mas acho que sim!

DDG: É isso?

Agnes: Acho que posso dizer isso sim, porque não é como se, é... O aplicativo de música é também uma rede social. Então tem também interação social. Dá para você também ver o que a pessoa está ouvindo, por exemplo: Esses dias eu olhei no meu aplicativo do *Spotify* e estava lá que meu ex- estava ouvindo uma música da minha *playlist* de fossa. Ele estava ouvindo a minha *playlist* de fossa.

DDG: E como você viu?

Agnes: E ele estava lá ouvindo a minha *playlist* de fossa... Porque dá para ver, né. O que a pessoa está escutando da onde tal.

DDG: Você fala seus amigos? Então ele tem que ser seu amigo no *Spotify* para você acompanhar o que ele ouve também...

Agnes: É! A gente se segue.

DDG: Aí você vai até o perfil dele e olha o que ele está ouvindo? **Agnes:** Não, aparece do ladinho. Já na página inicial aparece uma barra lateral com várias pessoas que você segue, o que elas estão ouvindo, o que elas ouviram, qual foi a última música que elas ouviram. E essa parte não ajuda. Agora a parte de poder fazer *playlists*, de poder colocar lá sua brisa em uma *playlist* quando você quer despertar esse sentimento é só ouvir e *playlist* e tal... Essa parte ajuda.

DDG: E você acha que ajuda por que lhe faz lidar com isso? Ou não, que seria por que não lida?

Agnes: Sim, sim. Acho que lido, lido! Lido! Ajuda porque te faz voltar para aquele sentimento, sentir aquilo de novo e trabalhar... sofrer.

4) Entrevista do Projeto de Dissertação de Mestrado. Data: 29/11 /19

Nome: Edward.*

Relacionamento: Homossexual.

Idade: 24.

Gênero: Masculino.

Estado civil: Solteiro.

Escolaridade: Mestrando.

Profissão: Pesquisador.

Tempo de namoro: 3 anos e 9 meses

Entrevistador: Dirceu Duarte Gomes (DDG)

Entrevistada: Edward*

*Os nomes das pessoas entrevistadas serão substituídos por nomes aleatórios.

Respostas.

RESPOSTAS

DDG: Estou com a quarta pessoa participante da entrevista. Os dados pessoais já foram coletados. Ela já leu o TCLE. Você concorda com o que você leu no TCLE?

EDWARD: Sim, concordo.

DDG: Como você conheceu seu ex namorado?

EDWARD: Eu conheci ele na universidade. Eu já tava no meu começo do meu segundo ano de graduação e ele tinha acabado de entrar. Era meu bicho no começo do ano. E eu fui apresentada pra ele por uma amiga em comum, que também era bixete. Ela era muito próxima dele. Então nós acabamos começando a nos conhecer. E eventualmente eu apadrinhei na graduação, que é como a gente chama, quando um veterano assume responsabilidade por um ingressante, no caso de orientar, passar textos e etc. E na época nós dois namorávamos então não aconteceu nada. Mas antes do apadrinhamento, nós dois coincidentemente nós terminamos os nossos namoros. E aí a gente ficou e partir disso a gente foi ficando, até que a gente começou a se relacionar de fato.

DDG: E foi através de aplicativos ou redes sociais que vocês se conheceram e mantiveram os primeiros contatos?

EDWARD: Foi de certa forma. Porque a princípio a gente se conhecia só pessoalmente. Eu o via só no restaurante universitário, mas daí quando a gente conversou de eu apadrinhá-lo. Eu peguei o contato dele. E a gente começou a conversar por *whatsapp*. E eventualmente pelo *Instagram* também. E aí foi só se desenvolvendo por essas vias só. Pelo *Instagram* e pelo *whatsapp* só. Até então a gente não se falava pelo *messenger*. Não lembro se já tinha o *messenger* ou era só o chat do *Facebook* mesmo, mas foi pelo *whatsapp* e pelo *Instagram*.

DDG: E a relação trazia satisfação?

EDWARD: Trazia, Trazia bastante satisfação.

DDG: Me conta como ocorreu o rompimento.

EDWARD: É o rompimento foi assim. A gente já tava a três anos e meio juntos. E no último ano de relação já tava bastante conturbado a situação. Já tava dando sinais de muito

desgaste. E mesmo assim nenhum dos dois queria ou pelo menos se manifestava sobre o término. Quando a gente brigava e às vezes tendia talvez para um rompimento. E a gente dava um jeito de se acertar, ou pelo menos eu fazia um esforço pra isso. E no final do ano de 2018 a coisa começou a descarrilhar. Ele começou a ter alguns problemas. Algumas crises de ansiedade. Eu fui acolhendo, acolhendo, acolhendo. E como eu ia permanecer em Assis. Eu havia proposto de nós morarmos juntos. Porque eu acreditava que depois de mais de três anos de relação, seria tranquilo pra nós. Já que a gente praticamente morava um na casa do outro. Mais eu morando na casa dele. E daí a gente foi morar juntos. E daí morando juntos. Estando vivendo enquanto casal. Foi o que a gente precisava pra entender que a gente não era mais um casal. Que a gente viu que estando próximo, a gente tinha um distanciamento muito grande entre a gente. Não era mais a mesma coisa. Não funcionava mais do mesmo jeito. E no ano anterior eu havia descoberto algumas traições. Eu perdoei. E daí logo no começo, quando a gente foi morar junto. Eu descobri novas situações de quebra de contrato entre a gente. E eventualmente a gente se acertou. Até que chegou um mês em que ele não ficava mais em Assis. A gente não passava mais tempo juntos. E daí teve a minha formatura, que ele estava presente. E alguns dias depois da formatura, ele sentou pra conversar comigo. Daí a gente... Ele explicou que ele não estava mais feliz na relação. E que ele não me via mais do jeito que ele me via antes. E eu tive que concordar que eu não estava mais feliz naquela situação. Daí decidimos pelo término, mas decidimos continuar morando juntos.

DDG: E pra você quais foram os motivos?

EDWARD: Em que sentido? Do término? Como eu falei, foi mais uma decisão dele. É que assim, eu sinto que na nossa relação a gente tinha uma coisa muito simbiótica, em certo ponto. E eu tentava prover tudo pra ele. Eu fazia tudo por ele. Fazia coisas pra ele que eu não deveria fazer. Porque eram responsabilidades dele. E ao contrário de mim, ele não fazia da mesma forma pra mim ou na mesma intensidade. Que em dado momento da relação eu sinto que ele... (eu posso usar uns termos meio psi, tem problema?)

DDG: O que você quiser.

EDWARD: Ele parou tanto de investir tanto em mim, enquanto eu continuei a investindo nele. E nisso eu fui me empobrecendo na relação. E eventualmente eu fui adoecendo. Eu fui ficando paranoico, ciumento. Como eu já falei pra ele isso, eu virei o ex dele, literalmente. Porque o ex dele, o anterior, ele comentava que o ex dele era exatamente assim. O que hoje eu entendo que era um sintoma da forma que ele se relaciona com as pessoas. Mas eventualmente eu fui ocupando esse mesmo lugar e essa mesma função na relação. E eu fui adoecendo no processo. E eu sinto que quando eu não conseguia mais cumprir a função que ele esperava de mim no sintoma dele, foi a hora que eu não era mais necessário. E assim hoje eu entendo que a relação já não me fazia bem a muito tempo. Já não era uma coisa saudável a muito tempo, mas eu me mantinha naquilo. Eu tinha uma dependência naquilo. Mas quando eu não conseguia mais cumprir essa função pra ele, porque eu já tava muito adoecido e eu já não tinha mais o que investir. Eu fui trocado. Porque foi um rompimento que ele já inseriu uma nova pessoa no meu lugar.

DDG: E como foi tomada decisão pelo término pra você?

EDWARD: Olha na época, quando a gente terminou, não era algo que eu queria. Há muito que eu já sabia que a relação não tava boa. Que eu não tava feliz do jeito que eu gostaria, mas eu tinha acabado de mudar com ele. Então rolava uma coisa de, “meu eu tenho

que fazer isso dar certo pelo menos um ano”. Que era a época que ele tinha pra ficar aqui antes de se formar. E daí cada um ia pro seu canto. Porque eu já tinha botado uma grana naquela casa. Eu tinha investido tempo, esforço, afeto naquilo. E daí eu falei, “a gente tem que fazer isso dar certo. Eu tenho que fazer isso dar certo, pelo menos até o final do ano”. Mas eu já sentia que já tava caminhando para um final. E daí quando ele propôs. Eu só tive que admitir que eu também não tava feliz naquela situação. Da gente se relacionando dessa forma. Né, então no momento que aconteceu foi como acordar de um sonho. Só que ainda sim foi muito doído. Porque como era uma relação de dependência. Eu dedicava todo meu tempo pra relação. Então eu me senti sem chão, quando a gente terminou. Eu falei, “tô sozinho no mundo, não tenho mais nada aqui.” E aí aquele desespero daquele processo de se reinventar, de se reencontrar, sem saber o que viria. Porque eu tenho problema com controlar a minha vida. E era uma situação que eu não tinha mais controle de nada. Porque tudo que eu tinha como certo tinha ruído. Eu falei, “o quê que eu vou fazer aqui. Com quem eu vou falar aqui. Como que eu vou fazer?”

Então por alguns dias eu fiquei muito mal. Eu entendia que era aquilo que tinha que ser feito. Eu entendia que aquela relação não me fazia mais bem, mas ainda sim eu queria era como se eu quisesse me manter naquilo. Tanto que hoje eu entendo que a gente continuou morando junto por uma questão disso. De tentar manter vivo esse vínculo um com o outro, de ambas as partes, por razões diferentes. Mas o que resultou em um prolongamento assim. Porque eu entendo que a gente terminou o namoro, mas só recentemente quando a gente finalmente mudou de casa, que a gente de fato terminou uma relação. Né, porque a gente continuou por em um estado de eterna tensão, por muitos e muitos meses, debaixo do mesmo teto. Mas foi na hora do término, foi uma coisa muito sofrida. Foi uma sensação assim de desabamento do mundo.

DDG: E como você reagiu ao rompimento?

EDWARD: Na hora? Olha, na hora foi isso, foi aquela sensação de buraco no estômago. Aquela sensação de queda livre. Daí eu fiquei *okay*. Achava que tava *okay*. Porque eu tava tentando racionalizar a situação. Né e ainda foi meio bizarro, porque a gente terminou e a gente ainda continuou por três dias dormindo na mesma cama. A gente tinha comprado uma cama de casal. Porque o quarto tinha. A casa tinha dois quartos. E um dos quartos tinha a nossa cama e outro tinha a cama antiga dele, que a gente tinha meio que transformado em um escritorzinho, o outro quarto, pra eu estudar. E aí gente não de cara dividiu quartos nem nada. Eu perguntei, “e aí o que a gente faz né?” Porque ele já tinha proposto de cara da gente continuar morando junto. E eu não sabia o que eu queria. E daí ele falou, “aí mantêm as coisas do jeito que elas estão.” E aí a gente continuou dividindo a mesma a cama, mesmo depois de ter terminado. E era muito estranho. Era muito ruim. E daí no segundo dia depois do término, eu tive uma crise de choro na cozinha. Eu tava fazendo almoço. E aí eu perguntei pra ele se ele ia almoçar lá, ou queria almoçar. E aí ele foi meio grosso comigo. E eu comecei a chorar, chorar muito. E daí a gente teve que ficar, daí ele me acolheu, ficou uma meia hora abraçado comigo. Porque eu não conseguia parar de chorar. Ele em momento algum do término ou depois nesse período, tinha chorado. E eu ainda tava muito mal, tava muito. Só chorava. Só chorava. Até que no terceiro dia, quando eu tinha chegado em casa, eu encontrei no chão uma embalagem de camisinha. Não a camisinha em si, uma embalagem vazia. E daí eu perguntei pra ele o que era aquilo. Daí ele falou, “não, era nossa. Eu tava remexendo as coisas”. Daí eu

falei, “né, eu não sou idiota”. Dai eu confrontei ele com a situação. Porque na minha cabeça, o meu maior pânico era ter acontecido dentro da minha casa. Dai eu fui ficando com raiva. Muita raiva. Muita raiva. Dai eu botei ele na parede. Meti o loco nele. Assim de atacá-lo verbalmente. E falar o quão desrespeitoso aquilo era. De eu tar tendo que ver aquilo. De no dia anterior ele estar abraçado comigo enquanto eu tava chorando. Dele ver como eu estava com o término. E ele simplesmente fazer isso comigo. Depois de querer que a gente morasse juntos. E dai eu entrei só numa sensação de raiva. Tanto que eu esculachei ele. Dele ficar chorando, falando que não ia conseguir ficar em Assis, por conta dessa situação. Porque é o que ele faz, ele foge quando é confrontado. Dai ele foi embora. E dai eu fui sair. E até então eu não tava sendo muito verbal sobre o término. Eu tava tentando guardar pra mim. Porque assim, quando a gente terminou, a gente conversou que a gente podia deixar as coisas assim assentar e deixar de boas. E daí a partir daquele momento eu taquei um foda-se pra tudo que ele tinha me dito. Ou pra tudo que prezava nesse término. E aí eu só passei a sentir muita raiva. Tanto que daí eu comecei a contar pras pessoas o que aconteceu. Comecei contar pras pessoas o que acontecia na nossa relação. Porque a gente era muito privado nesse sentido. As pessoas não sabiam exatamente o que se passava entre a gente. Muitas coisas aconteceram. E a partir dai foi sendo um mix de coisas. Porque era raiva, mas ao mesmo tempo eu falei, “tá, vou continuar morando com você”. Porque na época eu não entendia tão bem as razões do porque eu tava morando lá ainda. Mas eu entendia que eu também não tinha grana pra acabar de sair de lá. Dai eu falei, “tá, vamos tentar dar certo”. Ai eu já impus as minhas regras na casa. E ele acatou. Então foi assim, de uma sensação de queda livre a uma raiva muito intensa dele. Porque perdurou muito tempo essa raiva, inclusive. Mas a sensação de queda livre foi por um a três dias, mais ou menos. Depois foi raiva. Depois a coisa foi evoluindo. Mas eu sinto que o luto eu fui fazer depois de muitos meses assim. Acho que ainda tou fazendo esse luto.

DDG: Como você sentiu e como enfrentou a situação?

EDWARD: O término? Como eu me senti? Eu me senti um lixo. Eu senti que eu tinha dedicado anos da minha vida. Muito afeto pra nada. Pelo jeito que terminou. Porque eu dizia pra ele, “eu sou muito sincero no meu afeto assim. Eu não tou momento algum eu tou mentindo pra você do que eu sinto ou como eu sinto”. E dai quando a gente chegou no término eu percebi que ele nunca conseguiu ser sincero comigo. Em relação ao que ele sentia e ao que ele queria. Daí eu me senti muito enganado. Eu comecei a remoer toda a nossa história. Toda a nossa relação. Procurar um momento específico em que a coisa começou a dar errado. Ou procurar pistas se ele sempre foi assim e eu não percebia. Ou se ele tinha mudado em algum momento. Se eu tinha feito algo pra ele mudar desse jeito.

O enfrentamento da situação se deu que eu achei que não ia ter capacidade de me reerguer e me reinventar. Porque era uma relação de muitos anos. Que eu já tinha construído um castelinho na minha cabeça. Já tinha planejado um futuro pra nós juntos. E a partir desse episódio, do terceiro dia do término, que teve essa discussão sobre a embalagem da camisinha. Que eu inclusive, não me senti traído, que não era essa a sensação. Era a sensação muito de desrespeito. De tá vendo aquilo na minha casa. Ainda mais depois do que aconteceu. Que a gente já tinha um relacionamento um pouco flexível nesse sentido. Mas aquela raiva, esse episódio me moveu a tentar de fato botar a cara no mundo. Assim porque no dia que aconteceu, eu tinha uma confraternização de um projeto que eu fazia parte. Eu fiquei

pensando, “meu, eu não vou mais, eu não vou e etc.” Só que eu pensei, “eu cansei de ficar no meu quarto chorando por esse cara.” E daí eu fui pra assistir uma aula, que eu tinha que assistir. Fiquei a aula toda mexendo no celular. Fiquei só apagando as fotos que eu tinha com ele. Que era uma coisa que do meu relacionamento anterior eu nunca tinha feito, porque eu entendia que; lógico né, fotos e fotos; mas que eu entendia que são momentos que eu vivi com essa pessoa. Que representou momentos bons, então não tem porque eu apagar esses momentos. Mas eu tava com tanta raiva que eu falei, “cara, eu não quero ver essas coisas mais”. Daí que eu fiquei só apagando durante a aula toda e depois eu fui pra essa confraternização. Que eu encontrei uma amiga antes. Que eu ia de carona com ela. Conteí a situação toda pra ela. O que tava acontecendo. E daí fui pra confraternização com ela. E lá encontrei outros amigos. E comecei a contar o que tinha acontecido. E comecei o que eu percebo hoje, que eu comecei a construir uma rede naquele momento assim. A raiva daquela hora foi o ponta pé que eu precisava pra começar a me abrir de volta pro mundo. Porque eu tinha me enclausurei na relação. A partir daí eu comecei a tecer novas relações. E me reaproximar de pessoas que eu me afastei. E eu senti o tempo todo, um quase, “bem-vindo de volta!” E nesse processo eu me reencontrei. Porque como eu disse, quando eu terminei eu tive a sensação que eu acordei de um sonho. E só depois eu fui entender o que foi esse sonho, assim. Que eu me sentia quase que, durante um ou dois anos da nossa relação, eu era outra pessoa. Que é quando eu entendo que a coisa descarrilhou e deixou de ser saudável e virou um grande sintoma, a nossa relação. Eu senti que eu despersonalizei um pouco na relação. E daí foi um movimento de eu me reconhecer de novo. Então, não foi uma estratégia assim, pensada na minha cabeça, racionalizada, “ah isso que eu vou fazer.” Mas eu acho que foi algo muito orgânico da minha parte. Eu fui sentindo que eu precisava e eu fui fazendo. Fui me reaproximando das pessoas. Ai eu encontrei ao me aproximar das pessoas, “ai vamo numa festa?.” “Vamos!” A ir numa festa e ficar com outras pessoas. “Ah olha como eu consigo fazer isso de novo né! Eu sou capaz disso. Eu não vou ficar sozinho. Eu não preciso dele pra tudo.” E a partir dessas experiências. De reviver essas experiências. E viver novas experiências. Eu fui vendo que, “tá, eu não tou sem chão. Eu tenho um chão firme pra pisar.” E daí eu fui me fortalecendo. Me fortalecendo. Me fortalecendo. E também fui logo que a gente terminou, na semana que a gente terminou eu voltei a terapia. Porque eu tava sem e fui muito importante. E foi esse processo de me reconstruir. Foi essa estratégia que eu encontrei pro término.

DDG: Certo! E como você percebe o uso de aplicativos e redes sociais após o término do namoro? Aplicativos de modo geral, desde jogo até qualquer outro.

EDWARD: Olha eu acho que na época eu me foquei mais no *Instagram*. Porque na época que a gente terminou eu não falava muito no *whatsapp*. Mas eu continuava mexendo no *Instagram*. E rolava muito quase uma tentação de expôr sem expôr o que tava acontecendo. Então, aquela coisa de dar pistas de que você não tá bem. De que alguma coisa não tá legal. Ou de expor que você tá bem pra mostrar que você tá bem, pra tentar mostrar pra pessoa que você tá bem. Né, você usar a rede quase como um jogo de ataque e defesa com a pessoa com quem você terminou.

DDG: Vocês se mantinham nas redes um do outro?

EDWARD: Como assim?

DDG: Porque vocês têm que seguir, ou deixar de seguir. Então pra você passar essa

informação pra ele, você tinha que tá seguindo você.

EDWARD: Sim, a gente se seguia. Demorou um tempo até eu tirar a opção de ver as publicações dele e ver os *storys* dele no *Instagram*. Eu ainda o sigo, o que é uma coisa que agora que a gente finalmente terminou esse relacionamento da casa. E tá terminando de resolver as coisas da entrega do imóvel. Eu pretendo deixar de seguir, porque pra mim eu acho que é muito importante ter esse corte de vez. Não só dele como não deixar ele ver as minhas publicações. E eu não ver as publicações dele. Mas a gente se seguia e a gente ainda via as publicações um do outro. Ele não publicava. Demorou muito tempo pra ele voltar a postar coisas. Mas ele visualizava as minhas. Então eu pensava em usar aquilo, quase que como mandar mensagens pra ele, assim. Porque a gente não tava se falando direito. Porque depois que teve o episódio do terceiro dia, ele voltou para Assis quase que uns 4 dias depois. E a gente sentou pra conversar. E fui eu botando as regras na casa. Falando que a gente podia continuar morando juntos na casa, sobre essas condições. Mas a gente não tinha se resolvido e se acertado. Então eu fui destilando a minha raiva, por meio dessas vias assim.

DDG: Então o canal de comunicação entre vocês era o aplicativo? O *Instagram* especificamente.

EDWARD: Acabou se tornando, a princípio. Depois a gente parou de se comunicar de forma geral, assim. Principalmente depois que eu fiz o corte de não ver mais as coisas dele e não botar ele pra ver mais as minhas. Eu até eu vi algumas coisas dele, mas por amigos. Eu até entrava no perfil dele, eventualmente, porque quem nunca né? Mas de forma geral eu reduzi o contato, mas daí essa coisa clichê de que depois que você termina, você quer mostrar que você tá bem. Então é foto em rolê, é fazendo tal coisa, ou é foto em tal lugar. Então eu não postava tanto e de repente eu me vi postando mais coisas. Que algo que eu peguei gosto e se manteve e continuou depois, mas que não era do meu feitio na época. Eu não me expunha muito. Eu não gostava de disso. E eu me vi num desejo de me expor mais pelo *Instagram*, depois do término. E acho que não só pra ele, mas pro mundo ao mesmo tempo. Acho que era uma forma de dizer, “eu to vivo.” Pelo menos eu vejo dessa forma.

DDG: Houve mudanças com o uso que você fazia anteriormente? Inclusive enquanto namorava? Houve mudanças de como você usava antes e como você usou depois que terminou?

EDWARD: Olha, *Facebook* não, continuei usando da mesma forma. *Whatsapp* não, continuei da mesma forma. Mas eu acho que de novo, o *Instagram*, que eu acho que é muito record de viado. Porquê *Instagram* é muito do público LGBT. Eu passei muito a usar o *Instagram* como um aplicativo e relacionamento.

DDG: Como assim?

EDWARD: Porque você via um cara que era bonito. Dai você seguia esse cara e daí você começava a responder os *storys*. E aos poucos ir flertando e partir disso. Então começou a ter outra lógica que pra mim não tinha antes. A gente tinha enquanto casal se relacionado com outras pessoas pelo *Instagram*. Enquanto casal! Mas até então eu não tinha me visto solteiro nessa situação. De começar a seguir pessoas só porque eu achava elas bonitas. E começar a pensar nisso como um flerte. E comecei, a inclusive, conseguir dates e sair a partir do *Instagram*. Então se tornou quase que um portfólio, assim. Virou de para além de um aplicativo social de fotos, o porquê dele funciona, que é blog de imagens. Ele virou um aplicativo de relacionamento pra mim. Da forma que eu fui vendo. Eu me expunha, as pessoas respondiam. Eu respondia a exposição das pessoas e a gente ia flertando. E aí ficava mais nisso, assim.

DDG: E você acha que mudou como você usava antes e depois do namoro?

EDWARD: Olha, pra além dessa coisa específica. E pra além do momento que eu passei a me expôr mais, não. Porque eu continuei curtindo. Era um aplicativo que eu usava muito. Então, eu tou de bobeira, entro no *Instagram* e fico muito tempo vendo foto, tals. Mas eu acho que pra além disso, não. Não teve nenhuma outra mudança assim, drástica.

DDG: E seu namorado fazia uso de aplicativos e redes sociais, quando vocês namoravam?

EDWARD: Sim, sim, inclusive eu tinha muitos problemas com isso. Porque de novo, *Instagram*, no caso. Apesar de que *Facebook* também, mais ou menos. Mas no caso, ele é uma pessoa muito bonita. Tá dentro de um padrão de beleza desejado. E quando eu o conheci, ele usava o *Instagram*, mas assim, comedido. E a partir de um momento, ele começou a publicar mais. E ele foi tendo um retorno dessas publicações. Muita gente começou a seguir ele. Até que ele começou a ter mais de mil seguidores. E depois, dois mil seguidores. E ele se expunha bastante. Ele postava muitas fotos dele. Fotos do corpo dele. E as pessoas davam muito em cima dele. E ele nunca criava uma barreira em relação a isso. Ele deixava sempre aberto pras pessoas fazerem isso. E era tipo uma ambiguidade, porque ele não falava, “para, eu não gostei disso.” As pessoas eram incisivas com ele. E isso me afetava de uma forma muito negativa. Porque eu percebia nele uma resistência em postar fotos comigo. Tipo, deixando claro que ele estava num relacionamento. Por exemplo, não era uma coisa de assim, “ai eu não quero expor minha relação.” Não, eu sentia que não, não era isso. Né porque ele não tinha problema nenhum em se expor. Era um problema de me expôr. E eu tinha a sensação deque era por isso que ele não queria que as pessoas parassem esse movimento de ficarem massageando o ego dele. Com mensagens, com nudes, com fotos e com o caralho a quatro. Mas no *Facebook* também, muitos caras adicionavam ele. Tanto que as primeiras traições eu descobri pelo *Facebook* e as últimas pelo *Instagram*, no caso. E ele foi diminuindo quando foi chegando perto do término, ele reduziu do *Instagram*. Ele teve um movimento muito contrário. Quando eu passei a usar mais, ele passou a usar menos. Usar, no sentido de publicar coisas. Que continuou usando, porque eu via publicações que passava que ele tinha curtido, então ele tava, continuou usando e tals. Mas ele não publicava mais *stories*. Ele não publicava mais fotos. Dai depois que a gente terminou ele realmente cessou o uso. Dai depois de muitos meses ele demorou a voltar a publicar qualquer coisa. Hoje pelo que eu sei, ele usa, mas também menos do que ele usava quando a gente tava junto. Hoje ele também tá numa relação. E nessa relação ele expõe a pessoa. O que cria uma certa, um sentimento de injustiçamento né, porque você fica, “porra, comigo você não publicava nada. Com ele você fica publicando coisas, né, porra!” Mas era a forma que ele fazia uso, também servia a um flerte, assim.

DDG: Entendi. E como você entende o uso que tem feito dos aplicativos e redes sociais após o término do namoro? Você!

EDWARD: O uso que eu tenho feito?

DDG: Como você entende o uso que você tem feito de aplicativos e redes sociais após o término do namoro?

EDWARD: Ah eu entendo que agora é quase que uma forma de me relacionar com as pessoas assim. Pra além de um contato presencial. É uma coisa assim de. Antes eu não gostava disso. Eu era muito de um contato da materialidade. Gostava de ver as pessoas pessoalmente. Eu tinha amigos que falavam, “eu sou menos tímido pela internet e sou mais tímido pessoalmente.” Eu sentia justamente o contrário, eu me sentia meio travado no meio digital e muito de boas pessoalmente pra trocar uma ideia. E de repente eu fui vendo que isso foi melhorando nesse sentido. Eu passei a ficar mais a vontade de puxar papo com pessoas nas redes sociais, de comentar coisas, de trocar uma ideia por lá. E assim não necessariamente no sentido de flerte. No sentido de criar vínculos assim, “de olha eu vi tal coisa legal. Olha que massa isso. Onde você achou tal coisa. E onde eu posso baixar tal filme? Né, ai o que você achou dessa música.” Sabe uma coisa mais assim? E também nesse momento da rede social ser um portfólio seu, de certa forma. Então é você se vendendo pro mundo né. Ou

vendendo uma imagem pessoal sua, né. Porque você passa a escolher o que você quer mostrar e o que você não quer mostrar. Porque antes eu não mostrava nada ou muito pouco. E daí eu passei, “ah tá, o que eu quero que as pessoas vejam da minha vida. O que eu quero e pra que eu quero mostrar essas coisas, né.”

E daí foi um pouco nessa linha, o *Facebook* eu continuei usando na mesma proporção. Que era isso, o *Instagram* era mais de um lazer. O *Facebook* era pra além de trabalhos, coisas da faculdade, era publicações mais políticas, mais informativa. Enquanto o *Instagram* era mais futilidade, vida pessoal e coisas assim. E se manteve, de certa forma. Hoje eu uso mais o *Instagram* do que o *Facebook*, inclusive.

Pra além dessas eu passei a usar o *Tinder* que também é uma rede social. E tentei outros aplicativos gays. O *Grindr* por exemplo, mas até hoje eu não me adaptei muito a forma de funcionamento. *Tinder* eu gostei, porque eu senti que tinha esse espaço de troca, de conversar. Que até hoje eu sinto que é algo que me contempla. Que até hoje eu sinto que, eu gosto de conversar com as pessoas. Antes de combinar alguma coisa eu gosto de trocar uma ideia. O que é menos direto. Já tive muitas conversas muito legais pelo *Tinder*. E eu sinto que de fato é uma rede social, para além de um aplicativo de relacionamento. Porque você troca muitas ideias. Você conhece muita gente. Você de repente você tá trocando experiência de vida com as pessoas, que por mais que talvez vocês nem saiam. Ou que vocês saiam uma vez só. Então eu achei uma ferramenta interessante de encontrar novas e de ter novas experiências. Conhecer novas vivências. E acho que é isso.

DDG: E qual a finalidade do uso de aplicativos, especificamente após o rompimento? Você considera que ajudou?

EDWARD: Eu acho que eu pincelei isso anteriormente. Mas porque assim. Eu conheço gente que termina, mas desaparece. Desaparece completamente de rede social. Meio que vai descansar a imagem né. Vai tirar umas férias. E pra mim foi o contrário. Eu não sumi, inclusive foi efeito oposto. Eu apareci. Eu voltei. Ou cheguei. Mas eu acho que serve como uma ferramenta interessante de construção de rede ou de se reconectar com as pessoas. Quando é feito de forma saudável, creio eu. Também não vou vender rede social como um substituto do contato físico e da vinculação humana de fato. Que é um vínculo, mas é um vínculo, né virtual. Ele existe, mas ele existe num outro plano. Então eu acho assim uma ferramenta interessante. Claro, dependendo do contexto que você tá. Uma forma de. Porque pelo menos no meu caso me ajudou. Serviu pra esse momento de me reconectar com as pessoas que de fato eu tinha me afastado. Porque eu tava muito isolado mesmo. E era a forma que eu encontrei de voltar a me aproximar das pessoas. Mas não sei se isso serviria pra todas as pessoas.

DDG: Não, pra você.

EDWARD: Pra mim funcionou. Serviu como uma ferramenta pra ajudar com meu término, mesmo assim. Tanto os aplicativos de relacionamento, quanto o *Instagram*, quanto o *Facebook*. Porque no meu contexto de estar na pós-graduação e que a maioria das pessoas que eu conhecia já tinha ido embora também. Então assim era uma forma de eu reconectar com pessoas que não estavam mais presentes fisicamente na minha vida, mas que eu sabia com quem eu podia conversar, ou podia contar. Dividir o que tava acontecendo comigo, o que eu tava passando. Então pra mim foi uma experiência positiva essa reaproximação com as redes sociais.

DDG: E me diz uma coisa. Como é o uso cotidiano desses aplicativos e dessas redes sociais? Quanto tempo você usa no dia e por quê?

EDWARD: Eu uso mais do que eu gostaria. Que às vezes você tá de bobeira, “ah vou olhar o *Instagram*.” Aí depois que você tá meia hora no *Instagram*, perdendo tempo. Tem dias que eu tou muito assim, quero ficar olhando, quero ficar mexendo. Tem dias que, “aí eu tou sem saco.” Você entra, mas tipo assim, não tou com paciência. Você olha pros *storys*, mas já deu, “tá tchau, deixa eu procurar alguma coisa pra mim fazer”. Mas tem dias que eu fico, e fica, fica. Até porque tem esse lance de usar como rede de relacionamento também. Então a gente tá lá também. Mas em média de

tempo eu não sei colocar assim. Porque assim, eu tou estudando, mas ah cansei. Dai pego o celular e entro no *Instagram*. Dai perco um tempo ali e volto fazer o que eu tava fazendo. Eu não acho que interferi de modo. Porque assim interferi nas coisas que eu faço no dia a dia de uma forma negativa. Do tipo, deixo de fazer coisas pra estar usando esses aplicativos, mas eu acho que eu uso mais do que eu gostaria. Porque quando você para pra colocar no papel você realmente fica muito tempo nisso né. Porque você está com o celular na mão. E daqui a pouco é *Instagram*, *twitter*, *Facebook* e etc. Se você para pra colocar no papel, você fala, “puts, perdi todo esse tempo.”

DDG: Você usa o *twitter* também?

EDWARD: Eu tentei, mas não é muito pra mim. Depois tentei usar mais como uma rede de informação, mas não usava pra publicar nada. Porque de fato de vez em quando entro, mas é porque as informações lá chegam muito mais rápidas. Eu usava realmente pra seguir grupos e figuras políticas onde eu conseguia me informar mais rapidamente de coisas que por exemplo, demoravam mais tempo pra chegar no *Facebook*. Eu pelo sentia dessa forma. Eu não usava como uma rede de relacionamento, uma rede social. No sentido de que eu não socializava com ninguém, mas eu usava como um canal de comunicação. No sentido de receber informações.

Mas é isso, quando eu paro pra olhar, eu sinto que eu uso muito mais tempo que eu gostaria. No sentido que eu gostaria de ser mais produtivo. Porque quando eu mudei de casa. A gente passou umas duas semanas sem internet. Porque era época pós carnaval então tinham muitos horários reservados. Então ia demorar muito pra eles instalarem internet lá. Mas eu lembro que eu não lembrava o quão produtivo eu conseguia ser sem ter acesso a internet. Porque era isso, porque na época não tinha plano de celular pra 3G. Meu 3G era muito limitado. Então eu tinha que guardar meu 3G pra usar o *whatsapp*, pra me comunicar com família, pra essas coisas e tals. Então não podia gastar o 3G com rede social. E daí eu lembro de ler um livro inteiro num dia só, daí eu falei, “nossa, que isso? Que aconteceu?” Ainda não era uma época que o semestre tava muito corrido, mas eu sentia uma diferença muito grande, assim. No cessar o uso das redes sociais e de como eu percebi quanto tempo eu me dedicava a isso do meu dia. Então é uma coisa que eu gostaria de reduzir um pouco.

5) Entrevista do Projeto de Dissertação de Mestrado. Data: 10/12 /2019

Nome: Lévi.*

Relacionamento: heterossexual. Idade: 23 anos.

Sexo: masculino.

Estado civil: solteiro.

Tempo de namoro: 6 anos.

Escolaridade: ensino superior completo.

Profissão: Psicólogo.

Entrevistador: Dirceu Duarte Gomes (DDG)

Pseudônimo do entrevistado: Lévi*.

*Os nomes das pessoas entrevistadas foram substituídos por nomes aleatórios.

RESPOSTAS.

DDG: Estou com o quinto entrevistado. Ele já leu o termo. E você concorda com o que você leu e com as diretrizes da pesquisa?

Lévi: Eu li, compreendi e concordei.

DDG: Como você conheceu sua ex-namorada, foi através de aplicativo, redes sociais?

Lévi: Foi pessoalmente. De um grupo de escoteiro. Um grupo social. Conheci pelo grupo de escoteiro.

DDG: E como foi?

Lévi: Em que sentido?

DDG: Como vocês se conheceram?

Lévi: Eu fazia parte de um grupo de escoteiro, aí ela entrou. Ela no caso, o grupo que ela tava havia se desmanchado, aí ela foi conhecer meu grupo. E aí a gente se conheceu como amigo ainda. A princípio, sem interesses outros.

DDG: E aí vocês mantiveram tomaram contato, como foi?

Lévi: Aí a gente foi ficando amigo, porque no caso, grupo de escoteiro é um lugar bem íntimo até. A gente vê a pessoa em várias situações íntimas. E aí a gente foi pegando proximidade. Aí depois de um bom tempo, acho que uns dois, três anos como amigo. Aí depois a gente foi se conhecer mais afetivamente e intimamente.

DDG: Como era o relacionamento, trazia satisfação?

Lévi: Era muito bom! Plenamente satisfatório sim! Às vezes é comum seus altos e baixos, mas muito mais altos do que os seus raros baixos.

DDG: Me conte como ocorreu o rompimento.

Lévi: O rompimento foi uma, pra usar termos mais comuns, um estalo, uma percepção assim que eu tive. Uma releitura que eu fiz. Olhei algumas coisas que pra mim aparentemente pareciam boas e ótimas e depois dessas releituras, eu vi que nem tanto. E que tinham pontos que seriam bastante importantes e que precisavam ser revistos. E aí a partir disso eu conversei com ela. Falei sobre esses pontos. Ela também notou que esses pontos eram importantes. E aí falei pra ela pensar um tempo sobre. Porque se mudasse, legal, sim dava pra gente continuar junto, mas se não, se não mudasse nem legal, se fosse vagaroso demais. Eu teria que já, pessoalmente pra mim seria importante romper. Aí ela entendeu, depois de um tempo, uns dois, três dias, conversamos de novo. E os dois, nós ambos, concordamos em romper daí.

DDG: Como você reagiu ao rompimento?

Lévi: Bom eu reagi antes de romper. Porque na real, antes de eu ter essa conversa com ela. Ela tava num evento acadêmico e tava contente, curtindo. E eu também não achei que. Que não era o caso de eu ter essa conversa virtualmente, distante, até estragar a viagem e tal. Então, por mais que já sabia que ia ter essa conversa, ela ainda não. Eu fiquei muito pensando antes na hipótese do rompimento, de uma maneira prática, antes da gente conversar efetivamente. Então, essa primeira semana que ela tava longe e que eu já tava pensando em conversar, foi à semana que eu já me deparei com a noção de rompimento. E foi chato pra caramba, foi triste tal, mas também foi interessante porque eu também notei muita coisa que poderia ser legal. E aí depois do rompimento, essas coisas que eram interessantes, não tive tanto, tive mais uma parte mais do que triste, tive uma parte mais trabalhosa. Porque ter que fazer a mudança de casa. Esse tipo de rompimento muito mais material assim, mais prático. E aí isso tudo foi bastante um transtorno, na época, ter que fazer essas mudanças. Ter que ver as coisas de outra forma. As coisas que eram interessantes de olhar, eu tive que perceber que não eram mais interessantes de olhar. Então foi um rompimento, não só com ela, mas com tudo o que implicaria em volta. Os nossos gostos, os conjuntos. Não sei se eu respondi bem a pergunta. Se tiver muito abstrato, pode falar. Pra mim dizer algo mais real, tá?

DDG: Tudo bem. Pra você, quais foram os motivos do rompimento?

Lévi: Os motivos do rompimento, como eu disse, na releitura que eu fiz, eu achei que no nosso relacionamento tinha privilegiado assim o cuidado com os problemas afetivos mais dela, assim. E eu achei que os meus problemas afetivos eram muito deixados em segundo plano ou em plano algum. E aí eu tendo a necessidade de ter algum cuidado com meu plano afetivo no relacionamento também. Achei que estavam demasiados desequilibrados. E aí eu quis conversar sobre isso com ela E, além disso, também tinha. Que são pontos bem juntos assim. Tinha um ponto que era. Ah não sei se eu acho legal dizer. Você acha legal eu dizer alguma coisa que tem mais haver com ela?

DDG: Então, assim não vai ser identificado. As entrevistas vão ser transcritas, mas elas não são transcritas na íntegra. Na íntegra que eu falo, assim, a entrevista no texto. Eu vou pegar recortes e farei a análise.

Lévi: No caso assim, as questões dela, do lado um pouco emocional assim, ela se apegava muito com os problemas dela. Aí eu ajudava, fazia parte desses diálogos com ela nesse sentido, de que às vezes eu tava ali, acalmava um pouco ela e tal, mas também nessa releitura eu percebi que isso dela ficar um pouco abalada demais com algumas coisas, também ricocheteava em mim alguns efeitos. E aí desde estresse que eu não precisava ter e que eu acabava tendo muito. E participava muito de coisas que não precisava tanto. E eventos mais práticos, de acidentes, por conta disso assim que eu acabava, sei lá, correndo riscos que não eram, que não precisava também.

DDG: E como foi tomado a decisão pelo término?

Lévi: Bom, foi como eu disse. Nesse processo em conjunto, meio que eu apresentando essa minha problemática assim. E aí a princípio... Como foi pra tomar a decisão? Em que sentido assim?

DDG: Vocês tomaram uma decisão, ou você tomou a decisão.

Lévi: Eu tomei a decisão pessoal. Depois apresentei isso pra ela. Pra ela pensar sobre e para eu também pensar. Aí pensamos ambos, sobre nós dois como casal. E aí foi tranquilo assim, foi bastante interessante. E aí foi triste, foi bastante triste porque estávamos nós dois desistindo daquela continuidade né. E que a gente viveu tão intensamente e tal em seis anos. Mas também foi muito legal. A gente riu muito, chorou muito. E foi muito ambíguo, foi muito intenso no geral o nosso término. E ali mesmo também a gente já resolveu. A gente já sabia porque a gente já tava conversando ali. Então ali mesmo a gente já conversou sobre como a gente ia separar nossas vidas assim. Como seria separar a casa, como seria separar as famílias, ou seja, separar as coisas em geral, E foi tranquilo a princípio. Foi tranquilo, a decisão assim junta. Foi bem acordado assim também.

DDG: Me fala como você reagiu ao rompimento.

Lévi: Como eu reagi? Tenho reagido ainda né. Mas eu acho que no começo a gente fica um pouco eufórico com essas mudanças. Até porque como eu disse, foram mudanças também de casa. Mudanças de outras coisas que movimentou mudanças grandes. Mas então a princípio, eu acho que eu pensei em lidar bem, mas depois vendo com mais tempo assim, vi que nessa época eu tava pensando em lidar bem também. Eu tomei muita decisão de ímpeto sim. Não inconsequentes, mas eu vi que eu tava não exatamente tomando a decisão do jeito que eu sempre tomei assim. Foi um momento que por mais que eu pensei que eu estivesse tranquilo, em algumas coisas eu estava deixando a desejar assim. Deixa eu ver o que mais. Foi muito difícil as primeiras semanas assim, porque, principalmente aqui em Assis. Porque aqui que a gente convivia mais, então, na mesma casa. Então aqui foi mais devido também a gente estar mais nos mesmos ambientes. Então eu fiquei com um certo receio às vezes, pessoal de ir pra lugares que eu ia antes. Fiquei também um pouco. Senti a diferença de não ter carinho todos os dias. De estar sozinho e não de assistir um filme e não receber carinho, assim mesmo de cafuné, essas coisas. De conversar e isso foi até um grande ponto, inclusive. Eu acho que fiquei com a linguagem até um pouco limitada.

DDG: Como assim?

Lévi: Porque eu tenho uma conversa muito específica. Meus assuntos são muito específicos, minha linguagem, minhas gírias, minhas expressões. E aí ela compreendia muito bem. E com ela eu tinha possibilidade de conversar melhor, que pra mim é de me expressar. E aí sem conversar com ela todos os dias. Eu me senti um pouco mais internalizado quase. Minhas expressões não eram tão bem lidas pelo restante das pessoas a minha volta.

DDG: O que você quer dizer é que a comunicação entre vocês era muito boa?

Lévi: Era muito boa, no sentido de que eu podia justamente me expressar mais assim. E aí depois eu fiquei um pouco reduzido. E tive que retomar novas linguagens. E colocar outras pessoas dentro da minha. E fazer mudar esse jogo linguístico, essa comunicação.

DDG: E aí como você se sentiu? Porque a pergunta anterior foi como você reagiu né. E agora como você sentiu, de sentimento.

Lévi: Em muitos sentidos foi muito legal. Porque eu tinha planos também. E eu os vi mais perto. Eram planos muito, que eu tinha um sentimento muito grande por eles, de viajar, de ver algumas pessoas, de ficar com algumas pessoas também. Aí a gente já ficava, a gente já tinha um relacionamento meio aberto, mas era outra posição agora, mais solta. E eu fiquei um pouco entusiasmado com essa mudança assim. Porque eu tive que abraçar a novidade. Tive que olhar o legal do novo. E a partir desse momento eu preferi olhar isso de uma maneira mais interessante. Tentei investir muito minha, até por estar com os afetos cansados. Como era um relacionamento muito grande, foi um dispêndio muito grande nessa transição. Então até por isso eu preferi sempre investir bastante em ficar bem. Então não era muito minha *vibe*, pegar pra ficar escutando música triste, pegar pra ficar vendo coisa triste, porque eu não tinha muito folego também pra ficar investindo em coisas que fossem me degastar. Então eu preferi justamente investir em coisas que me deixassem contente assim. Justamente isso porque foi difícil emocionalmente. Porque foi, como eu disse, justamente olhar pra algumas coisas que pra mim eram importantes e não eram mais. Isso era impactante emocionalmente. Tive que ver que em alguns sentidos, eu tive que voltar para os meus próprios gostos. E que os gostos que eram dela, que pra mim eram interessantes, que já não eram mais interessantes. Foi muito interessante ver como eu separei as coisas assim nesse momento, mas também foi muito doloroso.

Eu não sei o quão comum é pra todos, mas pra mim pessoalmente foi meio triste assim, abandonar algumas coisas que eu até gostava também. Algumas coisas, alguns lugares que não convinha mais também. Algumas pessoas também mudaram. Isso me entristeceu muito. Meu relacionamento com amigos mudou bastante. E depois foi mudando mais. E também isso foi bem chato pra mim. Me deixou bastante triste. Mas no geral, eu fiquei triste e fiquei empolgado assim também. Porque tava acontecendo bastante coisa no geral assim na minha vida. Então foi um mês assim, uns dois meses que foram muita coisa acontecendo. Então o término não foi tão uma parte tão grande dos meus dias, também por isso, porque eu tive muitas coisas pra resolver e tal. Muitos assuntos, muitas coisas acontecendo na minha vida no geral, na graduação, na família, nos meus novos ciclos de amigos. Estavam acontecendo outras coisas. Então acabou que o namoro era uma parte bastante importante, mas ainda ele era uma parte. E isso também ajudava a me distrair e me deslocar um pouco também da tristeza que eu sentia. Mas também como eu disse, teve muita coisa também. As novidades eu preferi olhar de uma maneira interessante. Me empolgar as novidades. Então foi essa ambiguidade, foram meses intensos, no geral. Então ao mesmo tempo que eu me dei pra experimentações que foram muito felizes assim. Eu também acabei experimentando muita coisa que foi triste assim, que foi chateação também. Depois do rompimento também (não sei se tem uma pergunta em relação a isso). Mas como a gente acabou bem, eu pensei que a gente ia ficar bem e depois do rompimento, acabou não ficando relativamente bem, até o ponto que a gente não tava se falando, e isso foi bem estranho pra mim. A pessoa que eu vivi seis anos, e amando muito. E depois eu vi que a gente não tava se falando. E isso foi bem significativo assim, como uma perda de laço. Que era a pessoa que eu confiava plenamente. E depois tanto eu, quanto ela, a gente tava se estranhando de uma maneira chata assim. Isso me deixou bastante chateado, bastante magoado, acho que foi isso.

DDG: Como você enfrentou essa situação?

Lévi: Como eu enfrentei? Como eu disse, foi um momento bastante intenso. Então foi difícil porque eu precisei enfrentar bastante coisa. E aí acabou que os outros enfrentamentos me ajudaram também de certa forma, a não ficar enfrentando apenas isso assim. E isso não ser a única coisa que eu tinha que pensar. Então essas outras coisas, me deslocando assim também. Acabou que eu tive que enfrentar menos e conseguir mais ao mesmo tempo, mas enfrentando isso... (Mas inclusive eu estou produzindo novas memórias, não sei se isso...). Mas tipo, eu tentei rever as coisas, ressignificar tudo,

as músicas, os lugares mesmo, as pessoas. Tentei ressignificar o que poderia sido ruim. Ir lá, no mesmo lugar que eu achava que seria ruim, e ter uma memória boa dessa vez. Tentar produzir novas memórias e não ficar nas mesmas e tal. Eu também tenho muita preocupação de estar vivendo mais o presente assim. Então isso me ajudou bastante. De não ficar me sentindo no mês passado, no ano passado, no relacionamento passado. Então eu tratei de cuidar do que estava acontecendo. De ficar mais ao vivo. De ficar mais simultâneo a realidade. E não ficar tanto resgatando e recorrendo e voltando muito pras memórias passadas e tal. Tentei admitir que eu estava em outro momento e que isso tinha sido um término e que eu precisava vivenciar novas coisas. Então eu foquei muito nisso. Foquei também nas amizades. Sempre gosto muito de conversar. Então eu tentei conversar com quem eu achei que teria uma visão interessante de me apontar assim, que pudesse me trazer raciocínios que eu não teria.

DDG: E quais sentimentos você nomearia pra essas situações que você viveu?

Lévi: Do Término? Elencar as palavras de emoção, assim?

DDG: Não, por exemplo, você me descreveu como você se sentiu né.

E aí eu to falando, quais sentimentos você acha que descrevem esses momentos que você descreveu?

Lévi: Em relação as pessoas ou em relação ao término?

DDG: Em relação ao término. Porque eu tou perguntando como se sentiu em relação ao término.

Lévi: A eu fiquei triste porque era uma alegria muito grande os dias. Que era uma alegria cotidiana imensa e fácil. Era simplesmente viver e de repente não. Então nesse sentido era bem cotidiana a ausência. Foi bem marcante no início aqui em Assis. Eu também, na primeira semana estava com a família, então não foi tão triste. Enquanto que depois veio quando eu vim pra Assis.

Entusiasmo também, mas magoa também. Deixa eu pensar... Eu também tive, não sei se cabe assim, mas também tive uma coisa muito grande de voltar pra rever muita coisa. Então muitas emoções ficaram mudando também. Então coisas que antes me deixava muito feliz, depois eu vi com outro olhar que aquilo me chateava. No caso, de eu não poder dizer meus assuntos quando eu tava triste, de não poder compartilhar, de não poder ter um amparo, por exemplo. Então eu pensava que antes do namoro eu tinha bastante amparo e na verdade nem tanto. Então eu vi também que quando eu terminei eu tive bastante amparo, que eu não teria namorando. Isso foi estranho de pensar, eu acho ainda. Eu acho que foi isso. Eu fiquei bastante só também. Com bastante solidão, mas não também foi uma solidão com baixo astral assim. Foi uma solidão que teve seus momentos de profundo silêncio assim. E esse silêncio também, ao mesmo tempo que me devolvia muita coisa dolorosa, me devolvia também muita coisa interessante. Me resgatou bastante coisa também. Então não sei. Eu acho que no geral. Eu acho que foi tudo bem ambíguo. Foi tudo sempre com dois lados bastantes intensos. Tipo tanto o ficar mal, quanto o ficar bem. O fortalecimento, quanto a vulnerabilidade. Esse tipo de coisa, foram duas coisas bastante intensas, sempre concomitantes quase.

DDG: E como você percebe o uso de redes sociais e aplicativos após o término do seu namoro?

Lévi: Como eu percebo? Bom eu tenho visto também, conversei com uma amiga esses tempos. Ela disse que via o *Instagram* como um personagem que a gente criava, virtual. E depois que ela disse isso, eu achei bem interessante. Eu tenho olhado dessa maneira um pouco também. Como às vezes, as pessoas nos aplicativos são um pouco um personagem que elas montam naquele jogo, digamos assim. Então nesse sentido, eu também aproveitei pra me explorar um pouco assim nos aplicativos. Pra conhecer pessoas, pra me conhecer também, não sei. Por exemplo, no caso do *Instagram* que é o que eu uso bastante, pra tirar fotos minhas, por mais que nem todas, eu publique. Foi um momento interessante de visualizar de novo meu corpo. Até porque eu tava conhecendo pessoas. E essas pessoas tinham leituras em relação ao meu corpo que eu não tinha, que minha

namorada também não tinha, e que me levavam a pensar sobre mim, meu corpo, por exemplo. E aí fiquei aí procurando explorar essas óticas sobre mim. E acho também que ninguém mais tem tempo. E eu gosto muito de conversar com as pessoas, e eu acabo recorrendo a conversar virtualmente porque não existe muito tempo entre as pessoas. E aí você quer tomar um café, quer tomar uma coisa e é trabalhoso pra caramba ver quando dá pra todo mundo e o que dá pra fazer. E conversar é um meio corrido e as pessoas tão um pouco cansadas também e elas tão querendo mais distrações. E eu queria menos distrações. Queria conversar uma coisa mais humana assim. E aí eu acho que isso, do tempo, me fez conversar com as pessoas virtualmente assim. Conversar com as pessoas que são muito próximas de mim, só que moram longe. Muito próximas afetivamente, muito íntimas, mas ao mesmo tempo moram distantes. E aí eu fui muito pro aplicativo nesse sentido. Eu acho que eu fui mais pro lado mais do *Instagram* e do *whats* assim. Não sei, acho que também eu não uso tanto aplicativo. Tem bastante aplicativo por aí. Até entrei em outros, mas eu desisti, porque minha *vibe* era mais esses dois.

DDG: Quais outros?

Lévi: Eu comecei uma conta no *twitter*, porque fazia tempo que o pessoal ficava me chamando. Aí nesse momento eu falei, ah vou fazer, mas depois não fiquei mexendo muito, porque não achei interessante. E *Facebook* às vezes, mas *Facebook* eu vejo mais pra ver aniversário das pessoas, essas coisas, só uma coisa legal, mas que você nunca vê tanto. Vejo também pra ver pessoas de longe, pra ver como elas tão mais ou menos, mas tenho ficado mais no *whatsapp* e no *Instagram*. Não tenho outros sites assim, tipo *Tinder*, não chapei ainda, não curti muito essa ideia. Ainda não foi do meu interesse, mas não sei, foi mais isso aí.

DDG: E aplicativos no geral, independente de qual função eles tenham. Você baixou aplicativos novos?

Lévi: Não, aplicativos novos não.

DDG: E excluiu um dos que você tinha na época que namorava?

Lévi: É que meu celular também é meio sem memória, meio velho. Aí ele nem cabe muita coisa. Até por isso não me ocorre muito de baixar, ou movimentar, tirar o que eu já tenho. Não mecho muito nisso, até porque eu não tou com meu celular, mas também eu não tenho muito interesse também não, acho que só uniu o meu celular com meu interesse.

DDG: Mas me diz uma coisa, houve mudanças, com o uso que você fazia anteriormente, anteriormente e pra agora. Antes de terminar e pra agora. Você que aumentou ou diminuiu? Que você usou mais, ou mudou a função?

Lévi: Bom, já no final do namoro eu tinha aumentado um pouco o meu uso sim.

DDG: Com quais?

Lévi: Com o *Instagram*, eu acho. Com o *whats* eu usava, eu conversei muito, mas tem muito a ver com a graduação, com necessidades, no caso do *whatsapp*. Teve também coisas afetivas sim, de distração, mas eu acho que no caso, o *Instagram* eu acho que fez mais esse lado de ser mais. Porque o *Instagram* eu não tinha obrigação nenhuma de tê-lo, então ela era mais por lazer tal. Então o *Instagram* eu tinha aumentado meu uso, acho que aumentei um pouquinho mais até do que após o término. E depois veio uma função nova, que foi da música. E eu gosto bastante de música, passei a usar mais. Eu gosto muito da linguagem também do *Instagram*. De uma estética assim de colocar uma foto que eu acho que tem haver com uma música, esse tipo de coisa. Aí eu chapei um pouco isso, até pela estética. E achei massa. E até aumentei nesse período. E as conversas com as pessoas pelo *Instagram* também aumentou. Porque também eu tinha mais um leque maior de possibilidades de conversas, interesses e tal.

DDG: Isso quer dizer que você usava o *Instagram* também para?

Lévi: Também para conhecer pessoas ou também me envolver mais com as pessoas. Convidá-las e ser convidado. Mas também para amizades, não só para....

DDG: Você fala para algo novo, como algo a mais que acontece né.

Lévi: Tanto pra poder, sei lá ficar com pessoas, tanto quanto só pra fazer amizade e fortalecer vínculos também. Porque foi um momento que eu privilegiei fortalecer vínculos no geral, afetivos ou íntimos assim e tal.

DDG: E a sua namorada fazia uso de aplicativos e redes sociais quando vocês namoravam?

Lévi: Ela fazia pouco, assim em relação a mim, que já usava mais ou menos pouco em relação as outras pessoas, não sei. Mas ela usava pouco, assim não tanto. Quando a gente tava mais junto, a gente tirava algumas fotos assim. A gente chapava muito, porque a gente tava junto e tava querendo registrar as coisas. Mas a gente não usava muito, mas depois a gente aumentou um pouquinho só, mas também não grandes coisas, assim.

DDG: E agora depois de um tempo, você sente que o uso dela aumentou ou diminuiu?

Lévi: A gente quando terminou, já nesse dia que a gente decidiu junto terminar. A gente conversou sobre isso. Como a gente achou interessante. Já que os dois iam ficar bem solteiros e tal. Pra isso não ricochetear no outro, nos afetos do outro. A gente decidiu assim, não se acompanha mais virtualmente. A gente conservou sobre isso dando risada e achando engraçado. E a gente decidiu que a gente não ia muito acompanhar o outro assim não. Até teve uns dias assim que a gente continuou um pouco se seguindo assim. Mas isso a gente já logo não se acompanhou e não tenho tanta noção assim do uso dela com aplicativos.

DDG: E como que foi essa conversa sobre não se seguir nas redes sociais após o término?

Lévi: Foi engraçado. Foi bem engraçado. Porque como a gente já tinha um relacionamento um pouco aberto, a gente já conversou exatamente sobre o lance de poder ficar com pessoas e de sei lá. Ou de, por exemplo, postar mais nudes, por exemplo, esse tipo de coisa. Então foi engraçado porque a gente já tinha essa noção de solteirice assim.

DDG: Como você entende o uso que tem feito dos aplicativos e das redes sociais após o término do seu namoro?

Lévi: Como eu entendo meu uso? Deixa eu pensar. Ah eu por um lado eu gosto desse lado estético e tal. E eu nunca fui uma pessoa muito estética, E como eu fiquei nesse lance de *Instagram*, que tem muito a ver com estética. Não digo só a estética da foto, mas no geral. Eu nunca fui desse lado. Eu sempre fui meio relaxado quanto à questão estética, sempre fui relaxado pra essas coisas. E nesses tempos eu quis, principalmente roupas, essas coisas. Eu já tava nesse movimento, porque eu já tava terminando o curso. Já queria uma mudança no guarda roupa. Aí eu já tava nessa mudança, achava que eu já tava muito na mesma também em alguns aspectos. O estético também refletia isso. E aí eu já tava nessa de experimentar outras vaidades, outras belezas, outras brejuices. E aí como eu fiquei mais nesse aplicativo de foto, ele também refletiu mais nisso.

Então nesse sentido estético eu achei que foi muito importante pra mim, mas também eu não gosto, porque eu queria muito pessoa. Queria mais presencial e o mundo não me deixa muito, o tempo das pessoas tá muito consumido, o tempo é uma dívida pra todo mundo. E aí eu queria mais ver as pessoas. Agora sempre que eu posso, é uma coisa mais estética e eventual minha, vou pra muito lugar, acontece muita coisa, mas daí não tiro foto. Porque são momentos que eu privilegio ter, estar com as pessoas, por isso mesmo, esqueço de tirar foto. Até tiraria, mas eu esqueço e me preocupo mais de estar ali e vivenciar com as pessoas. Nesse sentido eu queria menos o aplicativo, porque eu queria mais estar com as pessoas, como é difícil de ter presencialmente vínculos hoje em dia, aí o *Instagram* foi interessante, o *whatsapp* foi interessante. E aí meu uso foi isso, a frequência deu uma aumentada como eu disse e qualitativo foi isso, nesses aspectos.

DDG: E qual finalidade você deu a esses aplicativos ao final do namoro?

Lévi: Qual finalidade? Acho que essa coisa estética foi interessante. De eu me chapar mais, me entender mais, procurar mais compor estéticas assim. Conversar com as pessoas, tanto conhecer, quanto fortalecer vínculos e tal. Postergar, às vezes vê uma bobeira, uma coisa engraçada e até importante, porque também tem muita coisa, eu sigo muito canal importante. Profissionalmente,

inclusive. E também tem essa, eu tava num momento muito conturbado no geral e aí ajudava a dar uma folga, uma espairecida de coisas que não me exigiam nada. Era só algo que eu podia fazer quando eu quisesse e da maneira que eu quisesse.

DDG: E você acha que ajudou?

Lévi: Acho que eu preferia uma vida mais prática assim, mais sozinho do que em conjunto. Mas eu acho que, não vou dizer que ajudou, mas vou dizer que foi interessante, às vezes até ajudou. Deixa eu pensar com carinho. Ah acho que ajudou, porque tira a gente dessa neurose, de ficar pensando as mesmas coisas, essa repetição que não me leva a lugar nenhum. Eu acho que interessante disso, de me deslocar, de não ficar movimentando, simplesmente ficar parado pensando do que podia ter sido, do que foi, do que não foi, do que poderia ter sido. De simplesmente conhecer as pessoas, movimenta muito fácil isso. Envolver com outras pessoas fica muito fácil de ver que tem novas coisas pra acontecer, de que o mundo tá sempre girando, de que é bobeira ficar com essas mesmas preocupações. Eu acho que agilizou essas mudanças pessoas, lugares, então acho que nesse sentido ajudou sim.

DDG: E como é o uso cotidiano desses aplicativos no seu dia?

Lévi: Bom sobre o término, não tem muita coisa, tem mais haver com as minhas obrigações. E meus devaneios, meus lazeres. Mas como que eu uso, que como que é? Como eu disse eu tenho reduzido bastante. E agora como eu terminei, eu precisava recompor alguns vínculos e compor novos e tal. E aí hoje em dia eu já consegui mais e aí eu já tou conseguindo mais, tenho um leque maior de pessoas, porque tem pessoas de antes e tem pessoas de agora. Então, nesse sentido, eu não preciso gastar tanto tempo.

Acho que essa não foi a minha resposta.

DDG: Quer tentar de novo?

Lévi: Como que é o uso cotidiano?

DDG: Como que é o uso cotidiano desses aplicativos e redes sociais? E a pergunta seguinte é quanto tempo você dispensa a eles no seu dia a dia?

Lévi: Bom, eu acho que é ruim, porque mais faz postergar muita coisa. Me faz postergar algumas obrigações institucionais, mas hoje em dia é suave, tranquilo, não tem muito, não é muito um centro de gravidade da minha vida. É tocar violão, sei lá. Mas é bom também porque tem esses dois lados, porque me distrai também, o postergar, essa ambiguidade mesmo.

DDG: E quanto tempo você usa cada um deles por dia?

Lévi: Tem dias que tem algum assunto que eu não quero tratar, que fico postergando. E aí é meu momento de passar mais tempo, mas tem dia que eu não faço, pra não afastar, justamente.

DDG: E em média, quanto tempo você acha que você usa?

Lévi: Por dia, juntando tudo, acho que umas três horas por dia, acho que em média né. Tem dias que eu uso mais, tem dias que eu uso menos.

DDG: E porque que você usa assim?

Lévi: Acho que tem muito haver de acompanhar pessoas também, principalmente a gente que tem pessoas que a gente gosta, principalmente as pessoas que a gente gosta e que estão longe, que a gente quer acompanhar. E as pessoas que a gente tem interesse, de certa forma, também. Tanto que a gente tem vontade de ficar, com quem tem amizade, que quer acompanhar, quer comentar e tal. E quer mostrar que a gente se importa, mas acho que é isso.

6) Entrevista do Projeto de Dissertação de Mestrado, Data: 10/12 /2019

Nome: Nancy.*

Relacionamento: heterossexual.

Idade: 25 anos.

Sexo: Feminino.

Estado civil: solteira.

Tempo de namoro: 4 anos e 10 meses.

Escolaridade: Pós graduada.

Profissão: Professora.

Entrevistador: Dirceu Duarte Gomes (DDG)

Pseudônimo do entrevistado: Nancy*.

*Os nomes das pessoas entrevistadas foram substituídos por nomes aleatórios.

RESPOSTAS.

DDG: Tá, então, eu vou começar agora com as perguntas da pesquisa. Tá? Como você conheceu o seu ex-namorado?

NANCY: Eu conheci no lugar onde a gente trabalhava. Nós trabalhávamos, numa balada que tinha na cidade onde eu fiz faculdade, em Assis. E nós nos conhecemos, lá, trabalhando juntos. Foi isso.

DDG: E você se conheceram como, assim, trabalhando junto? Como que foi esse contato?

NANCY: Tá com a cliente, chegou, a minha gerente já chegou com segundas intenções, dizendo que ele era um cara legal pra mim. Ele tinha muita fé. Aí eu lembro que eu olhei ele assim de longe. Não me interessei muito, e, com o passar dos dias, ele começou a ser gentil, começou a ser educado, começou a ser simpático. Ele mostrou interesse em mim e depois disso, acho que um mês, eu correspondi, interpreta! A gente começou a ficar, e, logo em seguida, já começamos a namorar.

DDG: E, então, vocês se conheceram presencialmente, né? E, depois, vocês fizeram um uso de aplicativos e Redes Sociais? Pra se comunicar?

NANCY: Deixa eu lembrar, Dirceu, porque isso aí, foi em 2013. Eu me lembro, que ele me adicionou no *Facebook*, na época. Agora, eu acho, que naquela época, eu não tinha *Whats App*. Pra eu te falar que eu ia falar, que eu não tinha *Whats App*. Eu tive logo em seguida, que eu troquei meu celular. Na época, a gente só tinha contato com o *Facebook*. O *Facebook*, eu lembro que ele só me adicionou, assim, logo que a gente se conheceu, assim, pra ele me procurar.

DDG: E aí vocês mantiveram contato pelo *Facebook*?

NANCY: Sim.

DDG: E como que foi?

NANCY: Ah, foi porque dá pra dar aquela olhada, né, bastante. Ele não é um cara ligado à redes sociais. Nunca foi, assim, aquele cara que fez o *Facebook*, e deixou morrer, lá, sabe? Tanto que hoje, eu não sei mais, mas, assim, logo que nós terminamos, já nem... Antes de nós terminarmos, ele já não tinha rede social. Ele nunca gostou de rede social. Então, ele nunca usou rede social. Isso antes da gente se conhecer, durante o relacionamento. E, já, depois. Então, assim foi bom pra conseguir ver algumas informações. Mais, né, pra dar aquela *Stalqueada*. Mas, a rede social, pra ele não era muito importante. Já, pra mim, sempre foi algo muito, muito, muito importante, redes sociais, né. E naquela época eu tinha uma necessidade de colocar, usar, o *Facebook*, como se fosse um *Twitter*. Eu colocava, tipo, estou indo pra Assis. Estou indo pra UNESP, estou voltando pra casa. Colocava tudo no *Facebook*. Assim, então, acho que, ele foi mais útil pra ele do que pra mim. O contato com a rede social.

DDG: E quanto tempo vocês ficaram juntos?

NANCY: Nós ficamos juntos quatro anos e um mês.

DDG: E como era o relacionamento, durante esse tempo que vocês passaram junto, trazia satisfação?

NANCY: É, é, o relacionamento, ele trouxe satisfação, no primeiro ano, nos outros três anos,

ele não trouxe satisfação. E eu acho que pra ambos. No primeiro ano, foi muito legal, foi muito divertido, mas, já nos primeiros meses, eu percebi que do lado dele, tinha um ciúme excessivo. Excessivo mesmo. Nós brigamos várias vezes, terminamos várias vezes, por conta de um ciúmes, é, muito, muito, muito, muito exagerado, e sem fundamento nenhum. Enfim, um pouco também agressivo, com as palavras, com as ações, enfim. E, da minha parte, acredito que ele não gostava. Acho que pra ele, ficava muito insatisfatório o meu jeito, muito expansivo. Então, acho que ele criava uma pessoa muito, muito, ciumenta. E, acho que, então, não deu muita compatibilidade, mas permanecemos aí, esses anos todos. Mas, satisfatório, foi só o primeiro ano, os outros três anos, não foi nada satisfatório. Não foi nada feliz, e nada positivo. Assim, se você pensar num relacionamento saudável, foi só o primeiro ano. E, ainda, mais ou menos.

DDG: E o quê que você julga, que foi, que fez ser satisfatório, o primeiro ano, e os outros três, não?

NANCY: Acredito, que a questão da, de um pouco mais de limite. Como no primeiro ano nós nos conhecíamos menos, então, a gente tinha mais limites. Eu tinha um pouco mais da minha vida pessoal, né. A partir do passar dos meses, eu não tinha mais vida, né. Ele controlava muitos lugares que eu ia, as minhas redes sociais, meu celular, assim, o que eu falava, sabe. Então, conforme foi criando intimidade, e ele foi ganhando espaço na minha vida, eu perdi minha liberdade. E pra mim já não foi mais satisfatório. Né, do meu lado, é isso, assim, pra mim, não foi mais satisfatório. A partir do primeiro ano, eu já não tinha mais nenhum tipo de vida individual, ali. Eu só tinha uma vida coletiva, com uma pessoa, que eu não percebi em que momento se tornou coletivo aquilo ali.

DDG: E me conte como ocorreu o rompimento.

NANCY: É, o rompimento, ele aconteceu de forma muito traumática, né, pra ambos. Porque eu era muito dependente emocionalmente, dele, né, muito dependente, mesmo. Tinha feito planos de casar, plano de morar junto, e compramos carros juntos, né. Ele fez, quando eu vim pro apartamento, ele estava inclusive em vim pro apartamento. Eu vim pra apartamento, e quando eu entrei no apartamento, dia quatro de janeiro, ele falou que não queria mais nada comigo. E eu dentro do apartamento. Eu falei: “meu Deus, e agora, né?” Então, ele falou pra mim, que eu não era a pessoa que ele queria se casar, por causa da minha, do meu jeito, né, que ele, não, não gostava do meu jeito, né, que ele não gostava da minha personalidade. E, por isso, ele não queria mais. Eu tentei, ainda, fui atrás umas duas semanas. Fui bem atrás. Fui, conversei e falei que talvez possa mudar, mas ele foi muito irredutível em não querer mais. Então, acabei aceitando, né, depois de duas semanas. E foi esse o nosso rompimento, mas foi bem traumático, assim. Foi bem briga. Envolveu advogado por causa de carro, né. Essa questão de bens. Então, muitos, com muitas, com muitos julgamentos um com o outro. Nossa, não foi nada, não foi nada feliz. Foi um término bem desgastante.

DDG: E, pra você, quais foram os motivos do término?

NANCY: Pra mim, os motivos do término? É, pra mim, foi o fato, dele não querer morar junto dele. Agora, se ele não queria morar junto comigo ou com outra pessoa. Se era exatamente eu. Eu não sei te responder, mas eu acredito, que quando eu mudei pro apartamento, e fiquei, que ele não queria ter essa responsabilidade de sair da casa da mãe dele, de ter uma vida, de ter um casamento, né.

É casamento. Eu, eu, Nancy, entendo o casamento como morar junto. Tá?

DDG: Eu também!

NANCY: É casamento. Se eu falar casamento, entenda que é essa questão de nós morarmos juntos, né. E não aquela coisa de assim... Enfim.

E quando eu queria muito isso, né. Naquela época, eu queria muito. Hoje em dia, eu já não sei mais, mas, àquela época, que eu queria muito. E toda vez que eu falava disso, ele não queria, ele dava um passo pra trás. Falava que a culpa era dos meus, que a culpa era da minha personalidade. E, também, acredito que tínhamos um choque de personalidade, né. Eu sou uma pessoa muito expansiva. Eu sou uma pessoa que eu falo pra todo mundo. Eu sou uma pessoa muito extrovertida. Eu gosto

muito de sair, e ele já é uma pessoa mais reservada, no sentido de gostar de ficar dentro de casa, né. Não sei se é uma questão de idade. Nós temos dez anos de diferença. Então, eu acho que isso pode ter pesado também, né. Então, assim, ele tava num outro momento, e eu não tava acompanhando. E eu estava num momento, que ele também não estava me acompanhando. Acredito, resumidamente que foi isso.

DDG: Tá, é, e como foi tomada a decisão pelo término?

NANCY: A decisão foi tomada totalmente por parte dele. Foi muito estranho, porque em dezembro, ele, nós compramos o carro. Dezembro nós compramos um carro. E, no final do mês de novembro, eu já estava vendo esse apartamento. Então, dia quatro de janeiro, assim, eu mudei, logo no final de semana que eu tava naquele apartamento, ele já falou que não tava mais afim, etc, e tal, né.

Existe, tem aí algumas fofocas. Que ele tava com uma outra pessoa, mas não sei e também não fui atrás pra saber, né. Mas, assim, me disseram que ele já estava com uma outra pessoa, quando ele começou a terminar comigo. Agora, se isso é verdade, também não sei, mas eu acredito que na parte dele, é isso, acho que foi a falta de amor mesmo. Ter acabado o amor em relação a mim. Acho que foi isso aí. Ele que tomou a decisão do término.

DDG: E, pra você, esses foram os motivos?

NANCY: Sim, sim, acredito que sim.

DDG: E como que foi tomada a decisão pelo término? Foi isso que eu acabei de te perguntar? Me desculpa!

NANCY: Foi. Mas, assim, não entendi esse ‘como’. Como, do tipo assim: como ele terminou comigo?

DDG: Então, é: como foi tomada a decisão? Como vocês decidiram que ia acabar o relacionamento?

NANCY: Ah, tá, beleza! Bom, ele decidiu. Né. Aí ele decidiu. E eu tentei duas semanas. Um relacionamento muito longo, né. Acabar completamente. Já buscava tal. Então, eu fui atrás dele, duas semanas. E, aí, teve um dia que eu liguei pra ele, uma quinta-feira. Eu correndo atrás, fui, dei presente. Falei que mudaria. É, o que tanto ele reclamava da minha personalidade, mesmo não querendo mudar a minha personalidade. Porque o que ele reclamava, pra mim não é um defeito que eu tenho, né. Pra mim, a questão que expansiva, de ser extrovertida, pra mim não é um defeito, mas eu tava disposta a mudar se fosse pra ficar com ele. E mesmo assim ele estava irredutível, dizendo que não queria, né.

Cada vez mais que fui atrás, mas ele foi sendo agressivo. Teve até um dia que ele me bateu na rodoviária. Ele pegou e me deu um, deu um chute. O pessoal foi lá. Então, assim, quando isso aconteceu, eu já, aconteceu esse caso da rodoviária. Que ele me deu um chute, na frente de todo mundo. O pessoal entrou no meio, e, aí, eu voltei pra Marília. Dois dias depois eu liguei pra ele. E eu liguei pra ele falando: “olha, é isso mesmo?” Ai, ele me humilhou, falou da questão do meu corpo, porque eu tinha engordado. Gente, foi uma treva! E, aí, foi nessa ligação que ele falou assim: “Olha, eu não me sinto mais atraído por você, não tenho mais atração pelo seu corpo.” E aí falou bastante coisa. Ele me pediu desculpa por essa ligação, logo em seguida, mas, foi nessa ligação, foi quando eu falei que: “chega! Eu estou no limite da minha humilhação, né.” É claro, com minhas amigas me ajudando. Eu não conseguiria isso sozinha não, tá. Então, ele me ligou, né, esses dias, foi numa quinta-feira à noite. Ele me ligou. Foi logo depois desse incidente da rodoviária. Ele disse que realmente não queria. Eu fiquei muito desequilibrada. Eu fiquei pensando besteiras, assim, fiquei pensando besteiras, em alguns momentos, de tirar minha vida e etc e tal. Eu cheguei à ligar no CVV, era de madrugada, e eu não queria incomodar ninguém. Liguei no CVV, e era umas três da manhã, assim ó. E o cara me atendeu e ele me ajudou, e ele começou a falar comigo sobre essa questão. Eu expliquei pra ele. Eu acho que fiquei umas três horas. Eu acho que eu fiquei até amanhecer no telefone. Eu fui direto trabalhar, foi bem tenso. E depois dessa ligação, eu falei, realmente, essa é a realidade, né. Eu fiz o que

eu pude e já não está mais sobre mim. E, agora, o que o que me resta é aceitar.

Então, foi assim que eu tomei a decisão de aceitar o término, né. Foi a partir de um momento em que eu vi que eu estava chegando ao meu limite, né. Aliás, passando dos limites, tirando ele do limite, tirando eu do meu limite. Fazendo cenas, que são totalmente abusivas dos dois lados. Então, nesse momento, a partir dessa ligação que ele fez comigo, que eu liguei no CVV, foi que eu nunca mais liguei pra ele, nunca mais mesmo. Eu liguei pra ele, foi no dia que eu falei, que eu coloquei um ponto final. Que eu resolvi aceitar a decisão, depois de duas semanas que ele tinha falado.

DDG: Essa foi a forma como você reagiu ao rompimento?

NANCY: Isso!

DDG: E como você se sentiu e enfrentou essa situação toda?

NANCY: Eu fui muito, no na, quando eu recebi a notícia do término, a minha reação foi horrível, né. Foi de não aceitar. Fui de não aceitar, de achar que eu não conseguia mais viver. E achar que minha vida não tinha mais sentido. E que eu não conseguiria continuar. E, aí, eu tive esse processo de duas semanas, de não aceitação. Então, de ligar, ainda, pra ele. Fui uma vez pra Assis, atrás dele, pra conversar, né. Tentei, aí, ficava mandando mensagens, etc. E, aí, depois de duas semanas, né. Acho que fui um tempo, aí, que eu precisei. E, aí, também, cheguei até os extremos. E foi um. Foi quando eu resolvi aceitar. Depois que eu aceitei. Eu sofri bastante depois, ainda. Sofri muito, mas eu fui me reconstruindo, né. Fui atrás de. Eu não tinha amigos, não tinha nada. Tava bem tenso, assim. Eu tava numa cidade, tinha voltado pra minha cidade, mas não tinha quase contato com ninguém. Então eu resolvi, que eu lembro, que eu saia sozinha. E eu ia conhecer. Aí eu ia conversando com as pessoas, pra mim tentar me reconstruir. Acho que em menos de um mês, depois que eu resolvi a decisão de não, vou me, agora, eu tenho que me reconstruir, e aí já tava tudo de novo.

DDG: Tá, então, assim, você morava aqui em Assis, quando você fazia faculdade, e se relaciona, quando você conheceu ele, começou a se relacionar no trabalho?

NANCY: Isso!

DDG: Aí, vocês se conectaram pelo *Facebook*.

NANCY: Isso!

DDG: Manteram contato, também pelo *Facebook*, porque vocês moravam na mesma cidade. Aí, agora, no término você voltou pra Marília. E, aí, foi quando aconteceu, de fato, o término. Nesse período, que vocês tinham terminado, que você enfrentou todo esse processo que você descreveu pra mim. Vocês usavam aplicativos pra se comunicar?

NANCY: Sim, nós usávamos o *Whats App*, muito! Era o nosso aplicativo principal pra nos comunicar, né. É, *Whats App* agente usava muito. Nós usávamos, tínhamos uma relação de amizade no *Facebook*. Nós tínhamos uma relação de se seguir no *Instagram*. Antes de nós terminarmos, um seis meses antes de nós terminarmos. O meu ex-namorado, ele sempre, sempre quis fazer *Facebook* de casal, sempre, sempre quis juntar os *Facebooks*. Eu nunca gostei da ideia. Eu nunca topei a ideia. Nunca achei legal, assim, nem colocar fotos juntos. Eu nunca gostei, porque acho que é a minha rede, enfim, eu não sou muito fã disso. Ele sempre me propôs isso, porque ele sempre tinha ciúmes pelas minhas redes sociais. E eu nunca topei. E só que, assim, como eu te falei, ele não usava. E, aí, antes de terminar, uns seis meses antes de nós terminarmos. Acho que isso mesmo. Uns seis meses antes de nós terminarmos, ele conversou comigo. Ele falou assim: “Olha, eu não gosto de *Facebook*, né.” Nós tínhamos uma briga feia, né, porque eu tinha o meu ex-namorado, o meu outro ex-namorado. Eu tinha ele como amigo no *Facebook*. E isso incomodava muito o meu ex, incomodava muito. Só que eu falava pra ele: “olha, esse cara, ele namorava comigo, mas ele é um cara que, enfim é um. é uma um término. meu primeiro namorado. Foi um relacionamento também de mais ou menos de três anos, mas foi um cara, que tipo, a gente terminou muito de boa. Foi um término muito tranquilo. Foi um término muito suave. Ele é uma pessoa, que, assim, eu sou muito grata, porque o relacionamento que eu tive com ele foi um relacionamento muito, muito gostoso. Assim, ele foi um cara que só acrescentou. E

nós terminamos, por um motivo que tinha, que cada um tinha ido pra um canto do Estado de São Paulo, né, e a gente começou cada. Enfim, então é uma pessoa que não incomodava ter no *Facebook*. E eu não queria tirar do *Facebook*, porque é uma pessoa, que eu falava: “pra quê que eu vou tirar uma pessoa que, né, não faz nada?” E, nisso, ele, nisso, sempre foi um problema pra ele.

Aí o que aconteceu. Ele começou a seguir no *Instagram*, vários perfis pornográficos, né, de mulheres. Não sei falar. São mulheres, que tiram fotos nuas, né, mas várias pessoas, tipo assim: ele começou a seguir muitas pessoas. E um dia, eu peguei o celular dele e vi. Eu tava mexendo no *Instagram* dele, assim ó. Eu comecei a ver um monte de pornografia, mas um monte de mulher pelada, mesmo. Aí, eu virei pra ele e falei assim: “meu, por que que essas mulheres, sabe?” Mulheres grande. Meu corpo como mulher, né. Isso me arrependi como mulher, minha questão da minha relação sexual com você. E, aí, ele falou pra mim que o isso era uma vingança, porque eu tinha o meu ex-namorado no *Facebook*. Quando isso aconteceu, eu falei pra ele que eu precisava de um tempo, pra pensar, porque pra ver aquilo me agredia muito. E ele falou pra mim que só ia parar de seguir esses perfis, se eu excluísse o meu ex-namorado. Eu falei que eu não iria excluir o meu ex do *Facebook*. E sempre foi muita briga, essa questão de... Essa questão de *Facebook*, nossa! Sempre foi um inferno, assim, sempre foi uma briga, assim. Sempre brigava muito comigo. Pode ter esse negócio de *Facebook* e *Instagram*. E, aí, ele tomou a decisão. Ele falou pra mim que ele queria excluir o *Facebook* dele, o *Instagram*, porque ele não gostava de usar, porque ele tinha assistido um filme, chamado redes sociais, se eu não me engano, e que falava muito mal das redes sociais. E que ele queria excluir o *Facebook*, *Instagram*. E ele excluiu. Excluiu. Eu não sei se ele reativou, então, muito contato que eu tinha quando a gente terminou. O único contato que eu tinha com ele era pelo *Whats App*.

DDG: Entendi! É, e como que você percebe o uso de aplicativos e redes sociais após o término do namoro?

NANCY: Bom, é da minha parte, eu fiquei muito, é, no controle. Logo, quando terminou, eu ficava procurando ele em tudo. E ele não tinha rede social, né. E ele só tinha *Whats App*. E eu ficava olhando o *Whats App*, Cheguei, até ver, uma vez, um *Stories*, que ele deu um presente, um cachorro e tal. Aí, eu ficava procurando. Eu ficava procurando ele no site da empresa dele. Eu ficava procurando ele em *LinkedIn*, né, em e-mail, etc. Eu fiquei bem surtada, dessa conta. Eu ficava vendo o último visualizei do *Whats App*, etc.

E eu fiquei usando muito a rede social. A rede social quando a gente terminou, eu fiquei, nossa! Eu fiquei muito desesperada! Baixei *Tinder*. Baixei mil aplicativos de relacionamento. Eu ficava muito tempo, muito tempo, mesmo, no *Instagram*, muito tempo no *Facebook*, né. Eu fiquei muito compulsiva com rede social. É isso.

DDG: Desses muitos aplicativos que você baixou, novos, após o término, você consegue falar o nome de alguns?

NANCY: Dos que eu baixei depois do término?

DDG: Aham!

NANCY: O que eu não tinha ante? Isso mesmo que você tá perguntando?

DDG: Isso!

NANCY: Eu não tinha antes... Eu não tinha o *Tinder*, baixei o *Tinder*...Desculpa Tá perdão. Tô com o negócio no forno.

DDG: Tudo bem!

NANCY: Ficou louco. Eu vou desligar, se não vai queimar minha jantinha, né.

Eu baixei o *Tinder*. Eu tinha desativado meu *Facebook*. Eu reativei meu *Facebook*, que eu tinha desativado, quando a gente terminou. Porque o *Facebook*, que é uma rede que eu não gostava muito, eu reativei. Acho que foi isso que, de... Ah, eu fiz *Twitter*! Não tinha *Twitter*. Fiz *Twitter*. Foi o *Twitter*, o *Tinder*, e eu reativei o *Facebook*. Fazia uns cinco meses que eu tava sem *Facebook*.

DDG: tá bom, então! É, e como que você percebe o uso desses aplicativos e redes sociais,

após o término do namoro? Como que você se percebe no uso deles?

NANCY: OK! Eu, eu, logo que eu terminei. Eu fiquei usando muito esses aplicativos, mas muito mesmo, de forma exagerada. Eu usava muito, principalmente, o *Tinder*. Comecei usar muito *Tinder*, numa tentativa desesperada de arrumar minha autoestima. Quando o meu ex terminou comigo, ele acabou me humilhando muito. Humilhando muito meu peso, porque eu acabei engordando. Ele me humilhava muito, o meu, minha personalidade. Então, assim, eu tava com a minha autoestima no chão. E o *Tinder*, foi o aplicativo que eu usava pra caramba, pra tentar arrumar minha autoestima, né. O *Tinder*, aquele, é, do *Facebook*, mesmo, também, que tem um, né, o *Dating*. O *Instagram*, mesmo, eu tirava umas fotos mais assim, né. Porque o *Instagram* virou um *Tinder*? Então, eu usava muito. Tanto que se você pegar meus *Stories*, no começo do *Instagram*, eu já posto muita coisa, antes, mas quando, no começo, quando eu terminei, quando a gente terminou, eu postava muito foto, muita foto mesmo. Porque essas fotos me geravam comentários. Eu tava melhorando a minha auto-estima, né. Então, O *Tinder* também, né. Tinha aqueles Match, lá. Ai, a gente começa a conversar e isso melhorava minha autoestima bastante. Usei pra caramba, esses aplicativos com essa questão, mais de melhorar a minha autoestima, esse era o meu objetivo.

DDG: É, você disse que o *Instagram* se tornou o *Tinder*, por que que você falou isso?

NANCY: Porque, nossa, o *Tinder*, Dirceu, maravilhoso o *Instagram*, viu! Eu te falo isso, hoje como solteira, eu continuo te falando isso, viu. O *Instagram* virou o *Tinder*, na medida em que eu percebo que os caras, assim, eles vão, eles começam a te seguir, né. E aí surge interesses nas suas fotos. Vai dar uma semana vendo a coisas que você posta. Aí pega, comenta uma foto que você coloca. Começou a puxar o assunto, né. E o assunto que você percebe, desde o primeiro comentário, o assunto com interesse. Então, eu gosto muito, recomendo.

DDG: Entendi! Sua, seu *Instagram* é aberto ou fechado?

NANCY: Meu *Instagram* é uma conta comercial. Ele é aberto. Assim é uma conta de tutor. Né. Como professora. Ele é totalmente aberto.

DDG: Então, qualquer usuário pode ver suas fotos no seu perfil, mesmo que não te siga?

NANCY: Isso pode. Pode sim. Pode ver. Pode interagir comigo, tranquilo. Pessoa aqui é carreira de blogueirinha.

DDG: Eu sei que, é, eu acho que eu já te perguntei isso, mas houve mudança com o uso que você fazia antes e agora?

NANCY: Sim, muito, muito mesmo, assim. Até, porque, como eu te falei, né. Ele, o meu ex-namorado, ele tinha muitos ciúmes com as minhas redes sociais. Então, eu não postava uma foto sozinha, porque tipo, nossa, postar foto sozinha. Era mal, alguns caras, assim, sem noção, quando você tá namorando. Sem noção, não, às vezes, não sabem, mesmo, que você tá namorando. Eles dão em cima. Isso pra mim, da parte dele, sempre foi tranquilo. Eu nunca tive... A parte que acontece, de dar em cima de você, faz parte, né. Você, que tipo, vai falar: “não, cara! Eu tenho namorado!” Mas ele ficava muito, quando eu postava uma foto. Ele, sempre, ficava pegando no meu celular pra ver os comentários das fotos. Sempre queria ver os comentários. Ver os *Directs*, ver os comentários das coisas. Então, eu comecei a parar de postar. Por quê? Porque quando eu postava, tipo, eu tinha que dar meu celular pra ele. E eu odiava fazer isso, né. Porque, pra mim, eu me sentia sendo invadida. Então, é, eu uso, eu comecei a usar mais. Porque eu tinha uma economia da minha liberdade e também porque eu queria reafirmar, aí, minha autoestima, né. Então, foi, esse aumento foi, essas coisas. A junção de ter mais liberdade e de estar desesperada pelo elogio. Eu me sentir desejada, né. Eu tinha muito essa questão. Essa questão durou muito tempo comigo. Até hoje é um pouco. Eu não sinto a necessidade de ter um namorado, porque se for numa cidade muito grande, eu me sentir desejada, assim. Ah, eu tenho bastante. Nós que tamos nas redes sociais. Acho que fica até um pouco implícita essa relação aí, porque eu sempre estou postando fotos e etc e tal.

DDG: O que faz você entender que você está sendo desejada ao postar as fotos nas redes

sociais?

NANCY: Então, porque alguns caras reagem, né. É, alguns caras acabam reagindo, né. Acaba puxando assunto. Ai, você percebe que tem alguém que tá interessado em você. E isso é muito bom, né. É as curtidas, também, acaba sendo um pouco movida por isso. Acho que é isso, basicamente. Deu me sentir desejada. E, também, tem agora, uma coisa que eu percebo, é que eu também gosto da foto, né. Eu falo: “caramba, gostei dessa foto.! Ficou bonita, né?” Então, eu, também, gosto, assim, de me olhar na foto e falar: “Nossa, esse ângulo ficou bom, caramba, tá ótimo!” Então, eu também tenho essa questão mais narcisista também de falar: “Putz, ficou bom.”

DDG: E aí, nessa relação, com a sua própria imagem, você se sente com a autoestima melhor, é isso?

NANCY: Sim! Totalmente! Nossa, muito, melhora muito minha autoestima, assim, muito mesmo! às vezes, mesmo que não gere comentários, eu fiquei feliz com aquela foto, porque ela, porque aquilo melhorou minha autoestima, né.

Eu sempre coloco foto que eu estou muito. Que eu gostei muito,, assim. Então são fotos que eu olho e falo. Eu volto, durante o dia, pra ver a minha foto. Pra, nossa, gostei, minha última ficou legal. Essa questão, mesmo, assim. Não me diagnostica, não me dá um diagnóstico, pra mim de narcisismo, aí, não, pelo amor de Deus!

DDG: Legal! E você disse que os caras eles reagem às fotos. Como assim, eles reagem às fotos?

NANCY: É, vou falar só no *Instagram*, agora, tá? No *Facebook*, isso não acontece tanto. Até porque no *Facebook* eu não posto muita coisa não. Mas é mais o *Instagram*. No *Instagram*, quando eu posto um *Stories*, é muito comum o cara fazer ou aquelas reaçõesinhas. Isso é mais das amigas que fazem pequenas reações, rápidas. Os caras, eles perguntam alguma coisa. Vamos supôr ó. Vou te dar um exemplo de hoje: hoje eu postei uma foto com minhas duas gatas. Ai, chegou um cara e falou: “nossa, kkkk. Que bonitinho! Só de olhar a foto, fico com alergia.” Tá puxando assunto, entendeu? Bem bosta, né?

DDG: Entendi.

NANCY: Então, eu tenho a maldição de ser hétero.

DDG: Então, mas eu achei legal o comentário. Ele, tipo assim, ele usa o conteúdo pra gerar um assunto.

NANCY: Exatamente! Sempre assim. Então, se eu posto foto, assim: “nossa, que bonito seu cabelo.” Que bonito uma roupa que eu estiver usando, né. Um cenário, gente, homem é muito criativo. Quando eles tão empenhados, eles são criativos, mobilizados por sexo. E, aí, geralmente, comenta alguma coisa da foto. E a partir disso, surge um assunto, né. E é isso, assim. Hoje, por exemplo, foi esse tipo de comentário que eu falei contigo. Ainda não respondi, ainda não, daqui a pouco eu respondo.

DDG: Então, você não responde de imediato?

NANCY: Não, mas é porque eu sou preguiçosa mesmo, viu. Dirceu, né. Num é um jogo amoroso, não, porque eu sei. Porque eu procrastino, eu procrastino, até pra responder os outros.

DDG: Então, tá bom! É, me diz uma coisa. Seu ex-namorado fazia uso de aplicativos e redes sociais. Você me disse que pouco

NANCY: Uhum, durante todo o relacionamento, muito pouco.

DDG: Uhum, e, atualmente, você percebe se mudou?

NANCY: Então, atualmente é seguinte. Quando a gente terminou, ele não tinha nem *Facebook*, nem *Instagram*. E eu não sei se ele tem, ainda. Hoje em dia, eu não sei se ele tem, né. O *Whats App*, ele acabou me bloqueando. Muito bom, né? Relacionamento saudável pra caramba!

Nós brigamos muito pela questão do carro. A questão do carro, a gente teve que conversar várias vezes. A gente teve que conversar. A gente terminou em janeiro. Nós conversamos até em

agosto, pra conseguir dividir o carro. Então, eu tive que falar com advogado e tal. Então, quando a gente terminou o carro, então, como foi o problema que a gente brigou muito, por causa dessa porcaria desse carro. É, logo que a gente viu o carro, já me bloqueou. Então, eu não sei te responder como tá a relação dele com as redes sociais, porque nós nunca mais nos falamos.

DDG: Uhum. E como você entende o uso que tem feito de aplicativos e redes sociais após o término do seu namoro?

NANCY: Bom, imediatamente, imediatamente, eu entendo que foi uma compulsão, no sentido de usar desesperadamente, procurando ali, ou seja, entreter seus pensamentos pra não lidar com a realidade, tinha essa questão também, né. Porque você vai olhar no *Facebook*, no *Messenger*. Você não tem que lidar com a realidade. Você fica naquela realidade virtual. Então, pra mim, isso foi, numa, num sentido de compulsão, né. Tanto pra fugir da realidade, mesmo. E, hoje em dia, eu uso mais, mesmo, pra isso, né. Eu uso muito pra interagir. Eu uso muito pra essa questão da minha autoestima, também, né. Eu gosto muito, assim. Eu gosto muito. Porque quando eu tô me sentindo sozinha, por exemplo, eu posto alguma foto. aí uns alunos reagem, puxa assunto. Uma amiga reage, puxa assunto. Um cara. Então, eu uso muito isso pra interagir as minhas redes sociais. Gosto muito pra isso. Pra não me sentir tanto sozinha.

DDG: E qual a finalidade desse uso, especificamente, após o rompimento? Qual a finalidade de desse uso, né? Dos aplicativos especificamente após o rompimento do relacionamento.

NANCY: Tá, é, finalidade deles. Bom, a primeira finalidade, né, era, era fugir. Era fugir um pouco da realidade, né. E a segunda, era melhorar minha autoestima. Então, era me prender em relação aí, *Tinder*. Aliás, não recomendo, uma porcaria. Eu não sei, mas, nossa, é uma verdadeira porcaria, mas, enfim, posso, um dia. A gente pode sentar, beber e eu te contar uns causos bem engraçados de *Tinder*. Isso vai dar um doutorado pra você.

DDG: Legal.

NANCY: Enfim, eu já arrumei, homem de *Tinder*, já arrumei um surdo, já arrumei um cego. Já arrumei um que me trocou, uma vez, por um outro cara no meio do rolê. Oh, só derrota no *Tinder*. Mas, então, a finalidade era pra sair, era pra mim distrair, né, sair da realidade. E, também, pra mim, tipo, melhorar minha autoestima. Essa minha finalidade, logo após ao término.

DDG: e você considera que ajuda?

NANCY: Dificil pensar. Dificil pensar. Porque, ao mesmo tempo que me ajudou, por exemplo, o *Tinder* me ajudou a melhorar a minha autoestima, ao mesmo tempo, se você pegar o *Instagram*. ele me deixava mais triste. Porque o *Instagram*, eu olhava aquelas pessoas perfeitas e falava: “minha vida tá uma bosta, né. Então, é isso, assim. Então, eu não sei. Eu não sei em que medida. eu acho, que eu acho que, mas eu acho que ajuda, mas eu acho que mais atrapalha. Porque quando você tá passando por um problema difícil, estar nas redes sociais, mostra pra você um mundo tão bonito que você sente o pior. Então, pra mim, é, pra mim, foi um pouco complicado. Porque parecia que todo mundo tava bem, meno eu. Então, se eu pegava minhas amigas solteiras, elas estavam ótimas. Pegava o pessoal que tava namorando, tava todo mundo ótimo. e eu tava o que? Uma porcaria! Então, acho que me atrapalhou bastante essa questão de me reerguer.

Acho que foi mais negativo, do que positivo, por essa questão da imagem. De tá todo mundo muito bem. e quando se tá chateado, que nem eu estava, né, eu não conseguia racionalizar que as pessoas, que aquilo era uma imagem. Pra mim elas tavam bem, pra mim era realidade. Então, eu acabei ficando um pouco pior.

DDG: mas o que você disse sobre aquilo Ser a realidade, e você não achar que é a realidade?

NANCY: na medida, em que você pega ali, a questão do... Pegar o próprio *Tinder*, também. Vou colocar todos os aplicativos que eu usei, né: o *Instagram*, *Tinder*, tudo ali, vou colocar na mesmo, no mesmo sentido de que aquela atitude que as pessoas têm, elas não teriam na vida, na, sem ser no mundo virtual, né. Por exemplo, o cara não vai chegar em mim, daquele jeito no *Tinder*, se não fosse

no *Tinder*, no aplicativo pra aquela finalidade, né. E, então, aquilo não é a realidade. Por exemplo, no *Tinder* tinha aquele monte de cara, eu ia no barzinho, final de semana, e os caras não tavam daquele jeito, como tavam no *Tinder*. Porque num barzinho, as pessoas não são assim, né. As pessoas se enrolam. É algum tipo de interesse muito mais sutil, né. O cara não vai chegar na sua mesa: “oi, tudo bem? Vamos transar?” Ou assim, né. No *Tinder* é. É, por exemplo, no *Instagram*. O *Instagram* também. O *Instagram*. Eu olhava aquelas pessoas muito bonitas, daquelas pessoas muito perfeitas, né. Pessoas todas sorrindo, na academia. Porque as pessoas postam. Por quê que eu falo que não é realidade, porque, na verdade, é uma realidade, é, controlada, né, na medida em que as pessoas só postam o que elas querem que seja visto, né. Então, o que que elas querem que seja visto? O que é bom! Só que pra mim. Eu não conseguia ter essa noção. Eu olhava e falava: “nossa todo mundo bem, só eu que tô mal. Então, eu ficava mais. Eu ficava mais complicada, tanto que hoje em dia, e seu, eu tive uma outra postura nas redes sociais, no *Instagram*. No *Instagram*, eu parei de seguir pessoas que não me fazem bem, por exemplo, é, não dá risada! Bruna Marquezine! Bruna Marquezine tem a minha idade. Ela pegou de quatro anos, né. Eu não sigo ela, cara, porque num dá. Tipo, a menina, ela é. Eu fico olhando pra Bruna Marquezine, e eu só penso que a Marquezine tem a minha idade. E eu esqueço de pensar que a Bruna Marquezine é milionária. E eu me comparo. E eu só sigo, hoje em dia, mulheres, né, que me fazem bem. Então, mulheres, com o corpo que eu admiro, com lutas que eu admiro, então, o meu *Instagram*, hoje, eu mudei muito. Eu tive essa mudança pra me não fazer mal nesse sentido, de seguir. Hoje, eu sigo pessoas. Se você pegar as pessoas que eu sigo. As mulheres que eu sigo., são mulheres que me inspiram de alguma forma. São mulheres que eu não vou olhar a foto dele. pelo contrário, eu vou olhar as fotos delas, eu vou sentir felicidade, por ver que passou meu corpo fora do padrão. Por ela assumir uma luta, que não existe mais. Então, essa revolução que eu conseguir fazer no *Instagram*, pra mim, foi fundamental pra melhorar a minha a minha relação com as redes sociais.

DDG: e como que você teve essa sacada, né, de modificar as pessoas que você interagia, ou que você seguia na rede social, pra melhorar sua autoestima?

NANCY: Eu assisti um vídeo, né. Uma aluna minha postou um vídeo daquela moça, Alexandra. ela é, ela tem um *Instagram* que chama movimento do corpo livre. E, essa Alexandra, ela fez um vídeo, dizendo exatamente isso, sobre o porquê que a gente continua, né, dando atenção pra esse tipo de coisa que nos faz mal, que nos oprime. Então, eu como mulher, eu como uma mulher, que gosta de ser do jeito que eu sou. Eu gosto do corpo que eu tenho. Entende. Eu gosto da forma com que eu sou. Eu gosto de como eu me posiciono. Então, porque que eu sigo mulheres que me fazem eu me oprimir, que me forçam à ser o contrário? E quando eu assisti esse vídeo, Dirceu, a minha vida, assim, com as redes sociais, foi um divisor de águas, porque eu fiz um uma limpa, né. E, hoje em dia, assim, sigo mulher. Hoje, que eu olho meu *Instagram*. E eu vejo mulheres maravilhosas, negras, né, gordas, é, mulheres que têm lutas muito interessantes, né. Que fazem, que se preocupam muito mais em passar o conteúdo no *Instagram*, do que passar a questão do seu corpo. Ou se passa o seu corpo, passa um corpo revolucionário, né. Então, pra mim, hoje em dia, tá me fazendo muito melhor. Hoje em dia, eu me sinto muito mais tranquila. E me sinto, me faz menos mal, usar tanto as redes sociais, por causa dessa limpa que eu fiz, que foi um divisor de águas.

DDG: É, você diria que, agora, você consegue olhar para a população do seu aplicativo e identificar elas como reais, do seu cotidiano?

NANCY: É, consigo, consigo falar que elas se aproximam muito, do que, não do que é real, mas do que é o meu objetivo de mulher. Como assim, Dirceu. O meu *Instagram* ele aparece tudo essas, como ele é uma conta comercial, ele aparece bastante essa questão de quem eu sigo, das minhas seguidoras, e tal. Eu tava vendo, esses dias, sobre isso, né. Eu sigo muitas mulheres, em torno de cinco à trinta anos, né. É, tava vendo essa questão de seguidores. São mulheres que falam conteúdo que me faz bem, né, que faz eu melhorar, que faz eu me admirar mais. Então, hoje em dia, eu não sei se aquilo é a realidade, porque aquelas mulheres também passam os seus, elas também mostram só uma

realidade, mas é a realidade que elas mostram, é a realidade que me faz eu me sentir melhor, me sentir mais motivada, estar mais acordo com o que eu vejo da minha vida, né. É uma forma de eu; eu sei que essa palavra é meio ruim, mas eu não consigo pensar em outra; é uma forma de empoderamento, né. Então é isso.

DDG: Você falou que essa palavra é meio ruim, porque que cê considera a palavra ‘empoderamento’ ruim?

NANCY: A gente pode conversar, a questão de Foucault, sobre poder, né. **DDG:** Entendi!

NANCY: Não, mas, além disso, eu acho que a palavra; Não, vamos pensar uma coisa mais, mais tranquila; Eu acredito que a palavra se tornou, muito, muito... Ela se desconfigurou bastante, ‘empoderamento,’ né. Mas eu tô tentando pensar numa outra palavra, mas agora eu não tô conseguindo pensar numa palavra que... Mas é nesse sentido de eu me sentir mais, mais segura, mais motivada quanto aos princípios, né, mais dona de mim. É nessa perspectiva, né. Então, essa limpa que eu fiz. Essa limpa que eu fiz. Cê nem pegou peso, Faz muito bem pro Dirceu. Olha, eu estou solteira há um ano e seis meses mais ou menos. Essa limpa deve ter feito, esse video da Alexandra, foi mais ou menos à uns onze... Não, não faz um ano, que eu fiz essa limpa, assim, faz em torno de uns oito meses. pra mim, foi muito positivo, muito positivo, mesmo.

DDG: É, eu não sei se eu te perguntei isso. Se eu já tiver perguntado, você me fala, tá? Como é o uso cotidiano de aplicativos e redes sociais, atualmente, pra você?

NANCY: Você tinha perguntado não. Óh, é o meu *Instagram*, o *Instagram* é o aplicativo que eu mais uso, tá. Eu vi aqui, antes de você fazer a entrevista, porque já imaginei que você iria me perguntar isso. Meu *Instagram* tá dando uma média de uma hora e trinta e seis por dia. É média do *Instagram*, né. O *Whats App*, como eu uso muito pra trabalho, né. Só nessa aqui, meu *Whats App* tá inferior, né, por causa da escola. Então, o *Whats App*, que vamos colocar aí, mas nem pra colocar porque o dia inteiro to dando uma olhada no *Whats App*, né? Porque é um pai que manda uma atividade. A escola que manda um recado. Então, o *Whats App*, nesse momento de pandemia é bastante, né, por causa do... O *Whats App* é mais pra questões de trabalho, né. Agora, e *Facebook* eu uso pouco. O *Tinder* eu não uso mais, foi muita frustração. O *Tinder*, eu não uso mais. Uso muito o *Spotify*. *Spotify* quando eu não tô dando aula, preciso escutar música. *Spotify*, eu acho que eu uso, tipo assim, umas três, quatro horas, por dia, que eu escuto muita música. E a *Netflix* eu uso todo dia pra dormir, porque eu goto de assistir uns desenhinho pra dormir. Então, é isso minha vida de aplicativo.

DDG: Tá, e você acha que você até já respondeu. Era quanto tempo você usa num dia, né? Você acabou de responder. E é isso. Seria o porquê que você usa, mas também já respondeu, né. Por que que você usa? Você disse que pro trabalho, o outro você usa pra se comunicar com os seus amigos, e...

NANCY: O outro pra distração, mesmo, mas o *Instagram*, muito pra interação, mesmo.

DDG: Tá bom, então, é isso, Nancy, muito obrigado! Tá? Tem alguma coisa que você queira pontuar, colocar?

NANCY: Se eu falar pra você, que meu Ex-namorada fez um *Facebook* falso e me seguiu, você vai achar engraçado? Porque, puta que pariu! Não sei se isso te ajuda no seu mestrado aí. Ah, pelo amor de Deus! Depois de um ano e meio! Vai tomar banho!

DDG: E como você descobriu?

NANCY: Ah, meu Deus do céu! Olha, eu descobri de uma forma muito engraçada. Seguinte, meu irmão... Deixa eu te contar isso aí. Meu irmão arrumou um emprego. E eu, Nancy, não tenho o e-mail do out look do Hotmail. Eu não tenho e-mail do último Hotmail. E meu irmão pegou o e-mail do Hotmail. “Nancy, eu preciso mandar um documento da empresa. Entra no meu e-mail.” Aí, quando eu coloquei no Hotmail, foi direto pro e-mail do meu ex-namorado. Ele entrou direto, tava a salvo no meu computador. Enfim, tava salvo. Aí, Dirceu, abriu, assim, do meu ex-namorado. Eu falei: “puta que pariu!” Desculpa aí! Você tá gravando ainda. Puta que pariu! O primeiro e-mail que tinha

era: ‘Seja bem-vindo ao *Facebook* Albertina!’ Falei, o que?! Aí, Dirceu, entrei nesse e-mail, aí ele tinha ido direto pra entrar, como entrava por e-mail, nesse *Facebook*. Ele entrou direto nesse e-mail, nesse *Facebook* Albertina. Quando eu vi esse Albertina, aí, eu fui lá em buscas. A primeira busca, essa menina, não tem nada, assim. Tava totalmente, tava sem foto, sem nada. A primeira busca era meu nome. Ele buscou meu nome dia dezessete de abril, dezesseis de março, enfim. Tava lá a busca do meu nome e depois de mim, tinha mais três mulheres. Foram sejam. Eu fiquei Puta. Puta que Pariu, né, Pô, depois de... tomar banho, né. Vai, me desbloqueia, fala oi, gente, como que cê falou. Tá tudo bem? Tô. Fiquei desesperada, desesperada. Falei puta que pariu, porque eu falei isso pra umas amigas minhas. Na verdade, eu passei mal, de verdade, mas eu passei mal. Me deu uma tremedeira, sabe. Eu num sei. Eu fiquei com pânico, que eu não sei explicar pra você. Na hora, depois passou, mas na hora eu fiquei, tipo, a minha reação foi, tipo: “meu Deus” e tal. E depois eu fiquei bem, assim. Depois eu até dei risada, mas na hora, mas na hora eu fiquei bem mal. Fiquei desesperada. Liguei prumas(SIC) duas amigas minhas, né. Uma amiga falou pra mim, falou assim: “olha, posso de dar um conselho? Exclui essa bagaça! Exclui essa bagaça. Tira o e-mail dele do seu notebook.”

Então, eu exclui esse *Facebook* falso. Eu apaguei o e-mail. Eu tirei a senha dele. Eu sai do e-mail dele do meu computador. Mas, enfim, é isso, num sei se impliquei alguma coisa, aí, pra você.

DDG: Tá bom, então! Depois de quanto tempo que ele mandou, que ele fez isso?

NANCY: Ele fez isso dia dezessete. Eu não sei se foi dezessete de março, dezessete de abril. Eu acho que foi dezessete de abril. Nós terminamos em janeiro. Fevereiro, março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril. Depois de um ano e cinco meses, depois de quinze meses, né.

DDG: Quinze meses!

NANCY: Quinze meses dá um ano e três meses que ele fez isso.

DDG: Entendi! É isso!

NANCY: É isso! Mais alguma pergunta?

DDG: Não, não! Só isso mesmo. Vou desligar aqui. Ta bom?

NANCY: Tá bom, beleza!

7) Entrevista do Projeto de Dissertação de Mestrado. Data: 10/12 /2019

Nome: Leda.*

Relacionamento: heterossexual.

Idade: 22 anos.

Sexo: Feminino.

Estado civil: solteira.

Tempo de namoro: 4 anos.

Escolaridade: Graduanda.

Profissão: Estudante.

Entrevistador: Dirceu Duarte Gomes (DDG)

Pseudônimo do entrevistado: Leda*.

*Os nomes das pessoas entrevistadas foram substituídos por um nome aleatório.

RESPOSTAS.

DDG: Como você conheceu o seu ex-namorado?

LEDA: Eu conheci ele na escola, no ensino fundamental.

DDG: Foi através de Redes Sociais e Aplicativos?

LEDA: Não, foi pessoalmente.

DDG: E quanto tempo vocês ficaram juntos?

LEDA: A gente ficou 4 anos e 10 meses.

DDG: E como era o relacionamento, trazia satisfação?

LEDA: Não, quer dizer, se eu pensar tipo: aí eu quero que essa relação. Se foi esse objetivo na relação, se era satisfação? Então não, não, não foi, não foi atingido esse objetivo.

DDG: Mas e trazia satisfação quando você estava com ele?

LEDA: Não, não.

DDG: Sempre que eu ti fizer uma pergunta, você precisa repetir, pra eu poder saber qual foi a resposta da pergunta.

LEDA: Tá bom. Me conte como ocorreu o rompimento pra você e quais foram os motivos. Eu acho que a gente terminou, porque, acho que a gente tava muito longe um do outro, tava em outra *vibe*. Tipo, eu tava em outra *vibe* da minha vida. Ele tava em outra *vibe* da vida dele também.

DDG: E como assim, me explica melhor.

LEDA: Tipo assim, ah, eu tava querendo viver umas coisas e ele tava querendo viver outras coisas. Essas coisas, elas não se conversam, essas coisas que a gente queria viver.

DDG: E como foi tomada a decisão pelo término?

LEDA: Ah, foi ele que terminou comigo.

DDG: E como que foi?

LEDA: Ah, eu não sei, não sei o que passa, acho que tipo teve um momento que esses caminhos que a gente queria seguir diferente, ele percebeu isso melhor que eu, aí ele terminou. Viu que não ia dar certo o que eu queria, com o que ele queria.

DDG: Me conta um pouco desse relacionamento de vocês. Quanto tempo vocês ficaram juntos, daí você disse que foram 4 anos e 10 meses. Não é isso?

LEDA: Sim!

DDG: Como que foi esse relacionamento?

LEDA: Como que foi esse relacionamento? Ah, na verdade eu era muito nova, eu comecei a namorar muito nova, né? Então, em um momento...

DDG: Com quantos anos?

LEDA: Eu comecei a namorar com quinze anos. E tipo não né? Como você é criança, você acha que é uma coisa boba, né? Só que daí você vai crescendo e vai virando mais do que uma relação boba, e daí você nem vê isso passar, isso só acontece.

DDG: Como você reagiu ao rompimento do relacionamento?

LEDA: Como eu reagi ao rompimento do relacionamento? Ah eu fiquei muito deprimida. Eu engordei muito. Eu fiquei muito triste, muito triste.

DDG: Como você se sentiu e como enfrentou essa situação?

LEDA: Como eu senti e como eu enfrentei a situação? Ah eu me senti, parece que eu achava um monte de coisa sobre a vida, sobre a vida mesmo, porque em um momento essa relação, ela, eu já vivia, tanto tempo nessa relação, que tipo também para ver se a relação que eu já tava me perdendo, assim, que eu não sabia o que que era a vida fora e que eu não daquilo. E daí parece que tudo que eu tinha de vida, de plano, de plano, de tudo, foi quebrado assim. Eu me vi aberta num mundo que eu não conhecia, sabe.

E isso aí foi difícil, então acho que foi assim que eu me senti, assim, tipo ao mesmo tempo que eu tava sem chão, eu vi o mundo inteiro se abrindo pra mim, foi ruim, mas foi bom.

DDG: E como você se sentiu ao enfrentar isso?

LEDA: Como eu me senti ao enfrentar isso? Quando eu estava enfrentando isso, foi bem doloroso, que a gente tem que se superar, né, superar os seus próprios preconceitos. Eu no meu caso, eu tive que superar os meus preconceitos sobre mim, mas eu me senti muito bem, na verdade, assim, quando eu vi, quando eu conseguia perceber que eu tava passando por algum momento que eu não

conseguiria passar se eu tivesse namorando com ele. Eu me sentia muito bem, enfrentando tudo o que parecia ser um problema, sei lá.

DDG: E como que você percebe o uso de Aplicativos e redes sociais após o término do namoro?

LEDA: Menina do céu! Outra coisa!

DDG: A pergunta!

LEDA: Como eu percebo o uso de Aplicativos e redes sociais depois do término? Ah, então, rainha amore! Então, mudou muito, ainda mais, tipo assim, rede social de relacionamento tipo Tinder, né? Antes eu tinha muito preconceito.

DDG: Qualquer tipo de aplicativo?

LEDA: De qualquer tipo, né. Então, mas o *Tinder* é só um exemplo, né? Eu tinha muito preconceito com rede social, assim, no todo, assim, né. Até de postar foto no *Story*, e não sei o quê, e depois que eu terminei, eu tô bem. Eu consigo minha, tipo eu consigo postar foto minha. Eu acho que redes sociais são boas, eu achava que não eram boas, eu achava brega, sei lá, mas agora eu gosto.

DDG: Antes quando que você achava que não era brega?

LEDA: Antes, quando eu namorava.

DDG: E agora que você terminou?

LEDA: Eu acho da hora sim, eu uso.

DDG: E houve mudança com o uso que quando você namorava? Quanto ao uso que você fazia anteriormente. Inclusive quando namorava.

LEDA: Houve mudança.. Houve, agora eu sou muito mais ativa nas redes sociais e até gosto mais.

DDG: Você pode dar um exemplo do uso que você fazia das redes sociais.

LEDA: Ah já faz muito tempo, agora eu nem lembro mais, agora é só é só tipo assim, lembranças bem bem antigas.

DDG: E quais são?

LEDA: Ah, sei lá, eu nem lembro coisas boas, antes e agora eu vejo um modo mais crítico a relação. Então eu não consigo ter uma nostalgia de ficar tipo: Ai, que saudade. Ai que não sei o quê mesmo, tipo assim mesmo, você ainda gostasse dele, né?

Se eu quisesse ficar com ele, eu acho que eu não conseguiria ter se afastado esse olhar crítico para me entregar o sentimento.

DDG: A pergunta é a seguinte, houve uma mudança do uso de Aplicativos quando você namorava e agora quando você terminou. Você disse que agora você usa muito mais e daí eu tou te perguntando, como que você se sentiu, enfrentando a situação do término do namoro e a utilização desses Aplicativos.

LEDA: Como eu me senti o quê?

DDG: Não precisa repetir, só você me falar, como você se sentiu, enfrentando o término do namoro e a utilização dos Aplicativos.

LEDA: Tipo, se os Aplicativos me ajudaram nisso?

DDG: Pode ser.

LEDA: Acho que não, acho que não acho. acho que tipo só refletiu a minha relação com os Aplicativos de ter melhorado só refletiu o que já estava acontecendo na minha vida física.

DDG: E o que estava acontecendo?

LEDA: Ah, eu estava mais feliz. Mas entendendo mais alguma coisa, sei lá.

DDG: hum?

LEDA: Nada não, nada não.

DDG: Seu namorado fazia uso de Aplicativos e redes sociais?

LEDA: Sim.

DDG: E atualmente?

LEDA: Se eu?

DDG: Ele!

LEDA: Acho que ele usa, também, sim.

DDG: E como que você entende, o uso que tem feito de Aplicativos e redes sociais após o término do namoro.

LEDA: Não sei, acho que, acho que agora eu vejo sociais como um lugar muito bom para se relacionar, quer dizer, um dos lugares, um lugar bom para se relacionar. E é isso.

DDG: E qual é a finalidade desse uso, especificamente após o término do seu namoro?

LEDA: Ai, eu acho que as redes sociais, elas têm várias funções. Dá pra gente usar ela com muitos objetivos, mas eu acho que um que tem a ver, assim, com a minha vida pessoal, deve ser a questão de você usar pra você flertar, né?

DDG: E como que se faz isso?

LEDA: Ah, tipo assim, você viu que a pessoa te seguiu no *Instagram*, por exemplo, se a pessoa está interagindo com você nas redes sociais, você sabe que talvez, né? Não seja só pra pra ser amiguinho, né? E esse tipo de coisa.

DDG: E como que é essa impressão?

LEDA: Ah é, tipo assim,, por exemplo, o *Instagram*, que você tem que seguir as pessoas né? E acho que todos os todas as redes sociais agora tem *Story*, né? Qualquer rede social que tiver *Story*, e, sei lá, uma pessoa específica lá tá sempre reagindo ao seu *Story*, sempre reagindo ao que você vem comentando, se você posta uma foto sua, a pessoa comenta ou curte, esse tipo de interação que é mais evidente que a pessoa quer beijar você. Essa foi a tua pergunta?

DDG: Foi! Você acha que o uso de Aplicativos ajudou você a lidar com o término do namoro?

LEDA: Ah, de certa forma. Acho sim. Ah, exatamente nessa questão de poder perceber minha vida, minha vida pessoal de outras maneiras, por exemplo, nas redes sociais, elas me mostravam, tipo, que tinha gente querendo interagir comigo, querendo se relacionar comigo. Daí eu não ficava tão presa a essa relação passada, que eu tava tentando, nesse sentido, nesse sentido foi uma ferramenta sim. Mas não tô falando, também, que foi saudável, né? Porque minha história, também, ainda não acabou, ainda.

DDG: Como assim, sua história ainda não acabou?

LEDA: Vai que algum momento, eu não me dê bem nessa questão das redes sociais, vai que no momento me machuca, e, até agora, não tá me machucando, né? Mas tem jeito que fica frito nisso, né? Buscando respaldo em tudo o que posta. Ai, eu tô chapando! Sim, tem gente que é viciado no *Instagram*. Tipo assim, tem gente, tem gente que usa essa questão da interação das redes sociais pra ter autoestima, né? Tipo a questão dos *likes*, se você tem muitos *likes*, isso.

DDG: E como que é esse seu uso cotidiano desses Aplicativos e das redes sociais?

LEDA: Eu uso bastante, mas eu acho que eu não sou viciada em redes sociais.

DDG: E quais Aplicativos você mais usa?

LEDA: Mais os do Brasil: o *Instagram*, o *Twitter*, o *Whats App*, e é isso aí, esses três.

DDG: E você acha que você que você usa eles por quanto tempo durante seu dia?

LEDA: Então, eu acho que eu uso uns 40 minutos cada. **DDG:** Os Três: *Whats App*, *Instagram*?

LEDA: Sim!

DDG: *Facebook*... Quais foi mais que você falou? E *Twitter*, né?

LEDA: Sim!

DDG: Porque você acha que você usa esse tempo, na maioria dos Aplicativos, por esse tempo de quarenta minutos cada um?

LEDA: Eu acho que na maioria das vezes, dos dias é tédio. Ah, sim e na maioria dos dias, me divertir ali, pegar informação, né,

DDG: E quanto tempo você terminou seu namoro?

LEDA: Vai fazer um ano já, já tá fazendo 1 ano e 10 meses. Meu cabelo até cresceu, ó.

DDG: Legal! São só essas perguntas!

LEDA: Ah, eu acho que eu respondi várias confusas, assim.

DDG: Você quer que eu repita? Você quer que eu faça elas, ou tá tudo bem? Como você quer fazer?

LEDA: Na verdade a pesquisa é sua! Se pra você tá bom as respostas, pra mim tá bom, também.

DDG: Não é que a resposta tem que ser minha. É que na hora, você falou, acho que algumas foram confusas, não foi isso que você disse? Aí, se você quiser, eu posso te repetindo e você ir respondendo novamente, pensando melhor.

Mas sem apagar o que a gente já falou.

LEDA: Tendi! Não, tá bom pra mim, assim.

DDG: Tá, então é isso!

LEDA: Então, obrigada!

DDG: Pode desligar se você quiser!

LEDA: Você também pode desligar.

DDG: Primeira pergunta, como você conheceu seu namorado, foi através de aplicativo, redes sociais. Quanto tempo vocês ficaram juntos?

LEDA: Eu conheci meu ex-namorado na escola, pessoalmente, não foi através de redes sociais, ou internet, nem nada. E a gente ficou junto, quanto tempo a gente ficou junto? A gente ficou junto tem 4 anos e 10 meses

DDG: E você acha que o seu relacionamento, enquanto você estava nele, trazia satisfação?

LEDA: Não, eu não acho que o meu relacionamento me trazia satisfação.

DDG: Me conta como ocorreu o rompimento. Pra você quais foram os motivos desse término?

LEDA: A gente terminou por, o estopim do termino mesmo, né? De falar assim, não vamo mais nunca mais ficar junto. Foi por causa de traição, mas independente da traição ia terminar, ia acabar. Então, tá tudo bem, tá bom?

DDG: Tá bom, e como foi tomada a decisão pelo término?

LEDA: Na verdade foi ele que terminou, porque quem traiu foi eu.

DDG: E como você reagiu a ele ter terminado, ao rompimento?

LEDA: Ah, eu fiquei muito triste, fiquei bem mal. Fiquei muito triste mesmo. Muito mesmo. Nunca fui tão triste na minha vida.

DDG: E como você se sentiu nessa situação?

LEDA: Como eu me senti nessa situação?

DDG: E como você enfrentou ela?

LEDA: Ah, eu enfrentei ela pela rede. Mentira, não vou zoar, não, mano. Ah, então, foi muito difícil enfrentar ela, mas eu consegui porque, ah, cara, porque eu não tô sozinha no mundo, entendeu? Várias pessoas me ajudaram, meus amigos. E perceber, que, você pode ter outras relações independente dessa relação que acabou, é o melhor. Você tem que mudar de realidade, na real.

DDG: E como você percebe o uso de Aplicativos e redes sociais após o término do seu namoro? Houve mudanças com o uso que você fazia antes, anteriormente, e agora?

LEDA: Sim, houve mudanças do meu uso das redes sociais, tudo mudou, agora eu uso muito mais redes sociais, agora eu gosto muito mais de sociais, e é isso.

DDG: e como que foi essa mudança, e como você percebeu ela?

LEDA: Ah, eu percebi a partir do momento que eu tinha que me relacionar com outras pessoas e daí eu tinha que ter meios de me relacionar com outras pessoas, e as redes sociais é um meio da gente se relacionar. Acho que é um dos principais, né, já. E daí, a partir daí, eu fui entendendo a se relacionar. As interações.

DDG: Seu namorado fazia uso de Aplicativos e redes sociais na época do namoro?

LEDA: Sim.

DDG: E como é atualmente?

LEDA: Atualmente, ele também usa, mas eu acho que, acho que ele usa igual.

DDG: Como você entende o uso de Aplicativos e redes sociais após o término do namoro?

LEDA: Como eu entendo? Agora, eu tô muito mais perto, agora eu entendo as redes sociais. E é isso.

DDG: E quais foram as mudanças no uso que você fazia anteriormente, com agora?

LEDA: Por exemplo, eu posso mais foto minha, eu falo mais sobre mim, eu me divirto mais, não levo tão a sério as coisas.

DDG: E como você entende o uso de Aplicativos e redes sociais após o término no namoro?

LEDA: Como eu entendo meu uso, ou o uso de todo mundo?

DDG: Aham. Como que você entende o seu uso de Aplicativos e redes sociais após o término do seu namoro?

LEDA: Eu acho que eu já respondi essa. Não?

DDG: Não, linda!

LEDA: Ah, tá! Eu gosto mais das redes sociais agora, eu me divirto mais, agora eu não levo mais tão a sério rede social, porque antes, eu levava muito a sério, e agora eu acho redes sociais, um lugar da hora pra se relacionar. Mas não pode ficar só nisso, ein, tem que viver pessoalmente.

DDG: E qual é a finalidade desse uso, especificamente, após esse término? Pra que você usa esses Aplicativos hoje?

LEDA: Ah, eu uso bastante pra flertar, sabe, flertar mesmo. Bastante!

DDG: E como se dá esse flerte? Como ele acontece?

LEDA: Ele se dá pela interação que você demonstra ter. Pela interação com a rede social da outra pessoa, né, da pessoa que você tá flertando. Daí parte disso, tipo, você curti uma foto, você faz comentário, e a partir disso vai se enrolando.

DDG: E você considera que isso tem ajudado? A lidar com o término?

LEDA: Ah, isso ajuda sim, traz autoestima.

DDG: E como que é uso cotidiano desses Aplicativos e redes sociais?

LEDA: Como que é meu uso?

DDG: Aham, desses Aplicativos.

LEDA: Ah, eu uso bastante, ainda mais se eu tiver com tédio. Ah, eu uso, tipo, por exemplo, quando eu acordo, eu já abro o *Instagram*. Ai se eu vejo alguma interessante do meu dia, ai eu posto uma foto. Se eu vejo alguma coisa engraçada, eu vou lá no *Twitter*, ai eu falo essa coisa engraçada. Eu vejo os *Storys* das pessoas, pra saber o que meus amigos tão fazendo. Eu vejo as notícias que tem, né, ai do Brasil.

DDG: E quais esses Aplicativos que você tá falando?

LEDA: Eu faço no *Instagram*, no *Twitter*, no *Facebook* e no *Whats App*.

DDG: E como que é o uso cotidiano desses Aplicativos e redes sociais. Quanto tempo você usa?

LEDA: Eu uso, em média, por dia, as redes sociais por 40 minutos.

DDG: Cada uma ou todas elas juntas?

LEDA: Cada uma, cada uma, meu amor.

DDG: E isso dá o total de quantas horas?

LEDA: Ai, isso dá, assim, umas 2 horas por dia. Mais de duas horas, 4 horas por dia.

DDG: E porque que você acha que tava fazendo esse uso, por esse tanto de tempo? Por essa quantidade de tempo.

LEDA: Por tédio, não é necessidade nenhuma, curiosidade, interesse.

DDG: É isso, as perguntas são essas!

LEDA: Gostei dessas que a gente fez!